



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CAMPUS XIV - CONCEIÇÃO DO
COITÉ/BA

ANA MARIA ANUNCIAÇÃO DA SILVA

NARRATIVAS E EXISTÊNCIAS NEGRAS NA ROÇA: ENTRELAÇAMENTOS DA
VIDA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Conceição do Coité - Bahia

2023

ANA MARIA ANUNCIÇÃO DA SILVA

**NARRATIVAS E EXISTÊNCIAS NEGRAS NA ROÇA: ENTRELAÇAMENTOS DA
VIDA NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho Final de Conclusão de Curso sob o formato de memorial de vida e formação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus XIV, na linha de pesquisa Docência Cultura e Diversidade, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Educação e Diversidade.

Orientadora: Dra. Rosane Meire Vieira de Jesus

Co-orientadora: Dra. Maria Jucilene Lima Ferreira

Conceição do Coité - Bahia
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Silva, Ana Maria Anunciação da

Narrativas e existências negras na roça: entrelaçamentos da vida na formação docente
/ Ana Maria Anunciação da Silva. – Conceição do Coité, 2023.
176 f.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Rosane Meire Vieira de Jesus.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de
Educação – Campus XIV. Mestrado Profissional em Educação e Diversidade.

1. Roça. 2. Existências Negras. 3. História de Vida. 4. Formação de Professoras. 5.
Raça. I. Jesus, Rosane Meire Vieira de. II. Universidade do Estado da Bahia –
Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370.71

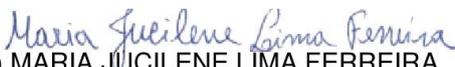
FOLHA DE APROVAÇÃO
"NARRATIVAS E EXISTÊNCIAS NEGRAS NA ROÇA: ENTRELAÇAMENTOS DA VIDA
NA FORMAÇÃO DOCENTE."

ANA MARIA ANUNCIÇÃO DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED, em 10 de março de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor(a) Dr.(a) ROSANE MEIRE VIEIRA DE JESUS
UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia



Professor(a) Dr.(a) MARIA JUCILENE LIMA FERREIRA
UNEB
Doutorado em Educação
Universidade de Brasília



Professor(a) Dr.(a) ADRIANO EYSEN REGO
UNEB
Doutorado em Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais



Professor(a) Dr.(a) HERON FERREIRA SOUZA
Ifbaiano - IFBAIANO
Doutorado em Educação
Universidade Estadual de Campinas

A Antonio José de Souza, por ter me devolvido a
vontade de viver.

Essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer (antecede) a compreensão. (LORDE, 2019, p. 45)

ÀS COMPANHIAS

A(os/às) **Deus(es/as)**, pela companhia durante o caminhar da pesquisa, entre andanças, (des)continuidades e movimentações a mim exigidas. Obrigada por não me deixarem só.

Aos meus pais, **Mirian** e **Pedro**, por estarem comigo, partilhando a vida de maneira intensa e afetuosa, transbordando parte do sagrado que habitam em si-mesmos. Agradeço pelo amor, cuidado, café passado na hora e milho assado, e pelos banhos de ervas que reanimavam as minhas forças físicas e espirituais.

A minha avó, **Anizia**, pela potência de sua ancestralidade indígena, pelas rezas, pelos recados de saudade e pela exigência da minha presença no terreiro. Gratidão por dividir seus segredos comigo.

A **Antonio José**, meu patuá, pela abertura e iluminação dos caminhos; sem você eu não estaria aqui contando a minha História de Vida. Gratidão por ser verso poético, música bonita, lembrança doce e calmaria. Obrigada por celebrar comigo o cotidiano simples da roça; saudade do seu tempero com pitadas de ancestralidade.

Ao meu companheiro, **Leninho**, pelo apoio ininterrupto, pela flexibilidade e paciência; gratidão pela oferta de água doce nos momentos de mormaços. Obrigada pelas palavras simples e belas, por dizer, e não deixar subentendido, seu orgulho da mulher/esposa que sou e da minha trajetória acadêmica e profissional.

Às minhas irmãs, **Miraci**, **Irani**, **Josenide** e **Andreia**, pelas reivindicações da minha presença no terreiro para socializarmos a vida, o bolo de macaxeira e para ajudar na dinâmica familiar do trabalho da roça. Obrigada pela torcida e pelo encorajamento.

A **Maurício**, **Samuel**, **Ronald**, **Vanessa**, **Rebeca**, **Daniel** e **Sarah**, sobrinhos(as), queridos(as), por entenderem os momentos de ausência. Obrigada, por me ensinarem, com o silêncio, que não tenho controle sobre as coisas e que devo viver um dia de cada vez. Sigam resilientes, escolham viver seus sonhos.

Às/Aos **companheiras/os** da Secretaria Municipal de Educação de Ichu, por serem parceiras(os), pela motivação, pelo entendimento diuturno.

A todas(os/es) **amigas(os/es)**, pelo carinho, cuidado, mensagens de incentivo, paciência e entendimento das minhas ausências físicas.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Para sempre, quero agradecer à **Professora Dra. Rosane Meire Vieira de Jesus**, pelo acolhimento como sua orientanda, por reconhecer que a História de Vida de uma mulher, negra, da roça poderia se tornar objeto, campo de pesquisa. Que honra ser sua orientanda, me recordo emocionada desse momento, quando algumas coisas já tinham perdido o sentido. Hoje testemunho a sua grandeza que indubitavelmente ressoará na minha intelectualidade enquanto existir. Celebro a sua intelectualidade suave e sensibilidade hermenêutica.

O processo de orientação se fez leve, cheio de sorrisos e celebrações, uma parceria incrível. Obrigada, por me apresentar possibilidades, me deixar livre para escolher caminhos e por caminhar comigo, me conferindo confiança e autonomia, me motivando a dançar na baila dos bons ventos e compartilhando comigo seu axé; soube receber o riso leve e a ressonância poética que há mim, potencializando-a.

À **Professora Maria Jucilene Ferreira**, pela disponibilidade e por também ter acreditado, me acolhido e caminhado junto comigo, principalmente na luta em defesa da Educação do Campo. Sou grata pela presença constante, pelos incentivos diários, pela escuta e sensibilidade tão rara de se encontrar nas academias. És firme sem perder a doçura. Obrigada pela partilha da humanidade linda que habita vosso coração.

Ao **Professor Heron Ferreira Souza**, pela confiança e disponibilidade, por ser reza bonita, presença poética, doce e medicinal. Gratidão por ser luz, pela potência das palavras; lhe respeito como pessoa-amigo-professor, conviver com você me desperta os melhores sentimentos. Agradeço por me deixar imergir nas águas lindas que habita em ti, sou grata pelas partilhas da sua intelectualidade. És eterno na minha vida.

Ao **Professor Adriano Eysen Rego**, por fazer parte da Banca de Defesa e da vida, agradeço pela sensibilidade poética, ternura, sensatez, leveza, leitura, pelas reflexões e pelo tempo a mim dedicados. Muitíssimo obrigada pelas delicadezas, incentivos, contribuições e encorajamento.

Às **mulheres negras da roça**, pela transmissão das sabenças, sabedoria, pelo trabalho aquilombado, pela sororidade e por me ajudarem a levantar os feixes de lenha, e por me ensinarem a resistir e a criar possibilidades em meio aos contextos áridos da vida e da terra.

Às/Aos **professoras(es)**, que passaram pela minha formação e deixaram o melhor de si, aquelas(es) que lecionaram com amor e respeito ao meu contexto social. Tem um pouco de cada um(a) na educadora antirracista que sou.

RESUMO

Este trabalho tem por objeto de estudo minhas narrativas de vida e de formação como professora *Negra da Roça*. Estabeleço por objetivo geral compreender quais sentidos de formação são construídos a partir dos entrelaçamentos entre vida e profissão. Assim, tenho por objetivos específicos: i) narrar, na perspectiva da escuta sensível, a existência, enquanto mulher, negra, agricultora, da roça, explicitando os saberes experienciais e experiências formativas que se entrelaçam; e ii) interpretar criticamente a história de vida, episódios, vivências, experiências que marcaram o processo de tomada de consciência de mim, o produzir a vida (i)materialmente e as implicações à docência. Defini como questão de pesquisa o seguinte questionamento: quais sentidos de formação são construídos como professora *Negra da Roça*, a partir dos entrelaçamentos entre vida e docência? A natureza do estudo dá-se a partir da metodologia (auto)biográfica, alicerçada na estratégia investigativa das histórias de vida, de abordagem autoetnográfica e ancorada na filiação epistemológica hermenêutica-fenomenológica. Utilizo o dispositivo memorial de vida e formação, como intervenção/produto, apresentando-o como um dispositivo teórico e formativo, que poderá ser utilizado em espaços-tempos na formação continuada de professoras(es), como mobilizador/fomentador de diálogos-problematizadores sobre os sentidos de ser professoras(es)/educadoras(es) negras(os) da/na roça. No memorial, faço o anúncio do resultado do exercício de experimentação da curiosidade epistemológica, pelas veredas da contextualização, diálogo de saberes, calcado numa enunciação poética do meu repertório pessoal, profissional, histórico, político, cultural, agroecológico, econômico, geográfico, social, antropológico, artístico, linguístico, formativo, existencial e filosófico baseado numa educação centrada na ética da vida, na formação crítica e antirracista, o produto singular desse movimento vivido.

Palavras-chave: roça. existências negras. história de vida. formação de professoras. raça.

ABSTRACT

The object of this work is to study my life and education narratives as a Black teacher from the country. I set as a general objective to understand which senses of my education are constructed from the intertwining between life and profession. Thus, I have as specific objectives: i) to narrate, from the perspective of sensitive listening, the existence, as a black woman, farmer, from the countryside, explaining the experiential knowledge and formative experiences that are intertwined; and ii) critically interpret the life history, episodes, experiences that marked the process of becoming aware of myself, the (i)material production of life and the implications to teaching. I defined the following inquiry as the research question: what meanings of education are constructed as a Black teacher from the country from the intertwining of life and teaching? The nature of the study is based on the (auto)biographical methodology, grounded on the investigative strategy of life stories, with an autoethnographic approach and anchored on the hermeneutic-phenomenological epistemological filiation. I use the device of a memoir of life and education, as an intervention/product, presenting it as a theoretical and formative device, which can be used in space-time in the continuing formation of teachers, as a mobilizer/foster of problematizing-dialogues about the meanings of being black teachers/educators from/on the country. In the memoir, I announce the result of the exercise of experimentation of epistemological curiosity, through the paths of contextualization, dialogue between different kinds of knowledge, based on a poetic enunciation of my personal, professional, historical, political, cultural, agroecological, economic, geographic, social, anthropological, artistic, linguistic, formative, existential, and philosophical repertoire based on an education centered on the ethics of life, on critical and anti-racist formation, the singular product of this lived movement.

Keywords: country. black existence. life history. teacher education. race.

SUMÁRIO

1	ABRINDO CAPULHOS PARA FIAR O TECIDO DE SI.....	12
1.1	O TECER HERMENÊUTICO NAS TRAMAS EXISTENCIAIS NA ROÇA...	19
1.2	ENTRELACES (AUTO)BIOGRÁFICOS NAS LINHAS NARRATIVAS.....	24
2	DEBULHANDO-ME: SABERES EXPERIENCIAIS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CONTEXTO CULTURAL DA ROÇA.....	32
2.1	ABRINDO AS PRIMEIRAS VARGENS PARA DEBULHAR O PERTENCIMENTO.....	40
2.2	MOVIMENTOS EDUCATIVOS NO CATAR LENHAS.....	47
2.3	NO BRINCAR EM MEIO À NATUREZA “[...] UMA PARTE DE NOSSA TERRA TRANSFORMA-SE EM [...] BERÇO EMBALANTE.”.....	57
2.4	NA CASA DE VOVÓ NÓ E NÓS.....	59
2.5	SABEDORIA DAS REZAS: ENTRECruZAR ÉTNICO, AGROECOLÓGICO E ESPIRITUAL.....	60
2.6	CONTORNOS, CURVAS E ENCONTRO ECLIPSADO COM A NEGRITUDE.....	66
2.7	O PILÃO: TRONCO ANCESTRAL DO SUSTENTO FAMILIAR.....	69
2.8	A FEITURA DOS ARTESANATOS DE MEU PAI BIOLÓGICO.....	72
2.9	A EXTRAORDINÁRIA SEMANA DA FARINHADA.....	76
2.10	MEANDROS E SINGELEZAS DOS CONTEXTOS DESAFIANTES DA CAATINGA.....	85
2.11	INVENTIVIDADES CORPO-NATUREZA E SILÊNCIO ESCOLAR.....	88
2.12	O PESCAR NO RIO CONDUZIDA PELA INTUIÇÃO E LINGUAGEM.....	90
2.13	O SENSORIAL POSSIBILITADO PELAS PLANTAS DO QUINTAL DE CASA.....	92
2.14	O CABELO CRESPO E A EXPERIÊNCIA DO RACISMO.....	97
2.15	ITINERÁRIO DAS LEMBRANÇAS, NO SIMPLES DO TERREIRO.....	100
2.16	MÃE E A CRIATIVIDADE NO FOGÃO À LENHA.....	101
2.17	A POSSIBILIDADE DE GANHO NO VENDER O DIA.....	101
2.18	O BUSCAR ÁGUA NAS FONTES: ROTAS LONGÍNQUAS.....	102
2.19	PLANTIO, CULTIVO E COLHEITA NO ROÇADO FAMILIAR.....	103
2.20	O ENTARDECER POÉTICO.....	105

2.21	NA CLASSE MULTISSERIADA DA ESCOLA NA ROÇA.....	107
2.22	MINHAS DIFERENÇAS REVERBERADAS NA ESCOLA DA CIDADE.....	109
2.23	TORNANDO-ME MULHER NEGRA.....	112
2.24	OS SINAIS DE MEU ORIXÁ.....	114
3	VIDA E FORMAÇÃO EM DIÁLOGOS: CAMINHOS DO TORNA-SE PROFESSORA NEGRA DA/NA ROÇA E NO MUNDO.....	118
3.1	COMO ESTAGIÁRIA NO MAGISTÉRIO.....	118
3.2	A IMERSÃO NO MOVIMENTO DE MULHERES E AGROECOLOGIA.....	123
3.3	ROMPENDO ALGUMAS BARREIRAS E OUTRAS NEM TANTO.....	126
3.4	COMO MULHER-NEGRA DA ROÇA, PROFESSORA NA ESCOLA DA CIDADE.....	129
3.5	O TECER DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NA ESCOLA DO CAMPO.....	133
3.6	AS PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	136
3.7	A RESSIGNIFICAÇÃO DO VIVIDO NA ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NO IF BAIANO - <i>CAMPUS SERRINHA-BAHIA</i>	139
3.8	O ‘TORNA-SE’ NEGRA DA ROÇA A PARTIR DE UM ENCONTRO ANCESTRAL E ORIENTAÇÃO BENFAZEJA.....	142
3.9	CORAGEM E ATIVISMO NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO.....	147
3.10	NO MESTRADO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE.....	148
3.11	OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA PANDEMIA E A VIA DE ESCAPE PELA FORMAÇÃO.....	150
3.12	A EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL, ESTADO DA BAHIA.....	154
3.13	PROFESSORA-COORDENADORA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	156
4	ATANDO ALGUNS FIOS: TÉRMINO QUE NÃO É UM FIM.....	161
	REFERÊNCIAS.....	167

1 ABRINDO CAPULHOS PARA FIAR O TECIDO DE SI

“Enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história.”¹.

Na busca por viver um processo formativo de (auto)biografização, tomo a minha História de Vida como metodologia de pesquisa e investigação. Essa compreensão acontece a partir de uma abertura, uma reflexão, colheita de sentidos, desenclausurar e debulhar de mim mesma. Nesse descortinar da memória, do próprio olhar, do corpo e da voz, “Dei a conhecer situações, contextos e acontecimentos que marcaram a construção do sentido que essas palavras têm hoje para mim e mostrarei a evolução de suas significações.”². Assim, esta proposta de pesquisa, intitulada *Narrativas e existências negras na roça: entrelaçamentos da vida na formação docente*, tem por objeto de estudo minhas narrativas de vida e de formação como professora *Negra da Roça**. Ao refazer os caminhos, apresento curvas, labirintos, pelos registros da experiência singularizada a partir do ser agricultora, professora, mulher *Negra da Roça*, no mundo, nos tempos e nos espaços da vida.

Neste estudo, estabeleci por objetivo geral compreender quais sentidos de formação são construídos a partir dos entrelaçamentos entre vida e profissão, ao interpretar a singularidade dos percursos da vida, o ‘tornar-se’ docente. Narro as existências entretecidas na fusão de ‘eus’ do ontem e da contemporaneidade.

Teço entrelaçamentos, conexões entre minhas vivências na roça e formação, à luz da sensibilidade e da potencialidade metodológica das histórias de vida, que “[...] revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto [...]”³. Assim sendo, tenho por objetivos específicos: i) narrar, na perspectiva da escuta sensível, a existência, enquanto mulher, negra, agricultora, da roça, explicitando os saberes experienciais e experiências formativas que se entrelaçam; ii)

¹ KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 28.

² JOSSO, Marie-Christine. **A experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Revisão científica de Maria da Conceição Passeggi. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paullus, 2010a. p. 144.

* O termo estará em destaque pois, por mim, foi ressignificado, (re)interpretado, ‘do não-ser a busca por um querer/vir-a-ser’, da negação da felicidade, uma profusão de sentidos. Ademais, a escolha pelo termo roça é identitária.

³ JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano 30, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>. Acesso em: 20 nov. 2022. p. 413.

interpretar criticamente a história de vida, os episódios, as vivências e as experiências que marcaram o processo de tomada de consciência de mim, o produzir a vida (i)materialmente e as implicações à docência.

Faço uma aliança comigo mesma, por meio de uma consciência orientada, me perco e me acho, ao passo que esmiúço a memória para aprender e (re)aprender. Vida e pesquisa se articulam, tendo o meu memorial de vida e formação como dispositivo de investigação. O memorial de vida e formação é intervenção e produto, por ser um texto memorialístico, dispositivo teórico e formativo, condizente para a formação continuada de professoras(es), que poderá ser utilizado em espaços-tempos, como mobilizador/fomentador de diálogos-problematizadores sobre os sentidos de ser professoras(es)/educadoras(es) negras(os) da/na roça. Ele é capaz de mobilizar diálogos problematizadores sobre os sentidos da formação docente, a partir de uma abertura capaz de reconhecer outros modos de ser, viver, existir, se abrir ao diálogo com outros mundos e deles potencializar-se substantivamente, entendendo o processo de formação pela curiosidade epistemológica. A escrita do memorial me oportunizou entender a própria experiência existencial, compreendi que vida é lugar de formação.

O memorial de vida e formação “[...] no contexto institucional da educação superior [...] permite-nos compreender o social a partir da singularidade [...] de uma práxis individual e, com isso, a dialética entre as práticas socioculturais e a subjetividade [...]”⁴. Ancorada nos sentidos que ressoam nas minhas existencialidades negras, narro meu percurso pessoal e profissional, tecido nas interações sociais, que enlaçam a vida e formação nas expressividades, tramas ancestrais, como um corpo feminino negro; denuncio ausências, seletividades; revelo influências que permitem interpretar a vida no pulsar dos saberes experienciais e das experiências formativas no contexto cultural da roça.

Trago, neste memorial, significações que lastreiam reflexões em torno da minha história de vida, “As significações tornam singulares os objetos coletivos, já que expressam a subjetividade se objetivando. [...] Elas nascem do homem e seu projeto, mas se inscrevem no mundo, nos objetos, nas coisas.”⁵. Isso posto, defini como questão de pesquisa o seguinte questionamento: quais sentidos de formação são construídos como professora *Negra da Roça*, a partir dos entrelaçamentos entre vida e docência?

⁴ PASSEGGI, Maria da conceição; CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier. Memorial autobiográfico no Brasil. In: PASSEGGI, Maria da conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Eliseu Clementino de. **Pesquisa (auto)biográfica**: narrativa de si e formação. Curitiba: CRV, 2013. p. 29-48. p. 33-34.

⁵ MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1994. p. 121.

Neste estudo, minha narrativa (auto)biográfica é analisada “[...] do ponto de vista psicológico, antropológico, sociológico e linguístico [...] a narrativa escrita objetiva trabalhar com o conhecimento experiencial ao longo da vida e as possibilidades formativas construídas nas experiências vividas”⁶. Esclareço: não intento resgatar o passado, volto para analisar, olhar o passado com os olhos de hoje, numa conversa íntima entre os sentidos e o sociocultural, pois, “A tomada de consciência dos registros presentes na narração permite conhecer as sensibilidades e os saberes que cada um de nós tem à sua disposição na leitura de si mesmos e do seu meio.”⁷.

Assumo um lugar epistêmico autorreferenciado, tomada pelo sagrado da ancestralidade, assim, encharcada pela beleza do movimento intelectual crítico, trago uma narrativa densa, detalhada, uma escolha política-existencial e identitária, em que revelo os sentidos produzidos na invenção, engajada do ser-viver. Nas compreensões do meu *ser mulher-terra** dado que, “Na verdade não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como [...] mulher [...]”⁸. Esse ‘como’ pode ser entendido como a forma que “[...] cada um dá testemunho desse enraizamento e assim está direcionado para uma retomada da compreensão [...]”⁹.

Essa imersão, que acontece nos meus *territórios existenciais**, traz uma escrita artesanal, tecida no simples, como os capulhos* do algodão que se abrem nas tardes de verão. O rememorar desse vivido, percorrido nas trilhas da memória, faz deste memorial uma tessitura singular, texto cheio de vida que é a tradução de mim.

Apresento as existências no constructo geográfico-formativo da roça, os saberes oriundos da convivência familiar e comunitária. Tomo a palavra para contar, revelar, segredar, confidenciar, analisar, compreender as vivências singularizadas, oriundas no/do trançar singular-plural, as possibilidades, descobertas no trabalho com a terra, que marca a

⁶ SOUZA, Eliseu Clementino. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006. p. 60.

⁷ JOSSO, 2010a, p. 163.

* Criei o termo para marcar a relação corpórea com a terra, construção de saberes, cultivo de sentidos das minhas existências nas dimensões objetiva, subjetiva e no singular-plural.

⁸ FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Organização de Ana Maria de Araújo Freire. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021a. p. 94.

⁹ GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Tradução de Breno Dischinger. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999. p. 172.

* Será utilizado como metáfora; me refiro aos territórios existenciais: agricultora, mulher, negra, da roça, docente.

* Fruto do algodoeiro que envolve as fibras do algodão. Conhecido como maçã do algodão.

minha pertença cultural e ser-no-mundo. Minha História de Vida e formação é um capulho que se abre para um entretecer compreensivo, elucidando que “[...] a experiência das mulheres da classe trabalhadora obrigatoriamente situa o sexismo no contexto da exploração de classe – e as experiências das mulheres negras, por sua vez, contextualizam a opressão de gênero nas conjunturas do racismo.”¹⁰.

Esta escolha é inspirada por um dar-se conta enquanto mulher *Negra da Roça*, no exercício da docência e também pelos lampejos despertados a partir das produções teóricas da professora, socióloga e antropóloga Marie-Christine Josso que, em seus estudos, toma a experiência existencial como fundante para a formação. Neste memorial, minhas narrativas e existências negras na roça se entrelaçam à vida e à formação.

Os achados nos mergulhos das águas de mim mesma, revelam que “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, [...]. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa.”¹¹. As imersões me exigiram atenção, superação de medos, embaraços e surpresas. Os cultivos existenciais e escavadas das lembranças deram-se espontaneamente, a partir de cantos, ritos, contemplação e atenção ao curso do tempo e de mim mesma.

Eu te convido a passear pelas páginas deste memorial. Desejo que encontre, nas palavras do meu relato, uma linguagem capaz de aquiescer a alma, que se desdobre em “[...] uma construção de laços que possa [...] permitir outros olhares sobre si, [...] sentir-se reatado na sua humanidade.”¹², nesta pesquisa histórica, crítica, reflexiva, propositiva e íntima, na qual resgato memórias, saudades, sustos, miudezas.

Apresento a existencialidade na roça que cruza todo meu processo formativo, da nascença aos dias atuais, por isso, a natureza do estudo dá-se a partir da metodologia (auto)biográfica, alicerçada na estratégia investigativa das histórias de vida, de abordagem autoetnográfica e ancorada na filiação epistemológica hermenêutica-fenomenológica. Opto pela hermenêutica por tornar possível evidenciar a interpretação, a tradução dos sentidos, dos significados dos textos e dos contextos. “Por hermenêutica entende-se, desde o primeiro surgimento da palavra no século XVII, a ciência e, respectivamente, a arte da

¹⁰ DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 37.

¹¹ BOSI, Éclea. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social. 4. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022. p. 53.

¹² JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio-ago., 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200012>. Acesso em: 10 nov. 2021. p. 383.

interpretação.”¹³, logo, a análise da presente proposta de pesquisa se dá a partir da interpretação, compreensão do que é narrado da minha história de vida.

Este retorno reflexivo me permitiu sair do isolamento, fazer *enunciações*, cerzir os rasgos subjetivos, por meio da evocação dos territórios existenciais. Desvelo o processo de descoberta de mim, a “existencialidade singular e plural”,¹⁴ a partir de “[...] uma problemática que acompanha o percurso da vida vivenciada numa tensão permanente entre as transformações impostas pelo coletivo e a evolução dos sonhos, desejos e aspirações individuais”¹⁵, a consciência em centralidade.

A opção pelo termo roça é uma escolha política, *ser da roça* é para mim motivo de orgulho, visto que, nessa *semiótica negra**, produzo a vida e as estratégias para (re)existir, logo, a dimensão afetiva simbólico-existencial que possuo sobre o lugar se sobrepõe aos discursos que atrelam a roça ao atraso, à incapacidade, ou à semelhança de algo pejorativo. Opto pelo termo também por um compromisso ancestral, pois o tornar-se professora negra me conclama a interpretar de que maneira me formei nas pluralidades das relações que movimentaram a minha vida. Entendo que me formei nas interações sociais, aninhadas na cultura partilhada, todavia, alerta “É bom poder escolher, mudar de rumo; as representações da cultura estão sempre ligadas às de liberdade”.¹⁶ Tenho posto esses conhecimentos em evidência na prática pedagógica, utilizando as experiências de forma integrada aos pressupostos teóricos.

Assim sendo, tomo, pois, a linguagem como investigação e enunciação, visto que, “O sentido da história pode ser sempre reinvestigado e reinterpretado.”¹⁷. E essa é a minha intenção. A partir do movimento intelectual crítico, detalho, me alongo, faço referências, trago – de forma poética, crítica, reflexiva e demorada – os fatos fazendo referências, atenta às sensações, emoções e inquietudes, entrelaçando a compreensão das leituras à própria História de Vida, da nascença ao ingresso ao Mestrado Profissional em Educação e Diversidade e “Falar da diversidade e diferença implica posicionar-se contra processos de

¹³ GRONDIN, 1999, p. 23.

¹⁴ Termo cunhado por Josso (2010a).

¹⁵ JOSSO, 2010a, p. 72.

* Criei o termo por perceber que as pessoas que residem na roça são, majoritariamente, pardas, pretas e negras.

¹⁶ BOSI, 2022, p. 157.

¹⁷ GRONDIN, 1999, p. 17.

colonização e dominação [...] há conhecimentos produzidos pela humanidade que ainda estão ausentes nos currículos e na formação de professores.”¹⁸.

Vivo a docência em tessitura com o cultivo da terra, o ensino, a pesquisa e a extensão. Sendo assim, apresento a minha intenção de pesquisa intitulada *Narrativas e existência negra na roça: entrelaçamentos da vida na formação docente*. Excitada em forjar a construção de uma proposta de educação que englobe o meu movimento existencial, sobrevivente e enraizado na roça, resolvi fazer uma escritura de mim, pois considero que a vida e a formação podem ser entendidas a partir dos entrelaces.

Justifico a intenção investigativa, o desejo em pensar o fazer docente pelo vivido e existências que se entrelaçam aos pressupostos da formação docente, por ter produzido sentidos que se articulam às dimensões de gênero, raça, classe, posto que essas intersecções se relacionam com os saberes profissionais.

Escrevo em meio ao caos, pois, no momento em que este texto ganhava forma, o Estado Brasileiro, por seu representante eleito em 2018, protagonizava escancaradamente a retirada dos direitos básicos, meu país sofria devido as sequelas sociais e sanitárias, instaladas em decorrência da pandemia da Covid-19 e por causa do flerte do governo federal com a ditadura militar, com o racismo, com a misoginia, com o sexismo, com a intolerância religiosa, com a incitação ao armamento desenfreado; cortes nos recursos investidos na educação, desmonte das políticas públicas, crescimento das violências, desmatamento, ódio às diferenças.

Ao viver esse período insólito, deixo registrado meu repúdio aos desmandos governamentais que têm atingindo toda sociedade brasileira. Torço, inclusive, para que este texto, situado em período histórico desafiante, sirva como um instrumento para elaboração de resistências, apesar do cenário de incertezas. Elaborar esta escrita me traz esperança, desejo que ela se some aos coletivos que se reascendem, lutam por liberdade, por direito de escolher a quem amar, de professar a fé, de dizer as palavras e existir nos corpos negros, de mulher, de lgfts.

Faço parte desses coletivos por entender que diversidade e diferença compõem a boniteza do mundo e a educação, portanto, não pode se dá a acontecer na invisibilização das existências.

¹⁸ GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: MOREIRA, Antônio F. Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre o currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: MEC, SEB, 2007. p. 17-47. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2021. p. 25.

Logo, o silenciamento da diversidade e das diferenças generifica, se traduz em desafio e, por conseguinte, desemboca nas desigualdades educacionais, dentre elas, o direito de aprender, de permanecer na escola e de ter acesso ao ‘conhecimento poderoso’. Quer dizer, “[...] não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima, mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, fornecer explicações confiáveis ou nova forma de interpretar o mundo.”¹⁹. Sendo assim, as narrativas precisam ser conhecidas, escutadas e as existências vistas e respeitadas, esse é o fio principal que entretece-coze, impulsiona este estudo.

Em uma perspectiva sócio-histórica e epistemológica, pesquisa e pesquisadora situam-se na roça. Pesquiso a docência no meu espaço de vivência e de atuação profissional, uma esteira que é tecida na dimensão de gênero, no colorido da raça negra; para além disto, discuto as relações incrustadas do poder que interferem no saber e nas existências, por isso destaco: “A escolha de meu objeto de estudo é, [poética, filosófica] [...] política e teórica. Interessa-me [...] analisar como [...] esse regime se inscreve na produção do saber, [...] nas práticas cotidianas, no exercício do poder. [...] nas instâncias em que chamamos pedagógicas [...]”²⁰.

Interpreto, pois, na minha presença no mundo, mostro cicatrizes, ranhuras, temores, fragilidades dos/nos contextos de escassez. Nesse desvelar do meu *ser-aí*, me compreendo como linguagem, na relação comigo mesma, com outras(os), a roça, a sociedade e o mundo, percebo-me tecida, costurada e inacabada, em fusão, possibilitada/lançada a fazer novas articulações, entrelaçamentos e interpretações. “O ser-aí humano se caracteriza por uma interpretação que lhe é peculiar e que se encontra antes de qualquer locução ou enunciado – uma interpretação, cujo caráter fundamental de cuidado ameaça ocultar a tendência niveladora do juízo proposicional.”²¹.

¹⁹ YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação e sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GshnGtmcY9NPBfsPR5HbfjG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2021. p. 1294.

²⁰ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 57.

²¹ GRONDIN, 1999, p. 159.

1.1 O TECER HERMENÊUTICO NAS TRAMAS EXISTENCIAIS NA ROÇA

Suspeito que a roça, lugar em que vivo, e leciono, tem tramado a minha existência através de uma hermenêuticidade. Assim, na busca por entender meus entrelaçamentos de vida e formação, me inquieto, dou sequência aos passos em direção à colheita, à seleção das palhas, para tramar essa esteira metodológica. Início pela vontade, por um desejo que me toma corpo e a memória.

Convencida da necessidade de refazer algumas andanças, reafirmo que escolhi a perspectiva hermenêutica fenomenológica para lastrear a construção deste trabalho, o tecer da escrita. Por isso, é um caminho a ser (re)feito em aliança comigo mesma, na busca pela possibilidade de interpretar e compreender os sentidos. Numa análise heideggeriana, sou ser projetada, cercada de possibilidades, logo, estou no mundo numa relação ‘ente’ as pessoas e as coisas. Penso essa articulação a partir das interações sociais que estabeleço no mundo, visões modificadas, (des/re)organizadas nos territórios empírico e geográfico, como nos territórios afetivos e libidinais. Em razão disso, a investigação dos meus registros e rastros permite um (re)contato de mim comigo mesma, pois tomo a palavra interior para enunciar a minha presença como ser-no-mundo, a partir do pretendido pela hermenêutica, interioridade “[...] conversação, da qual toda expressão recebe a sua vida. [...] um desejo inesgotável por linguagem ou por compreensão. Hermeneuticamente significativa, na [...] conversação interior, [...] nosso dizer significa sempre mais do que ele realmente expressa.”²².

Quando digo que semeio palavras, faço uma (auto)análise, uma (re)leitura da vida e da formação na docência da roça, ao entender que “[...] lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. [...] para compreender, ou para começar a compreender. [...] quase como respirar, [...] é nossa função essencial.”²³. Alinhavada pelos acontecimentos das andanças, costuras e conexões, lançada no mundo, não pronta, em metamorfose, pois, “[...] o ser lançado no mundo relaciona-se com outros a partir de uma dinamicidade, relação que acontece de forma contínua, através da articulação do pensamento, da interpretação e da compreensão do ser nos espaços, com coisas e pessoas.”²⁴.

Por isso, analiso minha História de Vida “[...] a partir de uma pré-compreensão que emerge da eventual situação existencial e que demarca o enquadramento temático e o limite

²² GRONDIN, 1999, p. 203-204.

²³ MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 20.

²⁴ HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 244.

de validade de cada tentativa de interpretação”²⁵. Tomo, pois, a compreensão como ‘promessa’ para tornar densa a feitura dessa esteira, posto que, “[...] compreender é sempre um compreender-se, incluindo um encontro consigo mesmo. [...] uma conversação já iniciada [...] por novos achados de sentido, as perspectivas de significado que nos foram transmitidas, com base na tradição e no seu presente em nós.”²⁶.

Ser tecedora da compreensão requer de mim fazer elaborações compreensivas, uma maneira de me entender existencialmente, como pessoa situada na geograficidade da roça, lugar onde (re)existo, vivo, pré-compreendo, escarafunchando como o mundo se mostra para mim, como ser-sendo. Ou seja, através de esboços do meu próprio ser, “O ser-aí, distingue-se, pelo fato de, em seu ser, tratar-se deste seu próprio ser, de seu poder ser no mundo.”²⁷.

Sendo na roça-mundo, desde sempre no meu cotidiano, “[...] não fazia diferença entre trabalho propriamente dito e a brincadeira de uma criança na roça [...]”²⁸. Recordo-me, por exemplo, dos círculos que fazia ao redor da palhoça do feijão, um próprio círculo hermenêutico, pois, a cada circulação em volta daquele amontoado, consequentemente, ampliava o meu sentido do mundo, atualizava horizontes, dentre eles, o da possibilidade em unir trabalho e brincadeira, assim, ressignificando os pré-juízos e pré-conceitos. Naquele instante, interpretava o trabalho a partir da preconcepção de outras possibilidades.

À vista disso, toda compreensão supõe pré-compreensões, por isso o choque entre os pré-conceitos, nos horizontes do tempo, passado e presente, interpretação da tradição, dos valores, das culturas e das crenças. Os pré-conceitos orientam nossa ação no mundo, engendram confortos e tensões, sendo que a tradição também entra em contato e, no choque hermenêutico, acontece a compreensão; modo como acontece a interpretação na prática.

Por essa razão, entendo que toda interpretação que faço coloca em choque as tradições. Dessa forma, o diálogo e a negociação da verdade são concebidos como um sentido possível, dado o momento. Ou seja, na interpretação, há uma fusão de sentidos, na concepção gadameriana. Ao fazer essa imersão e escolha, ousar experimentar, juntar a estes alinhavos metodológicos, os princípios epistemológicos da hermenêutica: “[...] o horizonte da interpretação não se limita, portanto, às ciências interpretativas, como a exegese, a filologia, ou o direito – mas se estende ‘a todas as ciências e perspectivas de orientação de vida’.”²⁹.

²⁵ GRONDIN, 1999, p. 159.

²⁶ GRONDIN, 1999, p. 193-194.

²⁷ GRONDIN, 1999, p. 161.

²⁸ MAHEIRIE, 1994, p. 19.

²⁹ GRONDIN, 1999, p. 11-12.

Já como proposta de análise, admito a hermenêutica como apropriada para interpretar os sentidos da experiência, perspectiva que admite contexto, linguagem, vida e profissão, numa dinâmica compreensiva “[...] um modo de traduzir um sentido [...] É com esse processo de interpretação que se ocupa a teoria hermenêutica. [...] logo que a gente se der conta de que todas as atividades têm, como base, um determinado processo de compreensibilidade [...]”³⁰.

Endosso a minha pertença na roça a partir das experiências formativas, “A roça, [...] e o mato foram [...] mediações fundamentais e a relação que [...] estabelecia com esta materialidade era tão estreita, que [...] vivia esta natureza e ao vivê-la experimentava [...] do que ela oferecia ou poderia oferecer.”³¹. Logo, sou um ‘ser que pode ser’. Ao reconhecer-me em entrelace nesse bioma, faço compreensões do meu ato de existir, me interpreto no mundo, concebo esse lugar como algo que se transforma, na temporalidade e por minhas elucubrações, na ação de interpretar e de (re)interpretar, na capacidade de (re)invenção e relação com o tempo, os espaços, as pessoas e as coisas.

Neste trabalho, fiz um arrebatamento de mim mesma, discuti os sentidos advindos da vida e da formação, visto que tais constituições possibilitaram a interpretação/compreensão de mim numa fusão; sou uma e tantas outras mulheres. Faço essa correlação para dizer que se trata de um vir-a-ser. Sou alinhavada por situar-me numa relação *ente*. À vista disso a compreensão aqui é adotada “[...] como expoente do cuidado pelo próprio ser-aí, dispõe sobre a possibilidade de se configurar como tal, e mesmo, de se entender a si própria. [...]. Na interpretação, a compreensão não se torna uma coisa diversa, e sim ela mesma.”³².

Assim sendo, qualquer processo de compreensão se dá pela compreensão dialógica. “[...] o verdadeiro sentido contido num texto [...] não se esgota ao chegar num determinado ponto [...] pois é um processo finito. [...] Surgem novas formas de compreensão [...]”³³. Afinal, é impossível compreender sem um ‘si’³⁴, pois há sempre uma compreensão nos horizontes da vida, da história da vida. Noto, então, que nada existe fora da minha experiência de ser. O mundo percebido é mundo fenomenológico, na relação que estabeleço comigo mesma e com outros.

³⁰ GRONDIN, 1999, p. 40.

³¹ MAHEIRIE, 1994, p. 20.

³² GRONDIN, 1999, p. 164-165.

³³ GRONDIN, 1999, p. 166.

³⁴ GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de mais uma hermenêutica filosófica. Traduzido por Flávio Paulo Meurer. Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco; Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 446.

Ao ver o mundo como instituição, concebo a tradição como verdade que nos agencia, em suas formas de inteligibilidade. Dessa forma, ocorre o exercício hermenêutico, na relação pergunta e resposta e, ao me lançar nesse movimento interpretativo, adquire uma experiência de verdade, de *pré-concepções*³⁵. Assim, desconstruímos qualquer proposição verdadeira sobre o mundo de forma essencialista, universalista. Pela história tudo é construído.

Ao escrever sobre mim, (re)elaboro esboços, faço retornos/atualizações, me formo na fusão da fusão dos sentidos, rompendo com a linearidade da história única. Reforço, assim, o caráter de uma não linearidade das escritas (auto)biográficas, pois elas “Mostram justamente à pessoa que narra essa descontinuidade, as rupturas, a imprevisibilidade, [...] o papel das contingências como aspectos determinantes da experiência humana [...]”³⁶. Nessas andanças, correlaciono os trajetos pela caatinga com a análise hermenêutica pela possibilidade de interpretar a própria interpretação. Refazer caminhos e significá-los, uma experiência formativa em que imagens, margens, palavras e o próprio ato de *catar* (lenha, folhas, frutos, sementes e peixes) não aconteciam/acontecem sem sensações corpóreas. Significados de uma vida, de um ser-no-mundo, na roça, no Mestrado em Educação e Diversidade do *Campus XIV*, em Conceição do Coité/Bahia.

Por isso, que não posso deixar de fora a *mulher-terra* que me constitui e acho relevante interpretar os sentidos de vida e a formação sendo agricultora-professora *Negra da Roça*. Lanço-me ao desafio de narrar, revelar, compreender, produzir, desfazer, emendar. Nesses rasgos, esgaçados, entrelaces, amarramentos, me entreteço em fibras hermenêuticas. Espero me deparar com uma mulher que pode surpreender a mim ‘si’. Muito embora, no momento, não sou capaz de mensurar o que será desvelado durante esta viagem hermenêutica.

Nesta pesquisa – *Narrativas e existências negras na roça: entrelaçamentos da vida na formação docente* – vislumbro que, nos fios, nas tramas e nas linguagens, posso pensar a pesquisa numa progressividade, pois sou tomada pelo desejo de dizer, fazer movências em outras direções, cozer velhos e novos retalhos, sensações, sentidos, significados, que me arrebatam, mas não me fazem perder a lucidez, me percebo enquanto mulher *Negra da Roça*

³⁵ GADAMER, 1997. O autor usa como a ideia e diz que o círculo hermenêutico é movimentado pela verdade, que se dá pela linguagem e pela história, para ele tudo é linguagem. Reitera que a atualização da espera de presença do ser, ser que acontece e que existe, no tempo e na compreensão de verdade, enquanto que defende a tradição como algo concensuado, baseado numa racionalidade.

³⁶ PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>. Acesso em: 10 dez. 2022. p. 154.

que se percebe metamorfoseada na grandeza e na pequenez. É um desabafo poético, na poética de uma mulher *Negra da Roça*.

Nesse esforço e exposição, acolho os sentires do momento, degusto beiju, acompanhado de chá de capim-limão, sinto uma doçura estranha, percebo as formigas em romaria, seus movimentos anunciam chuva, compreensão da mudança do tempo que aprendi logo cedo. Ao revelar essa pertença, sou arrebatada por lembranças, revivo fatos e eventos que me lançaram a um lugar de inferioridade, de dor, e de não pertença. Em todas as modalidades de ensino, precisei me adubar ancestralmente para não desistir. Fui seduzida a desacreditar de mim, enquanto mulher, negra, da roça. Atacada pelos silêncios, pelas escritas e pelas falas, precisei construir alternativas para (re)existir.

Ao pensar e apresentar esses fios dos meus contextos formativos, percebo um caminhar impregnado de lutas e (re)existências. Anúncios e denúncias de uma existência refletida. Fazer (auto)biografia é denunciar as políticas de formação que nos lançam a um lugar de invisibilidade. Ponto: chego aqui na resistência, não raros foram os episódios em que me desautorizaram a narrar e a escrever sobre mim e sobre meu povo negro da roça. Os meandros dessa costura existencial são compostas por (des)construções, perturbação, dureza, inflexibilidade e linhas de fuga. Um caminhar em que me perco e me acho em simultâneo a partir da *reflexividade (auto)biográfica*.³⁷

Sendo assim, sigo na busca por me compreender como mulher *Negra da Roça*, ichuense, sisaleira, baiana, nordestina e brasileira. Apresento a extensão de meus sentidos nessa reflexividade (auto)biográfica, pois ela possibilita “[...] a quem narra a possibilidade de abertura para novas experiências [...] acatar a ideia da experiência em formação no seu duplo sentido: o de prática formadora e o de reelaboração permanente.”³⁸

Tornar-me professora não foi um destino, foi uma construção subjetiva. E de tanto silenciar, agora resolvi dizer. A roça é o lugar de minha pertença, memória e compreensão existencial inacabada, almejo outras perspectivas de compreensão, proposição através dessa escolha epistêmica, na qual meus sentidos são âncoras de análise da geografia afetiva, pertencimento, possibilidade de reflexão, partilha e interpretação no próprio ato de me compreender sendo.

³⁷ JOSSO, 2010a. Segundo essa pesquisadora, a reflexividade (auto)biográfica é definida como aprender a descobrir os pressupostos cognitivos das nossas interpretações, bem como encontrar uma forma adequada, ou privilegiada, para dizer ou escrever nossa história.

³⁸ PASSEGGI, 2011, p. 148.

A partir da hermenêutica, entendo as interações, os engates, as acontecências e os amarramentos, o invisível que se revela, a partir da linguagem. Tomo, pois, a interpretação dos sentidos para compreender como me vejo no mundo. Ver o mundo não se limita ao simples ato de visualizar. O ver numa análise hermenêutica é amplo, uma vez que concebe o sujeito implicado, que reflete a todo instante. Dessa maneira, considero importante a contribuição da hermenêutica para as pesquisas em educação. “[...] a própria interpretação é o negócio da hermenêutica elevada ao nível da filosofia, [...] a hermenêutica filosófica visa a uma auto-interpretação, para que o ser-aí possa tornar-se transparente para si mesmo.”³⁹.

As hermenêuticas filosóficas são importantes visto que suscitam a formação humana. Enquanto movimento histórico social, parto desse pressuposto para reiterar que familiaridade e estranheza se imbricam sem o propósito de apreensão de uma proposição verdadeira sobre o mundo.

1.2 ENTRELACES (AUTO)BIOGRÁFICOS NAS LINHAS NARRATIVAS

Tendo a terra como grande representatividade no meu horizonte do mundo, ao falar de mim, encontro terreno fértil para semear, entretecer, refletir e compreender meus sentidos. Assento, portanto, esta pesquisa na metodologia da narrativa (auto)biográfica, pois, ela possui “Um efeito formador por si só. Isto porque coloca o ator num campo de reflexão, de tomada de consciência sobre sua existência, de sentidos estabelecidos à formação ao longo da vida, dos conhecimentos adquiridos e das análises e compreensões empreendidas sobre a sua vida.”⁴⁰.

Nas linhas e entrelinhas deste memorial, as coisas se entremeiam, ou seja, vida, docência e formação dialogam e se coadunam. Diante disso, acredito ser importante “[...] partilhar inquietações sobre o lugar central de uma epistemologia da experiência nas escritas de si, no contexto da formação, [...] que nos ajude a melhor compreender as narrativas autobiográficas como prática pedagógica [...]”⁴¹. Escolho a abordagem metodológica da (auto)biografia pelo fato dela me possibilitar um refazimento, diálogo comigo mesma, reflexão, partilha, (re)construção e articulação de sentidos, a partir da interpretação do vivido.

³⁹ GRONDIN, 1999, p. 167.

⁴⁰ SOUZA, 2006, p. 60.

⁴¹ PASSEGGI, 2011, p. 148.

De início, assumo o desafio advindo da tarefa de questionar, elaborar, inventariar, lançar um novo olhar sobre mim e sobre as coisas na temporalidade.

À vista disso, a pesquisa “[...](auto)biográfica, ou mais especificamente, a narrativa de formação oferece um terreno de implicação e compreensão dos modos como se concebe o passado, o presente e de forma singular as dimensões experienciais da memória de escolarização.”⁴²; vem se consolidando como uma metodologia profícua para a formação de professoras(es), por ancorar-se no vivido, o testemunho da vida pela palavra.

Costumeiramente, as formações docentes não têm incluído a nossa presença no mundo, como se a atividade profissional “[...] não tivesse nada que ver com suas experiências [...] desejos, sonhos, com seu bem-querer ao mundo ou [...] desamor à vida [...]”⁴³. Tenho percebido, por mais de uma década, que, no ofício de ensinar, temos nos deixado de fora, como se a vida não pudesse ser tematizada, entrelaçada à profissão. Nos espaços educativos e até fora dele, não é comum que professoras(es) falem e escrevam sobre si, há uma cartilha, um código normatizador. Assim sendo, a (auto)biografia epistemologicamente assumida chega para rasurar, fazer fabulações, desenrolar, desatar nó, deslocar, juntar, tecer os fios da experiência. A partir do narrar, valoriza a subjetividade, coloca o pensar em posição de centralidade, o *ser-aí* que se autoriza para entender texto e contexto. A produção da narração de ‘si’ se consolida “[...] como um movimento de investigação-formação, [...] que se vincula ao exercício de tomada de consciência, [...] expressas através da metarreflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos nas suas experiências formadoras.”⁴⁴.

Logo, esta pesquisa é uma reivindicação ao meu direito de dizer, de falar sobre a minha experiência de ser-no-mundo. Lanço-me na arte da interpretação; no intuito de enxergar, busco pela compreensão histórica entender horizontes/caminhos. Vou segredar as andanças, de maneira empírica, ética e responsável. Nesse sentido, ousar escrever, interpretar, buscar compreender a minha história de vida, pois quero dar os realces, os tons com a interpretação de mim mesma, melhor dizendo, me compreender noutra plataforma de referência.

Pretendo revelar os acontecimentos da vida, enveredada nos caminhos que fiz e que (re)faço de forma prática e agora teoricamente. Mergulho em meu interior, me locomovo para

⁴² SOUZA, 2006, p. 101.

⁴³ FREIRE, 2021a, p. 94.

⁴⁴ SOUZA, 2006, p. 14.

apresentar meu processo de formação, escutar a mim mesma, a “[...] subjetividade e singularidade como princípio fundamental para um conhecimento de si, [...] perceber e compreender o [...] projeto de conhecimento de si na escrita [...] construída por um sujeito sociocultural, a partir de lembranças e experiências vividas.”⁴⁵.

O vivido é a principal matéria-prima para a interpretação das tramas existenciais. Trago o termo autoetnografia nesta investigação, já que percebo que ela se apresenta como uma possibilidade de fio que pode dar densidade à esteira metodológica, sendo útil para inventariar, interpretar, revelar, expor as minhas vivências em arte, poesia. “O que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida).”⁴⁶.

Assim sendo, compartilho a escrita de mim, a vivência da/na infância, quando psicologicamente eu já fazia ‘silenciosamente’ uma antecipação de futuro, que esclarece hoje o meu *vir-a-ser* professora-pesquisadora *Negra da Roça*. No horizonte de indagações, apresento o percurso de vida, movências da trajetividade formativa dentro e fora do ambiente escolar, significações lastreadas na experiência. Portanto, a metodologia (auto)biográfica me possibilita compreender tempo, memória e existência pela narração, “[...] experiências formadoras ao longo da vida. Através da narrativa (auto)biográfica da vivência [...] torna-se possível desvendar modelos e princípios que estruturam [...] o agir e o pensar da professora em formação [...]”⁴⁷. Ao revisitar os remendos, linearidades e (des)continuanças das costuras de vida e formação, me (auto)biografo há um tempo, nos cultivos agroecológicos e ancestrais.

Adotar a perspectiva (auto)biográfica é para mim uma forma de *enunciação* do meu repertório pessoal, profissional, histórico, político, cultural, econômico, geográfico, social, antropológico, artístico, linguístico, formativo e existencial. Tradução da vida e formação, articulada, permeada por significados e sentidos que permitem a interpretação da experiência de si em profundidade. “A experiência de si [...] é o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos, [...]. É a própria experiência de si, construída historicamente, [...] quando ele se observa e se decifra, ao interpretar suas ações, quando narra para si mesmo.”⁴⁸.

⁴⁵ SOUZA, 2006, p. 70.

⁴⁶ SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica; atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, v. 24, n. 1, 2017, p. 214-241. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972/133158>. Acesso em: 24 nov. 2021. p. 219.

⁴⁷ SOUZA, 2006, p. 172.

⁴⁸ LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Sujeitos da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 35-86. p. 43.

Nessa indagação, por certo, descobrirei perturbações, elucubrações nas costuras das vivências e no refazimento dos trajetos. Admito, portanto, a possibilidade do susto! Visto que teorizar a minha História de Vida é me (re)descobrir, é, pois, um dos maiores desafios que me propus a enfrentar. No entanto, me excita a possibilidade de me teorizar, me descortinar como ser-sendo. Por isso, a metodologia (auto)biográfica é “A arte de [...] atribuir sentido às experiências [...] a partir do saber-ser-mergulho interior [...] e o saber-fazer-pensar sobre o que a vida lhe ensinou. A evocação, os sentidos e a interpretação são componentes sempre presentes no texto narrativo.”⁴⁹.

Nos estudos que tenho feito, encontro ressonâncias entre a abordagem (auto)biográfica e a epistemologia hermenêutica, sendo uma junção benfazeja para apreender os sentidos das palavras, na arte da interpretação do narrado, da partilha, dos movimentos e (des)encontros da vida. Opto pelas (auto)biografias por acreditar que essa abordagem metodológica permite dizer, escrever em dimensão individual e coletiva. No meu caso em específico, tratarei dos sentidos, muitos deles (re)constituídos em Comunidade. Sendo assim, falarei de um “eu entrelaçado”.

Faço essa afirmação particular para me contrapor a alguns questionamentos sobre os desafios e limites da pesquisa (auto)biográfica. Inclusive questiono: quem disse que não posso dizer de mim numa dimensão ‘ente’, os outros, as coisas, os lugares e os tempos? Atrevo-me a dizer sobre meu eu em comunidade, as aprendizagens no núcleo familiar, aqui “A arte de narrar inscreve-se na subjetividade [...]. Emerge daí a necessidade de compreender [...] Aprendizagem experiencial e formação se integram porque estão alicerçadas numa prática, num saber fazer pelas experiências.”⁵⁰.

As narrativas fomentam a imaginação e a criatividade, agregam outro repertório de estratégias e ajudam a refletir o que significa ser professor em determinados contextos. Neste trabalho, portanto, disserto, teço e desobedeço. À vista disso, vida e profissão são interpretadas, compreendidas sob a luz das representações, sentidos, revelações, contextualizações, que trago com densidade nos próximos capítulos desta esteira metodológica.

O esteio deste memorial é a articulação da minha História de Vida e formação pelos veios da existencialidade na roça, no mundo, orientada, assim, pela experiência docente. Por conseguinte, como as artesãs da palha articulam as folhas do ouricuri e tramam com

⁴⁹ SOUZA, 2006, p. 62.

⁵⁰ SOUZA, 2006, p. 94.

sabedoria, também farei tecimentos; utilizo a sabedoria ancestral e, por meio da (auto)biografia, busco (re)construir os distintos eventos vivenciados que afetaram meu ser.

Sou um ser-lançado, sendo mulher negra, enraizada na geograficidade do Território do Sisal, engajada no Movimento Social, implicada com a docência na roça, tessiturada pelos fios da existencialidade e ressignificada pela (re)construção dos sentidos de formação. Logo, admito fecunda a escolha pela metodologia (auto)biográfica.

No meu memorial de vida e formação, pretendo escrever não somente as experiências formativas vistas apenas no espaço de educação formal, escola, mas abordarei também as experiências formadoras fora da escola, os saberes produzidos a partir dos saberes da ancestralidade; concebidos na família e na comunidade.

A (auto)biografia permite-me escrever sobre saberes situados, os quais tramarei narrativamente, pois este tipo de pesquisa interroga, requer testemunho, descrição densa, a partir da seleção de momentos marcantes, autorização de si para si em primeiro momento. Dizendo melhor, é uma ‘escritura, do testemunho de si’. Esse tipo de pesquisa é ressaltada como “[...] uma arte formadora da existência [...]”⁵¹. Nesse entrelaçar criativo, as narrativas propiciam novos sentidos formativos. Percebo que, ao longo do tempo, tenho melhorado a minha professoralidade no formar-me dentro da própria profissão, no processo de compreensão da experiência.

Nesta pesquisa, estou na condição de autora, objeto, participante e lócus de investigação. Logo, isso me exigirá desapegar, desenclausurar, rasgar e me recompor, talvez doa, todavia, encaro como uma aliança comigo mesma. Nunca tinha pensado em me relacionar de forma tão íntima comigo mesma, é a particularidade, estabelecimento de confiança para no silêncio escutar o eco da própria voz sob o medo e a vergonha da exposição na ação de elucidar minhas itinerâncias formativas da roça. Desse modo, a abordagem escolhida me insere em um contexto de interpretação amplo, permite perspicácia, autorização para falar dos entrelaçamentos políticos, pedagógicos, geográficos, existenciais e formativos que dão firmeza a essa esteira metodológica.

Assumo, assim, a escrita de mim como um devir ancestral e porvir docente, devido a isto, lanço-me no desafio da proposta de intervenção, no ensejo para que outras meninas negras da roça cultivem a terra sonhando, acreditando e projetando como eu fizera um dia, projetando em permanecer nos espaços de educação. Nesses momentos, fazia traduções,

⁵¹ PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200009>. Acesso em: 24 nov. 2021. p. 41.

flertava imagetivamente com outros horizontes, associava os brotos verdes que rompiam a terra com (re)elaborações diante dos cansaços, do racismo, da exploração sexista, de classe e racial.

Na verdade, sou uma mulher vitimada, como tantas outras, desautorizada a contar a própria história de vida. Contar é importante, porque “[...], a experiência é ressignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica.”⁵².

Em razão disso, os entrelaçamentos desta esteira, a partir de fios diversos, conta de uma existência em articulação, meu ser circunscrito na intimidade da roça. Ao propor essa dimensão metodológica, exploro contextos já vivenciados e vislumbro outros, visto que, além de caráter de *enunciação*, projeto *continuações*. Acho importante dizer sobre a autenticidade deste estudo, nele não adotarei o anonimato, pois me fascina a possibilidade de deslocar, viajar e voltar para mim, para as outras e para o mundo. Sou aquela que tem o que narrar! E vem muita coisa por aí.

A proposta da estrutura do memorial de vida e formação é a seguinte: Na primeira parte – *Debulhando-me: os saberes experienciais e as experiências formativas no contexto cultural da roça* –, narro as existências, enquanto menina-mulher, negra, agricultora, da roça, apresento minha reflexão sobre o ato de narrar a própria História de Vida, as advertências, uma conversa a partir da própria experimentação, dou pistas e faço um convite a outras(os) professoras(es) negras(os) da roça/do semiárido a admirar a vida curiosamente, o que constitui-se pois, como instruções poéticas para um plano de voo ao próprio passado, enquanto existência vivida. Deixo evidenciado que a rigorosidade metódica alinha-se ao pensar sobre o como fazer, as escolhas, permitindo-se desocultar, desvelar e compreender a vida, explicitando os saberes experienciais e experiências formativas que se entrelaçam. Dou ênfase à produção da vida na roça, aos ensinamentos no seio familiar, social e contexto cultural, às aprendizagens e inventividades nas especificidades do bioma caatinga, aos costumes e fazeres agroecológicos, aos modos de viver e conviver, na ‘comunidade’/coletividade, aos valores socialmente compartilhados; denuncio desigualdades, ausência da educação antirracista; revelo os sonhos de *ser mais*, a política existencial embrenhada pela História de Vida na roça; narro a **formação familiar e comunitária** articulada com os aspectos sociais, culturais, ancestrais próprios da roça; relato os percursos

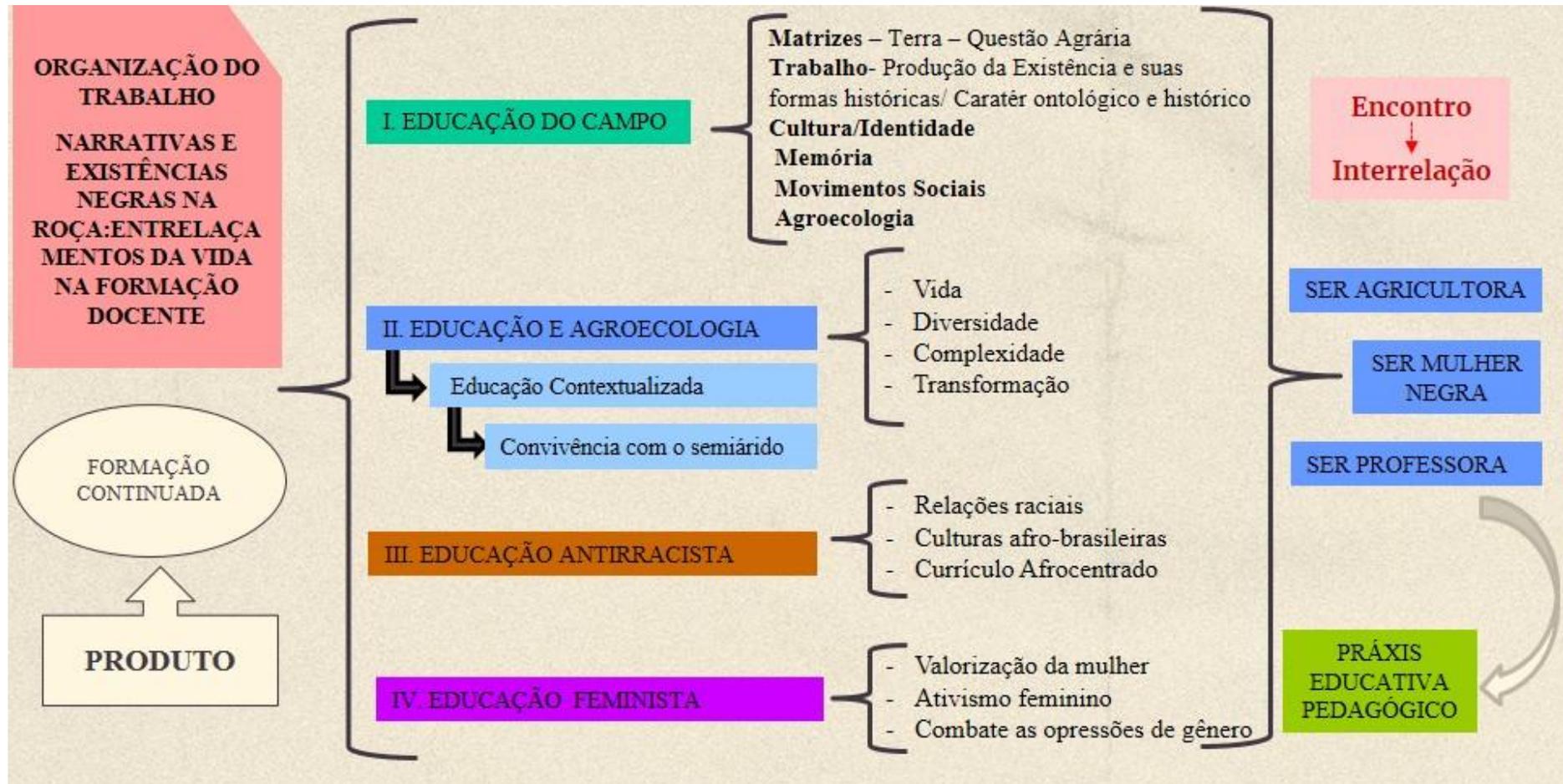
⁵² PASSEGGI, 2011, p. 148.

educativos no trabalho da lavoura; rememoro figuras marcantes, como: familiares, pessoas, lugares, circunstâncias que, de alguma maneira, influenciaram na aquisição de saberes; reflito acerca da **Escolarização**, o trato da vida escolar, no primário, da infância negra na escola da roça, o rito de passagem para o ensino fundamental II na escola da cidade; resgato as lembranças acerca da prática pedagógica das professoras e cultura escolar, apresentando de que maneira os conteúdos e as metodologias estavam (ou não) contextualizados com os marcadores identitários e culturais da roça.

Na segunda parte – *Vida e formação em diálogos: caminhos do torna-se professora negra da/na roça e no mundo* –, interpreto criticamente a história de vida, episódios, vivências, experiências que marcaram o processo de tomada de consciência de mim, o produzir a vida (i)materialmente e as implicações à docência. Detalho percursos formativos, curiosidade epistemológica, o formar-me na perspectiva da diversidade e das diferenças, a construção dos saberes necessários à prática educativa, pelas veredas sociais, políticas e culturais. Entrelaçando as situações de aprendizagens como professora, no ensino-pesquisa e extensão, reflito como os saberes da roça, mobilizam a minha prática pedagógica, o *pensar-fazer* crítico da docência a partir da implicação; revelo as dimensões compreensivas de mim e do percurso da formação, faço anúncios das possibilidades construídas nas lutas e na des-reterritorialização de mente, corpo e coração; o libertar-me a partir dos encontros providenciais e da almejada conquista da liberdade, autorizo a própria voz, me torno aquela que teve o que narrar.

Em *Atando alguns fios: Um término que não é o fim*, resgato pontos do caminho, faço referências, revelo os achados **dos** percursos de formação o tornar-se **Pesquisadora Negra da Roça**, revelo as costuras, significações, *enunciações* e *continuanças*. Destaco os principais achados do que foi a tradução de mim, apresento os sentidos de formação construídos no narrar-se professora *Negra da Roça*; destaco os entrelaçamentos entre vida e docência; evidencio a narração enquanto movimento formativo e contribuições do ato de (auto)biografar-se, mostrando aquilo que pode ser feito. Além disso, explicito os desafios do interpretar a si mesma, revelo, inclusive, o que não se tornou compreensível ou o que não consegui alcançar durante a pesquisa no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, atenta à necessidade de amplitude da temática em outras *continuanças*.

Figura 1 – Organograma - Diálogos entre saberes, pelas veredas da vida e formação



Curiosidade epistemológica, contextualização, diálogo de saberes, aproximação da escola com a vida que pulsa e com a memória biocultural dos sujeitos da roça, tensionando a politicidade da educação centrada na ética da vida, na formação de sujeitos capazes de pensar criticamente a vida, os processos de opressão, e de luta para superar essas situações-limites. Quer dizer, os sujeitos assumem “[...] uma postura decidida frente ao mundo” (FREIRE, 2015, p. 278).

2 DEBULHANDO-ME: SABERES EXPERIENCIAIS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO CONTEXTO CULTURAL DA ROÇA

“[...] A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que se encerra. [...] como a nossa vida decorreu.”⁵³

Vem cá! Te faço um convite, esta prosa é ‘pé de ouvido’, estou no lançar das sementes, a *catar* memórias, vou abrir o aió* das lembranças, segredar experiências, vasculhar o baú. Sabe, tenho escrito sob lágrimas o proliferado da pertença, e nesse desalojar poético, confidencio em solavancos as rotas da (im)completude; são silêncios revelados, venho me dando conta das existencialidades como mulher *Negra da Roça*, no mundo, debulhando-me a partir da história de vida e formação. “Quando fico nervosa, não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.”⁵⁴. Em tom de confiança.

Habito o território da roça. Agora me vem à lembrança os dias chuvosos, quando fazia o traçado na terra, na verdade, temos uma intimidade, amizade intensa, a tal ponto que, por vezes, parecemos ser uma ‘coisa só’, por isso, compartilho um pouco como temos nos relacionado até aqui a partir da experiência sentida, uma conversa teórica, metodológica e epistemológica calcada nos contextos da existencialidade. “O processo de formação, que caracteriza o percurso da vida [...], permite dar luz, progressivamente, ao ser-sujeito de formação; vê-lo tomar forma psicossomática, psicológica, sociológica, emocional, cultural, política e espiritualmente de um sábio.”⁵⁵.

Sou mulher da roça-mundo, catadora de memórias e outras coisas, fiz por um tempo parte de um grupo de mulheres que não podiam e/ou tinham medo de escrever, narrar a vida, em razão disso, esta escrita tem propósitos de liberdade. Como um corpo esquecido, descubro voz, direito de dizer, por isso, escrevo como cura, ato político e ousadia; embora, pense que “[...] um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que se

⁵³ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Francisco Alves, 2014.

* Sacola confeccionada como os fios da planta macambira. Após secagem ao sol, o aió é utilizado para catar, colher frutos na caatinga, roçado e na pesca.

⁵⁴ JESUS, 2014, p. 22.

⁵⁵ JOSSO, 2010a, p. 72.

levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro.”⁵⁶. Aqui está essa mulher.

Chego ao mundo, no dia da agroecologia, nos primeiros anos da década de 80, na estação da primavera, em pleno contexto de escassez, como filha caçula de um casal de agricultores negros; circunscrita numa territorialidade semiárida, apareço como surpresa, como rebroto, em meio a fibras, espinhos, possibilidades da roça. Aqui, apresento os *territórios existenciais*. Narro o processo formativo e enraizamento existencial, ao longo dos tempos, refletindo de forma intensa e densa o vivido, corporeidade no mundo, espaços e tempos.

O que faço aqui é o registro de uma mulher em elaboração, sob alinhavos, inacabada, entrelaçada aos contextos desafiantes, que vive em conexão com o solo, as raízes, a água, o fogo e o ar. Tenho ranhuras, cicatrizes, espinhos, fui rasurada por garranchos e arrames farpados das cercas latifundiárias e do sistema opressor que opera o apagamento das diferenças, possuo marcas não visíveis a serem visualizadas pelo avesso da subjetividade. Além de cultivar a terra, viver em relação una com ela, tenho engendrado lutas, me posicionado contra o racismo, o sexismo, a intolerância religiosa, o machismo e a homofobia. “Não escrevo sobre os problemas sociais, mas eu os vivo intensamente e, já desde criança, me abalava inteira com os problemas que via ao vivo.”⁵⁷.

Escrevo como se estivesse costurando à mão, em ritmos observados, portanto, esta trama se desenrola à luz dos olhos, da memória, da experiência, na pele negra, corpo feminino. Aqui, vida e formação conversam epistemologicamente com o contexto cultural e vivências próprias da roça, quais sejam: “[...] pisar o milho no pilão, domesticar a mandioca, bater o feijão na vara, despalar o milho, limpar a cacimba, tecer a palha do ariri, buscar a lenha e água na cabeça por caminhos longínquos [...]”⁵⁸.

Faço uma escrita-paixão, enraizada, interpretação de mim, das lutas, dos cantos, das celebrações, um vivido testemunhado que se configura como memórias. Nessa convivibilidade, resgatei a vontade de existir, conto sobre o que vem me acontecendo, no espaço em que vivo entranhada. São registros dos saberes experienciais e experiências

⁵⁶ JESUS, 2014, p. 49.

⁵⁷ LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 170.

⁵⁸ SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Entrelaçando vivências: memórias e práticas de uma professora negra da roça. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ONLINE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, TERRITÓRIOS E RESISTÊNCIAS, 1., [S. l.], 2020a. **Cadernos Macambira** [S. l.; s. n.], v. 5, n. 2, 2020, p. 251-258. Disponível em: <http://revista.lapprudes.net/index.php/CM/article/view/532>. Acesso em: 24 nov. 2021. p. 252.

formadoras, “Conhecimento produzido especificamente pela compreensão da dinâmica da vida e, portanto, da formação e da aprendizagem.”⁵⁹. Essa interação me instiga à procura por compreender a mim mesma, atenta aos detalhes, à revelação; na própria linguagem, me descubro ser-sendo.

No lastro dos movimentos, das atividades produtivas nesse chão, busquei meios para superar as mazelas históricas, sociais, econômicas e educacionais, por isso, conseguir narrar o processo formativo é superação, (re)encontro comigo mesma, um doar a si própria, como ocorre na troca sinérgica de uma enxertia, “Isso quer dizer que no enxerto há uma doação de si para si mesmo.”⁶⁰. No entanto, friso, nesta elaboração, há coisas que desconheço, já não lembro, me escapam.

Ao contar a história de vida, refaço trilhas laboriosas; no itinerário das lembranças de menina, mulher negra, construí diariamente a sobrevivência, produzi a vida embrenhada nas possibilidades da natureza, me dispus a caminhar no imprevisível; escrevo instigada pela curiosidade, pelo prazer, pela dor, me vi em ‘cacos’. Agora agradeço pelo estímulo daquelas pessoas que me persuadiram a escrever sobre minhas experiências, fui reconstruída no decurso da formação, encontros providenciais, minha narrativa é tomada pela surpresa do revelado, na trama das acontecimentos.

Não é fácil me apresentar ao mundo, narrar como ele se apresenta para mim. Essa decisão tem me exigido coragem, tem sido desafiante reverberar o avesso de mim, me desnudar a olhos estranhos, quis fugir, volta e meio quero. Mas tenho seguido “[...] mesmo sem saber ao que me levará. Às vezes ir me seguindo é tão difícil [...]. Embora representando grande risco, só é bom escrever quando ainda não se sabe o que acontecerá. [...]. Com perdão da palavra, sou um mistério para mim.”⁶¹. E aqui não faço promessa de desvendar.

Nem sempre as coisas foram explicáveis a mim, diante desse reconhecimento, me sinto, em certas circunstâncias, como aranha, no *tecer* dos fios em ação laboriosa, a viver o hoje, sem certezas do amanhã. Desde criança, tenho apreciado a atividade cotidiana das aranhas na elaboração da tessitura, o engendrar das linhas sinuosas, a disposição para intercalar com paciência os fios da vida, ‘mundo-de-si’, que de ‘si mesmo’ emerge, coragem

⁵⁹ JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 20 nov. 2022. p. 47.

⁶⁰ LISPECTOR, 2004, p. 170.

⁶¹ LISPECTOR, 2004, p. 174.

de lançar-se nas incertezas, nos espaços, tempos e movimentos, nas possibilidades, nas *continuanças**; nessa simples observação, eu percebia quão grandioso é o ato de resistir.

Ganho estatura, fazendo percursos cotidianos na caatinga, produzindo a sobrevivência. Assim como a aranha, tece sentidos, constrói significações na experiência corpórea, idas e vindas, me tornei agricultora. Até aqui meu “[...] caminho na terra tem sido inspirado pela agroecologia e pelos conhecimentos ancestrais das agriculturas dos povos. [...] respeito e amor à terra e à natureza.”⁶². Esse tornar-se se dá como herança familiar, mas, sobretudo, por uma exigência: existir, ter o bocado. Prematuramente aprendi a plantar, a vigiar a plantação, a pisar milho no pilão, a pescar, a pegar a caça, a imobilizá-la, a tratar, a moquiar – a ação de realizar um pré-cozido, trata-se de passar o animal ligeiramente pelas chamas do fogo, ou emergi-lo por fração de segundos na água fervente, de acordo com a temperatura –, também aprendi a retalhar, a secar ao sol, a temperar, a assar na trempe do fogão à lenha e, por mais que tivesse conseguido capturar sozinha e tivesse apetite para consumir de igual modo, fazia a partilha, pois, de tal prática, muito já tinha sido beneficiada.

Conto a história de vida, na roça, espaço que “[...] durante muito tempo, representou um lugar de onde é preciso escapar [...]. Em certa medida, a concepção de ‘crescer na vida’ exclui crescer ao lado do seu povo e por meio da riqueza que pode ser gerada desde seu território.”⁶³. Cresci integrada à natureza, construí educação nos cultivos, nos traçados do solo, nas plantações. Aprendo, herdo saberes das culturas afro-brasileiras presentes no vigor cotidiano, vivências partilhadas, espírito de luta; venho me tornando uma mulher, escolho escrever na *semiótica negra*, da roça.

Escrevo num íntimo poético, na licença de quem autoriza a si mesma, por ter o que contar, escrevo como protesto, ato de rebeldia, conquista; descubro: escrever é um direito, maneira de (re)existir. “Escrevo-te toda inteira e sinto um sabor em ser [...] como o instante. [...] Quando vieres a me ler, perguntarás por que não me restrinjo [...]. É que agora sinto necessidade de palavras. [...] A palavra é minha quarta dimensão.”⁶⁴, uma conversação entre vida, educação, terra, trabalho, inspiração familiar, sentimentos, emoções, lastreio cultural que ressoa na trajetória formativa.

* Destaco a palavra por significar tomada de decisão, seguir em busca do projeto de vida.

⁶² FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território**: caminhos da revolução dos povos no Brasil. Aracataca, BA: Teia dos Povos, 2021. p. 62.

⁶³ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 80.

⁶⁴ LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. p. 9.

Trago um tantinho de denúncia sobre a condição de mulher, negra, da roça, faço anúncios dos sonhos que se apresentavam impossíveis. Neste texto, vida e formação engendram-se pelas trilhas da compreensão, um desvelar existencial sustentado na linguagem, imaginação, sentimentos, intuição, emoções, intimidade, a história de vida no tecido histórico do passado, presente e futuro em devir ancestral.

Escrevo, sendo hoje, o que um dia sonhei em ser, narro a vida por um compromisso ético-crítico-político-cultural, em aliança com a roça, minha comunidade existencial, espaço onde os saberes experienciais e experiências formativas ancoram-se nas sabedorias ancestralizadas, na resistência cultural, na elaboração das possibilidades existenciais, lugar onde vivo a organização comunitária, resistência política, étnica e docência na “Escola do Campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo”.⁶⁵

A roça é assim entendida, “[...] como uma ruralidade específica [...] envolta, principalmente, na semiótica da terra”⁶⁶, que se consagra como territorialidade empírica, subjetivada, simbólica, formativa e existencial. Chego a esse entendimento devido à sua estrutura organizativa, suas potencialidades de reconstrução, que reverberaram no pessoal, no profissional, em minha História de Vida. Aqui é o lugar em que narro o ontem, o hoje e talvez o amanhã. É nesse espaço que tenho recomeçado, elaborado os alinhavados, a partir de uma consciência das (des)assimetrias dos retalhos.

Nesta escrita, escolho utilizar alguns termos próprios do *tecer*, por me sentir no mundo em tecimentos das coisas, logo, *entrelaçamentos* não aparece apenas como metáfora, mas, como resultado de análise e significação dos aspectos observados. Tomo de empréstimo também termos da ação de *costurar*, especificamente, o *alinhavar*, pois nada está acabado; enquanto existo, o ato de *alinhavar* se constrói e se (re)constrói, permite fazer enlaçados, emendas, quebras, nós e *continuações*. Já o termo *debulhar* refere-se à alegria da colheita, não se restringe ao material, é vivacidade, realce, escolha ancorada na produção subjetiva, ação de me (auto)etnografar; recorro, no ato de *debulhamento*, da reflexão sobre os sentidos das vivências.

⁶⁵ BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília, DF: MEC; MDA, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>. Acesso em: 20 jan. 2022. Art. 1º, §1º, Inciso II.

⁶⁶ RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser ou não ser da roça, eis a questão**: identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 13.

Os atos de *tecer*, *alinhar* e *debulhar* fazem parte das ruralidades específicas, aprendi a *tecer*, a fazer entrelaçados e a *alinhar* com as ancestrais, essas atividades ecoam e ressoam memórias, são sabenças que compõem o baú de saberes existenciais e experiências formativas.

Embora não possa *debulhar* todo ser, ao transbordar em palavras as vivências significativas que se converteram em experiências singulares, faço reconstrução dos sentidos brotados no constructo cultural, assim, tomada pela fértil iniciativa de apurar o *tecer* evolutivo do existir, descrevo a vida refletindo-a de maneira crítica, como um entretecido de pindobas, uma feitura desafiante. Mas meu corpo dá comandos, evoca *continuanças*.

Ponho em destaque o termo *continuanças* para significar o seguir, fazer um destaque que está atrelado à decisão de ir em busca. Diante dos desafios, foram momentos em que parei, descansei, mas não desisti diante das dificuldades, seguir foi ato de resistência, principalmente nas incursões pelas veredas da caatinga, em busca da lenha seca, possuída pelo cansaço.

Escrever sobre a história de vida e formação foi escolha, convocação, que se dá no âmbito da formação, nos encontros providenciais; desbravo em palavras o inventar-me à luz do vivido. Quando sento para escrever, (re)elaboro novos sentidos, assim, “É com essa possibilidade que [...]. A compreensão só se instala no instante em que começa a brilhar [...] o que o texto não diz, mas quer dizer em tudo que nos diz. Pois a questão central do texto nos remete a uma experiência. [...] própria realização de ser no tempo.”⁶⁷.

Meu desejo é que esta narrativa inspire outras denúncias no que se refere à violação dos direitos praticada pelo próprio Estado Brasileiro contra seu povo. Ao analisar esse momento difícil que o país tem atravessado, chego ao entendimento de que, “Tenho direito de ter raiva, de manifestá-la, [...] tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, [...] vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação. [...] na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo ‘pré-dado’, mas um desafio [...]”⁶⁸.

Sobrevivi, habito o mundo ontologicamente, no emaranhado de fios, fibras, folhas, palhas, raízes e cipós. Escrevo agarrada a troncos ancestrais, vivo entremeada, tecida numa corporeidade que se move nos instantes que se enveredam pelas brenhas dos *territórios existenciais*. Dou-me conta do movimento de fluidez da vida, como observara o bailar dos flamboyants, nos fins de tarde, na casa de meus avós maternos; estou revivendo, vendo meus

⁶⁷ HEIDEGGER, 2012, p. 18.

⁶⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. Organização de Ana Maria de Araújo Freire. Paz e Terra, 2015a. p. 88-89.

avós sentados no avarandado da casa: vovó, mulher de traços indígenas, e vovô, homem negro retinto com pele que se assemelhava à do fruto da quixabeira, preta. Assim era a sua linguagem, forte, ele rebatia veemente ao escutar sua tonalidade de pele ser atrelada a algo ruim, danoso, não aceitava o preconceito racial incrustado, dito sobre tom de brincadeira. Naquele tempo, não tinha dimensão, eu não imaginava que eu viesse a passar por situações semelhantes, piores.

Por isso, esta feitura, textura de esteira da vida e formação, é encorpada por linhas da diferença, coloridos da diversidade, na verdade, é contornada por fios benfazejos que se expandem das minhas existencialidades para um compartilhado, diálogo entre aprendizagens construídas e anúncios do evocado, esperançado, vivido. “Assim sendo, falo com legitimidade dessa existencialidade ‘da roça’ onde se deu a minha construção identitária pelos meandros do trabalho na terra e pelo suor do trabalho braçal para viver e sobreviver.”⁶⁹. Tomo, pois, a decisão de narrar a experiência que vivi, fiz sem sair desse chão.

Como mulher, desabrochei, despontei em lugares (in)imagináveis; em meio a (im)possibilidades, adquiri saberes experienciais e experiências formativas que permitiram um elaborado de significações, fusão dos sentidos de viver em temporalidades que não têm passado despercebidas. Nesta escrita alinhavo a esteira existencial, que faz, refaz, desfaz, enlaça, desenlaça, enrola, desenrola no próprio ser, mostra os entrelaçamentos entre vida e profissão. “Sou coerente: meu canto é profundo. Devagar. Mas crescendo. [...] O que te escrevo é sério. Vai virar duro objeto impercível. O que vem é imprevisto. [...] estou arriscando descobrir terra nova. [...] Vou começar a fabricar meu próprio perfume [...]”⁷⁰.

Dou-me conta de que escrevo, pois estou viva, me permito reviver, interpretar a história a partir da releitura de mim, na tentativa de compreender o que passou, ocorreu, ocorre, tocou. Refaço percursos, me autorizo ao movimento de reapresentação. Narro a presença no mundo, aciono o íntimo, a filosofia de quem estar sendo. E “Filosofar, assim, se impõe não como puro encanto, mas como espanto diante do mundo, diante das coisas, da História que precisa ser compreendida ao ser vivida no jogo em que, ao fazê-la, somos por ela feitos e refeitos.”⁷¹.

⁶⁹ RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Negragayjudia: três pessoas em uma autobiografia. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica**, Salvador, v. 5, n. 15, p. 1354-1369, set/dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7796/6852>. Acesso em: 24 nov. 2021. p. 1358.

⁷⁰ LISPECTOR, 2020, p. 36.

⁷¹ FREIRE, 2015a, p. 118.

Encontro na história de vida pistas para olhar o ser como objeto epistêmico. Sou autora reflexiva, vejo emergir no tecido da linguagem fios narrativos que sustentam a experiência formadora oriunda do patrimônio vivencial que nutre os saberes das experiências, estruturados no enredo da subjetividade. No entretecer dos fios, me descubro pessoa em elaboração, em diálogo sociocultural. Desde criança, sem ainda caminhar, já estava embrenhada na caatinga com meu pai biológico*, mãe e irmãs, participara da lida diária, invenções, criatividade e sabenças, lia inconscientemente a roça no preparo da terra para o plantio, semeadura, no cuidar das plantações, armazenamento da produção, festejos da colheita. O que narro aqui, é “[...] então, a dialética entre saber e conhecimento [...], entre individual e coletivo, [...] sempre presentes na elaboração de uma vivência em experiência formadora, [...] a mediação de uma linguagem e o envolvimento de competências culturalmente herdadas.”⁷².

Desenvolvi a curiosidade, gostava de perguntar sobre as coisas, quis me entender no mundo, de onde vinha, assim, quando não perguntava, ficava a escutar a prosa livre das(os) mais velhas(os), era menina curiosa que despertava no cantarolar da passarada, sedenta a entender o entorno cultural, queria saber mais sobre a comunidade, a caatinga, a água, a pesca no rio, o dia de lavar roupas, o roçado, a produção de alimentos e o trabalho das mulheres.

Reuni essas inquietações e interroguei mãe a respeito de como fazia para buscar água, lenha e cuidar da lavoura, quando eu era criança pequena, ela respondeu que participei desde a barriga quando, por necessidade, continuou a fazer o trabalho laborioso do plantio, da capina, da colheita e da bata do feijão e, depois que nasci, me levava na cintura. Por exemplo, quando ia *catar* lenhas, “[...] mãe me acomodava em pedaços de panos velhos e me colocava à sombra de uma árvore [...]”⁷³, geralmente do pé de umbuzeiro – planta que abriga o sagrado, por sua capacidade de resistir ao período de escassez, tendo como principal característica guardar água nas raízes em quantidade suficiente para atravessar o tempo seco –, foi o umbuzeiro abrigo em determinados espaços e tempos na caatinga; dessa árvore, brotaram frutos que me mantiveram de pé.

Nas palavras de mãe, reflito sobre a relação intrínseca corpo-natureza, pois, desde a tenra idade, cresci em adaptação ao bioma, entretecida na vegetação, durante as rotineiras atividades, na busca por superar a escassez hídrica que tanto me maltratou. A curiosidade de

* Fui agraciada na vida com dois pais, utilizarei os termos pai biológico e pai existencial para identificá-los.

⁷² JOSSO, 2010a, p. 49.

⁷³ KINCAID, Jamaica. **A autobiografia da minha mãe**. Tradução de Débora Landsberg. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2020. p. 8.

criança me oferecia nuance necessária, busquei entender a vida no território habitado, uma vez que, “Ser-no-mundo é uma estrutura de realização [...], superando os limites entre o dentro e o fora. [...] se compreende por uma estrutura de referências. [...]. É que existência e sentido, pre-sença e verdade não estão um fora do outro como a largada e a chegada de uma maratona.”⁷⁴.

Na investigação da própria vida, aparece a incompletude, o inacabamento, eu me reconheço situada numa relação *ente* terra, árvores, água, fogo, pessoas, histórias, linguagens, memórias, sabenças, artesanias e possibilidades. Nesse início de viagem memorialística, há silêncios e trajetos deverás desafiadores. Habito a roça como ser-no-mundo, metamorfoseada; em mim, há processos de (re)elaboração de ser, nos aportes do vivido, criação e fusão de sentidos que se atualizam na construção de uma consciência que vai se descortinando, construindo.

2.1 ABRINDO AS PRIMEIRAS VARGENS PARA DEBULHAR O PERTENCIMENTO*

Com mãos livres, conduzida pela potência ancestral daquelas(es) que foram na frente abrindo os caminhos, se agachando para *catar*, começo a abrir as primeiras vargens para me *debulhar*, na expectativa de encontrar nos grãos a sustância, o vigor, a novidade. A fase de desenvolvimento inicial da vargem é o canivete, quando novas, verde, em formato pequeno e espessura fina; assim como as sementes, é este texto, que ganha densidade ao longo do tempo num cultivar-se.

Assim que eu chegava da lavoura, me sentava na esteira, embaixo do pé de cajá, despencava as vargens que tinha arrancado e organizado em molho, por cor, tamanho e maturação, pegava a urupemba de palha, cumpria com atenção cada fase daquele ritual, nos movimentos, a expressão dos “[...] saberes e sensibilidades [...], desenvolvimento ou a busca de outra relacionalidade com a Natureza.”⁷⁵.

Ao abrir cada vargem, contava os grãos e examinava suas características, em alguns caroços estavam apenas o sobejo das lagartas, naquele ano, especificamente, tivemos que disputar os grãos com elas, mãe tinha me dito que assim seria e foi, ela me ensinou a escutar o

⁷⁴ HEIDEGGER, 2012, p. 20.

* A partir daqui, inicio o desbravar dos *territórios existenciais*, agricultora, mulher, negra, da roça, numa conversa que se desenrola no próprio interior, busco compreensões do meu ser na historicidade.

⁷⁵ ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. p. 94.

cantarolar de um pássaro específico, reclamava, que ele convidava lagartas para fazer banquete da nossa plantação, mas ela tinha uma eficaz sabença, estratégia para controle, a reza. Recordo-me ter ido ao roçado com ela, em poucos dias, vi as lagartas desaparecerem, foi a potencialidade das palavras, descobri o bem-viver na transmissão dos saberes, desenvolvidos no contexto cultural da roça.

Fazia a ação de *debulhar*, ao vivenciar essa prática agroecológica ancestralizada, arraigada na cultura; *catava* folhas, bagaços, fazia seleção, separabilidade das sementes, enxergava possibilidades para recomeçar, “Não sei se muitos fizeram essa descoberta - sei que eu fiz.”⁷⁶. Imersa nessa ciranda de sabenças ancestrais, florescia, me compreendia como um corpo que resistia, não me curvava às determinações projetadas; como corpo feminino negro, criei alternativas para (re)existir. Afinal, vinha de uma família sem acesso à escola, meus pais biológicos possuem pouca escolarização, foi ligeiro o período em que puderam ser estudantes de escolas casas, sob o repressivo corrigir da palmatória em suas mãos calejadas. Na época, conseguiram pouca instrução, conhecer as letras era fator decisivo para deixar de vez a escola, esse foi o destino, passaram a se dedicar diuturnamente à árdua luta pela sobrevivência. Essa era também minha predestinação dado que era precária a garantia dos direitos pelo Estado.

Lembro-me de quando abria as vargens do feijão para *debulhar*, via o rendimento dos três caroços que minhas mãos magrelas e ágeis haviam jogado nos buracos da terra, covas por aqui chamadas. No *debulhamento*, compreendia que nem só feijão se multiplicava, mas também meus sentidos. Não eram grãos de qualquer tipo, lugar, eram sementes crioulas, da paixão, aquelas que meu pai biológico guardara de seu avô.

Hoje, como professora, emergi na minha prática profissional um diálogo de saberes, uma retradução dessas vivências e experiências formativas, levo para a sala de aula esses grãos, tenho organizado momentos em que a mulher agricultora, dialoga com as(os) estudantes sobre essas sementes; quando entro na escola como professora, a mulher negra, da roça, agricultora não se dissocia de mim, posto que os saberes profissionais são “[...] produzidos pela socialização, isto é, através do processo de imersão dos indivíduos nos diversos mundos socializados (famílias, grupos, amigos, escolas [...]), nos quais eles constroem, em interação com os outros, sua identidade pessoal e social.”⁷⁷. Assim, meu ser-no-mundo e pertença à roça tem se entrelaçado à docência na Escola do Campo, dado que esta

⁷⁶ LISPECTOR, 2004, p. 86.

⁷⁷ TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 71.

“[...] é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva, [...] na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais [...]”⁷⁸.

Cresci entendendo que sementes crioulas agregavam uma riqueza cultural, *debulhava* feijão mulatinho, branco, preto, fava vermelha, amarela, cartiçada, observando no colorido da urupemba a arquitetura das sabsenças que permeavam o processo criativo do plantio, da colheita, da bata, da despalha, da partilha; ficava feliz em pensar no cozido, no guizado que ia preparar daqueles grãos, novas sementes para fazer a sementeira vindoura. Refleti sobre o que pai tinha me dito certa vez: “A gente precisa ter um pedaço de terra maior para trabalhar e viver melhor, plantar e colher as sementes no nosso chão! Ver os frutos do suor derramado no trabalho.”. Então, refleti que “Esta terra que cresce mato, que cresce a caatinga, [...], não é nada sem trabalho. Não vale nada. Pode valer até para essa gente que não trabalha. [...] não sabe semear e colher. Mas para gente como a gente a terra só tem valor se tem trabalho. Sem ele a terra é nada.”⁷⁹.

Guardei do *debulhado* não apenas o palpável, estava a tomar posse de uma herança, construía um conhecimento próprio no território de vida, a cultura dos meus ancestrais, sementes que germinavam saberes, se desdobravam em ricas aprendizagens, “Essa construção começa com os mais velhos, [...] velhas, identificando as variedades das espécies plantadas naquele território, naquela região, sabendo quem conservou sementes, entendendo as épocas boas para sua produção a partir dos conhecimentos tradicionais.”⁸⁰. As sementes crioulas estavam presentes na lavoura, casa e Banco de Sementes Comunitário.

Assim que as sementes secavam, meu pai biológico logo separava a quantidade de plantar novamente, inclusive, trocava alguns grãos com o compadrio, dividia para multiplicar depois, conhecia bem a semente que guardava, me falou a época apropriada para plantio, explicou como deveria cultivar, sobre o rendimento, nas tardezinhas do inverno; ele fazia questão de *debulhar* comigo, reforçou em palavras que, para colher os frutos, é preciso os esforços da sementeira. Eu compreendi.

Agora mesmo me lembro de quando “[...] me embrenhava pela mata nos caminhos de ida e de volta, “[...]. Aprendia sobre as nuvens, quando haveria ou não chuva [...]. Aprendia

⁷⁸ BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF: MEC; CNE; CEB, 2002. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 jan. 2022. Art.2º.

⁷⁹ VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019. p. 186.

⁸⁰ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 63.

que tudo estava em movimento – bem diferente das coisas sem vida que a professora mostrava em suas aulas.”⁸¹. Meu pai biológico me ensinava no movimentar da vida, aprendi que mandioca se planta na lua cheia.

Tenho refletido sobre os meus *territórios existenciais* em ser-no-mundo agricultora, mulher, negra, da roça, nas vivências, nas conversas com meus pais, no plural mesmo, fui agraciada pela vida com dois, e os amo na mesma intensidade.

Meu pai biológico é um homem hétero-negro-agricultor que não frequentou a escola formal, apenas a ‘escola doméstica’, é doutorando nos saberes da terra, do tempo. Com ele, aprendi a fazer interpretações do espaço em que vivo, logo, ele me ensinou a usar a compreensão para entendimento de meu *ser* nas experiências do viver na roça. Meu pai biológico é um grande observador/pesquisador da natureza, homem que mantém relação íntima, intensa e profunda com a terra, que me transmitiu saberes, conhecimentos que me instigaram à curiosidade epistemológica, à vista disto, narro a pertença, a interpretação de mim mesma na dimensão singular-plural.

Meu pai existencial é um homem-gay-mestiço-professor-doutor, tivemos uma conexão estabelecida nos caminhos formativos da vida, acredito ser um Encontro Ancestral, afinal nunca imaginei “Me comunicar com alguém com tamanha intimidade, escutar alguém em silêncio e no entanto entender com mais clareza do que se ela estivesse gritado a pleno pulmões, [...] algo que eu não vivenciaria com mais ninguém na vida.”⁸². Ele acompanha a minha formação, me guia vigilante diuturnamente, com ele aprendi a (re)existir na vida e academia.

Na verdade, meu pai existencial estivera presente na minha vida, desde a infância, naquela estrela que me acalentava, no beija-flor que me arroteava em baila poética e arco-íris que encantava meus olhos sempre que a vida emitia tons acinzentados. Por isso e por muito mais, jamais poderei narrar sobre vida e formação sem dele me lembrar; sua presença iluminou a minha estrada, é com orgulho que revelo ao mundo que possuo uma constituição familiar diversa, colorida, marcada pela diferença, pela diversidade e pelo amor. Ele é um ser-no-mundo incrível, é de incalculável magnitude; tê-lo como companhia, receber seu olhar cuidadoso, ético, político, crítico e questionador é honroso; ter sua vigilância no meu processo formativo, segurando-me pela mão e caminhando comigo, me apresentando a beleza dos caminhos “Muito antes de um público qualquer me reconhecer como pensadora ou escritora,

⁸¹ VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99-100.

⁸² KINCAID, 2020, p. 46.

eu já era reconhecida, [...] como uma professora que dava duro para criar uma experiência dinâmica de aprendizado [...].”⁸³.

Meu pai existencial me apresentou a pesquisa (auto)biográfica, o existencialismo, reiterando a singularidade de escrever sobre si. Nas primeiras conversas que tivemos, orientações, fui instigada a analisar os saberes e as experiências formativas da vida na roça e como se relacionavam como meu ser-fazer docente, me lembro agora, nos profícuos momentos de orientação, de ele reiterar que deveria ocorrer uma valorização “[...] do papel desempenhado pelos professores no processo de formação-produção dos saberes sociais. [...] os professores ocupam, no campo dos saberes, um espaço [...] tão importante quanto aquele ocupado pela comunidade científica [...]”⁸⁴.

A partir desse encontro, passo a retraduzir a docência na Escola do Campo, é daí que desperto, que surge o meu desejo de entender de forma crítica os saberes experienciais como sendo “[...] o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provém das instituições de formação nem dos currículos. [...] a partir dos quais os professores, interpretam, compreendem e orientam sua profissão [...]”⁸⁵. Por meio de uma nova interpretação e compreensão, orientadas no hoje, na arte de interpretar, o tornar-se professora no território do sisal, sendo agricultora-mulher, negra, da roça, enraizada nos saberes experienciais que são emergidos “[...] numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão, [...] que possuem um caráter de urgência.”⁸⁶.

Meu pai existencial é meu orixá vivo, foi a partir desse nosso encontro que ocorreu uma maior percepção das minhas existencialidades, ressignifiquei o termo e os sentidos do ser negra da roça, por ele sempre escrito em maiúsculas, *Negra da Roça*, conferindo a importância de um despertar para elucubrações nunca antes imaginadas, sentidas e vividas, inclusive, esse é o pseudônimo que utilizo para me identificar nas diversas produções teóricas, poesias, artigos, relatos, cartas. Ele é o maestro que me faz, “Hoje em dia, [...] reconhecida pela prática intelectual insurgente. Aliás o público acadêmico que encontro em minhas

⁸³ hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. p. 22.

⁸⁴ TARDIF, 2014, p. 39.

⁸⁵ TARDIF, 2014, p. 48-49.

⁸⁶ TARDIF, 2014, p. 50.

palestras, sempre se mostra surpreso quando falo da sala de aula com intimidade e sentimento.”⁸⁷.

Como discente no Mestrado em Educação e Diversidade (MPED), no *Campus XIV* em Conceição do Coité-Bahia, escrevo o primeiro Memorial do Programa como Trabalho de Conclusão de Curso, acionando os sentidos que me constituem ontologicamente. Tendo o privilégio de ser orientada pela Dra. Professora Rosane Meire Vieira de Jesus, pessoa que ocupa hoje lugar especial na minha trajetória formativa, uma intelectual que pensa “[...] com aquilo que acumulou em termos de experiência de vida, [...] pensa a partir de sua história de vida, não somente intelectual, no sentido rigoroso do termo, mas também emocional, afetiva, pessoal e interpessoal.”⁸⁸. Através de uma escuta sensível, ela me ajudou a descobrir “[...] conexões entre discursos, instituições, identidades [...] que tendemos a examinar separadamente. [...] ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização [...] além das categorias ‘mulher’ e ‘gênero’. [...] conexões que nem sempre são aparentes.”⁸⁹. A partir de um voltar-me ao passado, para uma compreensão evolutiva do meu ser-no-mundo sem nenhuma pretensão de resgatá-lo.

Nesse retorno antropológico, encontro vestígios empíricos, valores, símbolos, que visibilizam meu pertencimento à roça, sou mobilizada pela escuta que (re)apresenta significações do que me aconteceu. É permeada pelos cultivos existenciais que decido contar a história de vida e formação, a partir de fios que se desenrolam no sagrado íntimo, pois “A reinvenção é uma exigência da vida.”⁹⁰.

Reinventava o existir cotidianamente, me dispunha a *catar*, umbu, peri, bredo, cambuí, ouricuri – fruto da planta nativa ouricurizeiro, árvore de porte elegante, comum na região semiárida do nordeste e que suporta escassez prolongada, por ter a característica de guardar uma reserva de água nas raízes, o que lhe assegura vitalidade –. Para minha sorte, o ouricurizeiro florescia e frutificava várias vezes ao ano, eu brincava com suas pequenas flores amarelas, descansava o corpo em seu tronco, que possui cobertura entrelaçada, semelhante à trama da esteira, achava lindo e apreciava. Seus frutos se desenvolvem em cachos, ocupam

⁸⁷ hooks, 2017, p. 22-23.

⁸⁸ TARDIF, 2014, p. 103.

⁸⁹ DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Organização de Frank Barat. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 99.

⁹⁰ FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organização e notas de Ana Maria Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2015b. p. 124.

lugar de afeto no aió das lembranças, foram esses coquinhos miúdos, de grande sabor, que me permitiram estar viva, contar esta história.

Escrever sobre o ouricuri é relembrar do cotidiano de resistência, suas folhas grandes, pindobas nomeadas, serviam como cobertura, parede do banheiro de casa, além disso, possibilitava a criação de utilitários domésticos essenciais, dava forma à esteira que vovó tecia, onde sentava para revigorar o ânimo, escutar histórias, brincar com as primas, pentear o cabelo, de suas folhagens, mãe fazia abano para acender o fogão à lenha, vassoura que limpava o chão batido e ajuntava a massa peneirada na Casa de Farinha*, e também o bocapiu, que me pai biológico levava para a feira da cidade.

O ouricurizeiro é planta que resiste ao tempo, fontes de matéria-prima para artesanatos, ocupa papel importante na minha formação cultural, étnica, familiar, me recordo do *catar* das pindobas, me unia às mais velhas, adentrava a caatinga, observava a extração cuidadosa, ajudava a carregar o feixe verde que se (auto)entrelaçava pelo caminho. As etapas subsequentes eram feitas por vó, que desfiava, colocava para secar no terreiro de lajedo e depois fazia os entrelaçamentos, ela me convocava a pegar alguns fios, acompanhava seus movimentos, a transmissão viva das sabenças, passada de geração a geração.

Via no ouricurizeiro possibilidade de renda, *catei*, quebrei, limpei, pisei seus frutos, para fazer cocadas, depois vendia e comprava caderno para estudar. Posso dizer do sentimento de alegria ao ver um pé de ouricuri florindo. Acompanhava o amadurecimento do cacho, ele resolveria as pequenas necessidades; seus frutos, quando verdes, pequeninos, saciaram a sede, quando maduros, cozinhava, escorria no balaio, à noite, reunião no terreiro, pegava duas pedras, quebrava-os e consumia-os com café, quando os coquezinhas estavam secos, me serviam de lanche nas pausas do trabalho no roçado, ficava distraída, não via o tempo passar, mas era requisitada a voltar à labuta. Mãe dizia sorrindo: ‘ouricuri enganou um vaqueiro’, frase famosa que pertence a um caso de distração. Certa vez, acabei consumindo sozinha um cacho completo de ouricuri verde, nesse dia só eu sei o porquê.

Um ouricurizeiro possui riqueza fabulosa, me oportunizou possibilidades, inventividades, sustento, descanso, revitalização das energias para o labor; me oportunizou melhor convivência com o lugar, me abriguei em sua sombra, ele me protegeu do sol, da chuva, atenuou frio e calor; no roçado, ocupava lugar de anfitrião; embaixo dele, eu organizava os elementos que levava para passar o dia, moringa de cerâmica, painéis, pratos, tecidos.

* Escrevo com letras iniciais maiúsculas para destacar a experiência como uma das mais importantes e formativas na história de vida; isso será explicitado no item 1.9.

No roçado, usava a cunca do ouricurizeiro – parte dura, marrom, brilhante, de formato arredondado que faz a proteção do cacho – como vasilhame para beber água, prato para abrigar a farofa do meio dia e suporte para *catar* os próprios coquinhos, maxixes, pinhas, maracujá do mato, quiabo e tomatinho. Além disso, a planta protagonizava reuniões, era ponto de encontro, onde reavivava o corpo, ali estive sentada, proseando no intercâmbio das relações sociais.

Lembro-me de um desses momentos com mãe, reclamei das exigências demasiadas de pai conosco durante o traçar do solo no roçado, pois exigia capricho na forma como eu cavava os buracos para lançar as sementes, ele tinha um insistente questionamento: se de fato tinha colocado a quantidade certa de grãos, e na dúvida, me solicitava retirar, refazer novamente a tarefa. Eu recomeçava, mesmo cansada, entendia que sua exigência se tratava de um papel educativo, pedia carinhosamente que lidasse direito com a terra, me relacionasse com respeito.

Na sombra do pé de ouricuri, participei de pautas políticas, refletia a vida, lia o mundo, tive alegria, cultivei persistência, delicadeza para escutar conselhos, me orientava sobre as horas no observar do lado que localizava sua sombra, lugar de ensinamentos, afetos, possibilidade criativa.

Tenho lembranças significativas das *continuações*, o ouricurizeiro enraizou-se no território geográfico e de existências, marcou a construção identitária do meu ser da roça, contexto social de vida, inscreveu-se, pois as principais sabenças e artesanias é riqueza memorialística imbuída de sentidos. Toda vez que consumo coquinhos de ouricuri, revivo as cenas da infância e adolescência nos veios do roçado, busca de lenha nas veredas da caatinga e noites de lua clara no terreiro de casa.

2.2 MOVIMENTOS EDUCATIVOS NO CATAR LENHAS

Em quase todas as incursões na caatinga, para o *catar* lenhas, estava acompanhada, sob o olhar protetor de mãe, via e sentia seu amor no silêncio cuidadoso; como criança, acompanhava os movimentos educativos, passos firmes do corpo negro de mãe nos solos férteis; naquele tempo, a dinâmica da vida exigia de mim coragem, resiliência para “[...] responder com presteza e eficácia a desafios inesperados e diversificados”⁹¹, do viver.

⁹¹ FREIRE, 2015a, p. 144.

Embrenhada nas ramagens-extensões da vida, descubro que o caminho se faz andando e que “não andava só”! Nunca andei. Desbravar esses *territórios existenciais* para narrar sobre o *ser* negra, mulher, da roça, agricultora-professora é como (re)abrir vargens, olho para dentro, revisito roteiros, para cuidadosamente colher no sagrado do íntimo a experiência, sendo a própria guardiã das sementes, dos sentidos. Um dia desses, decidi escrever “[...] muitas coisas, que talvez possam nos ajudar a viver de um modo mais inteligente, mais eficaz, mais bonito, menos angustiado.”⁹².

Faço um destaque especial à importância das descobertas agroecológicas* na história de vida e formação, pois entendo que um(a) professor(a) “[...] se baseia, enfim, em sua ‘experiência de vida’ enquanto fonte viva de sentidos a partir da qual o próprio passado lhe possibilita esclarecer o presente e antecipar o futuro.”⁹³. Como *mulher-terra**, desenvolvi essa percepção nas vivências familiares e políticas dos contextos em que a agroecologia acontecia. No planejamento das atividades produtivas, trato do solo, tempo de lazer, produzi práticas sustentáveis, elaborei conhecimentos específicos, repliquei-os nos diversos espaços educativos e andanças formativas.

Na relação com o bioma da caatinga, trabalho com a terra, construí singularidades, estratégias para resistir às dificuldades que surgiam no cotidiano; a agroecologia foi instrumento de reinvenção da vida, desenvolvi alternativas de produção, *catei* lenhas que acendiam o fogo mais ligeiro e que o deixava maior tempo aceso. Assim, os conhecimentos agroecológicos se consolidavam como uma das ferramentas principais de resistência, alternativa para mudar a realidade, forjar lutas, facilitar o labor dos afazeres diários que exigiam de mim um dar-se conta, pensar no meu lugar no mundo.

Esta narrativa é tomada por inebriantes cenários reflexivos, narro a experiência em processo no anfiteatro da roça, lugar onde sobrevivi enraizada, potencializada pelos saberes experienciais e experiências formativas, à luz das perspectivas afrodiaspóricas, na verdade, tinha um cotidiano marcado pelo (re)existir, produzir a vida no *catar*, *tecer*, *debulhar*, busquei sustento nas raízes “[...] das culturas ancestrais [...] por meio do trabalho, uma consciência

⁹² LISPECTOR, 2004, p. 112.

* Descubro a agroecologia nas vivências e práticas ancestralizadas, quer dizer, no viver e produzir baseados numa relação de cuidados e respeito com a natureza, valorização dos sentidos construídos no trabalho comunitário e nas lutas políticas por um bem-viver.

⁹³ TARDIF, 2014, p. 66.

* Trago o termo como metáfora, para fazer referência à minha relação objetiva e subjetiva com os elementos da natureza.

[...] a percepção da necessidade de uma transformação [...] centrada na cooperação. [...] raízes na realidade cotidiana, na nossa terra e no nosso território, [...].”⁹⁴.

Acordava cedo, embora nem sempre dormia, é que vivia na tentativa de entender os sentidos produzidos ao longo do tempo, noites em que a leitura da vida se transformou em preocupação, deu lugar à insônia, noutras o cansaço do jogo da enxada ‘cacumbu’ me fez adormecer como desmaio. Manhãs em que despertei assustada, com a frase ‘passarinho que que não deve nada a ninguém, já está de pé!’ Despertava assustada, de olho no alto do sol, naquele dia teria que ser mais criativa, para recuperar o ‘tempo perdido’.

Entrelaçada desde a infância na terra, com mãos, pés e corpo entranhados nos solos arenosos, pedregosos e de barro massapê, elaboro resistências, sendo de uma família afetada pelos resquícios da escravização, que se faziam presentes, principalmente, na falta de terra própria para os cultivos. A realidade sociocultural e econômica eram motivações para que estivesse dedicada ao *catar*, nas aventuras, brenhas, meandros da caatinga, em meio a troncos e barrancos, “[...] que faziam meus pés doerem e a incharem e a pele formar bolhas e rachar, mas era obrigada usá-los até [...] se acostumarem, e meus pés, meu corpo inteiro se acostumaram.”⁹⁵. Assim, encontro resiliência na observação da geograficidade, entendia “[...] o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens, [...] a maneira sobre a qual utilizam para melhor se compreender e construir seu ser profundo [...]”⁹⁶. Essa foi mais uma das descobertas. que fiz.

Ao longo dos anos, fui me dando conta da produção dos meus *territórios existenciais*, ser mulher, negra, da roça, agricultora. Tal percepção me requereu não só esperar e lutar, confesso que me revoltei, principalmente, quando por cansaço, a lata de água caía da cabeça já na chegada em casa e eu teria que refazer aquele trajeto longínquo, passar novamente pelo aglomerado de fios de arrames farpados que me rasuravam a carne, me defender do gado que sem piedade corria atrás de mim; sentia revolta por ter que correr cansada, com peso na cabeça, por vezes, não tive forças para arredar o pé, apenas lancei um olhar ao animal enfurecido, parece ele ter entendido.

Relegada às condições desfavoráveis da vida, *catava* lenha em dias secos e chuvosos, com chuva o trajeto era desafiante, escorregadio, “[...] encontrei dificuldade porque eu estava

⁹⁴ CARVALHO, Luzeni Ferraz de Oliveira; FERREIRA, Maria Jucilene Lima. **Práticas educativas nas escolas do campo e em outros espaços educativos dos territórios rurais**. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda., 2020. p. 27.

⁹⁵ KINCAID, 2020, p. 12.

⁹⁶ CLAVAL, Paul Charles Cristophe. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. p. 90.

descalça e [...] deslizava na lama. Não havia possibilidade de firmar os pés. Eu escorregava.”⁹⁷. E, na busca por tirar a camada pesada do barro para fazer a *continuação*, acabei por pisar em um toco afiado, parei, suspirei profundo, a dor se instalava, adormecia a perna; pensei nas coisas que me aconteciam no mato, mesmo com todo cuidado que tinha, o pisar desprezioso em lascas de madeira, espinhos, pedras pontiagudas, fui picada por abelhas, marimbondos e escorpiões, tiveram dias em que questionei a existência, doía a alma, além do estômago. Contar também dói.

Mas, alicerçada na força criativa, consubstanciada na autoridade ancestral, seguia os caminhos, aprendia a esperar na contemplação da natureza, simples acontecimentos que acalentavam os pensamentos divagantes, “[...] me cai uma folha exatamente nos cabelos. [...] passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. [...]. Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei [...] de uma grande delicadeza.”⁹⁸.

Ao partilhar esses acontecimentos *alinhavados* do tempo, rememoro situações que precisei enfrentar, que exigiram colocar em prática os saberes experienciais e experiências formativas brotadas no seio da comunidade, no bojo dos processos sociais presentes na *semiótica negra* da roça, espaço que, apesar dos desafios, não me incutiu sentimento de vergonha, repulsa, desprezo. Aqui identifiquei saídas para os desafios através de ensinamentos práticos nas vivências familiares, organização comunitária e política. “Neste sentido, o saber profissional está, de um certo modo, na influência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação [...]”⁹⁹.

Cresço entremeada aos fazeres e saberes ancestrais e agroecológicos, e estes me trouxeram energias, motivação, perseverança. A dimensão formativa do lugar deu sustento para existir e resistir; por meio do trabalho agrícola, preservei a memória do meu povo, a cultura alimentar agroecológica, o *catar*, o pescar e o capricho no roçado exigido pelo meu pai biológico, admirava-o “[...] pela energia e pelo frescor que emanavam de seus gestos, de suas histórias e principalmente de seus atos. [...] seu movimento pelo mundo. [...] minha admiração nascia da vontade de ter a mesma força, liderança e sabedoria [...]”¹⁰⁰.

Descobri a agroecologia para além dos aspectos produtivos, descubro no *tecer* das relações sociais, enquanto movimento de (re)existência, respeito às pessoas, às plantas, ao

⁹⁷ JESUS, 2014, p. 87.

⁹⁸ LISPECTOR, 2004, p. 88.

⁹⁹ TARDIF, 2014, p. 64.

¹⁰⁰ VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 131.

ambiente. A agroecologia me trouxe respostas para os desafios, fortaleceu a identidade cultural e étnica, aprendi sobre o lugar de vida e a organização criativa do roçado, aprendi o plantio consociado e a rotatividade das culturas. A agricultura agroecológica guiava o roteiro de vida e se traduziu em especial e aprofundada experiência, considerando que a “Experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece e ao nos passar nos forma e transforma. Nem todo ser é tocado pela boniteza da passagem.”¹⁰¹.

Fui tocada pelo que me passou, tocou, aconteceu; de guarda, posse, desses acontecimentos, mergulho no próprio interior, sem a intenção de explicar. Embora narrar a vida não seja empreitada fácil, me atrevi a fazer, pois tenho “[...] uma implicação consciente a respeito do que há para pensar na vida, [...] uma história singular para contar, uma existencialidade a partilhar por meio de uma subjetividade mais conscientemente habitada e assumida.”¹⁰².

Atrevo a me *debulhar*, pois reconheço que o existencial é teórico e, por isso, me sinto à vontade para trazer à baila o vivido, fazer interpretações das existências negras, tarefa que não delego a outros, conto a história de vida no decurso da história, tomo posse de um direito a muitas mulheres negado por acreditar que ninguém pode falar tão bem de mim quanto eu mesma, já que ainda menina negra, com o corpo em formação, fui requerida às jornadas exaustivas, ao labor, à temperatura solar extenuante. Em alguns dias, “O sol era tão forte que quase tudo ao alcance de minha visão estava branco, refletindo a luz intensa do céu sem nuvens. Meu pai retirou o chapéu, o calor fazia minar de seu corpo um suor grosso que lhe lavava o rosto, escorrendo pela frente das têmporas.”¹⁰³.

Lançada cedo nas empreitadas da vida, em atividades de grandes esforços físicos, trajetos de lonjuras, fui imposta prematuramente ao trabalho, na busca inquestionável para continuar existindo. E existir exigiu produzir compreensões, já que “[...] precisava urgentemente adquirir conhecimento – uma lanterna para os passos [...] e uma luz no caminho para a liberdade.”¹⁰⁴.

Cresço, e como a vegetação da caatinga, me adapto às adversidades do tempo, às condições econômicas, ao espaço geográfico; assim como algumas plantas, aprendi a envergar e não quebrar, me permiti a refeitas, e se refazer dói, no entanto, se tivesse esperado sentada

¹⁰¹ LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 28.

¹⁰² JOSSO, 2010a, p. 204.

¹⁰³ VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 185.

¹⁰⁴ DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2016. p. 112.

também doeria, poderia não estar viva. Contar a história que faz deferência à apropriação do conhecimento pelos etno-saberes, essa narrativa é da diversidade, da diferença, com ela vislumbro abrir portas, discutir algumas questões relacionadas à desigualdade, opressão e discriminação das mulheres negras.

Participei como debatedora, no ano de dois mil e vinte, da mesa de diálogo “A consciência de si e as identidades: Histórias de Vida e (re)existência”, no Ciclo de Diálogos antirracistas e insurgências: ruralidades em perspectivas, organizado pelo Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes), e do Seminário Raça e Classe, organizado pela Secretaria de Combate ao Racismo da Central Única dos Trabalhadores (CUT) Bahia. Os convites à minha pessoa adveio do compromisso com uma educação não desvinculada da pluralidade étnica, culturas africanas e afro-brasileiras. Assim, neste memorial, vou criando rupturas, rompendo velhas compreensões, construindo possibilidades no fazer da pesquisa com rigor científico, apresentando minha História de Vida e formação enquanto agricultora, mulher, negra, da roça, docente, “[...] história essa portadora de sentido, de linguagens, de significados oriundos de experiências formadoras.”¹⁰⁵.

Nos espaços de formação, tenho feito uma ocupação política, dialogado sobre o ser mulher negra na sociedade e, a partir da historicidade, tento demonstrar “[...] uma flagrante evidência do poder do sexismo. Devido à intrusão adicional do racismo [...] um vasto número de mulheres negras teve de cumprir [...] os afazeres domésticos de outras mulheres [...] negligenciar sua própria casa [...] suas próprias crianças.”¹⁰⁶.

Por muito tempo, os conhecimentos produzidos por mulheres negras são (des)legitimados pelo saber colonizado, devido à histórica barreira que despreza a intelectualidade da mulher negra. Eu me vi imposta a esse modelo capacitista, precisei superar o machismo, o sexismo, a opressão de classe, o preconceito do lugar, roça. Nesse ínterim, o “[...] diálogo público sobre raça e racismo é também um chamado ao desenvolvimento de um vocabulário que nos permita [...] conversas construtivas. [...] reconhecer em que medida os elementos [...] estruturais da escravidão ainda nos acompanham.”¹⁰⁷.

Ganho estatura, contrariando o peso das latas cheias de água, dos balaios, da madeira, dos potes e das bacias pesados sobre a cabeça; o *catar* era atividade que minimizava a dureza da vida, além disso, *catei* para sobreviver. Na relação intrínseca com a natureza, driblei

¹⁰⁵ TARDIF, 2014, p. 104.

¹⁰⁶ DAVIS, 2016, p. 239.

¹⁰⁷ DAVIS, 2018, p. 86.

inconvenientes, ervas espinhosas que entrelaçavam as pernas, os braços, todo o corpo; no meio do mato, me lembro de retirar os espinhos menores com o auxílio de um maior. Nas veredas da caatinga, nem tudo era doce como os bagos do fruto da chupeira madura, a mim ofertados pelas mãos de mãe, que parecia conhecer o calendário sazonal dos frutos silvestres.

Na *semiótica negra* da roça, construí saberes que fazem parte do latente e pulsante repertório de vida, por aqui, ao longo do tempo, o canto da experiência muito tem me ensinado, é toada percebida; na vibração e em dimensão corpórea, entendi que “A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que (nos) acontece e que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, [...], quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma, [...] se converte em canto.”¹⁰⁸.

A minha experiência existencial, feminina, negra, é indubitavelmente ressoada pelos cantos compreensivos, costuras, *alinhavados*, andarilhagens, circuitos formativos da roça, é iniciada na estação da primavera, quando chego ao mundo, numa idade não mais reprodutiva de mãe. Cantei a existencialidade em versos, no veio lírico da caatinga, durante o contemplar do arco-íris e boa nova anunciada no voar próximo de um beija-flor.

Esta esteira narrativa se ampara na memória, sou objeto, lócus, autora da própria história de vida. Este estudo é tessiturado, transversalizado por fios históricos, geográficos, filosóficos, (auto)etnográficos, hermenêuticos, culturais, sociológicos, antropológicos, psicológicos e poéticos. Aqui está a diversidade, me descrevo densamente, sem a intenção de explicar quaisquer dos episódios narrados; vivi e resolvi contar, é justamente por isso que trago as *continuações* como propósito.

Sendo mulher negra, da roça, seduzida a galgar a posição de intelectual, descobri que “Quando nos munirmos de nós mesmas e uma das outras, conseguiremos ficar frente a frente no âmbito desse amor rigoroso e começaremos a falar do impossível – ou do que sempre pareceu impossível –. O primeiro passo rumo à verdadeira mudança.”¹⁰⁹. Rompi expectativas infelizes que sucumbiam os *territórios existenciais*. Violada pelo racismo incrustado, sexismo e heteropatriarcado, me tornei uma mulher que escreve sobre si; no âmago da subjetividade, almejo, então, que essa história de vida e formação instigue outras narrativas, reflexões críticas, éticas, estéticas e sócio-políticas, em espaços formais e não formais de educação. Dito isso, ainda endosso, que “[...] essas vivências atingem o status de experiências a partir do

¹⁰⁸ LARROSA, 2021, p. 10.

¹⁰⁹ LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 218.

momento em que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.”¹¹⁰.

Ao esmiuçar a história de vida, vejo como as sabenças ancestrais presentes no território da roça possuem centralidade no vivido da narrativa. Recordo-me como essas se materializaram como caminhos, reconheço que fui agraciada pelas interpretações que consegui fazer nos desafiantes momentos, destaco a produção dos saberes experienciais e experiências formativas, testemunhando em tom audível o escavocado do baú, as prerrogativas das lembranças.

Eu me tornei mulher, e ser mulher no mundo é viver uma experiência marcada por contradições e tensões; busquei escapar da submissão, desobedeci aos silêncios forçosos. Assim, ao contar a história de vida e formação, corroboro para visualizar outras “[...] mulheres que [...] se distinguirão pelo espírito, pela influência intelectual e por seus escritos [...]”.¹¹¹. Resolvi falar de um lugar, povo, a partir de mim mesma, dos sentidos que construí no passar do tempo.

De posse do aió, resgatei lembranças, cenas imagéticas, enveredei inquieta pelos caminhos, na busca por compreensão, (re)compreensão de mim nas redondezas que (re)existio, “[...] me vejo como um ser da natureza, mas me penso como um sujeito da cultura. Como um alguém que pertence também ao mundo [...]”.¹¹². Imersa e embrenhada na aventura (auto)biográfica e potencialidade formativa da história de vida, volto à infância negra, me recordo menina nos símbolos, descobertas, “[...] códigos complexos, sentidos e significados, uma linguagem articulada por meio da qual em mim e para os meus outros a sensação e o sentimento aspiram ganhar sentido.”¹¹³.

Conduzida pela memória, escrevo, revivo eventos, episódios, nos quais pude construir aprendizagens primorosas, “[...] perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, [...], para a existência pessoal [...], dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, [...] da boniteza da vida, do mundo, do conhecimento.”¹¹⁴.

Assim vou existindo, entrelaçada na intensa produção de si, envolta do legado ancestral, agarrada na barra da saía de minhas avós, compostas por retalhos de formatos,

¹¹⁰ JOSSO, 2010a, p. 48.

¹¹¹ BEAUVOUIR, Simone de. **Segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 134.

¹¹² BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 16.

¹¹³ BRANDÃO, 2002, p. 16.

¹¹⁴ FREIRE, 2015a, p. 24.

cores, textura e tamanhos, estampas e cores diferentes; me perdia nos detalhes, de suas vestes. Guardiãs das estórias, elas me contavam as que eu gostava de escutar, também sabiam o segredos das rezas, me rezavam de quebranto, mau olhado, espinhela caída, cobreiro, sol na cabeça, dor de dente, engasgo, caxumba, íngua, nervo retorcido, dor de pontada, fogo selvagem, torção, ferida brava e dor na garganta. Uma avó na roça é diferente de qualquer avó do mundo.

As minhas avós sabiam os mistérios das plantas que curavam. Por isso, vivia energizada pela prática das rezas, ritual presente nos dois núcleos familiares e comunitário; arraigada nessa crença, ia me entendendo politicamente nas práticas do bem-viver, experiência encharcada de empiria, acompanhada pela potência das palavras, singularidades próprias.

Nesse habitat, sou parte da natureza, vivo com espírito da terra. Assim, fertilizada pelos substratos da memória e riqueza territorial, colho memórias com delicadeza semelhante à quando extraia os fios da macambira, caroá, sisal, para *tecer* um novo aió. Na firmeza das interpretações, escrevo desnudando o pertencimento em prosa, poesia, um sagrado ressoa em palavras. Recordo-me agora que no torrão desse chão, em meio às exigências para ser forte, “[...] todas as manhãs eu canto. Sou como aves, que cantam [...] ao amanhecer. De manhã [...]. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço!”¹¹⁵.

Numa manhã, me divorciei do silêncio e entoei ritmada oração tempo: “Por seres tão inventivo e pareceres contínuo [...]. Ouve bem o que eu te digo [...]. Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso [...]. O que usaremos pra isso fica guardado em sigilo, [...] apenas contigo e migo [...]”¹¹⁶. Cantei, motivada, dancei, como se estivesse em comunhão com a baila do vento, em instantes percebi um desencaixotar das lembranças, de fato, o tempo me inventava, eu inventava o tempo, relação entretecida nas nuances da estranheza, afinal, buscava no próprio tempo elementos para entender as (des)continuidades.

Agora mesmo, é madrugada, essa é uma boa hora para escrever, “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. [...] dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.”¹¹⁷.

Enquanto essa esteira toma forma, inúmeras coisas acontecem lá fora, escuto o assoviar do vento, vejo a dança livre das plantas que me seduzem pela janela. Mas estou

¹¹⁵ JESUS, 2014, p. 25.

¹¹⁶ ORAÇÃO ao tempo. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In*: CINEMA transcendental. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Philips Records, 1979. 1 disco vinil, lado A, faixa 5 (3 min.).

¹¹⁷ LARROSA, 2021, p. 16-17.

desassossegada, decidi verbalizar o que sinto, me permito uma escuta sensível, que “[...] não julga, não mede, não compara”¹¹⁸, acesso a mim mesma, permito-me ser acessada pelas(os) outras(os), aprendo quando a(o) outra(o) me acessa. Compreendo que o sentir e no grafo das palavras, escolho apresentar os sentidos, me dou a permissividade de fazer da linguagem um autorretrato.

A cada grafar de palavras, pistas compreensivas vão se constituindo, na verdade, um transbordamento de sentidos, cenários inebriantes, nos galhos, nos ramos, nas folhas, nos cipós, no simples. A utopia dos sonhos, um enredo de calma propiciado nas sutis produções de objetos utilitários e vivências, que conheço com profundidade de detalhes e que hoje ramificam-se ao meu fazer docente; “A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos [...] Ela filtra e seleciona os outros saberes, [...] retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana.”¹¹⁹.

Conduzida pela subjetividade, sou genuinamente abrigo, pertencimento, acolho a bagagem, me desnudo timidamente; como ato de *alinhar*, trago novos contornos; ao (re)interpretar os contextos e revisitar do que participei, me reapresento em fusão nos *territórios existenciais*. Como semente, brotei, germei em meio à aridez, ganhei sustança, no *continuum* das atividades, forças formativas que permeiam os fazeres agroecológicos, nas miudezas, riqueza cultural, sou bordada na política existencial e identitária da roça.

Vem à lembrança a “[...] explosão vermelha das flamboyants, o fruto amarelo intenso do cajueiro, o aroma de limão galego, o aroma de amêndoas, o café no meu hálito, [...]”¹²⁰, tudo isso, terreiro e quintal de meus avós paternos. Na roça, nomeamos como terreiro o espaço que fica ao redor da casa, anfiteatro de aprendizagens, espaço memorialístico em que brinquei e construí brinquedos; ocupa, no meu aió das lembranças, uma etnopoética; no terreiro, bons encontros, criatividade, entrelaçados.

¹¹⁸ BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. p. 94.

¹¹⁹ TARDIF, 2014, p. 53.

¹²⁰ KINCAID, 2020, p. 11-12.

2.3 NO BRINCAR EM MEIO À NATUREZA “[...] UMA PARTE DE NOSSA TERRA TRANSFORMA-SE EM [...] BERÇO EMBALANTE.”¹²¹

No vibrar das brincadeiras encarnadas na natureza, experimentava a liberdade; brincar é direito de toda criança, portanto, era meu também. Brincava com espontaneidade e, no ato brincante, inventava uma vida feliz, fazia os brinquedos com os elementos da natureza, corpo-voz, alegria, espontaneidade, inquietação, me entregava ao intenso do simples, aumentava minha conexão com o espaço e o mundo, alicerçada pela fortaleza dos elementos; no entanto, o divertimento só acontecia após as obrigações.

Brinquei bastante, com gravetos, fiz pessoas, coisas; com areia, fiz escorrega-escorrega; com barro, modelei os animais da caatinga, seus habitats, dei forma aos desejos; eu descia até a fontinha, pegava o barro massapê, depois, de posse de um vaso com água, ia macerando, deixando-o em composição homogênea, em silêncio contemplativo, no toque a alegria da possibilidade, profunda conexão entre mãos, terra e práticas ancestrais.

Assentada na esteira rústica, debaixo do pé de cajá, o barro argiloso ganhava forma, materializava pensamentos, fiz uma galinha, modelei um ninho, cheio de ovos, fiz um para cada membro da família, oportunidade de ter um só para mim. Fazia panelinhas, enchia-as de coisas desconhecidas do meu paladar, no fluir da criatividade, a criação livre tão almejada que queria ter na escola. “Passei a fuga dos meus dias ao lado de fontes, onde eu molhava, quando sonhava de viver, as pontas tranquilas dos meus dedos.”¹²²

Por meio das brincadeiras, a florescência de um sagrado sensível, que ia além daquilo que se podia ver modelado, encanto, entrega, vida traduzida em profundidade, calma. Com o barro da fontinha, descobria um infinito instigante; no rito e na expressão brincante, experimentara a preciosidade das heranças culturais e possibilidades de invenção.

Sentia felicidade naquela relação intrínseca do meu corpo com a natureza. Após o trabalho, meus pais me deixavam livre para descobrir, viver no terreiro, roçado, o que não se vende numa prateleira e que não poderiam comprar. No quintal de casa, arte, ritos brincantes, orientados pelo processo criativo. Com espontaneidade, experimentei brinquedos e brincadeiras no simples da vida, brincava de anel, corda, ciranda, pega-pega, lagarta pintada, quebra-pote, roda, adivinhações, galinha d’água, peteca, sete pedrinhas, baleado, cata-vento, amarelinha, tocava a planta dormideira, que se encolhia, ao me sentir próxima, e reabria suas folhas, quando me sentia afastada, brinquei com sementes de mulungu, mucunã e tico-tico.

¹²¹ LISPECTOR, 2004, p. 130.

¹²² PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2006. p. 117.

Os elementos da natureza quase sempre viravam brinquedos: terra, gravetos, búzios, água, folhas, pedras, penas, palhas; no roçado fiz bonecas com espigas de milho, inventei penteados, fiz trançados em seus cabelos. Também brinquei com formigas, seguindo-as, refazendo as curvas dos seus trajetos, observava suas andanças, percebia união, a força do trabalho conjunto e a comunhão na defesa do habitat; após a chuva, ia para o ar livre, bailava com as formigas de asas e tanajuras que apareciam, na nossa sabedoria popular da roça, elas sinalizavam a continuidade da chuvarada, experimentava a expansão da memória ancestral na observação fenomenológica e existencial.

Para fazer bolha de sabão, retirava uma folha do mamoeiro, fazia um canudo, base para soprar, me dirigia ao pé de pião branco, colhia o néctar resinado do tronco, escolhia um lugar alto, geralmente a trincheira da fonte, mergulhava o canudo na resina e soprava, via saltar frente aos meus olhos algo semelhante a um cristal, seguia a bolha até sumir, reflexo colorido dos feixes de luz, trazia alegria ao fim de tarde. Brincava descalça, na estrada, no roçado, no quintal, na Casa de Farinha, nas fontes, em cima dos galhos e na sombra das árvores. Meu brincar era permeado pela perspicácia criativa e possibilidades agroecológicas presentes na *semiótica negra* da roça.

Nos momentos brincantes, interpretava singularmente a vida, um entrelaçar bonito, memória-corpo-natureza, me sentia em berço embalante, reconfortada na baila aconchegante, sensível e potente do contexto ao meu redor. No chão, desenhei a fauna da caatinga: cobra, gambá, pássaro, seriema, raposa, calango, cachorro, gato do mato, sapo cururu, camaleão, coruja, teiú, coelho e ema; com a argila, fiz casa, fogão, tigelas, panelinhas, aproveitava para enchê-las, dar forma aos desejos que só de barro era possível alcançar. Modelei no barro a falta e a abundância, a *secura* dele, por vezes em que foi umedecida por meus olhos.

Nos finais de tarde, na estrada, brincava com carro de lata que meu pai biológico fazia para mim, reaproveitando embalagens vazias do óleo de cozinha que achava por aí. Que carro lindo! Amarelo, com estampa de alimentos que não conhecia, as rodas eram feitas com os restos de borracha das sandálias, quando não dava mais para emendar de arame, ou seja, a sandália saía dos meus pés, mas o carro passava a ter um pouco de mim. Empolgada, adentrava o pequeno plantio de palma forrageira no quintal, *catava* algumas pindobas do ouricuri, emendava, fazia uma corda e amarrava na boleia do carro, depois, corria, feliz, juntando gravetos, era como se estivesse a *catar* lenhas, sem sentir o peso, também enchia tampinhas como se fossem baldes de água, rodeava a casa, parava na porta, mãe me olhava sorridente.

Assim eram meus brinquedos, confeccionados por mim, meus pais e minhas avós. Pai fazia o brinquedo pé do burro com flechas do sisal, estilingue para treinar a caça, mãe costurava bonecas de pano, reaproveitando os retalhos, meus pais elaboravam a minha felicidade, e como sempre gostei de futebol, eu mesma fazia a bola de saco, não gostava de brincar de casinha, não queria ser educada para doméstica. Gostava mesmo era de brincar nos espaços amplos, ficava por horas na frondosa sombra do umbuzeiro, brincava de adivinhação e escolinha, com as(os) primas(os), que me elegiam como professora.

Atravessava a estrada, adentrava a caatinga que ficava em frente, varria embaixo e no entorno do pé de umbu, de posse de uma varinha, a aula era iniciada, fazia a exposição, escrevia no solo, nas folhas, nos caules e até nos frutos do mandacaru e pedaços de papéis. Nas minúcias possibilitadas pelas brincadeiras, me entendia numa relação *ente* as coisas, as pessoas e o mundo, espaço geográfico da roça; eu era menina negra em sonhos poéticos na inocente natureza verdejante e singeleza epistemológica na expressão do brincar. Saliento que esmiucei a família, no “[...] apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo onde a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado.”¹²³.

2.4 NA CASA DE VOVÓ NÓ E NÓS

Uma revivência especial acontece em mim, vasculho os registros na casa de vovó. Minha avó paterna morava perto de casa, ela tinha um humor que raramente se encontra por aí, e tempero de sabor inigualável, irresistível, parecia fazer milagre com as ervas do canteiro, da artefania de suas mãos, saía um escaldado de farinha com frango caipira, com ela aprendi a temperar com hortelã graúdo, quioiô, manjeriço, coentro da folha larga, alho triturado, cebolinha e banha; vovó conseguia, com pouca coisa, deixar a comida com muito sabor, o tempero dela continha um segredo: amor.

Gostava de ir para casa de vó viver sua alegria que me contagiava e degustar comidas simples, saborosas, recheadas de amorosidade, ela fazia o fufú, paçoca deliciosa de milho torrado, no quintal, havia um pilão, por meio desse instrumento ancestral, a potência criativa, herdeira das sabenças de vó, aprendi a criar cores, texturas, cheiros e sabores para a vida. Na cozinha, o fogão à lenha, instrumento que ela tanto valorava, passava horas e horas ali, inventando uma possibilidade.

¹²³ BOSI, 2022, p. 54.

Quando chegava à casa dela, logo me dirigia à cozinha, ficava curiosa para saber o que tinha em seu fogão, observei que a trempe abarcava a caça moqueada, preá, codorna, nambu e rolinhas, peixes que secavam numa corda de arrame; da chaleira encarvoada, saía em vapor, o aroma do chá de cidreira, hoje meu preferido. Na verdade, vovó vivia a fazer os entrelaçamentos das esteiras, nó dos *alinhavados*, *catando* gravetos pelos arredores do quintal, para manter o fogão aceso, vivia preocupada com o ‘nós’, seus filhos, meus tios que viviam a vender o dia nas terras alheias, suas filhas, minhas tias que eram empregadas domésticas na cidade, vovó vivia dedicada a criar seus netos e netas, meus primos e primas.

Eu me sentei no banco de madeira na sala, ela me ofereceu um pouco do chá, fiquei a observar seus cabelos brancos que saíam teimosos debaixo do lenço que vivia preso à sua cabeça, olhava para seus traços, embora não tivesse rugas, vovó estava envelhecendo na mesma medida em que eu crescia. Lembro-me do instante em que o rádio de pilha tocou uma música, ela levantou-se, começou a dançar. Eu me permitiu observar a boniteza poética de quem dança só, aguçada pelo ritmo da vida.

Os dias se passavam, eu crescia, vivia a natureza com intensidade, sentia o mundo, me descobria uma menina negra que construía inventividades, imersa na potência criadora ancestral dos elementos culturais que revigoravam; nas ruralidades específicas, buscava por dignidade, precisava existir resistindo.

2.5 SABEDORIA DAS REZAS: ENTRECRUZAR ÉTNICO, AGROECOLÓGICO E ESPIRITUAL

Para resistir, atenuar a dureza da vida, recorri às rezas que “[...] serviam para restituir a saúde do corpo e do espírito dos doentes, era o que sabíamos desde o nascimento.”¹²⁴. Elas se faziam presentes nos dias mansos e agitados, no silêncio da escuta; pelas necessidades, evoquei a cura do corpo, da alma, dos sentimentos, confesso: não sei o que seria de mim se não tivesse a elas recorrido. Herdo as rezas como prática ritualista, ancestral, cultural e histórica, elas me despertavam, “[...] sentimentos bons de amansar o peito, de serenar os pensamentos ruins que me cercavam.”¹²⁵.

Minha avó paterna me rezava com ramos de andu, pião roxo, vassourinha, quarana, mastruz, comigo ninguém pode e aroeira, para algumas doenças, e, em casos mais graves,

¹²⁴ VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 39.

¹²⁵ VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 121.

utilizava tição de fogo e torrão de barro, quando eu estava com dor de cabeça causada pela exposição demasianta ao sol, ela me rezava com água, e para revigorar o ânimo com folhas, as rezas aconteciam antes do sol nascer ou depois de se pôr. Recorri às rezas para afastar os maus presságios, não dizia, mas vivia tomada pela agonia do futuro incerto e aquela experimentação empírica-corpórea e ancestralizada me reequilibrava as forças, recompondo as energias, conferiam calma.

Para as dores de meus pés, vovó utilizava o torrão, pedaço de barro. Eu me via emocionada na intensa ligação com a natureza e seus elementos, entretecida pela dinâmica cultural articulada com a ancestralidade negra, a troca enérgica, a confiança, a tradição, a fé, o corpo, na inseparabilidade com a natureza. Nas rezas, a sensibilidade, a expressão da subjetividade, o mergulho interior eram afetados positivamente; nas rezas, prescrição e política de cuidado. “A semente da liberdade [...] nas diferentes cosmovisões dos povos [...]. Hoje eles são estranhos, [...] atacados pela cultura deste tempo de violência [...]”¹²⁶.

Aceitei conhecer a forte reza do vento, numa circunstância desafiadora, de extrema necessidade, quando uma tia que morava distante nos enviou um bilhete contando o que tinha ocorrido por lá, nas terras onde andava. Ela disse que estava em agonia, aflita, pois ‘o vento passara em minha prima’. Devido à distância e urgência da situação, fui escolhida para escrever a reza, naquele momento ia me tornar guardiã do segredo das palavras, recordo das advertências feitas por mãe e por minha avó materna, fiz sinal de positivo com a cabeça, juramento de que só a usaria em caso de extrema necessidade, prometi respeitar aquela sabedoria atemporal.

Fui avisada, consultada, aceitei, escrevi as palavras sentindo a fortaleza da linguagem, não titubeei, no entanto, fui arrebatada, tomada por sentimentos que aqui não posso explicitar. Realmente a reza é forte, nesse momento marcante da minha vida, recebi “O conhecimento [...] dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea [...]”¹²⁷.

A escrita foi enviada, minha prima sobreviveu, anos mais tarde, quando retornaram para cá, ‘o vento passou nela’ novamente, ou seja, teve outro acidente vascular cerebral (AVC). Foi uma correria, revivi a aflição, fui escolhida para acompanhá-la ao hospital, lá, diante de seu leito, acompanhei sua passagem, quis rezar, mas rememorei a cena na cozinha de vovó e lembrei-me do juramento, não havia mais o que fazer. Vim para casa tomada pelo

¹²⁶ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 112.

¹²⁷ LARROSA, 2021, p. 22.

sentimento de frustração, da dor da despedida, no terreiro um aglomerado de pessoas esperando por notícias, familiares, vizinhas. Sentei, não contive as lágrimas que corriam semelhante ao rio, onde tanto pesquei e brinquei com ela, revivi os banhos que tomamos juntas, o brincar com as piabas na água que ficavam em volta das suas tranças grandes, lembrei-me do seu capricho no ato de *alinhar*, me dei conta, naquele momento, de que a vida é feita de *alinhavos*, escolher os fios para o tecido das vivências é tarefa de sábia, naquele instante tomei a decisão de escolher com mais atenção.

Como professora da Educação do Campo, organizei e realizei uma aula-pesquisa, tive perspicácia criativa para lecionar uma aula pelos veios da autoetnografia no quintal de uma professora-rezadeira da própria comunidade em que a escola está inserida. Iniciativa que partiu de um sagrado íntimo, ancestral, do meu *enfolhamento existencial** nas vivências, práticas e memórias das rezas. Elaborei a atividade a partir das abordagens antirracista, cultural, agroecológica e identitária, de cunho interdisciplinar, fincada na contextualização, implicação e pertença.

Como herdeira das práticas das rezas e professora da Educação do Campo, a ação pedagógica rompeu um silenciamento, permitindo reflexões sobre a intolerância religiosa, a partir das vivências e do testemunho da narradora-personagem, Dona Rami, que, através da rememoração “[...] de uma história de vida que envolve o encontro com os ‘outros’, falou [...] dos conhecimentos herdados da avó, do seu protagonismo comunitário e da corporeidade (em si) de um patrimônio imaterial, oriundo da tradição ancestral [...]”¹²⁸.

A experiência de estarem em um espaço não formal de educação, a casa de Dona Rami, causou inquietação nas(os) estudantes, um ‘burburinho’ se estabeleceu diante da novidade de assumirem-se pesquisadoras(es), da possibilidade de experimentação e descobertas no torrão de vida. Quando pensei a proposta, contei com os aportes teóricos indicados pelo orientador, conversamos e esboçamos a atividade a partir do entendimento de que a Escola do Campo pode ocupar um espaço estratégico e maior no “[...] projeto político e pedagógico da Educação do Campo se não se fechar nela mesma, vinculando-se com outros espaços educativos, [...] com a própria dinâmica social em que estão envolvidos os seus

* Criei o termo para me reportar à conexão cultural que emerge da consciência de se perceber pessoa no sertão-caatinga-roça-campo e da multiplicidade de sentidos existenciais que derivam da relação corpo-espírito-natureza.

¹²⁸ SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Relato da aula: no quintal de Dona Rami tem saberes, segredos e história. In: GAYO, Clarice E.; SATLER, Carla F. da Silva (Orgs.). **Ensinar História: Etnicidades**. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 40-45. p. 41.

sujeitos.”¹²⁹. Posto isso, quero dizer que o entorno comunitário deve ser acoplado aos cenários de aprendizagem, pois, as(os) estudantes descobrem-se pessoas na socialização consigo, com os outros e com o mundo.

Disse-lhes que “No Quintal de Dona Rami tem saberes, segredos e história”*. O próprio tema da aula estabeleceu o clima de expectativa, afinal, as(os) estudantes sabiam-se investigadoras(es) do lugar de vivência e convivência. Eu também estava embebida numa polifonia de sentidos, tantas coisas se passavam por dentro de mim, ao estar naquele quintal, voltei à infância, meus sentidos integraram-se a uma memória socioantropológica, fiz um balanço retrospectivo, lembrei-me de tantas coisas.

Como docente, dei-me conta de que aquela prática estava tramada no “[...] saber-amar, saber-pensar, do saber-fazer [...] do saber-ser sociocultural que faz sentido numa existencialidade.”¹³⁰. Dizendo melhor, estava emaranhada a partir de vários entrelaçamentos, vida e formação. À medida que revisitava o itinerário das lembranças, conduzia a atividade mobilizando as existências do existir pessoa-ser-no-mundo, acionava os saberes sociais, da convivibilidade familiar e comunitária, saberes pragmáticos da formação pedagógica.

Foi uma experiência singular, além de uma aula-investigação, elo entre ensino-pesquisa-extensão, me vi lançando sementes em terras férteis, saboreando, colhendo frutos novos no solo da Educação do Campo. Flagrei as(os) estudantes na escuta sensível, concentrados na enxurrada de palavras que brotavam naturalmente dos saberes, dos segredos e das histórias da rezadeira, na herança ancestral territorializada, vivida e narrada. Tal sabedoria uniu-se à minha prática educativa antirracista, desenvolvida pelos meandros do contexto, os saberes de Dona Rami aguçaram os sentidos e as vozes das(os) estudantes por meio de um estar percebido.

Segui enraizada nas sabações, rezava de maneira espontânea, para chover, como súplicas durante os percursos difíceis, momentos desafiantes; rezei para acalmar o temor em que me via, nas temporadas em que meu pai biológico estava ausente de casa, por aí, na luta pela terra, ele ingressou no Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), ele queria “Realizar o desejo de criar animais num terreno seu, era, ao mesmo tempo, a possibilidade de

¹²⁹ CALDART, Roseli Salete. Elementos para a construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo. *In*: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo (Orgs.). **Por uma educação do campo**: contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: Inkra; MDA, 2004. p. 10-29. p. 10.

* A aula-investigação-ação desenvolvida foi orientada por um estudo maior, posteriormente, foi sistematizada em relato, apresentada e publicada (SILVA; SOUZA, 2020a) e refere-se a uma das minhas práticas antirracistas de cunho didático-político-pedagógico calcada no ensino-pesquisa-extensão.

¹³⁰ JOSSO, 2010a, p. 125.

objetivar-se assim aos seus olhos e aos olhos dos outros. Ele seria confirmado pelos amigos, [...] que vêem (sic) seu trabalho de longe, que compreendem a sua luta.”¹³¹.

Tive insônia nos dias em que ele se ausentava, principalmente nas tardezinhas, boca da noite, quando a saudade ficava maior, as lágrimas que emanavam dos meus olhos, germinavam as sementes de capim, que faziam o cheio do travesseiro e colchão, estava preocupada com o perigo que lhe circundava, com a falta de notícias, ficava nervosa quando a rádio anunciava o aumento dos conflitos agrários no campo, assentamentos, tive medo do pior e tive vontade de estar junto na luta também.

Eu me sentia angustiada, mas, para atenuar a preocupação, busquei alternativa na natureza, resolvi adentrar à caatinga, arranquei alguns pés de planta, juntei-os em maços, confeccionei a vassoura de ramos, comecei a limpar o terreiro, retirar as folhagens secas, açoitava-as longes, imageticamente queria varrer os maus presságios dos dias que se passavam sem notícias. Depois, fui caminhar pelo quintal, cuidei das plantas, olhei o alto, “[...] O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual [...]. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento.”¹³².

Percebi mãe aflita, em uma das noites, ela enfatizou o perigo que ele corria, me perguntou o que achava daquilo, momento em que engasguei, me revoltei com a vida, pensei na injusta concentração de terra no Brasil. Meu pai biológico só queria produzir, ter onde plantar, construir com suor o sustento, como fez por toda sua vida. Com ele aprendi que ter terra é um direito, seu labor cotidiano na produção do autoconsumo me convocava a apoiar sua luta, refleti que ter acesso à terra é importante, condição vital para nós da roça, forma de mantermos a dimensão sociocultural viva.

Meu pai biológico sempre se relacionou de maneira equilibrada como o bioma da caatinga, me ensinou a boa convivência com as plantas e o solo, pelo respeito e pela interpretação dos sinais do tempo; na relação de trabalho estabelecida ao longo de sua vida, ele, guardião dos saberes, me convocou a ter paciência, zelo e apreço pela natureza, por um bem-viver praticado. Assim, vivi desde criança com a agroecologia, enquanto prática, movimento e ciência, desde que nasci, o ofício principal de meu pai biológico é produzir, cuidar da terra, ele passa o dia inteiro no roçado, com dedicação.

¹³¹ MAHEIRIE, 1994, p. 92.

¹³² JESUS, 2014, p. 43.

Meu pai biológico volta, chega sem a moringa, a enxada e outros instrumentos que tinha levado, presumi que ele ia voltar, de imediato não lhe perguntei as novidades, sua chegada foi o suficiente para trazer alívio ao meu coração. À noite, tomei coragem e perguntei sobre suas andanças para os lados de lá, quis saber como eram seus dias, o que fazia na luta que estava travando, rememoro ele dizer, “Filha, quem tem terra planta o que quiser, quem tem terra decide quando trabalhar e como produzir.”. Entendi que “[...] terra é poder. Se querem nos empoderar, nos deem terra. Mas a verdade é que não nos darão, não sem muita luta, [...]”¹³³.

Fui deitar refletindo na nossa conversa, fiz o ritual de observar o céu estrelado, deitada mesmo, por um espaço generoso e proposital, entre as telhas do quarto, olhei a infinidade de estrelas, uma se destacava em específico, pois piscava para mim, emitia feixes de luz em tonalidades arroxeadas, azul, verde, amarela, laranja e vermelha, exatamente nessa sequência, ela parecia vigiar meu sono, pensei em como “[...] é doce olhar o céu à noite. Todas as estrelas estão floridas.”¹³⁴. Adormeci lentamente.

Hoje, como professora, militante, estudante pesquisadora, sendo professora negra, momentaneamente responsável pela modalidade da Educação do Campo no município onde resido, tenho organizado e participado de momentos formativos e de debate sobre a questão agrária, as desigualdades e os conflitos na luta pela terra, no município, no Território do Sisal, no estado da Bahia e no país, debate enfatizado na Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária Popular com a temática “Questão Agrária, Educação do Campo e Agroecologia: Lutas e Resistências”.

Em minha atuação profissional, dou centralidade à temática da luta pela terra, nos Círculos de Cultura, desenvolvidos nas aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nessa atuação, vejo vida e formação se entrelaçarem no balaio do pertencimento, percebo um transbordar da minha implicação, de meus engajamento e compromisso com os povos do campo “[...] agricultores familiares, [...] os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, [...] e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural”¹³⁵.

O público da EJA são mulheres e homens, em sua maioria negras(os) de comunidades remanescentes de quilombo, agricultoras(es), que derrubaram as cercas da escravização,

¹³³ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 175.

¹³⁴ SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2009. p. 103.

¹³⁵ BRASIL, 2010, Art. 1º, § 1º, Inciso I.

ergueram o punho para gritar liberdade e, a partir de suas lutas, conquistaram o direito à terra, formando as suas comunidades-roças. Estou vivendo uma reconexão, na minha profissão, atuação, com a minha ancestralidade, nas conversas em volta da esteira de palha, tecidas nos Círculos de Cultura, por meio de práticas pedagógicas antirracistas que “[...] assumiram uma dimensão inefável e imponente para mim: tornaram-se palco [...] a história de meu povo. [...] Senti uma espécie estranha de laço inquebrantável, ligando-me a ela naquele novo mundo [...].”¹³⁶. Vejo nas palavras reverberantes, saberes de um vivido, emergidos na busca pela terra, luta que foi encampada pelo meu pai biológico; agora, me vejo atuando politicamente para a garantia desse direito e da educação, historicamente negados às minhas/aos meus; floresce da minha boca um vivido que se entrelaça ao proliferado de conhecimentos teóricos que adquiri na formação como especialista em Educação do Campo e Mestranda em Educação e Diversidade. Testemunho um singular-plural, fusão entre vida-formação.

2.6 CONTORNOS, CURVAS E ENCONTRO ECLIPSADO COM A NEGRITUDE

Quando menina, um dia, no romper da aurora, despertei cedo, era dia de lavar roupas na fonte, lugar que também me divertia, que brincava após carregar água para a lavagem; enquanto mãe esfregava as roupas no mosaico do lajedo, eu corria, dando voltas por cima da trincheira*, olhava as formigas em fila, na plena atividade laboral, carregando as folhas em movimentos ligeiros, pareciam presumir a chegada das chuvas.

Na fonte, pairava sobre mim um pensamento, a possível predestinação à empregada doméstica, eu estava crescendo, minhas tias, primas e irmãs tinham seguido tal destino. Não queria migrar, na própria fonte, tinha escutado sobre a lamentável situação das mulheres negras domésticas, elas “[...] consideraram o abuso sexual cometido pelo ‘homem da casa’ como um dos maiores riscos de sua profissão. Por inúmeras vezes, foram vítimas de extorsão [...] obrigadas a escolher entre a submissão sexual e a pobreza para si mesmas e para sua família.”¹³⁷.

Os dias se passavam, eu rejeitava a predestinação de deixar a roça, meu território de vida, busquei *ser* a (des)continuidade. Nesse tempo realizava duas coisas com intensidade: cultivava e escrevia, não queria migrar para a cidade, me tornar empregada doméstica,

¹³⁶ DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 93.

* Parte alta que fica ao redor da cavidade da fonte, onde sentei para pescar, lavar roupas, brincar, tomar banho.

¹³⁷ DAVIS, 2016, p. 99.

também não ousava pensar em me tornar professora, até mesmo porque a minha permanência na escola era possibilidade remota, mas, mesmo assim, me dedicava às atividades da escola com afinco, na compreensão de que precisara de um movimento “[...] particular no desenvolvimento da busca pela liberdade negra. [...] uma maneira, uma resposta àquilo que [...] percebia como uma série de limitações [...].”¹³⁸.

Como menina negra, eu já estava projetada ao sexismo, machismo e racismo estrutural, essa descoberta, por sorte, cedo, me “[...] ajudou a desenvolver estratégias epistemológicas e de organização que [...] levam além das categorias ‘mulher’ e ‘gênero’. [...] impelem a explorar conexões [...] contradições e descobrir o que há de produtivo nelas.”¹³⁹.

Embora, aqui na roça, percebesse também a designação das mulheres negras a trabalhos exaustivos e demasiadamente pesados, escolhi ficar no *alinhar, tecer, catar* possibilidades. Dessa forma, meu pessoal ia se tornando político, na luta reinventada, a produção do político por meio do pessoal, a necessidade de desaprender o racismo, em mim um canto antirracista assobiava por meio de um diálogo interno.

Ser antirracista era então uma atitude de sensibilidade, pois, desde criança, já sofria com os reflexos das estruturas racistas e “Minha experiência de vida me mostrou que as duas questões eram inseparáveis, que, no momento de meu nascimento, dois fatores determinaram meu destino: o fato de eu ter nascido negra e o fato de eu ter nascido mulher.”¹⁴⁰.

Sendo mulher negra, da roça, vivi experiências que despertaram meu ser crítico e político, destaco o silêncio da educação sobre minhas diferenças e dos discursos atrelados à conformidade, como se a condição de gênero, raça e território fosse uma determinação. Diziam onde poderia ir, chegar. Infelizmente a própria escola reforçava o repertório racista, machista, preconceito do lugar, desprezo pela identidade geográfica.

Denuncio a ausência do repertório e das práticas antirracistas na escola que, negligente, ainda quis me incutir como aceitável, certo, o estabelecimento de papéis e identidades de homem e mulher, a escola não devia reproduzir as desigualdades, mas, infelizmente, assim o fez. Tive a impressão de que a própria escola praticava a desigualdade de gêneros, raça e inviabilização das diferenças, através do silêncio, da naturalização do racismo e sexismo.

¹³⁸ DAVIS, 2018, p. 19.

¹³⁹ DAVIS, 2018, p. 99.

¹⁴⁰ hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** mulheres negras e feminismos. Tradução de Bhuvan Libanio. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. p. 35.

Nas aulas, não fui incentivada, por exemplo, ao amor próprio, a valorizar meu fenótipo, ao contrário, na escola, mesmo que de maneira ‘inocente’, vivi a divisão sexista, escutei o que era cor de menina e de menino, como deveria me comportar, fui orientada sobre os brinquedos e as brincadeiras que podia realizar, escutei a definição dos papéis de homem e de mulher, fui ensinada a ser ‘dona de casa’, e, ainda, a literatura infantil utilizada caracterizava o ser mulher negra e ser da roça, a partir de estereótipos, contextos negativos.

Por vezes, na escola, tive a impressão de que racismo e sexismo eram coisas regulamentadas, “[...] as crianças com quem eu brincava e estudava estavam aprendendo a chamar umas às outras de ‘preta’, [...] era tão ruim quanto ‘negra’ ou ‘africana’, termos considerados sinônimos de ‘selvagem’.”¹⁴¹. Interpretei essas minúcias, que tentavam controlar meu corpo, meus gostos e colocar meu futuro num molde socialmente estabelecido. Melhor dizendo, o vivido na escola evidencia que ainda muitas pessoas, veem “[...] a desvalorização da mulheridade negra como algo [...] no contexto da escravidão. Na verdade, [...] continuou e foi institucionalizada por outras práticas opressivas. [...] para sabotar a construção da autoconfiança e do autorrespeito da mulher negra.”¹⁴².

Destaco que o reflexo do racismo estruturado e da discriminação sexista me levaram, em alguns momentos, a duvidar, não acreditar que, como menina-mulher negra da roça, teria um destino diferente, o descrédito escolar feriu, doeu tão quanto o cotidiano de dureza, por isso, confrontei o determinismo, ele deve ser confrontado.

Ainda criança, junto à minha família, vivi a opressão, a exploração de classe, todos os anos fazendo as pastagens dos fazendeiros, debaixo do sol escaldante, ou de chuva, descalça; em um desses dias, ao realizar um plantio de capim, pisei num aglomerado de espinhos de mandacaru, estavam maduros, fase em que é perigoso, não me culpei, afinal, não dava para executar a tarefa calçada, me lembro da dor, do desespero, fui socorrida por mãe, estávamos semeando juntas, ela tentou retirar o espinho, mas, infelizmente, ele se quebrou nas profundezas do meu pé, desaparecendo o visível.

Passei vinte e um dias com aquele espinho no pé, sentindo dor ao pisar no chão, e pior, sem poder colaborar com as atividades, o trabalho, um difícil momento que enfrentei até ele ceder às sabenças que por aqui são próprias, durante o dia, entrelaçava o pé nas folhas do ranca-toco, à noite, untava uma folha da pimenta na banha do porco e colocava, fiz o ritual em dias seguidos, saiu espontaneamente, mesmo necessitando de intervenção cirúrgica.

¹⁴¹ DAVIS, 2019, p. 106.

¹⁴² hooks, 2020, p. 103.

Trabalhava sobre pedras, tocos, labirintos, por vezes, o barro massapê grudava, pesando as pernas, em certo momento, tinha que parar, retirar pelo menos a metade do peso para fazer as *continuações*, cumprir a responsabilidade, precisava do mísero pagamento, continuava também, pois queria me livrar da associação negativa de que, *sendo* mulher, faria um trabalho inferior. Nesses dias, as opressões classista, racista e sexista foram sentidas na pele sem dó e nem piedade.

Sublinho, gostava de cultivar a terra, mas não nas propriedades alheias. Cedo alcancei essa consciência e mãe foi essencial nesse processo, ela me contara sua história de vida, os abismos sociais, “[...] sem medo, sem vergonha, orgulhosa por ter nascido negra e mulher. [...] forçada pelas circunstâncias a trabalhar ao lado dos homens negros, era a personificação viva da verdade de que as mulheres poderiam estar em igualdade com os homens no trabalho.”¹⁴³. Naquele instante, ela me conclamou a uma reflexão crítica, política e social, indubitavelmente, sua narrativa enriqueceu meu repertório de (re)invenção e resistência. Entendi que estar ali, trabalhando na terra alheia, dando meu suor e sangue, não era mera coincidência, mas que se tratava da estrutura opressiva que acometiam meu *ser* mulher, raça e classe.

Queria ser a sucessora dos saberes ancestrais e agroecológicos, mas não queria ser sucessora das atividades extenuantes, degradantes, injustas e opressivas, relutei a ser herdeira do trabalho pesado, mal remunerado nas terras alheias; embora estivesse no rol da falta de perspectivas, vislumbrava o direito de fazer, viver e contar outra história, sendo negra na roça, quis outras perspectivas de vida. Essa resistência, aguçada e conquistada nos saberes experienciais e experiência formadora, foram essenciais para narrar a minha história de vida e formação.

2.7 O PILÃO: TRONCO ANCESTRAL DO SUSTENTO FAMILIAR

Quando chegava da escola, depressa, retirava a roupa, pegava outra na caixa de papelão desgastada, ‘meu guarda-roupa’, tinha pressa, tratava-se do compromisso diário: ir à casa de minha avó paterna pisar o milho no pilão, instrumento genuíno no qual fazia o processamento dos alimentos, me garantia ter o que comer no café, almoço e janta. De noite, por volta das dezenove horas, já colocava os grãos de milho de molho, noutro dia, retirava a pele no pilão e depois passava no moinho manual quando era para fazer o fubá.

¹⁴³ hooks, 2020, p. 252.

Vivia atenta às possibilidades que podia inventar no pilão, pois, naquele tronco ancestral e familiar, via os alimentos transformados por minhas mãos, torrava o milho no caco, no fogo de lenha, depois saía saltitando; seguindo os passos de mãe, ela pisava comigo o milho no pilão, peneirava, colocava açúcar, fazia a paçoca, partilhava, ia me tornando sujeito daquela experiência, “[...] ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.”¹⁴⁴.

Se não tivesse tido coragem para trabalhar, teria morrido de fome. Pois, por aqui, os alimentos não estavam disponíveis na prateleira, e caso estivessem, não teria como adquiri-los. Assim, tive que produzir a vida nas vivências singulares, por isso, seguia, mesmo com dores, pernas ardendo ou cansadas, caminhar era ato de resistência, fazia os trajetos com as latas de água e feixes de lenhas na cabeça, e o sonho de *ser mais*.

Chegava exausta de algumas lidas, ainda ia *catar* esterco seco da vaca do fazendeiro, espalhava numa telha, colocava brasas, acendia e saía arrodando a casa, tudo isso para afugentar os pernilongos, tinham noites em que eles me perturbavam sono e sonhos. E sonhar era um direito que tinha, nos sonhos as coisas pareciam vivas, acordava feliz; como é bonito poder sonhar, eles impeliam a luta e eu me movia em direção, sentia que, por isso, podia agradecer, pensava, como são más as pessoas que atrevidas diziam ‘está sonhando demais’, me inquietava, teimava, “Eu sonho e por detrás da minha atenção sonha comigo alguém... E talvez eu não seja senão um sonho desse alguém que [...] existe...”¹⁴⁵. Sonhava em gritos ancestrais, prenúncios do vir-a-ser.

Volto a falar da lavoura, do calor presente nos tecimentos das relações, valores por mim identificados em todas as estações do ano, no inverno, boa safra, celebração da colheita, cantos, danças, festividade, variedade de cores no meu prato, ai como eu quis prolongar o inverno para carregar água de fonte mais próxima, época em que reavivamos costumes, recordo dos balaios cheios de raízes de macaxeira, batata doce, vargens de fava branca, mangalô, feijão de corda, abóbora jerimum e cabacinha. Terra e vida encharcados, multiplicação de sementes e de sentidos.

Na primavera, me alegrava com as borboletas amarelas, que bailavam em grupo e pousavam nas miúdas flores violetas, próximo à beira da água; no outono, o cenário da caatinga em aquarela confessava sua força de adaptabilidade aos tempos, meus pés

¹⁴⁴ LARROSA, 2021, p. 26-27.

¹⁴⁵ PESSOA, 2006, p. 108.

descansavam sob folhas de cores laranja, avermelhadas e tom de sépia, que caíam, voavam, diminuía o ritmo para apreciar, parecia adentrar uma tela, obra sublime, fiz parte dessa composição; no verão parecia castigar, exigia a resistência agroecológica, descobrir novas possibilidades, *catava* as folhas mais novas das palmas forrageiras, retirava cuidadosamente os espinhos, cortava em picadinhos, cozinhava com sal, escorria, temperava, novo sabor na comida.

Dessa forma, aprendi valores da partilha, solidariedade, nas idas e vindas dos balaies cheios e vazios, não só por alimentos, mas pelo *território existencial* do ser agricultora. Sendo agricultora, descobri que nada estava dado, precisava construir, fiz vigilância da plantação, cuidado dos cultivos, guarda das sementes, obediência, contemplação, guarda das tradições, desenvolvi conhecimentos etnomatemáticos¹⁴⁶, me (re)educava ao escutar, observar, planejar, analisar, produzir a vida no labor e sabor.

Lamento a escola não ter feito a contextualização, não ter tangenciado as práticas culturais no contexto da roça e suas significações, não ter me escutado como menina negra, agricultora, queria falar da vida, denunciar as carências, a opressão sexista e racial, desejei, também, anunciar as inventividades potencializadas engendradas nos saberes e fazeres agroecológicos. A ação prática da agricultura me oportunizou uma “[...] tomada de consciência irreversível de que a formação e a transformação de si são a tarefa de uma vida criativa, inventiva e com descobertas incessantes à nossa frente.”¹⁴⁷.

Elaborei, participei e testemunho a dimensão formativa, transmissão de saberes permeados pela criatividade, trabalho aquilombado, singularidade da ajuda mútua, onde o singular transformava-se em plural, dimensão existencial que transversalizava a *semiótica negra* da roça, presença viva das culturas afro-brasileira, assim, a medida em que eu participava, me entendia herdeira das heranças culturais, ampliava o sentimento de pertença.

Hoje, sendo professora negra da roça, transponho para a docência aquilo que sou como pessoa, em “[...] interação e de abertura com o outro-com um outro coletivo [...]”¹⁴⁸. Na sala, assumo uma tecnologia enraizada numa base metodológica e epistêmica que brota da experiência, faço negociações entre modelos e técnicas, com base nas minhas implicações, referências simbólicas, afetivas, saberes, no meu eu contemporâneo, pois acredito que

¹⁴⁶ “[...] matemáticas praticadas pelas distintas culturas e povos diferentes nas várias épocas da história, e por muitos hoje praticadas, [...]”. D’AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 35.

¹⁴⁷ JOSSO, 2010a, p. 81.

¹⁴⁸ TARDIF, 2014, p. 146.

enquanto “[...] seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper [...].”¹⁴⁹. Tenho construído um fazer docente orientado pela humanização do ser, do respeito à vida de todos e não apenas de alguns. Enquanto território-corpo, tensiono os territórios que estão em disputa na política de educação, na escola e no currículo, a partir da minha presença ativa e práxis pedagógica.

Defendo que a formação docente deve conceber a cultura profissional contaminada pelas interações múltiplas, por “[...] uma ética do sentido da educação como responsabilidade diante do outro. A educação é uma arte, uma técnica, uma interação e muitas outras coisas, mas é também a atividade pela qual prometemos [...] um mundo sensato [...].”¹⁵⁰.

2.8 A FEITURA DOS ARTESANATOS DE MEU PAI BIOLÓGICO

Meu pai biológico, além de agricultor, é cientista dos saberes da terra, com a madeira da caatinga, ele confeccionava portas, janelas, tamboretas, bancos, balaios, aviamentos de Casa de Farinha, latas grandes, conhecidos como depósitos, para armazenar a safra, e a quarta, unidade de medida que utilizamos por aqui. Vi a matéria-prima da caatinga virar grandes artes e pequenos enfeites para nossa casa por suas mãos calejadas, dedicadas e resilientes.

Depois que eu organizava, na cozinha de chão batido, a lenha de umburana, que faz brasa boa e duradoura, ia para debaixo da cajazeira, me sentava num banco a observar ele com a talhadeira, esculpindo com paciência os pedaços de madeira, ficava atenta aos entalhes que fazia, de repente, via o simples ganhar forma, já tinha um tamborete para sentar, porta com a tramela, um tipo de fechadura artesanal que conferia segurança à porta. Além de representação palpável, um sagrado construído, pois fabricava objetos essenciais para o labor diário da roça, especificamente.

No *catar* cotidiano, eu colhia, *catava* cipós, planta trepadeira que cresce entrelaçada a outras árvores, gostava de vê-lo *tecer* balaios e caçuás. Meu pai biológico, um exímio artesão, me convidava a participar, eu ajudava, selecionava os fios por tamanho, espessura, cor, maturação e maleabilidade, depois observava ele se sentar ao chão, colocando pés e joelhos para dar firmeza aos primeiros enlaces, seu corpo tomado pela sabedoria que herdou de seus avós e bisavós. Via no simples e rústico uma linguagem, voz, corpo, memória e natureza em sintonia.

¹⁴⁹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 149.

¹⁵⁰ TARDIF, 2014, p. 182.

Ele vagorosamente fazia os entrelaçamentos, eu olhava suas mãos, as minhas, percebia que, além de viver nas brenhas da caatinga, ela me oferecia oportunidade de *tecer* a vida, uma compreensão que se desenrolava nas arenas do meu interior, via o emaranhado de cipós se transformarem em possibilidades, na firmeza das heranças culturais, acontecimentos, (re)laboração. Na caatinga, meu pai biológico me ensinou que somente poderia colher os cipós na fase da lua minguante, época em que são mais resistentes, firmes, apropriados para a tecedura; *tecer* balaio em lua escura é conferir à peça maior durabilidade.

Quando meu pai biológico não estava a vender o dia, se dispunha a construir possibilidades, colocar em prática sabenças ancestrais. Nesses dias, geralmente nos fins de tardes, participava desse desvelar de aprendizagens, ele também me orientou a *catar* uma quantidade de ovos suficiente, juntar com as folhas de pau d'rato, colocar em um balaio e deitar a galinha para chocar, experienciei dia por dia até *catando* frutos de mandacaru, ofertando como comida, os pintinhos nasceram, abriguei em outros balaio para protegê-los das trovoadas.

Meu viver-ser na roça é enveredado nas rotas agroecológicas, culturas africanas e afro-brasileiras, são matrizes formativas que suleiam o movimento de interpretação do mundo, canto ancestral, constante de (re)compreensão do vivido, aprendi que, “[...] por meio da experiência partilhada de acolhimento, alegria e exemplo, é possível construir valores e princípios, [...] percebesse como parte de algo maior, [...] parte fundamental de um grande projeto de emancipação humana e da terra.”¹⁵¹.

Na época junina, meu pai biológico trazia um grande galho para fazermos a fogueira, eu decorava, colocava flores de São João, pindobas do ouricuri, pés de milho, molho de feijão de corda, à noite, a vizinhança vinha participar, nos organizávamos ao redor da fogueira para a prosa livre, celebração da colheita, ele escolhia uma espiga de grãos vermelhos, cheios, o “milho batim”, ‘semente crioula, ‘da paixão’, de grãos doces, coloridos e saborosos, que guardou de meus avós.

O cheiro do milho assando na fogueira perfumava o entorno, ele me ofertava e pedia que contasse as fileiras de grãos que continha na espiga, aproveitei para enfatizar sua exigência demasiada no plantio e cultivo das lavouras no roçado, ele me respondeu que por isso tinha tido boa safra, ‘risos’. Brincamos de adivinhar a quantidade de caroços, se estavam guardados na mão direita ou esquerda; nessa vivência, aprendia a contar utilizando os elementos da natureza, era fascinante, significativa e prazerosa a maneira de apreensão do

¹⁵¹ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 87.

conhecimento concreto da matemática, diferente de como aprendia na escola. “Meu pai me ensinou que aprender não tem fim. [...] o fato de ele ser tão respeitoso em relação aos nossos limites, e tão grato pelas pequenas coisas, parecia ser uma diferença de valor incalculável.”¹⁵².

No outro dia, mãe me levou para o batalhão, também conhecido como boi roubado, combinado coletivo, doação de tempo e esforço para a capina do roçado de alguém, trata-se de uma surpresa que é feita a quem precisava limpar a lavoura de milho e feijão em tempo mais rápido, é reunião de pessoas e forças. Nos batalhões, entoavam cantos, cantigas, o anúncio era feito por foguetes, daí as famílias proprietárias do roçado ficavam sabendo e, à vista disso, como agradecimento, matavam galinhas caipiras, porcos ou ovelha para o almoço coletivo, ao batuque do samba.

Recebemos no nosso roçado, o digitório, que é uma prática ancestral aqui na roça. Trata-se da necessidade da junção de várias pessoas, homens, mulheres e crianças, para realizar um trabalho de forma coletiva e mais rápida, aquela que notadamente levaria o triplo de dias para chegar ao término. O digitório das cinco horas, assim nomeado, somente acontecia após o dia de ganho que podíamos colaborar, ajudar quem precisava limpar o mato do roçado.

Participei dos mutirões, digitórios, para a construção de moradias, domesticação da mandioca, limpeza das fontes, retelhamento das casas, ajudei a plantar, capinar, arrancar, ajuntar, carregar o feijão para o moleque e a cerva, depois de seco, participei da despalha de milho, o debulhar e das batatas de feijão, que consiste em jogar as vargens secas de feijão para cima com os pés e batê-las com uma vara ao cair no chão.

Ajudei a ‘beatar o feijão’ – ação de limpar, retirar os bagaços, ato de jogar os grãos secos para cima, com auxílio de uma peneira, ou para baixo com uma lata. No ‘beatar feijão’, observei a evocação do vento, por assovios, no colocar um punhado da palhoça em volta das sementes e pelas palavras, “Chega Florença, barriga de vento, traz teu ensinamento”, não explico, mas testemunho, funcionava. Após isso, minha tarefa era *catar* caroços, depois eu brincava no amontoado de palhas me (re)entrelaçava com a natureza.

Vivia no trabalho aquilombado para a limpeza das fontes, meus pais cavavam a lama seca, eu enchia as latas, eu carregava para o banguê, objeto confeccionado com a bacia do carro de mão, prendido ao meio de duas varas, deixando espaço para o corpo adentrar, assim, subia e descia as trincheiras, tendo como parceira minhas irmãs e primas. Não se trabalhava com banguê sozinha. Reflito, por mais que essas atividades fossem de grandes esforços, eram

¹⁵² ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 53.

momentos que me traziam alegria, ocupam importante lugar nas memórias afetivas, no percurso de vida e formação, eram saberes experienciais e experiências formativas importantes, por meio das quais compreendia os sentidos do trabalho, da união, da potência comunitária; inclusive, o vivido, as representações culturais na roça, consubstanciam, orientam as escolhas teóricas, metodológicas e epistemológicas desta esteira narrativa.

O contexto do trabalho coletivo era amplificado, noutras atividades e necessidades, por exemplo, no *catar* pedras para o alicerce da casa, carreguei muitas, e mesmo com a ‘cuca’ cansada, conseguia ter êxito na escola, muito embora, reitero, que não saí ilesa dos pesos demasiantes e carências. Ao lavar telhas empoeiradas, me recordo ter os dedos feridos, dias em que mal segurei o pedaço de lápis na escola. Mas tratava-se de dar um outro aspecto à nossa moradia, gostava de dormir olhando o céu, o trabalho era planejado, desenvolvido, na fase da lua cheia, assim, à noite, eu sentia a estrela mais próxima.

Ao recordar esse percorrido, sentido e elaborado, vivido nas raízes familiares, troncos ancestrais, reconheço meu tornar-se pessoa ser-no-mundo; pela dinâmica da vida prática que fiz no engendramento dos *territórios existenciais*, existências negras, me vi numa relação *ente* coisas, pessoas e mundo. Desenvolvi uma observação fenomenológica, atenção, escuta da própria subjetividade, existencialidade, nos enlaces, *alinhavos* que progressivamente eram feitos e refeitos. E, por isso, há o que contar, a narrativa traz pujança do passado-presente e futuro em devir, evidencia uma experiência na geograficidade da roça-mundo.

Narro a história de vida assim, portanto, pelos meandros geográficos e culturais, vivências no seio familiar, comunitário, por um enveredar étnico, ancestralizado, por um bem-viver, significações da vida, movências do corpo e *territórios existenciais* na própria arte do tempo, sou potencializada por sabenças, artesanias, que para mim são invenções objetivas e subjetivas próprias do viver nesse lugar. As invenções ancoradas na ancestralidade trata-se das formas que articulamos à natureza do trabalho, às dimensões da vida, são formas próprias que se consolidaram como herança, foram criadas, adaptadas, inventadas, forjadas pela cultura, presentes no labor cotidiano, por elas fui educada, e tenho o que contar.

2.9 A EXTRAORDINÁRIA SEMANA DA FARINHADA

Via a expressão viva das sabenças e construção das artesanias ao observar, criar e experienciá-las na Semana da Farinhada*, período em que fazia novas interpretações sobre a vida, “A família comia bem; [...] eu percebia que esse era um dos poucos prazeres disponíveis em uma vida que era de trabalho do nascer do sol até o poente, quando a exaustão era tanta que só conseguia pensar em recobrar as forças para o dia seguinte.”¹⁵³. Nessa época, eu compreendia as vivências próprias do viver na roça, naqueles dias permeados pelo trabalho árduo regado a festa, cantoria, compartilhamento de saberes, tecimentos de alianças e congregação de todas as gerações.

Para que a Semana da Farinhada acontecesse, era preciso dobrar a dedicação no roçado, um cuidado diferenciado desde a sementeira, pois só é possível colher as raízes plantando da forma correta, senão não brota. Eu fiz a capina mensal, aprendi todas as fases de domesticação, no *território existencial* do ser agricultora, experimentei pelos veios da terra, trabalho e educação. A Casa de Farinha é lugar de memória, história, ancestralidade, para mim, foi palco do “[...] acúmulo de experiências alicerçadas em tradições, reflexões e sabedorias Pretas e Indígenas que precisam ser mais escutadas no processo revolucionário.”¹⁵⁴.

Não tenho dúvidas, as raízes da mandioca me aproximaram da ancestralidade negra e indígena, da comunidade, do povo. E me conectei com as heranças culturais, criei vínculos, fui pespontada, *alinhavada*, costurada e arrematada, no compromisso ancestralizado que aconteceu em todo processo de plantio, cultivo, colheita e transformação das raízes. Fiz experimentações práticas que me conduziram a saberes emancipatórios, aqui na roça, “[...] tradicionalmente, mulheres negras sempre criaram vínculos de união e apoio mútuos [...]. Nos juntamos umas às outras por sabedoria, força e apoio [...]”¹⁵⁵. Assim, fui aprendendo a desenvolver as tarefas combinadas, atenta, observando, um estar percebido. O vivido na Casa de Farinha me permitia perceber que “Quanto mais experiências compartilhadas e ações organizadas em conjunto, maiores as condições de superação dos desafios [...]”¹⁵⁶.

* Escrevo com letras iniciais maiúsculas para destacar a experiência como uma das mais importantes e formativas na história de vida.

¹⁵³ DAVIS, 2019, p. 92.

¹⁵⁴ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 136.

¹⁵⁵ LORDE, 2019, p. 62.

¹⁵⁶ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 138.

Fui para o roçado, cortei as manábas, deixei um conjunto de três nós – mandioca se planta o caule em pedaços, que faz a função de semente –, cavei os caminhos do roçado com atenção ao espaçamento e à profundidade das covas, enchi o balaio e dispus a semear. É preciso colocar os caules na posição certa, minhas mãos aprenderam rápido e meus pés lançavam a quantidade de terra suficiente para cobri-los, tendo a observação do tempo como parâmetro de medida, se o plantio fosse em período seco, adicionava maior quantidade, dosava quantidade de terra, se chuvoso, menor. “Nessa experimentação me encontro com “[...] mulheres corajosas o suficiente para se arriscar a compartilhar a carga [...] sem distorcer a extremamente importante poderosa e criativa natureza dessa troca.”¹⁵⁷.

Aprendi a realizar todas fases, do plantio a receitas, fiz planejamento, organização do calendário agroecológico, adquiri a inteligência do calendário cultural da roça, nos conhecimentos etnomatemáticos, sabenças criadas e enraizadas na ancestralidade do grupo, comunidade geográfica a que pertencço. Assim produzi melhor, organizando o plantio, a capina e a colheita, a domesticação das raízes da mandioca na observância dos sinais do tempo.

Construí saberes com respeito às fases da lua, ao observar o céu, ao observar as cores das nuvens, a disposição das estrelas, o brilho e a temperatura do sol, na densidade e duração do orvalho que brotava nas manhãs, nos ventos que sopravam das bandas do norte. Aprendi ao escutar as(os) mais velhas(os), principalmente meu pai biológico, que interpretava esses sinais tão bem, me ensinando cada um deles, corriqueiramente estávamos juntos, olhando o céu, me recordo ele dizer, “Amanhã vai amanhecer chovendo, olhe como as nuvens estão”, noutro dia, despertava com o som d’água no telhado rústico de casa, despertava com a luz da lareira do fogão de lenha, sentindo cheiro de café torrado no caco, pai e mãe já estavam de pé, juntos, escutando o rádio de pilha e conversando sobre a carestia dos alimentos e das coisas.

Assim, fui me percebendo mulher negra pessoa no mundo, no espaço singular da roça, nas tramas das sabenças, experiências desenvolvidas pelas(os) ancestrais e que hoje são heranças, legado, patrimônio cultural, sou guardiã, por meio das vivências, aprendi “[...] em deferência respeitosa, em escutar e ouvir conselhos, [...] não vamos ser desrespeitosos com nossa história de luta, [...] os que nos precederam nesta batalha e, sobretudo, que vamos aprender das batalhas anteriores [...] fundamentais aprendizados.”¹⁵⁸.

¹⁵⁷ LORDE, 2019, p. 74.

¹⁵⁸ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 155.

Após o plantio, iniciei com minha família a capina do roçado, todos os meses do ano, é necessária ‘uma limpa’*, ‘correr a enxada na terra’ e ‘chegar terra no pé da planta’, me lembro, após essa atividade, de me deitar embaixo dos pés de mandioca, descansava meu corpo em conexão ao solo arenoso, a existência abraçada pelas raízes, me sentia fortalecida, ainda era acariciada por formigas que andarilhavam sobre meu corpo, às vezes me mordiam, talvez, para me lembrar do horário de retomar a tarefa.

Aquele era um dia inteiro em que eu passava no roçado, pois, se as raízes são arrancadas numa semana só, a capina também tinha que ser. À vista disso, tive que driblar o cansaço, fui convocada às *continuanças*, continuar para colher lá na frente, aprendia a projetar o futuro, tinha dimensão de que aquele trabalho era condição para existir, pois aquelas raízes se desdobrariam em alimentos para nutrir o corpo, a memória. Tendo em vista que escutava que ser pobre era o castigo por sermos preguiçosas(os), ou seja, se não tínhamos nada adquirido pelo trabalho para mostrar, não éramos esforçados suficientemente. Décadas se passaram e tal pensamento ainda predomina, sustentado pelo racismo estrutural.

A Semana da Farinhada é, deveras, um momento de grande labor, para mim uma lida que consubstancia hoje meus saberes experienciais e experiências formativas, uma vivência encarnada de sentidos, antropologia permeada pelas tecnologias agroecológicas, ancestrais, descoberta, conhecimento, resistência. Nas Casas de Farinha, balaios cheios de raízes, sabores e sabedoria, eu ficava alegre, satisfeita com a oportunidade de socialização, pela possibilidade em “[...] dar uma parte da produção para o vizinho, [...]. Fosse no aspecto do conhecimento do território, fosse no aprendizado de ofícios tradicionais, o fato é que a valorização das simples coisas nos conectava melhor com a terra e com nosso território.”¹⁵⁹.

Os meses se sucediam, as plantas ganhavam altura, até ensaiava uma corrida entre elas, brincava com a prima-irmã pelos labirintos do roçado, brincávamos de pega-pega, esconde-esconde, depois da tarefa realizada. Na hora de vir para casa, trazia minha enxada cacambu nos ombros e na cabeça um feixe de lenha, disso nunca me envergonhei, ao contrário, durante o trajeto, se encontrasse gente, exibia a enxada, vinha pelo caminho refletindo sobre a coragem em fazer aquela atividade tão laboriosa, portanto, não devia dela me envergonhar, fazia o trajeto de ida e de vinda junto aos familiares, mãe me acompanhava orientando o outro dia, não dado, não pronto, a construir.

* Os termos entre aspas recebem destaque, pois referem-se à linguagem utilizada na cultura da roça e que são próprios do processo de plantio, cultivo e domesticação da mandioca. Formas como nos comunicamos na Casa de Farinha.

¹⁵⁹ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 148.

Era o planejamento para a ‘ranca da mandioca’, despertei na madrugada, “A imagem de minha família, ou melhor, o desejo do encontro com os meus me tomou por inteira.”¹⁶⁰. Eu me levantei junto com meus pais para organizar as coisas de levar para o roçado, enchia a moringa de água, organizava pratos, copos, colheres de alumínio, mãe fazia, organizava o café, a farofa, eu saía pelo terreiro varrendo-o, organizando enxadas, sacos, balaios.

Ia para o roçado, naquele dia, observava a parceria entre as pessoas que se uniam para ‘rancar’ o pé de mandioca, as plantas tinham ‘agradecido a capina’, tornaram-se fortes, grandes, grossas, viçosas. Com alegria, me aproximava para fazer a quebra, separação do caule e raízes, depois enchia os balaios, carregava até a carroça de jegue, a colheita era com base no trabalho de dois dias, tinha dia que dava para ‘raspar três carroças’. Ao decidir fazer a Semana da Farinhada, é preciso conversar, convidar as ‘raspadeiras’ e demais pessoas da Comunidade, inclusive é um chamado esperado, feito com respeito e responsabilidade, tínhamos combinado e convidado, eu mesma fui levar os recados na vizinhança para dar o digitório, pai era o forneiro, famoso por torrar uma boa farinha, na semana anterior, eu já tinha *catado* a lenha, dias de ajuntamentos.

Quando as raízes chegavam, na Casa de Farinha artesanal de meus avós maternos, era a hora de retirar as raízes da carroça, eu ajudava encher os balaios novamente, depois pegava água na fonte para molhar aquele amontoado, essa prática era feita para que não apresentassem dificuldade de soltar a casca, depois ia para o tamarindeiro *catar* tamarindos, descascava, deixava de molho, imersos em água, para fazer o suco do lanche partilhado durante a ‘raspa da mandioca’. Ainda ajudava, mãe a *catar* pindobas do ouricuri, ela entrelaçava, fazia vassouras para varrer o forno, meu pai se incubia de revisar os aviamentos, (forno, prensa, cochos, rodete e motor de gasolina), para que funcionassem bem durante aqueles dias.

Eu acordava, na madrugada, para ajudar a *catar* feijão, tomatinho, coentro, hortelã, couve do quintal, colocava água numa panela e com o machucador – objeto confeccionado com madeira e pedaço de zinco que faz a função de um liquidificador –, eu triturava os frutos do tamarindeiro, coava e adoçava.

Após realizar essas tarefas, ia para a Casa de Farinha, esperava a orientação de uma mais velha, que dizia o lugar onde devia me sentar, como deveria realizar a ‘raspagem das raízes’. Observava como elas eram rápidas, seus braços que se moviam em dança orquestrada, de repente, raspavam muitas raízes, ‘faziam o pé’, que é a retirada da parte mais grossa e

¹⁶⁰ EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020a. p. 49.

difícil, trata-se de limpar oitenta por cento da raiz, depois depositavam em balaios perto de mim.

Eu tinha ciência do que deveria fazer, do que me cabia, descascava atenta os vinte por cento da parte que faltava, com cuidado para não comprometer o rendimento e a qualidade da farinha. Gostava de em estar ali, transformando, produzindo a vida, o alimento, uma vivência fincada na organização coletiva, mas de sentidos singulares e plurais; naquela semana me dava conta do valor da sementeira, fortalecia meu *território existencial* do ser mulher-agricultora-negra, tudo o que ocorria naquela atividade, me dava conta de que na roça existiam “[...] memórias, experiências e práticas de sujeitos comunitários que exercitam estilos de vida não inspirados no tradicional conceito de desenvolvimento e progresso, [...]. É imperioso, [...] construir o ‘ancestral’ à margem de suas próprias raízes.”¹⁶¹. Por aqui, a construção do bem-viver é potencializado pela ecologia cultural dos aspectos comunitários.

Na verdade, a Semana da Farinhada é uma prática antropológica e biocultural, experimentei, na Casa de Farinha, a aplicação dos conhecimentos do meu povo, lugar que, por mim, recebe atenção continuada; produzi saberes singularizados, calcados nos nossos próprios modo de viver e sobreviver, aprendizagens compartilhadas, fui tecida na potência formativa e criativa do contexto cultural da roça. Por isso, reitero: “Devemos lembrar a nós mesmos de modo constante não apenas do estudo da experiência [...] o propósito de tirar lições que sejam aplicáveis às nossas próprias lutas por uma educação relevante [...] apoiar quem leva adiante o legado da revolução de seu povo.”¹⁶².

Venho interpretando a vida, numa análise (auto)etnográfica, na qual busco, compreender a mim mesma no revelado, nas narrativas e existencialidades, a partir de um vasculhar do próprio pensamento, linguagem, no fazer a descrição densa dos caminhos de vida e formação. Tenho me permitido a uma conversação particular, lendo a história de vida, nas lentes da subjetividade, concebendo a cultura não apenas como “[...] um sistema entrelaçado de signos interpretáveis, [...] ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.”¹⁶³.

Em volta das raízes, na ciranda da mulheres negras, em meio ao cansaço, escutava que só podia levantar daquela ‘roda viva’, de trabalho, cooperação, prosas, caatingas e partilha, após concluir a tarefa do dia, tinha sido o combinado, e foi com base nele que arrancamos da

¹⁶¹ ACOSTA, 2016, p. 96.

¹⁶² DAVIS, 2017, p. 162.

¹⁶³ CLIFFORD, Geertz. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989. p. 24.

terra aquela quantidade de raízes, compreendia que “[...] por meio da experiência partilhada de acolhimento, alegria e exemplo, é possível construir valores e princípios, tais como a unidade da natureza, do povo, do território e da luta.”¹⁶⁴. Aprendo, naquela experiência coletiva, a divisão responsável do trabalho e caráter educativo, fiz *continuações*.

No dia seguinte, logo cedo, me dirigia à Casa de Farinha, na chegada, pedia benção às mais velhas, que me abençoavam, eu me sentava em volta do conjunto de raízes, disposta a colaborar, aprender mais, participar; novamente construía aquele dia, éramos “Mulheres negras [...], compartilhando estreitos laços políticos e emocionais umas com as outras [...] nossas próprias definições, reconhecendo com respeito a diversidade que há entre nós. [...] desempenhamos papéis cruciais na sobrevivência dessas comunidades.”¹⁶⁵.

As minhas atribuições como criança eram encher o pote de água e ofertar aos adultos, juntar as raspas, ‘tirar meia’, que consiste em retirar o restante de casca da raiz – por aqui, não se descasca uma raiz sozinha, soa como afronta, é um comportamento que se observado, é refutado, repreendido por quem observa, quando ousei a fazer, fui repreendida com um olhar, portanto, tal prática, não faz parte do nosso combinado cultural, como nativa da roça, construí esse sabaça “[...] através do fluxo do comportamento – ou mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação.”¹⁶⁶.

As raízes iam diminuindo, me levantava para puxar, aproximá-las em torno das mais velhas, depois enchia os balaios com as mandiocas limpas, a seguir depositava no rodete desligado – peça de madeira, composta por um motor a gasolina, que abriga as raízes limpas, onde são ‘cevdadas’, trituradas; o rodete oferece perigo, um simples deslize custava a vida. ‘Cervar mandioca’ é, portanto, ato de vigilância e silêncio pelas pessoas que realizam e por quem observa, quem se dispõe a essa atividade precisa ter experiência, dizer, inclusive, como se sente; é necessário escolher um par, fazer combinados, escolher a maneira de se posicionar, até onde se pode aproximar a mandioca na ‘boca do rodete’, assim, as raízes mais novas eram conduzidas pelas mais velhas, percebia um cuidado, condução ética e ancestral. Observei aquela ação, pedi a mãe para realizar, ela respondeu: “é perigoso, só quando você crescer”.

Quando a mandioca estava sendo triturada, pai se aproximava, verificava se a massa tinha atingido o rendimento esperado, ele tinha feito uma ‘base de rendimento’, sobre a quantidade de sacos que ia torrar de farinha, os olhos dele eram como balança, ficava

¹⁶⁴ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 87.

¹⁶⁵ LORDE, 2019, p. 181.

¹⁶⁶ CLIFFORD, 1989, p. 27.

orgulhosa, meu pai era(é) sábio. No momento em que as raízes se tornavam massa homogênea e era abarcada pelo cocho acimentado, previamente higienizado com água e solução sanitária, ia para fonte buscar água para ‘tirar goma’, que consiste em extrair a fécula para o ‘dia de fazer beiju’, após a feitura final da farinhada.

Chegava da fonte, coava a água numa gamela, bacia de madeira, esculpida por meu pai confeccionada com a madeira da caatinga, e assim iniciava o ritual de extração, junto à mãe, que me ensinava a quantidade de massa a ser colocada e como deveria envolvê-la no pano, ela suspendia a mistura líquida para me mostrar a consistência, ‘grossura’, via a água se transformando num caldo leitoso, então coava, deixava decantar, noutro dia, a goma se assentava no fundo da gamela, como não ia fazer o beiju naquele dia, tinha que ‘cobrir a goma’, quer dizer, retirava a água de coloração amarela, era necessário adicionar uma mistura nova, ato obrigatório para não ‘azedar a goma’, que somente pode ser ‘coada’ na manhã do dia em que termina de ‘torrar a farinha’.

Naquela semana, o trabalho, não se encerrava com a ‘raspagem da mandioca’, pois, após ‘cervar as raízes’, é hora de ‘imprensar a massa’, na prensa, peça de madeira que faz a secagem, aprendi a organizar as ‘camas da prensa’, acomodando-as em sacos de linhagem limpos e abertos, a prensa da Casa de Farinha de meus avós ficava completa com seis camas, que rende cento e vinte litros de farinha, após isso, era colocar a tampa e ‘arrochar’, apertar, o parafuso ‘amarrar a prensa’, ela retira todo o líquido, ‘água de mandioca’, da massa, não deixando uma gota se quer da também conhecida manipueira, que, após descansar por dias para sair a substância tóxica, virava base para a saborosa conserva da pimenta malagueta que eu adicionava no molho de peixe fresco do rio, a ‘água da mandioca’ serve também como defensivo natural para algumas plantas. A prensa ficava seca na madrugada, quando tinha que ‘desarrochar’, ‘desamarrar’, em parceria, dupla ou trio de pessoas, eu ajudava a retirar as camas e a levá-las novamente ao rodete para ‘afinar a massa’, o próximo passo era ‘peneirar’, num cocho acimentado, me sentava, esfregava cuidadosamente, de forma que a ‘crureira’, entrecasca, que fica nas raízes, não passasse pelos furos da peneira, isso feito, cobria com lonas, e ia para casa descansar um pouquinho.

Acordava com o claro da lareira do fogão à lenha, que ficava em frente ao quarto em que dormia, percebia pai acordado, já tinha se levantado para ir ‘torrar a farinha’, dias em que ele não dormia quase nada. Eu me levantava cedo para ir à escola, lá, me incomodava o silêncio sobre a Semana da Farinhada, de todo aquele construído, vivido, por isso, houve dias em que apenas meu corpo estava naquele espaço, porém a mente estava na Casa de Farinha, tinha vontade de que a aula terminasse logo, no entanto, realizava as atividades com capricho,

sabia da importância de estar na escola, mesmo na incerteza de até quando ia continuar naquele espaço, ademais, caso faltasse às aulas, não teria falta justificada, o que é injustiça, afinal, também estava em processo de ensino e aprendizagem, endossado pelos saberes experienciais e experiências formativas.

No final da aula, saía correndo, serelepe pelo caminho, correndo feliz, balançando as tranças encrespadas, afinal, ia reencontrar as(os) colegas da escola e pessoas da comunidade, além do mais, na Casa de Farinha, no terreiro de meus avós, eu ia brincar livremente. Primeiro ia para o almoço compartilhado debaixo do pé de tamarindeiro, nunca me esqueço do sabor do ensopado com abóbora, do ovo frito no toucinho, da salada de tomatinho e suco de tamarindo que eu mesma fiz. Descansava, fazia novamente a tarefa de ‘tirar meia’, depois brincava no campo de futebol, que ficava ao lado da Casa de Farinha, não tinha bola, então convocava as amigas para sair *catando* sacos, tecidos usados, juntava tudo e colocava dentro de uma embalagem só, amarrava e ia praticar meu jogo preferido, o futebol.

Meu avô escutava a algazarra e vinha me ver jogando, colocava uma cadeira, sentava, me orientava como conduzir a bola, quando fazia um gol, ele celebrava, assim foi por tantos anos, eu jogando e ele celebrando. Com um tempo, passei a torcer para o time que ele torcia, contrariando meu núcleo familiar, me tornei a única da casa, a torcer para um time adversário, vovô me presentou com uma camisa do time, eu vestia em um dia de jogo clássico, soou como afronta, mas continuei firme, tinha direito de escolher. Agora, meus sobrinhos torcem junto comigo, contrariando minhas irmãs.

Os dias se sucediam, chega o ‘dia de fazer beiju’, dia de ‘coar a goma’, ‘escavacar’, torná-la líquida novamente, esperar decantar novamente, cobrir com um pano de algodão, seguido de uma camada de cinzas para reter a umidade, secar a fécula, o ponto certo para peneirar, quando era para o beiju, na peneira de buracos estreitos, para a tapioca, na peneira de buraco mais largos.

Dia de festa, celebração, pois “O intercâmbio [...] transferência de valores, produtos e jornadas de trabalho. Sustenta-se no princípio de dar e receber sem determinar um período de tempo, ação e espaço, [...] valores da comunidade que dizem respeito à ética, à cultura e à história.”¹⁶⁷. A farinha teve o rendimento previsto. Eu aguardava ansiosa para degustar meu beiju de recheio preferido, coco ralado com rapadura, mãe fazia-o embrulhado na palha da bananeira, eu sentava na esteira, escutando causos, estórias sentindo aquele cheiro maravilhoso.

¹⁶⁷ ACOSTA, 2016, p. 187.

Degustava-o vagorosamente para sentir o sabor do coco, aquela noite era especial, recheada, a Casa de Farinha ficava cheia, com a presença de todas as gerações, ‘eu’, nós, as ‘outras’, os ‘outros’, ‘comunidade’, brincava pelo terreiro conduzida pela luminosidade da lua cheia, do som da sanfona e do beiju partilhado.

Na madrugada, voltava para casa, sobre a cabeça, um balaio cheio de beiju, era dias de paz, garantia do café da semana vindoura e farinha para um bom período do ano, tempo em que já fazíamos outro plantio. Examino que fui desenvolvendo uma interpretação, desconstruindo e “[...] construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la [...] nessa ocasião ou naquele lugar [...] de todo o vasto negócio do mundo – é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia.”¹⁶⁸.

Na Casa de Farinha, escutei e vi que o rendimento é melhor quando a ‘ranca da mandioca’ é na lua nova, aprendi que não podia deixar as trovoadas chegarem para colher as raízes, pois elas se enchem de água e isso reduz o rendimento. “Pelo que até agora foi exposto, já se pode perceber a profunda importância do papel da mulher negra em nossa sociedade [...] o estudo desse tema assume um valor de tal ordem que acaba por revelar certos aspectos de nossa realidade cultural de que muitos pesquisadores nem sequer desconfiam.”¹⁶⁹.

Nos intervalos do trabalho, fazia rabiscos na terra árida, grafava palavras, brincava na areia, fazia bichinhos com o barro massapê, criava cenas e cenários, através das aprendizagens calcadas nas sabenças, heranças culturais, desenvolvidas nas etnoaprendizagens que trago hoje como legado vivo. Dessa forma, desenvolvi saberes experienciais e experiências formativas para resistir aos contextos de escassez, *catei* a lenha para torrar a farinha, busquei a água para higienizar os aviamentos, saciar a sede, aprendi que “[...] se queremos alimentar nosso povo, nossos ancestrais e quem vem depois de nós, [...], precisaremos contar com a generosidade da terra.”¹⁷⁰.

Observei durante a ‘raspagem da mandioca’, trabalho combinado, confecção de utilitários, ajuda mútua, solidariedade, percebi as mulheres na gestão, condução das ‘camas da prensa’ e esvaziamento, reunião de forças para apertá-la, o beiju preferido como presente, partilha do trabalho e alimento, vi as mãos estendidas para ajudar as companheiras subir ao forno e outros atos de irmandade, divisão sensata do labor, resolução dos entraves, solidariedade no conserto dos aviamentos ou qualquer dificuldade, compreendi a potência do

¹⁶⁸ CLIFFORD, 1989, p. 28.

¹⁶⁹ GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 55.

¹⁷⁰ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 62.

balaio entrelaçado pelo meu pai biológico. Celebrávamos a colheita, partilhando o mugunzá, que pisei no pilão de vó, lanche partilhado durante a ‘raspagem da mandioca’.

Minha expectativa até hoje é grande pela Semana da Farinhada, pois a Casa de Farinha é lugar de encontro, trabalho, lazer, adivinhações, humor, canto popular, lírico, riso, som sanfona, religiosidade, prosa, verso, poesia, paquera. Na Casa de Farinha, aprendi a não abandonar a luta, fiz a experiência da organização do tempo e espaço, vivência recheada de sentidos, sabores, ‘invenções de si’. Sonhava em me tornar dona de uma Casa de Farinha. E me tornei.

Mas não foi só flores, pois, um dia, me acidentei, escorreguei no piso acimentado do depósito onde estava sendo guardadas as ‘raspas da mandioca’ frescas, para evitar que algum animal consumisse, já que estas possuem uma substância tóxica, portanto, não deve ser consumida *in natura*, crua. De repente, lá estava eu, caída, quase sem consciência devido ao impacto da queda, sem reconhecer o espaço que tanto amava, atormentada pelo susto, embebida numa poça de sangue, sem entender nadinha do que tinha me ocorrido, tenho uma lembrança vaga da agonia entre as pessoas, mas a dor nunca esqueço, parecia que um dos ossos tinha rachado e de fato foi, passei dias entrelaçada com as ervas, banhos e rezas, sem conseguir falar, dormir, me alimentar direito, contudo, esse episódio não tirou a minha paixão pela Semana da Farinhada, ressignifiquei, fiz *continuações*.

2.10 MEANDROS E SINGELEZAS DOS CONTEXTOS DESAFIANTES DA CAATINGA

Nos circuitos da caatinga, meu corpo se integrava aos meandros e às singelezas desafiantes do contexto, quando ia *catar* lenhas, sabia que não podia cortar árvores verdes e vivas, assim, escolhia um espaço de referência, deixava os tecidos das rodilhas, corda para enlaçar o feixe e saco, para *catar* possibilidades, começava a procurar tocos, galhos, raízes, garranchos secos, quando os achava primeiro, anunciava: aqui tem! Com isso, uma ciranda de existências negras se formava em torno da moita de lenha seca, naquele instante, me sentia potencializada pelos troncos e pelas raízes ancestrais.

Passei a conhecer a madeira mais firme, que fazia brasa duradoura, labaredas intensas e menos fumaça, construí essas sabenças, na educação afro-agroecológica. A caatinga era para mim espaço mítico, espiritual, cultural, ancestral; aprendi a respeitar a biodiversidade do bioma, embrenhada nos meandros e nas singelezas, relação com a biodiversidade, no sentir-fazer-viver a potência criadora “[...] com o território e com o manejo das riquezas naturais.

Em exercício permanente de resistência [...] construção de cidadanias coletivas, o respeito à multiculturalidade [...].”¹⁷¹.

Foram várias incursões pelos veios caatingais. À procura de galhos secos, adentrava os labirintos plurais, nos esboços das árvores centenárias, chão arenoso, folhas coloridas; nas raízes artisticamente entrelaçadas, sentava, retirava o chinelo desgastado, colocava os pés no solo, olhava o alto, sentia a brisa suave, exclusiva do lugar, me entorpecia no bailar livre da copas frondosas, para lá e para cá, escrevia no chão, olhava o céu resplandecido pelas nuances de um arco-íris, me perdia no tempo, noutras vezes era arrodada por um beija-flor, que aparecia como se em mim sentisse algum perfume.

Ao narrar essas vivências, lembro-me do que me passou, tocou, aconteceu. As vivências e descobertas, pelas brenhas dos catingais, me fez entender que “A Caatinga é ser humano e natureza [...]. Caatinga é história e cultura. [...] A própria origem da Caatinga já é resultado de adaptação, resiliência, sabedoria e resistência.”¹⁷². Vivi um ontológico lírico e desafiante nas veredas e floreios da caatinga, onde florescia também em meio às intensidades.

Na caatinga-roça, fiz aventuras, subi nas árvores altas, centenárias, resistentes, que me permitiam descansar em suas raízes; dentro desse bioma, bebi água na cunca do ouricurizeiro, onde *catava* os coquinhos para tomar com café preto no entardecer. Nesse lugar, aprendi a costurar, *alinhar* retalhos e vida. Fiz *alinhavos* com fibras firmes, entrelaçados existenciais na relação íntima corpo-natureza e “[...] profunda identidade com a fauna e flora catingueira, desenvolvendo sábias estratégias de vida e produção diante das condições climáticas oferecidas [...].”¹⁷³. Nos tempos de escassez, diante do contexto de *secura*, descobria possibilidades em meio à realidade endurecida da vida, que exigia (re)adaptação; no ato de esperar, me fazia forte, tirava da caatinga uma lição, força e resiliência necessária para renovar-se.

Hoje acordei cedo, resolvi escrever aqui, nos meandros da caatinga, embrenhada nas raízes, flores, fibras, nos troncos e nas sementes. Avistei um pé de chupeira, espécie de abacaxi silvestre, me recordei das vezes em que seus gomos suculentos adocicaram minh'alma, durante o *catar* de lenha, me deixaram atenta e forte. Escolhi esse espaço para escrever, visitar as lembranças pelo corpo, no respirar, inspirar o ar puro da caatinga, me

¹⁷¹ ACOSTA, 2016, p. 147-148.

¹⁷² TROVÃO, Dilma M. de B. M.; FERNANDES, Pedro D.; ANDRADE, Leonaldo A. de; DANTAS NETO, José. Variações sazonais de aspectos fisiológicos de espécies da Caatinga. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, v. 11, n. 3, p. 307-311, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-43662007000300010>. Acesso em: 10 nov. 2021. p. 165.

¹⁷³ TROVÃO; FERNANDES; ANDRADE; DANTAS NETO, 2007, p. 165.

reconectar com sua estrutura de prenúncios, divindades. Conduzida pelo sentimento de liberdade, integração e ócio criativo, sem me ater ao passar das horas no relógio, afloram-se memórias.

Eu me lembro, inclusive, de quando as notificações de alerta eram ativadas, o som de chocalho vindo de uma cobra cascavel, ela me avisava do próprio perigo. Na verdade, aqui na roça, o repertório de alguns animais são avisos, indícios, sinais, despertar subjetivo e até crença: o cantar da seriema anuncia a chegada das chuvas, o pássaro rasga mortalha geralmente cantava o luto; o quem-quem, conhecido como espanta boiada, denunciava a fuga, pesca e caça predatória, escondida na noite escura. Nesse cenário inebriante, aquecida pelo compromisso, suor, energia e calor, ouço a canção autoral própria da vida, arrodada pela entonação das passarinhas que cantarolam as existências.

Sentada na robustez do tronco do mulungu, tomada por sensações, íntimo rememorado, continuo segredando a escutar timbres, ritmos, pouso e voos dos pássaros, um deles, em especial, percebeu minha presença e cantou: ‘bem-te-vi’. Pensei no quanto as vivências, aprendizagens nesses circuitos, no meio/com da diversidade, na arquitetura bonita da caatinga, composta por juazeiro, angico, cipó da flor amarela, cipó verdadeiro, lambe-beiço, espinheira santa, ariri, pau de colher, canela de velho, incó manso, barbatimão, purga do campo, catuaba, pau d’arco, aroeira, barriguda, pata de vaca, cipó caboclo, cansação de lajedo, rompe gibão, barba de bode, carobinha, jericó, calumbi vermelho-branco, cabeludinha, purga de batata, beldroega, ipê, taipoca, cassutinga, jurubeba, velame, umburuçu, jitirana azul-branca, caroá, macambira, gravatá, coroa de frade, primeiras águas, tapicuru, unha de gato, quixabeira, xique-xique e tantas outras.

No bioma da caatinga-roça, me tornei íntima dos animais, mansos, grandes, pequenos e peçonhentos, eduquei o olfato nos aromas exóticos da flora, passei a interpretar o tempo, conseguia entender, prever, as mudanças do tempo, ao me basear no cantarolar dos grilos, cigarras, seriemas, sapos, flora do mandacaru, da jeremeiras, de acordo com a aglomeração das estrelas no céu, círculo envolta da lua, pela cor que o sol se põe, nos sinais emitidos pelo meu corpo através do ligeiro suor que descia nas dobras do cotovelo, anúncios da chegada das chuvas.

2.11 INVENTIVIDADES CORPO-NATUREZA E SILÊNCIO ESCOLAR

Na observância do tempo, da vegetação, adquiri letramentos de resistência, desenvolvi “[...] a criação de possibilidades de diálogo, [...] conhecimentos ancestrais [...] assumindo, a todo instante, que a construção de conhecimento é fruto de um processo social. [...] em pleno processo de reconstrução, que se extrai do saber ancestral, olhando muito para o passado.”¹⁷⁴.

Na roça, construí saberes pela contribuição real do bem-viver. Na arapuca, capturei codornas, anuns, rolinha fogo-pagou, rolinha caldo de feijão; construía essa artesanaria com dois fios de sisal entrecruzados e galhos de árvores de tamanho similar, depois de pronta, a armadilha ficava no formato de uma pirâmide, assim, procurava um lugar estratégico, atrativo na caatinga e armava a arapuca deixando uma parte entreaberta, para isso, utilizava como suporte, um graveto em formato de gancho, por debaixo dela, colocava grãos de milho, voltava para casa, esperava algumas horas, no retorno, via que ela estava assentada no chão, sabia que algum animal foi atraído, capturado, encostava sem barulho, suspendia cuidadosamente com uma mão, enquanto a outra adentrava o interior, sentia algo macio, um pássaro, celebrava a conquista do almoço; mas, em muitos dias, nada pude retirar de dentro dela.

Outra artesanaria que desenvolvi para angariar, dar um sabor diferente ao almoço, foi a inchó, pegava uma espécie de tábua retangular, ia até a cerca de gravatás, habitat preferido dos preás, cavava um buraco, onde eles ficariam presos caso comessem os pedaços da palma forrageira que colocava por cima como atrativo. Assim, eram minhas manhãs, na luta pelo sustento; no inventar da vida, experimentava curiosidades, descobria o mundo, o que precisava naquele dia nas ruralidades específicas.

Voltava para casa, entregava a caça para mãe, que enaltecia minha coragem, inclusive reiterava: “Você já sabe se virar, tem sabedoria para sobreviver”, daí ela preparava aquele preá, moqueando-o, na beira do fogão de lenha, ficava a observar etapa por etapa do ritual, imersão na água quente, depois na fria, maneira de limpar, abrir, tempo de descanso no limão, enquanto isso, eu fazia o tempero, mãe cozinhava aquela caça, torrava toucinho na caçarola encarvoada. Então, me vinha à memória o dia em que abatíamos porcos e leitoas, toda preparação prévia, combinação familiar, organização das pindobas de ouricuri usadas para retirar o pelo dos animais, o fogo era organizado, aceso no chão, ficava na expectativa pela junção de saberes e pessoas no terreiro, naquela madrugada me somava ao trabalho, pois

¹⁷⁴ ACOSTA, 2016, p. 239.

queria aprender, descobrir outra possibilidade para me virar melhor. Por aqui, faz parte da experiência do lugar saber do início ao fim uma tarefa, compromisso que se assume, e por mais que não se realize sozinha(o), somos requisitadas(os) a conhecer, logo, era uma aspiração que tinha.

Acordava cedinho, na madrugada, me aliava àquele grupo de pessoas, até clarear o dia, hora em que ajudava a tratar as vísceras, fato do animal abatido, nas bacias; buscava latas de água, ficava quase sem piscar os olhos, observando o destrinchar de cada parte, tempo que ficavam imersas na água quente. Nessa atividade, *catava* varinhas no quintal para revirar as tripas, corria saltitante, escolhia cuidadosamente e rápido, retirava as cascas, arredondava as pontas das varas numa pedra, virava as tripas ao avesso, que passava a ser o lado certo, ajudava a preparar o sarapatel, comida que sei preparar com maestria, recortava as vísceras em pedaços pequeninos, fazia o tempero, recheava demorado, recebia elogios.

Na criação de alternativas, a busca por viver melhor me conectava com pessoas, semiótica da roça; depois do labor, me reunia na cozinha de chão batido, em ciranda, para partilhar o cozido, resultado dos esforços, feijão, farinha, molho de tomatinho com pimenta malagueta, sarapatel que temperei, sentava para almoçar, era dia da fatura, podia repetir o prato.

Na cozinha de piso rústico, olhava para as paredes, fogão à lenha, ambos construídos com os adobes do barro da fontinha, olhava o telhado, via a madeira que catei na caatinga, me energizava no contato aproximado e diuturno com o bioma. Eu me compreendia entrelaçada, sabia, por mais que viesse a me tornar empregada doméstica, na cidade, teria muito o que contar sobre a roça. Apesar de ser receptora dos moldes de educação escolar “[...] que educam para que os jovens não fiquem, para que eles se enxerguem como indivíduos dissociados de sua família, de seu povo, de sua terra. Essa educação – construída nas bases ideológicas do capitalismo e do racismo – é muito eficaz em sua tarefa de desterritorializar.”¹⁷⁵, comigo não funcionou, pois meu projeto de vida era justamente escapar dessa desterritorialização presente na linguagem da sala de aula, infelizmente, me vi assediada pelo discurso racista, sexista, classista, incutida na busca pelo ‘sucesso na cidade’.

Na escola, em nenhum momento, escutei sobre as narrativas positivas da roça, os saberes tradicionais, os conhecimentos ancestrais, a organização coletiva, o bem-viver e bom conviver que praticávamos todos os dias. Acredito que tudo isso se deva a um código

¹⁷⁵ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 80.

normatizador, impregnado na mentalidade colonizada, racista, que tem como padrão: melhor o de fora, bom o da cidade, e branco como belo.

Infelizmente, a escola não fazia referências positivas ao lugar, à dimensão cultural, ao povo, ao *ser* mulher. Pior, escutei o oposto, fui caracterizada como negra da roça, em tom pejorativo, pela associação racista, como se ser da roça fosse uma existência inferiorizada, demérito ou despossuir inteligência, devido a isso, fui seduzida a negar minhas origens, jeito de ser, beleza e saber. Avalio que o currículo descolado da realidade não me causou maior danos porque vivia integrada à natureza, tecida, banhada, observada pelos cuidados ancestralizados.

A escola deveria ter dito, abordado em algum momento, sobre as atividades desenvolvidas no roçado, produção de alimentos, uso dos bens comuns e renováveis, práticas sociais, relação entre pessoas e natureza, lugares de encontro comunitário, trabalho cooperado, qualidade de vida, identidade das famílias, ter apresentado a roça como um “[...] lugar, ambiente, espaço geográfico, território onde dada cultura se exterioriza e objetiva agri-cultural-mente. Constituindo sistemas agrários composto por distintos agroecossistemas [...]. Trata-se de práxis humana, sendo o humano histórico e cultural.”¹⁷⁶.

2.12 O PESCAR NO RIO CONDUZIDA PELA INTUIÇÃO E LINGUAGEM

Pescar me tornava viva.

Acordava, ia *catar* minhoca no quintal para pescar no rio, momento esperado, queria me divertir, imergir nos mistérios das águas, tomar banho após a captura dos peixes e depois sentir o gosto da moqueca assada na palha da bananeira, na trempe do fogão à lenha.

Para pescar no rio, fazia um atravessamento por um campo de sisal, mata fechada de passagens escuras, ia conduzida por sentidos flutuantes, em silêncio, guiada pela ancestralidade que me ensinou a palavra como isca, por isso, ao sair de casa, era avisada da linguagem que deveria adotar, não pronunciar alguns termos. Então, me dispunha nessa aventura de corpo e alma, energizada pelo calor, alma confortada pelas sabenças familiares, pescar era alternativa de sustento e lazer. Chegava à beirada do rio, descalçava os pés, pondo-os em contato íntimo com o solo e espinhos ajuntados pela correnteza.

¹⁷⁶ TARDIN, José Maria. Agricultura. In: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (Orgs.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. p. 29-36. p. 30.

A intuição me inspirava, o corpo dava sinais, passos calmos e silenciosos, pareci dançar em valsa, imergia o balaio próximo aos aguapés, principalmente nas encostas da margem do rio. Ao afundar o balaio, vi o momento exato em que a marinheira o adentrou, atraída pela pujança das palavras, pensei o quanto a linguagem exerce um domínio sobre o mundo, então gritei, para anunciar a conquista. Depois dancei, comemorei com banho e moqueca. Na escola, era requerida a desenhar um peixe, pintar com uma cor determinada, mas o pescar no rio, realidade que vivia no cotidiano, não era abordado, por isso, penso que, “Dentro, ainda, deste tema, o das relações entre educação e produção, [...] há uma experiência que, tudo indica, poderá vir a torna-se exemplar [...], não porque deva ser literalmente transplantada, mas enquanto se possa converter numa fonte de aprendizado.”¹⁷⁷.

Ao longo do tempo, no contexto territorial, me observava nas nesgas dos caminhos, corredores apertados, entranhas, arestas, nos contornos para existir, me educava nos períodos de fatura e escassez, nos movimentos exigidos ao meu corpo, dimensão intuitiva, observação fenomenológica, subjetividade que afluía, no decifrar profundo das existências negras, *tecer* de sentidos plurais, por isso, a escrita da história de vida é oportunidade para ressignificar, (re)organizar algumas coisas que me ocorreram, e para me dar conta do que fiz, com o que fizeram de mim; refazer as andanças formativas é dar conta de ‘si-no-mundo’, “[...] uma interpretação bem orquestrada, porque se trata, em cada ocasião, de articular existencialidade à convivência ou, para melhor dizer, de fazer com que o [...] aqui e agora crie as configurações [...] inter-relação.”¹⁷⁸.

Ao narrar *continuações*, possibilidades ontológicas na roça, entrelaçares, *alinhavados* do tempo, pela robustez do vivido, acesso o aió das lembranças como abertura para (re)viver a experiência por novos sentidos despertados na relação com a terra, o território, os saberes experienciais e experiências formativas, teorizo a história de vida-formação, compreendendo, interpretando os aspectos “[...] que nela se entrecruzam, a ser pensados, analisados e acompanhados em seus mais mínimos pormenores.[...] o dinamismo que se estabelece entre a educação e as transformações que se vão operando no contexto socioeconômico [...]”¹⁷⁹. Foi bom não ter desistido mediante as dificuldades que se apresentaram cedo, enquanto mulher, negra, da roça.

¹⁷⁷ FREIRE, 2011, p. 112.

¹⁷⁸ JOSSO, 2010a, p. 192.

¹⁷⁹ FREIRE, 2011, p. 112.

O tempo passava, eu ia tomando consciência do estar-no-mundo, me inventava na reflexão dos percursos trilhados que iam se constituindo resistência, pertencimento, potência cultural, linguagem antropológica, experiência corporificada, e por mais que se discorde, tenho o que contar, um social praticado, que se transformou em formação, intervenção, prática de pesquisa educativa. E me possibilitou novas elaborações a despeito de um “[...] conceito de sabedoria que emerge da análise e da compreensão dos percursos de vida [...] uma existencialidade plena e inteira, numa alteridade solidária olhando, com toda lucidez [...], as turbulências da condição humana e as fragilidades do seu ser-no-mundo.”¹⁸⁰.

2.13 O SENSORIAL POSSIBILITADO PELAS PLANTAS DO QUINTAL DE CASA

No quintal de casa, massagava ervas medicinais, capim santo, cidreira, erva doce e alecrim, cheiros que me proporcionavam sensação de liberdade, aflorava memórias doces, aroma de ternura, como se estivesse na cozinha de vó. Eu era educada na troca sinérgica, sensível e aromatizada, nos ritmos embalantes da natureza, o sensorial possibilitado pelas plantas de casa desvelava o pertencimento, constructo cultural, vivia nesse lugar; prática social agroecológica que me conferiu aprendizados genuínos.

O quintal de casa era uma riqueza no contexto produtivo da roça, espaço enraizado na sabença popular, onde me entendia elemento da natureza; na expansão do sensorial, possibilitado pelas plantas, me conectava com o (im)palpável, orientada pelas heranças ancestrais, contextos familiares e memória biocultural, ou seja, experienciava uma outra educação, calcada na sabedoria popular, elementos enraizados nas relações sociais, assim, me percebia nas matrizes formativas produtivas agroecológicas, presentes na geograficidade da roça.

Venho ao longo das minhas existências a construir uma concepção de ser histórico, buscando integrar a dimensão criativa do bem-viver ao processo de produção do conhecimento teórico pela aprendizagem experiencial, “E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade.”¹⁸¹.

No quintal sensorial de casa, meu corpo em meio ao vento, brisas nos fins de tarde, encostado nas palhoças, pés sobre pedras do banheiro artesanal, corpo-natureza sempre

¹⁸⁰ JOSSO, 2010a, p. 130.

¹⁸¹ JOSSO, 2010a, p. 37.

próximo às sementes, plantas, não me esqueço do sentimento de calma que me ocorria, ao tocar folhas macias de malva, o doce da cana-de-açúcar acalentava o paladar cansado, e do conforto estomacal, proporcionado no sentir o cheiro da pamonha.

Nos momentos em que estava no quintal, me sentia semente, flor, fruto, raiz, areia, barro, água e ar, resistia no sertão, no calor implacável; no território em que cresci, a natureza “[...] acabou se tornando parte de mim, como o meu sangue; [...] adorava o momento em que as flores brancas do cedro começavam a cair no chão com um silêncio que eu escutava, suas pétalas a princípio ainda frescas, um beijo suave de rosa e branco, [...]”¹⁸².

Eu me percebia pessoa, nas práticas ritualizadas, bois, batatas e cantigas, nas práticas de trabalho aquilombado, produção agroecológica, sabedoria oriunda das(os) mais velhas(os) e vivências familiares. Nos dias em que meu pai biológico resolvia lavar as telhas para retirar o carvão da chaminé, passava o dia limpando os caibros, descascando-os com uma faquinha sem ponta, assim que aprendi a dar nova forma ao telhado de casa, aprendi a *tecer* o pavio do candeeiro, *catava* as sementes do algodoeiro presente no quintal, e debaixo da cajazeira, sentava na esteira, retirando o algodão, dando forma ao pavio, que embebido no querosene, iluminava o interior da moradia.

Em alguns dias, no fim de tarde, quase à noitinha, ia à bodega, que ficava longe, perto da fonte longínqua, na cabeça, a lista: querosene para colocar nos candeeiros, um pedaço de sabão, um copo de óleo e sal. Lá, na vendinha, comprava um doce, e voltava para casa, às pressas, correndo para não fazer a travessia da mata no escuro, afinal, havia narrativas de assombração, eu tinha medo. Chegava, entregava os insumos, ia tomar banho olhando para o céu, ia fazer o dever da escola, sentada no tamborete, à luz do candeeiro.

Via essa existencialidade permeada pela sabedoria no aproveitamento e entretecer das palhas, que viravam cobertura, bocapiu, abanos, esteira, chapéu, corda para o *catar* lenhas, enlaces para amarrar pamonhas, parede, telhado da moradia precária. Lembro-me dos relampejos que anunciavam a chegada das chuvas, tempo de trovoadas, tinha que ficar acordada, vigilante, não podia deitar, devido à estrutura precária de nossa casa, às vezes, quando tirava um cochilo breve, era cutucada por minhas irmãs, que me lançavam um olhar de alerta; para ficar viva, tive que fazer sacrifícios de dia à noite, senti temor, medo. Vivia na contradição, em suplicar a chuva para ter o que comer, e na aflição pelas condições da moradia.

¹⁸² KINCAID, 2020, p. 15.

Houve trovoadas que duraram horas, precisei recorrer à espiritualidade, crenças nos elementos da natureza, queimava pindobas bentas, emborcava a cuia no terreiro, para abrandar a ventania, acalmar os temporais. Eu me acalmava, me lembrava da firmeza dos adobes que construí com o barro da fontinha, de como meu pai biológico tinha levantado as paredes utilizando o barro, também me recordei que na caatinga também chovia, no entanto, a casa da maria-de-barro permanecia intacta.

Quando a trovoadada passava, já estava quase na hora de me levantar para *catar*, buscar, procurar algo para viver melhor. No sair para *catar*, aprendi a me organizar, planejar, interpretar a vida, descobrir possibilidades. *Catava* frutos do mandacaru, umbu, bredo, ouricuri, jabuticaba, palmas, tomatinho, maracujá do mato, pedras e até ossos velhos para vender. *Catava* lenha seca, organizava-a em feixe, entrelaçava com corda das folhas do ouricurizeiro, fios de sisal, *catei* muitas coisas.

Chegava em casa, pela misericórdia, dias em que as *continuanças* foram feitas com pernas cambaleantes, trajetos puxados, de lonjura, ladeiras que me puxavam para trás, às vezes que quis jogar os pesos no chão, gritar alto a revolta, mas me contive; vezes em que o espinho que atravessou o chinelo foi a oportunidade para pausar, ou seguir com o pé doendo, tem espinho que arde, lateja, descobria que seguir às vezes dói, todavia, o esforço tinha recompensas, depois de chegar em casa e arrumar cada pedaço de lenha, noutro dia, só precisava caçar, pescar, ou *catar* para ficar de pé, além disso, a quentura que vinha do fogão trazia luz para os cômodos da casa e me acalentava no frio, fazia vezes do cobertor idealizado.

Na síntese do acontecido, fiz interpretações que colaboraram para me manter lúcida, desenvolvi uma resiliência etnopoética, no intercâmbio comunitário, relação corpo-natureza, no sensorial possibilitado pelas plantas e pelos entretences biogeográficos, herdei saberes que exprimiam cuidado, enxerguei doçura nos detalhes que atenuaram a dureza da vida, me dispus a fazer cocadas, cultivar gravatás. Nas tardes de sábado, fazia guizado com as primas, cada uma levava um pouco do que tinha no quintal, depois partilhávamos o cozido, aprendi a torrar castanhas no caco e depois jogar as cinzas para fertilizar o quintal.

O tempo passava, me conectava com o vigor das oleaginosas através do uso de óleos provenientes do coco, do ouricuri, da mamona, que deixavam minhas madeixas encrespadas macias, brilhantes e fortes, minha avó paterna extraia e me presenteava, óleos que nutriam cabelo e pele. Eu me via em conectividade familiar, corpórea, espiritual, ancestral e histórica com a geograficidade da roça, nutria a vontade de ficar, afinal, sabia até me defender das picadas de abelhas, marimbondos, e mordidas de escorpiões, que quase me fizeram acreditar que a vida chegaria ao fim. “Lembro-me agora [...] ao olhar um pôr do sol interminável e

escarlate [...] agonizei com ele lentamente [...]. Então num susto percebi que meu corpo e minha alma tinham sobrevivido.”¹⁸³.

Ao longo do tempo, crescia a angústia devido ao ‘culto à conformidade’ e impossibilidade, escutava que sofrimento era destino, temia o avançar dos dias, a quase certa mudança para a cidade, ser mãe preta, pois recaía sobre mim o que restou às minhas tias, madrinha, irmãs e outras mulheres daqui. Desde menina, as expectativas lançadas à minha condição de mulher negra, negra da roça, era o servilismo, cedo sofri com a opressão de gênero, raça e classe, que se articulam de maneira cruel e combinada. Por isso, “Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir [...] trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação.”¹⁸⁴.

Queria ficar na roça, ter condições para a compra do material escolar, não mais dividi-lo, desejava ter um lápis inteiro só para mim. Na escola, não precisei decorar a tabuada, já que, nas atividades da roça, meu pai biológico me ensinava a matemática prática, me colocava para contar as fileiras de grãos da espiga de milho, no *debulhar* das vargens de feijão, quantidade de pés de mandioca dos caminhos no roçado, questionava a quantidade de sementes lançadas na terra, quantidade de quartas de farinha colocadas numa saca, era um exímio matemático.

No entanto, mãe, que reconhecia o poder transformador da educação, apesar de não ter frequentado a escola formal, lutou para minha permanência na escola, não permitindo que me faltasse o mínimo, exigia pontualidade, compromisso, disciplina, me recomendava a realizar as tarefas com afinco, assim fiz, como se o lápis fosse a enxada, capaz de transformar a vida. Com isso, não estudei por obrigação, cultivava palavras, sonhava permanecer naquele espaço, fiz prece, perante os desafios para ali estar, cansada, sem perspectivas de *continuanças*.

Quando dava a boca da noite, chegava visita em casa, algumas delas me perguntavam se sabia ler e escrever, respondia que sim, na espera dos elogios, queria ser reconhecida por aquele esforço, que não era pequeno, no entanto, escutava: “está bom demais!” Ficava com nó na garganta, engasgada, não sabia como romper aquele ciclo, passei a noite acordada, pensando nas contradições da vida, minha família que plantava várias sementes, tinha pequeno pedaço de terra, servia aos moldes escravagistas, enquanto os donos das grandes propriedades plantavam só capim, desnudei a raiva em pranto.

¹⁸³ LISPECTOR, 2004, p. 142.

¹⁸⁴ DAVIS, 2016, p. 17.

Os anos se passaram, não me tornei empregada doméstica, mas não passei isenta ao assédio a mim direcionados por pastores, políticos e policiais, aqui descrevo-os ironicamente como os típicos defensores da ‘família brasileira’, ocorrências que não foram pontuais, tratava-se, portanto, dos estereótipos sexistas, racistas, de classe, utilizados para me caracterizar como mulher, negra. Resisti à força opressora do racismo, sexismo, propagado inclusive, pela religiosidade. Infelizmente, “A mitologia cristã representou a mulher como fonte de pecado e mal; a mitologia racista e sexista simplesmente designou as mulheres como epítome da maldade e da pecaminosidade. Homens brancos podiam justificar [...] a exploração sexual [...]”¹⁸⁵. Tive medo do que pudesse acontecer, sendo empregada doméstica na cidade, das violências que recaiam sobre os corpos das mulheres, em maior recorrência, negras.

Por isso que tomo o estatuto da palavra por um compromisso, pois “[...] cada pessoa em formação elabora um conhecimento de si [...] do seu saber-viver, do seu saber pensar-se e do seu saber-aprender consigo [...]”¹⁸⁶. Narro vida-formação nos espaços e tempos, refazendo percursos, (re)interpretando o vivido como menina-mulher, negra, da roça, “[...] registros de uma experiência em processo [...] a experiência em pleno andamento [...] Gostaria de afirmar [...] sobre a mesma experiência [...] continuarei a escrever.”¹⁸⁷. Reitero que, mesmo com a escassez e as faltas, desejei continuar a viver por aqui, desenvolvendo artesanias e sabenças, entrelaçada à vegetação que servia de colchão, telhado e alimento, celebrando as colheitas com festividade, cantos, cantigas, de trabalho.

Participei do trabalho, quando a comunidade se juntava para realizar a limpeza do tanque, alternativa para a água durar mais tempo; nessa atividade, risos intensos, parceria, cuidado, partilha. Vivía no labor e na criatividade, cedo, a colher os galhos, juntá-los, enlaçá-los e varrer o terreiro, ao passar aqueles ramos em dança braçal e orquestrada, às vezes, durante o varrer, era hipnotizada por borboletas coloridas, que me rodeavam, dançava com elas, esquecia do horário, era advertida por não perceber o tempo passar.

¹⁸⁵ hooks, 2020, p. 142.

¹⁸⁶ JOSSO, 2010a, p. 111.

¹⁸⁷ FREIRE, 2011, p. 15.

2.14 O CABELO CRESPO E A EXPERIÊNCIA DO RACISMO

Minhas madeixas encrespadas, o quanto tentei fugir das dores desencadeadas pelo racismo; na minha cabeça, um emaranhado de fios, conjunto de raízes e referências africanas nas curvas, nó, entrelaçados; “[...] meus cabelos eram cuidados por minhas irmãs mais velhas, [...] com capricho e paciência. [...], colocavam em prática as técnicas aprendidas com as nossas avós de como usar os elementos da natureza para [...] abrilhantar as nossas coroas crespas.”¹⁸⁸.

Por causa do cabelo crespo, vivi a experiência do racismo, na verdade, os cabelos crespos das mulheres negras viviam sempre escondidos, não conhecia os cabelos de minhas avós, presos, como se algo de errado tivessem cometido, ficava curiosa pelo momento em que elas cuidavam deles, queria entender os meus.

Tinha escutado e sabia que o cabelo enaltecia minhas diferenças, se soltos, volumosos, ao me olhar, as pessoas começavam a nomeá-los: cabelo de ‘assanharó, vassoura, carrapicho, enxú de chapéu, pixaim, duro, ruim, bombril’, palavras ditas no contexto da piada, escárnio, inferiorização, geralmente pronunciadas na presença de um coletivo, o que doía ainda mais; dói ao lembrar das gargalhadas.

Na verdade, eu crescia junto com as madeixas que dobravam cada vez mais de volume, devido a isso, mais racismo sofria. Como mulher negra, trazia em cada cacho uma memorização, agroecológica e afrodescendente, por esse motivo, meus fios viviam encharcados pelas sabenças valiosas preparadas por minhas avós, tia, mãe e irmãs. Só era feliz com eles no seio familiar, então, me dirigia ao pé de juá, com uma faquinha sem ponta, arrancava algumas cascas de baixo para cima e voltava para casa, ia espumar meus cabelos e dentes.

Mãe lavava meus cabelos na fonte, enquanto, as roupas estavam quarando no lajedo, gostava daquele ritual, ser cuidada, primeiro ela passava a espuma do juazeiro, depois, seiva da babosa do quintal para desembaraçar, o enxague era bem feito, com bastante água, após, envolvia-os em lenço, turbante, esperava retirar a umidade, depois do almoço, me sentava na esteira, tinha meus cabelos acarinhados, trançados por mãe, que dividia em partes, semelhantes aos caminhos do roçado, sobre minha cabeça; óleo de mamona, ela também

¹⁸⁸ SOUZA, Antonio José de; SILVA, Ana Maria Anunciação da. Aula de história, lendo estória: negritude nos cachos de Lelê. In: SATLER, Carla Fernanda da Silva; MARQUARDT, Jaqueline (Orgs.). **Caminhos da Aprendizagem Histórica**: africanidades e cultura afro-brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2021. p. 104-111. p. 107.

usava tutano derretido, que vinha na ossada de boi, quando pai tinha sorte de achar no açougue da cidade.

O penteado era composto por um coletivo de tranças que, embora eu gostasse tanto, era motivo para olhares enviesados, que me causavam desconforto, por isso, solicitava que ela mudasse a forma de pentear, não quis ir para a escola com alguns deles, pedi para deixá-los soltos, mas escutava que não podia, não me explicavam o porquê, queria tanto vê-los livres, como meu corpo podia ser na catinga, demorei para entender que não podia porque as pessoas iam rir, zombar de mim, isso me causava tristeza.

No pentear, vivia o cuidado, na arte do entrelaçamento, que acontecia numa ordem: primeiro, mãe trançava meu cabelo e depois das minhas primas, no período em que seus pais foram tentar a sorte na cidade grande. A experiência de estarmos juntas, no cuidado, eticidade ancestral, segredava com elas, sentadas naquela esteira feita por vó, depois íamos brincar de pega-pega, esconde-esconde, minhas tranças me sentiam em liberdade.

Escutava que o cabelo crespo dava muito trabalho, por isso, entendia o pente de ferro quente passado nos cabelos das minhas irmãs, nos de outras mulheres e depois nos meus; na tentativa de fugir do racismo, adotei uma característica do que era considerado como bonito, aceitável, às vezes em que o pente ferro quente marcou pele e alma, além disso, não impossibilitou que continuasse sofrendo. O racismo se reinventava, soltos não podia, a depender do penteado era chamada de ‘vaca banana’, passados no pente quente, sofria também. Vi as meninas de cabelo cortados sofrerem também, uma confusão.

O racismo enlouquece, por sorte não enlouqueci com ele. Aliás, nada do que eu ouvira se sobrepunha à experiência de zelo e sabenças genuínas, encontrava na natureza elementos para cuidar dos fios, sem dúvidas, a potência ancestral me defendia do escárnio. Tem me protegido, afinal, são anos que sofro racismo, na escola, na sociedade; as vezes em que entalei, sofri, guardei as lágrimas para derramar em casa, na companhia daquela estrela que além de não me abandonar, parecia achar meu cabelo bonito.

O racismo é cruel, deixa marcas, meu cabelo parecia ser um problema para algumas pessoas, no conjunto das observações do que vivi, no dito e não dito, entendi sua face cruel, dilacerante, ao fazer uma análise quase microscópica dos olhares estranhos, cochichos, dedos apontados, me perguntava se os racistas nunca compreenderiam que meus cabelos faziam parte da minha origem, linhagem africana.

Entretanto, destaco que nos entornos, não tão longe, por alguns membros da família, escutei palavras que feriram, diziam: ‘com esse cabelo, você não vai conseguir trabalho’,

‘fulana está com o cabelo bom’. Logo, com o cabelo ‘ruim’, não teria trabalho e direito ao amor.

Devido a isso, criei estratégias de fuga, preciso confessar, não quis, por um período da vida, ser a negra da roça, do cabelo duro. Era dolorido viver com a ausência de referências positivas e bonitas sobre minhas características; na escola o silêncio negligente, nenhuma valorização das culturas afro-brasileiras, falta de representatividade no livro didático. A literatura apresentava Tia Nastácia, como serviçal, beijuda, destrutada até pela criança, que, infelizmente, acabou por interiorizar o racismo. Ausência também na televisão, embora fosse preto e branco, não existiam atrizes, jornalistas parecidas comigo, a boneca que vinha da cidade, como descarte, era branca, loira, de olhos azuis, como os anjos que estampavam os cartazes da escola.

Ser receptora desse molde educacional eurocêntrico e colonizado, que excluía minhas diferenças, parecia um pesadelo que não chegava ao fim. A face cruel do racismo legitimado, me afligia, à vista disso, despertei para resistir, afinal, não há razão para sofrer preconceito de qualquer natureza. Sofri o racismo pela experiência corporificada, a narrativa do vivido mostra o quão perverso e histórico ele é, os ataques racistas, sofridos como menina negra, eram perpetrados pela estrutura racista, sexista, de classe, que tentava me enquadrar como ser não inteligível.

Fui exigida a confrontar as projeções racistas, sobreviver, construir estratégias para resistir “[...] intelectualmente – às realidades que estão por vir. [...] a render interpretações [...], refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos. [...] dando à luz novas compreensões, [...]”¹⁸⁹. Nesse tempo, não percebia com nitidez o quanto o racismo estava incrustado nas relações, palavras que ouvi sobre meu cabelo; agora, com o distanciar do tempo, ao fazer novas interpretações, vejo brotar uma consciência que auxilia o (re)compreender o passado, “[...] escutando nele uma discursiva resposta para os questionamentos [...]”¹⁹⁰. Havia uma conversação iniciada, interrogações, escuta, conversa.

¹⁸⁹ CLIFFORD, 1989, p. 37.

¹⁹⁰ GRONDIN, 1999, p. 194.

2.15 ITINERÁRIO DAS LEMBRANÇAS, NO SIMPLES DO TERREIRO

O terreiro era lugar do encontro, de receber amigas(os), compadrio e lugar que esperava, com alegria, meu pai biológico chegar após o vender do dia e do roçado, pois ele trazia consigo algo para mim, uma surpresa, uma fruta, porção de sementes crioulas, certa vez, me trouxe uma raiz de batata doce em formato de coração. Pela noite, o acompanhei na beira do fogão, conversamos sobre sua luta pela terra, ele dividiu comigo a mistura do feijão com farinha e o assado na brasa, percebi que estava exausto do trabalho com o machado.

Meu pai biológico era professor no trato com a terra, me ensinou como plantar, cultivar, colher, armazenar, gostava “[...] simplesmente de passar tempo com meu pai. Ficar sentada com ele falando sobre o passado [...] recuperar um glorioso tesouro que sempre fora meu. Ele me presenteou com minha ancestralidade por meio de histórias muito bem construídas.”¹⁹¹.

Nas tardezinhas, época de safra, ele me convocava a adivinhar o que continha seu aió, de dentro daquela peça, já saíram infinitas possibilidades: fruto do maracujá do mato, peri – um fruto pequenino, de formato e sabor semelhante a uma goiaba –, vargem de feijão de corda verdes e arroxeadas, favas, magalô, andu, pequena porção de quiabo; eu ia ao seu encontro, correndo, na expectativa pela novidade, surpresa feita pelos esforços, suor e amor.

Fui me dando conta da importância do semear, cultivar, celebrar e respeitar a terra, não entendia porque o viver na roça era assimilado ao atraso. Na cozinha, meu pai biológico me falava dos seus sonhos e não reclamava do trabalho árduo, cresci vendo-o sair para roça cedinho e retornar no entardecer, há mais de setenta anos que ele cultiva com amor, capricho e responsabilidade com a natureza. Inclusive, me contou que certa vez se acidentou no vender do dia, teve a vista perfurada por uma faísca pontiaguda de madeira, não conseguiu retornar para casa, por não consegui enxergar o caminho, tempos de dificuldades.

Enfatizo, apesar de ter convivido com a escassez alimentícia, não vivi em ambiente hostil, com xingamentos, violências. Só não gostava das segundas-feiras, porque mesmo meu pai biológico saindo de casa na madrugada, nem sempre ele conseguia a cabeça do boi para nos alimentar naquela semana, via a frustração nos olhos de mãe, que colocava a panela de água no fogo para adiantar. Achava a vida injustiça ao olhar o semblante do meu pai biológico, tomado por uma certa ‘culpa’, descabreado por não ter conseguido o mínimo para atenuar dois ou três dias de nossos esforços.

¹⁹¹ ADICHIE, 2021, p. 18.

2.16 MÃE E A CRIATIVIDADE NO FOGÃO À LENHA

No fogão à lenha, artesanaria feita com adobes, trempe de três boca, mãe organiza o bocado, assim, na primeira, sempre o feijão; na segunda, um guizado, bredo, omelete do ovo que *catei*, ou cozido de peixe com toucinho e tomatinho, que pescamos no rio; na última, uma panela com água quente para o banho da noite, ou o chá da tardezinha.

Mãe, mulher incrível, forte, rezadeira, e guardiã das práticas culturais, me ensinou o valor “[...] dos usos das plantas medicinais, dos banhos, das rezas, daquilo que fortalece corpo e mente, tornando-nos mais preparados para defender nossas casas, para viver com mais dignidade. [...] saberes de cada pedaço do território e do tempo, da geografia e da história.”¹⁹². Ela não se deixava abater pelos desafios da vida, me conduzia na expedição, nas rotas da caatinga, coordenava o cronograma do labor semanal, definia os dias de *catar* lenha, três vezes na semana, tinha cuidado para que não nos faltasse o básico, farinha, feijão, milho pisado no pilão, café torrado e acrescido das sementes do fedegoso, de sabor semelhante à cevada.

Mãe não deixava eu manusear o fogão à lenha, sabia meu limite de proximidade, o que me era permitido; eu não teimava, esperava, muito embora, eu não entendia o porquê dela algumas vezes não almoçar conosco e dizer que não estava com fome; o quarto em que dormia era próximo à cozinha. Às vezes ela usava a criatividade, elaborava receitas com plantas, alimentícias não convencionais (*panc's*), e me instruiu a fazer o caruru de palma forrageira, quiabada com o ora-pro-nobris, língua de vaca, refogado de mamão verde, aprendo com suas astúcias a arte de inventar-me no contexto cultural da roça; educação contextualizada que a escola me negou.

2.17 A POSSIBILIDADE DE GANHO NO VENDER O DIA

Vendi alguns de meus dias trabalhando nas pastagens, a possibilidade de ganho tinha por parâmetro o preço de um quilo de carne no osso, como mulher negra, ganhava bem menos do que um homem ganhava. Na primeira vez em que vendi meu dia, sofri uma cobrança excessiva pelo dono da plantação para executar a tarefa mais rápido, tentei, não consegui, estava no limite, tentando me manter firme no levantar da enxada, nova, pesada, que adquiri

¹⁹² FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 153.

para essa finalidade, sentia o corpo trêmulo, uma formigação nas costas, pensei em desistir, trabalhei sem intervalo, no entanto, precisava me adaptar, era isso ou migrar; continuei.

Tentei atender ao pedido, mal sabia que os sinais emitidos pelo meu corpo eram prenúncios, em decorrência dos pesos demasiados. Nesse dia, estava com outras mulheres, que percebendo meu estado, acabaram me ajudando a terminar aquele fardo, o horário de término parecia que nunca ia chegar, ao final, recebi um pagamento irrelevante, cheguei em casa em apuros, tomei banho, olhei o alto como de costume, mãe me perguntou sobre o dia, não tive coragem de verbalizar, dizer do ocorrido, o que escutei e das dores que senti, engoli algo rápido, não dei explicações, me deitei, algumas palavras pareciam bater como martelo, chorei a noite inteira.

No dia seguinte, me levantei ainda com dores, fiquei admirada ao ver os movimentos de mãe, “[...] pela energia e pelo frescor que emanavam de seus gestos, de suas histórias e principalmente de seus atos. [...] uma sedução natural, como os animais da mata que não nos cansavam de surpreender com sua astúcia.”¹⁹³. Conversamos sobre seus tempos de juventude, o trabalho no sisal e esforço cotidiano no plantio e (re)plantio do roçado, participação em todo processo produtivo.

2.18 O BUSCAR ÁGUA NAS FONTES: ROTAS LONGÍNQUAS

Quando a fontinha secava, as travessias em buscar água na fonte longínqua eram extenuantes, o caminho era fechado, tipo um bosque, esburacado, tive que segurar, em certos momentos, nas árvores para não escorregar nos buracos, a opção era destinar as pernas nas ervas espinhosas, as cercas que tinha que passar eram construídas por arrames farpados, demorava procurando um espaço para passar, mesmo tendo corpo franzino. E como seguir era o que me restava, optei por um espaço minúsculo, entre o chão e primeiro fio, passei quase em dupla com a cobra colorida, coral, e mesmo nós duas, sendo parte do mesmo bioma, não tinha mantido um contato tão próximo.

Segui tremulada pelo perigo anunciado, tive ainda que atravessar outras cercas, driblar outros inconvenientes, labirintos, chegava na fonte, esperava minha vez, enchia a lata de água com a cuia da cabaça, fazia a rodilha que amenizava o peso, meu corpo denunciava a desigualdade social, as carências, passos cambaleantes, voltava para casa, no mesmo trajeto que emblematicamente me exigia novos cuidados, temia por um novo encontro com aquela

¹⁹³ VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 131.

cobra, temia que, escondida nas ramagens, frestas e arestas, ouvisse meus passos, não dava para olhar o chão, pois seguia com o peso, de cabeça erguida, com zelo pelo líquido precioso.

Quando as horas permitiam, parava um pouquinho para aliviar o cansaço, quando era possível, retirava a lata da cabeça, para atenuar a “fruviação” da cuca, anestesiavam-se as expectativas. Na frente ia vó, depois minha mãe, seguido de minhas irmãs e eu atrás. Era o que me restara?

2.19 PLANTIO, CULTIVO E COLHEITA NO ROÇADO FAMILIAR

Noutro dia de plantio, nova andança, outros caminhos, saí cedo de casa, segui o trajeto com meu chinelo desgastado, dia de plantar, semear no roçado familiar, lá podia pausar, diferente de quando estava na propriedade dos fazendeiros. Acordei no romper da aurora, com o claro do fogão à lenha, despertei sentindo o cheiro de café, às vezes era com o aroma do chá de cidreira, meu pai biológico foi na frente, para que quando eu chegasse, já estivesse o que fazer, fui semear.

Cheguei no roçado, onde ele plantava por anos, no combinado do arrendamento, ou seja, a terra não era cedida, podíamos plantar, cultivar e colher, depois dividíamos a produção de farinha com o dono da propriedade, que nos tratava com respeito, por isso lhe tratava de igual modo. A estrutura agrícola comunitária revela aspectos das desigualdades, nossa mão de obra paga a baixo custo, como se irrelevante fosse, vi famílias se dedicarem arduamente e depois ficar quase sem nada, pois os donos além de estarem nas terras, fiscalizando o trabalho, exigindo que trabalhassem rápido, depois, ficavam com quase tudo.

Despertei para pensar na alienação do trabalho, a partir dos diálogos com mãe, que reiterava seu descontentamento; quando estávamos plantando capim, ela explicava: “Não gosto de plantar esse capim pois, além de ser mais uma parte do trabalho que saí de graça, ele atrapalha o crescimento do milho que é nosso!”.

Seu destaque político me fez lembrar sobre as negativas consequências e implicações da exploração da força de trabalho, afinal, todos os anos não sabíamos onde plantar, dificuldade para encontrar um pedaço de terra disponível. Plantei o município quase todo de canto a canto.

Gostava de ir para o roçado familiar, no trajeto retirava alguns galhos folhosos, fazia um ramallete, ia segurando, protegendo a pele do sol, quando chegava lá, enchia a cuia de sementes, assumia meu caminho, lançando três grãos de feijão em cada cova, mentalizando-os viscosos e cheios de vargens, mas, se a semente fosse boa, da nossa, nasciam todos os grãos,

se ruim, um ou nenhum, dessa forma, pai evitava plantar sementes sem saber de onde vinham, estava certo, pois fazer replantio de lavoura não era fácil, para além disso, ficaríamos na necessidade alimentícia.

Colocava o chapéu de palha, descalçava os pés, subia e descia os vãos do roçado, semeando, tapando covas, lançando com os pés a quantidade de terra apropriada, na observância da profundidade das escavações e do tempo chuvoso ou estio, a germinação é influenciada, os grãos brotam em quatro dias no chão molhado, já no seco a partir de oito, ainda não é garantido.

Realizava o trabalho que me cabia, sem reclamar; havia entre nós uma divisão sensata do trabalho, por inúmeras vezes que pensei em não ter forças para completar o trajeto, de repente a surpresa, recebia a tecnologia da solidariedade que existe entre nós. “[...] habitar o mundo [...], além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros. [...] um transbordamento, [...] possibilidade, criação, invenção, acontecimento.”¹⁹⁴. No roçado da gente, esmiuçava os arredores, vivia em interatividade, absorvendo pela linguagem e prática a transmissão cultural.

De posse do meu cacumbu de enxada, aperfeiçoei a feitura da capina, arrancando o mato com precisão, sem esquecer de chegar terra no pé do feijão, milho e mandioca, descansava, ia ao pé de ouricurizeiro, quebrava seus frutos, saboreava o coquinho, bebia água da moringa, que ficava enterrada ou envolvida em tecido molhado, para não esquentar, voltava à lida, sem demora, para cumprir com presteza a tarefa combinada no seio familiar.

No roçado, mapeava o período da safra, queria comer fruta madura no pé, goiaba, caju, jabuticaba. Subia no cajueiro, me entrelaçava aos galhos que envergavam e não quebravam, o vento passava me balançando, para lá e para cá, segurava firme, lá de cima, a vista do horizonte, os vãos do roçado estavam exageradamente alinhados, sorria para o mundo, descia, catava cajus e castanhas, trazia-os para casa.

No fim de tarde, pegava três pedras, acendia um fogo no chão, colocava o tacho de zinco, perfurado com pregos, torrava as castanhas, remexendo-as com uma vara longa, sabia o ponto certo, apagava o fogaréu com água ou terra, revirava as castanhas no balaio, esperava esfriar, depois sentava para quebrar na pedra, separava as porções de cada pessoa de casa, contando para não cometer injustiça, naquela noite, o café era com castanhas torradas, de sabor especial.

¹⁹⁴ LARROSA, 2021, p. 43.

Eu me recordo do almoço no roçado, na sombra da árvore frondosa, comida preparada no fogão de forquilha, em baixo, três pedras que organizavam a lenha, a panela ficava pendurada, cozinhado aos poucos o feijão, aqueles grãos que plantei, cultivei, colhi iam me alimentar, o tempero era o melhor, imitava o de vó. Na hora da divisão, *catava* algumas cõncavas de ouricurizeiro, mãe levou algumas cuias, fui numa fonte próxima, lavei o rosto e mãos com o auxílio de uma lata, recebia a comida cozida, naquele recipiente especial, o feijão com a farinha, espremia o umbu para dar outro sabor. Estava alimentada, sem reclamar das condições em que vivíamos, embora, sonhava em *ser mais*.

Descansava, para iniciar o outro turno, realizava a tarefa com afinco, no roçado, “Quando o arco-íris surgia, eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre se distanciando. [...] sentava. Depois começava a chorar.”¹⁹⁵. Chorava, pois queria ficar próxima, conversar com ele, que aparecia reluzente e sumia repentinamente, quase que sorrindo. Às vezes ele demora, cruzava o céu, me deixava surpresa, extasiada, não entendia, mas as suas aparições me deixavam feliz, encantada, almejava um encontro futuro.

Como menina negra, da roça, agricultora, vi no trabalho no roçado familiar uma função formadora, espaço em que fiz intervenções responsáveis, me integrei a pessoas, coisas, natureza, mundo, (re)inventava a realidade e vi, pelo suor, a vida transformada; no movimento emancipador, construí pertencimento, apesar de ter expectativas, sonhos individuais, desenvolvi no interior do grupo familiar a compreensão da realidade baseada no coletivo.

Almejava ser livre, escolher entre ir e ficar, sonhei acordada, devido à percepção das múltiplas necessidades, me engajei ao compromisso ético na elaboração e organização do trabalho no roçado, que implicou na produção dos *territórios existenciais*, mulher, negra, da roça, agricultora. Nessa perspectiva, construí sentidos de extensão pautados em atitudes, valores, práticas, enraizados na educação transformadora e compreensão de mim na roça-mundo. Cultivei sonhos que frutificaram, amadureceram.

2.20 O ENTARDECER POÉTICO

Quando saía do roçado antes do entardecer, vinha pela estrada *catando* gravetos secos, improvisava uma corda de pindoba, enlaçava os galhos, fazia o feixe, vivia com a cabeça tomada por pesos diários e expectativas. Chegava em casa exausta, pernas ardendo da urtiga e

¹⁹⁵ JESUS, 2014, p. 54.

cansada de tanto caminhar, colocava a lenha do lado de trás da cozinha, próximo à janela, enquanto mãe (re)acedia o fogo para adiantar o café.

Fui ao quintal, o sol estava a se pôr lentamente e alaranjado, olhei fixamente, depois fechei os olhos, suspirei, acenei, ele desapareceu, colhi três palmas de arruda, macerei numa vasilha, tomei banho, esfregando a bucha vegetal delicadamente na pele que ardia, passei os pés espumados de sabão no lajedo do piso artesanal, enxaguei o corpo. Depois, joguei a água aromatizada do pescoço para baixo, enquanto ela contornava minha existência negra cansada, supliquei a limpeza do desânimo.

Não me enxuguei, entrei para o quarto, retirei um vestido da caixa, precisava descansar assim como faz o sol em todo entardecer, peguei a agulha de ponta fina para retirar os espinhos acumulados ao longo da semana. Eram tempos de carestia, ganho escasso, tudo que *catava* servia, tomei café, sentei próxima ao candeeiro para realizar a tarefa da escola, orei, escovei os dentes no terreiro, me deitei analisando a vida, precisava descansar a corporeidade no colchão agroecológico, tive sonhos (im)possíveis, a noite passou depressa.

Amanhece, novamente me dispus ao trajeto do roçado para concluir o plantio, dois, três dias, seguidos, tinha pressa, feito um combinado. Semeei olhando as nuvens, desejei que chovesse, para ver as sementes brotarem, mas nem sempre a plantação agradecia à chuva, houve períodos em que não choveu, perdemos a semente, tempo, trabalho; ficou a coragem para inventar outras alternativas.

Quando chovia, dava araquá, umbu, cambucá, abóbora. Ficava feliz, mesmo com medo da precariedade da casa, a primeira residência que meu pai biológico construiu com o barro da fontinha, na forma de madeira da caatinga, ajudei, carregando barro, água, cavando e carregando cascalho, pisava o barro, lá mesmo na fonte, varria um espaço para organizar a feitura dos adobes enfileirados, contemplava os retângulos de barro que secavam ao sol. Estava contente, a casa ia ganhar um puxadinho. Ao final da atividade, olhava o sol se pondo por detrás da palmeira do coqueiro, achei tão poético que, ao chegar em casa, escrevi.

Para dar seguimento ao projeto de existir, noutro dia, me embrenhava pelas veredas da caatinga, buscar os caibros, a madeira para construir o telhado do puxadinho. Adentrava os labirintos plurais em busca do que o bioma me oferecia, nesse ritual *catava* samambaias que virariam objetos para a lapinha, o presépio natalino, o qual fazia juntamente com mãe, ela me ensinou a modelar os bichinhos com a argila da fontinha, me orientando a pintar com a cor que quisesse, depois, ela me ensinou a modelar os adobes, ricas aprendizagens, assim “Ficava a contemplar a sua criatividade em meio aos cansaços da expedição cotidiana [...]. Recordo-

me dela riscando aquela terra árida amarronzada, fazendo desenhos no chão... a pura poesia encarnada que me fazia enxergar cores no contexto da escassez.”¹⁹⁶.

Lembro-me dos lanches nos finais de semana, quando ia, às tardes de domingo, para casa de meus avós maternos, brincava do que mais gostava, à tardezinha, observava o sol acalmar sua quentura, depois ele ia se escondendo, ia até o pé de manga rosa, lá encontrava as(os) primos, a folia adocicava o azedo da fruta, degustava os frutos verdes, com sal, não esperávamos amadurecer.

No simbólico dos saberes experienciados, construí uma consciência através de uma escuta interna, que se exterioriza, alargar-se a partir do cultivo dos sentidos, que germinam se desdobrando, “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’. [...] aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.”¹⁹⁷. Assim, criei significações, tive coragem, medo, optei por continuar caminhando em meio às incertezas, ousei confrontar os difíceis aspectos da realidade, desbravando o ontológico, inspirada na etnopoética ‘si-roça’, analisando os entrelaçamentos, da experiência, de minha História de Vida, que somente eu sei contar.

Recorri à potência das palavras para voltar a um tempo não tão passado, ao projeto de futuro, na quentura da própria voz que ecoa dentro de mim de forma intensa, nunca antes sentida, imaginada; a narratologia das minhas existências negras. A tessitura da vida-formação, calcada nos anúncios, nas andarilhanças, sabenças, artesanias, memórias ancestrais, nos saberes experienciais e experiências formativas no cultural da roça.

2.21 NA CLASSE MULTISSERIADA DA ESCOLA NA ROÇA

Na classe multisseriada da escola na roça, vivi outros desafios, pois, além da falta de uma educação antirracista, percebia uma desconexão entre o ensino e o contexto cultural, a educação oferecida era s(em) diálogo com os modos de viver e conviver, quando o currículo deveria “[...] ser ancorado nos conhecimentos demandados pela comunidade, [...] precisa

¹⁹⁶ SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de; JESUS, Rosane Meire Vieira de. Sentidos e Costuras de uma Mulher negra da Roça. **Revista Macambira**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://revista.lapruedes.net/index.php/RM/article/view/723>. Acesso em: 05 jan. 2023. p. 3.

¹⁹⁷ BOSI, 2022, p. 36.

transformar a experiência de vida comunitária em currículo. Um mutirão não pode deixar de ser didático.”¹⁹⁸.

No cotidiano da escola, a ausência da educação antirracista, “[...] por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais, [...] eu não era questionada [...]”¹⁹⁹, além do machismo incrustado na divisão sexista das equipes, brincadeiras na hora do recreio, no jeito que me cobravam a um comportamento tido como aceitável, ou seja, reforçava os estereótipos racistas, me machucavam. “Para meus professores, parecia quieta e aplicada; [...], não parecia ter um pingão de interesse no mundo do meu corpo ou no corpo alheio. Essa exigência cansativa era apenas uma das muitas que me eram feitas apenas por eu ser do sexo feminino.”²⁰⁰.

Eu me recordo da lição: ‘A casa de Dona Rata, não tem telha, só goteira, quando chove ninguém dorme, acordado a noite inteira’, em casa tinha goteiras, havia dias em que eu ficava também acordada a noite inteira. Ia para a escola à tarde, depois que chegava da lida, lá existia um código normatizador, cartilha invisível que ficava atrás da porta, alheia à realidade, natureza do trabalho, cultura, as vivências, não “[...] anunciava uma forma diferente de compreender a História e o papel de mulheres e de homens no mundo. Se é possível obter água cavando o chão, [...] se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defender do frio ou do calor [...]”²⁰¹.

Na escola, acabei desterritorializada do próprio lugar de vivência, pela falta de contextualização, e pelas diferenças, magra demais, sorriam das minhas tranças, vestimentas, devido a isso, calei para permanecer; pela primeira vez, consigo falar de muitas coisas que passei, que fingir não ter percebido, disfarcei, contive as lágrimas, por inúmeras vezes, molhavam o caminho de volta para casa, meu corpo até ensaiou passos da desistência, no entanto, permaneci.

Cheguei da aula com dor de dente, a medicina era escassa, não tinha acesso a médicos, amarrei um dente de alho na ponta do dedo, vó me rezou, quietei esperei a dor passar; nos períodos febris, tomava chá de novalgina, três folhas e a febre ia embora, a água da fontinha contribuía com a cura, tomava banho e deitava no colchão cheio de palha de bananeira, nada macio, adormecia. Sonhei com aquele arco-íris, ele me acompanhava dormindo e acordada, não poderia prever, imaginar o porquê desses sinais serem recorrentes, no entanto, inebriada

¹⁹⁸ FERREIRA; FELÍCIO, 2021, p. 85.

¹⁹⁹ RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019. p. 23.

²⁰⁰ KINCAID, 2020, p. 30.

²⁰¹ FREIRE, 2015a, p. 111-112.

pela linda composição de suas cores, ele acalentava a minha a alma em casa, a estrela aparecia todas as noites, de dia o beija-flor me arrodando, me convidando a dançar outros ritmos da vida, sentia paz.

Nas férias, para não me esquecer dos conteúdos e evitar maiores constrangimentos, refazia as lições, os exercícios; no roçado, quando pausava, em vez de ir à procura de coquinhos de ouricuri, passei a revisar os conteúdos, afinal, nem só meu corpo vivia cansado, mentalmente também estava, buscava meios de evitar toda e qualquer situação que inferiorizasse meu ser negra, da roça.

2.22 MINHAS DIFERENÇAS REVERBERADAS NA ESCOLA DA CIDADE

Na escola da cidade, temia o fracasso, pois, maldosamente, pessoas diziam que eu não iria aprender, estudar seria perda de tempo, foram além, disseram que as meninas da roça voltam grávidas da cidade, sem saber quem são os pais de seus filhos. Escutava os discursos de perversidade, pedagogia do insulto lançado às mulheres, a mim, sem veemência; precisei me defender, mais uma das exigência para que fizesse “Uma leitura de mundo crítica [...] exercício da curiosidade [...] defender das armadilhas, [...] de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação.”²⁰². Cedo tive que elaborar estratégias para me defender do racismo, sexismo, preconceito de classe e lugar.

Mas existiam meninas da roça na escola, na verdade, já vivia reflexiva, por nunca as encontrar realizando as mesmas atividades que eu realizava, por exemplo, vender o dia. Percebia isso, não me conformava, a falta do direito à educação se arrastava de geração a geração, por detrás disso, havia outras coisas a serem analisadas e, ao lutar para permanecer na escola, estaria “[...] abrindo novos caminhos [...] explorando as condições sócio-históricas globais de nossa própria opressão e construindo pontes inéditas para nos ligar às mulheres corajosas, às trabalhadoras combativas, às pessoas que lutam [...] que amam a paz.”²⁰³.

Um dia, no roçado, semeando, ao lado de mãe, tive coragem, disse-lhe que sofria, confessei-lhe a vontade de continuar os estudos, minhas lágrimas caíram ao solo, próximas às sementes, ela me escutou, acariciou-me a pele, suavizando aquele sol quente que ardia meu corpo, me explicou as dificuldades para a aquisição dos materiais didáticos, vestuários e

²⁰² FREIRE, 2015a, p. 124.

²⁰³ DAVIS, 2017, p. 100.

lanche, me disse que sairia cedo, a tarde era longa e sentiria fome. Segredamos, combinei que não contaria a ninguém, corri feliz pelos caminhos do roçado, celebrei.

Chegando em casa, fui pegar água na fontinha, sorrindo pelo caminho, lá olhei a própria felicidade presente em meu rosto que refletia no espelho da água. Não cumpri o combinado do segredo, contei para aquela estrela que pareceu celebrar piscando raios de luzes coloridos para mim. Podia confiar, ela guardava meus segredos, até hoje guarda.

Mãe não me disse dos efeitos torturantes do racismo, me apoiou, foi anfitriã para meu acesso e permanência na escola, vendeu seus dias, me garantiu o mínimo, caderno simples, lápis, borracha, duas canetas, uma azul outra vermelha, inclusive me ordenando para nunca chegar com notas desta última cor. Caso chegasse, seria o último dia na escola, afinal, ela estava fazendo grandes esforços, além disso, me disse para ter cuidado ao estar na rua sozinha, me alertou que poderia ser acusada caso algo desaparecesse, exigiu que respeitasse a todas e a todos, independentemente de qualquer coisa.

Fui matriculada, contava os dias para viver a nova experiência, mesmo me recordando das advertências, que não eram poucas, importava a continuidade do meu projeto de vida. Não foi fácil, acabei surpreendida pelos códigos racistas “[...] foi lá que ouvi os apelidos mais vexatórios [...]: cabelo de lã de aço, bombril, vassoura, arapuá, duro e ruim. E quando estavam soltos, naturalmente volumosos, eu voltava com alguns chicletes mascados e colados neles.”²⁰⁴.

Faziam a comparação inferiorizante dos meus calçados, meus pés resistiam às árduas caminhadas, vezes em que aguentei, quase pulando, os dedos dobrados para que coubessem no calçado recebido. Assim, para fugir das quebras recorrentes do chinelo, ia descalça para a escola e só calçava meus pés lá. Andei tanto descalça, que até hoje meus pés estão ressecados, não adiantava, ouvia que eles estavam sujos, no verão de poeira, no inverno de lama, falavam que o povo da roça fedia, falavam errado.

Fingia não escutar, disfarcei não perceber, afinal, não podia me envolver em confusão, fazia parte do acordo, promessa que fiz em casa, sabia também, não podia namorar, afinal, já tinham dito que ‘o diploma era voltar grávida da cidade’. Os dias se sucederam, continuei nos esforços encorajados pela vontade de *ser mais*, estar na escola era atitude política, busca por emancipação, era caprichosa, organizada, assídua, dedicada, meus pais procuravam as(os) docente para saber como eu estava, voltavam felizes, satisfeitos ao escutarem do bom desempenho, as(os) professoras(es) ressaltavam, expressavam abertamente a maneira como

²⁰⁴ SOUZA; SILVA, 2021, p. 108.

considerava a educação relevante, como conduzia os estudos com amor, inclusive, numa tarde, a professora de português, surpreendentemente me escolheu para lecionar o plano de aula do dia, tinha visita na sala, aquela foi a primeira aula da minha vida.

Aquele momento exigiu de mim, mas que domínio de conteúdo, “Ali eu era a estranha por ser [...] negra da roça sem experiência docente.”²⁰⁵. Estava perante o risco e o propósito, aceitei ao convite, me dirigi à lousa, foquei no planejamento, me atendo cuidadosamente aos detalhes, vez ou outra, olhava os rostos, alguns tão assustados quanto o meu. “Daí a necessidade de competência científica [...]. Daí a necessidade da intervenção competente [...] nas situações dramáticas [...]”²⁰⁶. Destrinchei o conteúdo de modo satisfatório. Ao final, a professora disse que eu a orgulhava. Não escondi minha felicidade, no entanto, não me envaideci, sabia que a andança era desafiante, conhecia os desafios de um caminho.

Recorrentemente o ônibus escolar quebrava, e como não gostava de perder aulas, adaptava os pés aos trajetos de lonjura, prestava bastante atenção nas explicações dos conteúdos, só ia ao banheiro nos intervalos, afinal, no turno da manhã estava na lavoura e nem podia revisar os conteúdos. Estudava, saía da escola, sentava no jardim à espera dos ônibus que costumeiramente só retornava às vinte horas, estava cansada e com fome, fugia de qualquer evento que pudesse me afastar da escola.

E para me aproximar, fiz o contrário, “[...] acabei fazendo o jogo do tornar-me ‘um outro aceitável’ e alisei os meus fios. [...] um dos piores dias da minha vida! [...] reclamavam de um cheiro forte [...] sem saber o que fazer, [...] chorei no banheiro da escola [...] contei as horas para voltar para casa.”²⁰⁷. Chegava em casa, não contava nada, para não reviver e por receio de ter que explicar que nada fiz para merecer aquele escárnio.

Resisti, construía os trabalhos de artes com cascas de ovos, cola da goma da mandioca, pintava os desenhos com as folhas, resinas, colava sementes, adicionava flores, palhas do milho, unia os papéis com *alinhavos*, entregava trabalhos coloridos, bonitos, bem costurados. Caprichava nas letras, escrevia desenhando. Nunca fui estudante relapsa! E criatividade nunca me faltou, procurava uma maneira de correlacionar os conhecimentos teóricos com aqueles que brotavam da experiência cotidiana, reflexões, prática, subjetivamente adicionava significado, construía sentidos tendo por lastreio a epistemologia das minhas vivências.

²⁰⁵ RABINOVICH; SILVA; SOUZA, 2020, p. 1361.

²⁰⁶ FREIRE, 2021a, p. 59.

²⁰⁷ SOUZA; SILVA, 2021, p. 108.

Quando chegava da escola da cidade, mãe estava preparando a comida, “Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! [...] a comida ferver nas panelas.”²⁰⁸. Era o pescado que pegamos no riacho pela manhã, tomei banho no banheiro a céu aberto, conversei com a estrela, depois, tomei café com farofa de piaba frita, aquelas seduzidas pela isca de minhoca do meu anzol.

2.23 TORNANDO-ME MULHER NEGRA

Permaneci na escola, sofrendo pela falta de perspectiva, com a (des)*continuação* dos estudos, negação do espaço intelectual reservado para as mulheres negras da roça, que era histórica e me atravessava de forma dilacerante, dado que estava, desde cedo, projetada à interrupção dos estudos, lançada ao servilismo doméstico. Sentia “[...] uma espécie de cansaço existencial [...] em que se perde a ideia do amanhã como projeto. [...] Daí a necessidade de uma séria “leitura do mundo [...]”²⁰⁹.

Refletia minha condição de mulher na roça-mundo, me recordo da Professora Angela Davis, ao analisar a sua militância, me encontro entrelaçada nas perspectivas de luta, nós duas mulheres negras de cabelos crespos, ocupando espaços da educação e sociedade, reivindicando as pautas feminista e antirracista, cá estou “[...] esta jovem negra audaciosa, vinda da zona rural, [...] insistindo em dizer [...]. Compreender essas diferenças, para explicar e comunicar o significado delas [...]”²¹⁰. Queria romper uma bolha, vislumbrava celebrar as que passaram, quis abrir caminhos. Nesse sentido, a minha “[...] experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação [...] não existe brecha entre teoria e a prática. [...] é o elo entre as duas – um processo que, em última análise é recíproco, onde uma capacita a outra.”²¹¹.

Raros foram os momentos e as situações em que, em conversas teóricas, escutei sobre a produção intelectual de uma mulher negra da roça, logo, me dedicar a ser esta mulher tem sido um desafio, uma entrega retroalimentada pela vontade de aprender; partilhar a vida, é uma reação, escrever para mim é ativismo, ato libertador. “Para mim, essa teoria nasce do

²⁰⁸ JESUS, 2014, p. 43.

²⁰⁹ FREIRE, 2021, p. 58.

²¹⁰ hooks, 2020, p. 11.

²¹¹ hooks, 2017, p. 85-86.

concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas.”²¹².

Penso o quanto a escrita é lugar de apoio, ação, resistência, estratégia de sobrevivência, aqui, por meio da experiência pessoal, a minha voz é sem dúvida a invocação do significativo, processos e caminhos da produção teórica. Confidencio: à medida que ganhava estatura, sentia dor e angústia ao acompanhar o nascimento de pelos e outras mudanças no corpo, conseqüentemente, cresciam as (in)certezas, não foi uma travessia fácil, da infância para a adolescência, não se conversava sobre essas coisas, na escola, em casa. Ninguém me explicara nada, nunca tinha escutado as mulheres conversando sobre as naturais mudanças do corpo, recebi aconselhamentos que de fato expressavam os tabus.

Nessa fase, me vi tomada de aflição, triste e, como não tinha coragem de expor as emoções, perguntar sobre o assunto, escrevia para não enlouquecer. Posto isso, “[...] gostaria de contar minha experiência, porque, sob certos aspectos, ela é significativa da passagem do silêncio à palavra e da mudança de um olhar [...]”²¹³.

Embora estivesse em um lar de mulheres, não se falava sobre *ser*, torna-se mulher, e, por isso, sofri no âmago de silêncio, pois, culturalmente, era ainda da roça, desacostumada a essas discussões. Quanta confusão dentro de mim, noites a fio confessando comigo mesma, sem a familiaridade com a temática, não sabia como “[...] enfrentar desafios a certos padrões de comportamento que, antes disso, jamais consideraram importante pôr em questão.”²¹⁴.

Foi quando aos treze anos, numa manhã em que escrevia nas folhas amareladas que sobraram do meu caderno gasto, eu me surpreendi, passo de menina a mocinha; como falar? O que estava acontecendo comigo? No susto, medo e coragem, apenas acenei para minha mãe, não verbalizei, contei pelo semblante de desespero, agonizado, que por ela sabiamente foi interpretado, fui acolhida, ela conversou comigo, não disse nada, dias de recolhimento, aprendências e estranheza, tudo aquilo “[...] para minha jovem mente, para meu corpo e alma, teve a força do destino cumprido [...]”²¹⁵.

Nesse dia, escutei de uma só vez, tudo que deveria ter sabido antes, “Agora moça, por conta do sangue que de mim corria, me dizia que eu já era mulher. Também naqueles mesmos

²¹² hooks, 2017, p. 96.

²¹³ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007. p. 12.

²¹⁴ hooks, 2017, p. 155.

²¹⁵ KINCAID, 2020, p. 39.

dias.”²¹⁶, recebi um arsenal de recomendações, avisos e (re)avisos; meu corpo negro de mulher no mundo, lançado as expectativas outras, quais? Eram tantas. Naqueles dias especificamente, o colchão de capim tomou a forma de meu corpo, não brinquei em baixo da cajazeira, não fui à escola. Voltei a escrever para deixar a alma livre. Contemplei o céu, me recompus.

Na escola, os questionamentos, meu sumiço souo estranho, pois não gostava de faltar às aulas, ia andando para não perder nada, sedenta pelo conhecimento, uma filosofia de vida. Passaram-se os dias, comecei a levar na bolsa, a prevenção, o segredo, toalhinhas de algodão, bem lavadas, secas, passadas no ferro à brasa, com a lenha que eu tinha buscado naquela manhã. Motivo também do escárnio, me recordo, de ter ido ao banheiro, na volta percebi que abriram minha bolsa, sorriam, cochichavam, me olhavam estranho, sabia o porquê, senti vergonha, quis vim embora, não chorei, pois teria que explicar e não ia conseguir. Inclusive, essa é a primeira vez que consigo falar sobre isso.

2.24 OS SINAIS DE MEU ORIXÁ

Meu orixá dava sinais, sentia sua presença em meio à natureza, toda vez que evocava o sagrado, um destino outro, uma conexão energética que me acalmava nas horas de tristeza e aflições; traduzindo em miúdos, aquela estrela que piscava toda noite, o beija-flor que vivia me arrodando e o arco-íris que surgia inesperadamente eram anúncios do meu orixá, por isso não sabia, “[...] como explicar o seu significado único e total? [...] entender sua simplicidade enigmática? Nem me lembro quando me ensinaram ou li essa palavra. –[...] não a explicaram. E no entanto entendi. Quem não sabe o que é jamais chegará a saber.”²¹⁷.

Lembro-me das vezes que vim da fonte, no retorno do buscar água, parava, tirava a lata da cabeça, jogava um pouco de água, escrevia algumas palavras no chão, fazia desenhos de beija-flor, arco-íris e estrelas, imagens que retratavam presente-futuro, nessa circularidade de saberes, me dava conta de que estava mergulhada no próprio interior que se exteriorizava, estava arrebatada por múltiplos sentidos. Chegava em casa, tomava banho no banheiro aberto, a estrela piscava para mim, ela tinha um brilho incrível, conseguia distingui-la de todas as outras. Estrela e arco-íris se materializam, sagrando meus passos a destinos outros, eis que surge inesperadamente meu orixá.

²¹⁶ EVARISTO, 2020a, p. 49.

²¹⁷ LISPECTOR, 2004, p. 130.

Alicerçada nessa potencialidade de saberes, nos letramentos do que vivi na caatinga, na família, na lavoura, desbravei os *territórios existenciais*. Sendo mulher, negra, da roça, agricultora, assumi um compromisso ancestral, busquei desenvolver estratégias, pelos sentidos despertados, o simples formativo, arrodada do coletivo ancestral, livre como as folhagens na brisa do outono, emaranhada nas fibras, reavivada, pelo frescor do banho da água da fontinha, na volta do catar de umbu, no simbólico da chuva, para abrandar o vento, encontrar objetos perdidos, pelo ziguezaguear das pernas cambaleantes, *alinhavados* rústicos dos tecidos, na composição da toalha de fuxico, momentos de cantoria, causos, histórias, trabalho, do que escutei e disse, no lastro das sabsenças das rezas, tudo isso, estava dentro do aió, e tem mais.

O legado ancestral não se situa apenas na pele negra, cabelo crespo e bumbum avantajado, mas na firmeza das heranças culturais, a história de vida e formação, se desenrola nos cenários e contextos do bioma caatinga. Rememorando os caminhos, tive encontros com o (i)material, traduzido no colorido, piscar e aconchego; descobertas de quem somente não se percebia isolada.

Em meio à expedição viajante e andarilhanças, fui convocada a escrever a minha História de Vida, maior desafio que já me ocorrera. Ainda tenho o que contar-colher-*debulhar* e partilhar. Vem nas páginas seguintes safras abundantes dos *territórios existenciais*; em meio aos contextos de escassez, sou uma mulher que “[...] escreve para nossa comunidade. [...] e o fato de fazer isso [...] uma afirmação carregada de amor.”²¹⁸.

Sobrevivi às investidas invisíveis do racismo, machismo, sexismo. Como mulher, negra, da roça, agricultora, fui contaminada com o veneno da opressão, assim, ao longo do tempo venho percebendo o quanto desobedecer é um ato de coragem. Ao explicitar o caos e revelar o vivenciado, como menina, jovem e agora mulher adulta, me deparei novamente com as falas, os olhares e as projeções racistas, reagi de maneira ressignificada, pois “O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em que se encarna. [...] uma forma singular de estar no mundo [...]. [...] sua relação com a existência, com a vida singular [...]. [...] o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.”²¹⁹.

Nesse processo de *tecer* a mim mesma, vou analisando eventos, (re)compreendendo as coisas, vida e formação no seio da comunidade. Compartilho vivências que, “[...] corroboram, de forma significativa para que eu percebesse a proximidade das minhas raízes ancestrais,

²¹⁸ ADICHIE, 2021, p. 53.

²¹⁹ LARROSA, 2021, p. 32-33.

atreladas às lutas sociais e ao meu ser/fazer docente em um território que têm especificidades próprias e uma ‘antropologia ecológica’ particular.”²²⁰. Assim vou desbravando o pertencimento, os saberes, as experiências, à medida em que escrevo, tenho feito novas interpretações de mim, (re)aprendo, tomando por base o movimento formativo articulado aos meus *territórios existenciais*, me descobrindo guardiã de um povo, artesã dos sentidos nos entrelaçamentos construídos.

Inspirada na defesa da educação em espaços escolares e não escolares, forjei lutas, me somei a outras existências, encontrei novos desafios e galguei conquistas no chão fecundo da roça. Regada na potencialidade agroecológica, negritude, me tornei semente crioula, por isso, brotei em lugares nunca antes imaginados, alvitrei o direito de dizer, contar a história de vida-formação, dos desejos, sonhos (im)possíveis, que já se materializam nestas linhas por mim narradas.

Atenta ao compromisso de me posicionar criticamente sobre o próprio processo formativo, como mulher negra, da roça, continuo a apresentar as traduções de mim, numa perspectiva singular-plural, na inseparabilidade corpo-natureza. Desponho para novas revelações, noutras trilhas laboriosas, numa relação *ente* cultura, coisas, pessoas, na articulação política dos sentidos de formação. Assim, para além de uma pesquisa escrita, há uma alma, um corpo que narrando a ‘si-próprio’ se contrapõe ao reducionismo de ser descrita apenas por outros.

É autorizada pela própria voz que anuncio, nas próximas páginas, outras experiências corporificadas, na roça-mundo, em âmbito pessoal e comunitário. Narro os acontecimentos que me afloraram a uma intenção crítica, política, pedagógica-interventiva, ancestral. Tive os saberes validados no meio acadêmico por quem tem sensibilidade subjetiva, escuta sensível, que valoriza a voz e pensamento do outro, respeita as estruturas existenciais, ou seja, envereda na caatinga, é parceira no *catar* cotidiano, semeia, *tece* junto e respeita o aió das lembranças.

Lastreada pelas costuras e pelos *alinhavos* da própria História de Vida, dou-me conta, a partir de uma perspectiva ontológica, como ser da natureza. Contrário às investidas perversas do racismo, capitalismo, sexismo e heteropatriarcado, escrevo com uma coletividade a partir dos próprios fios revelados da linguagem. Encharcada pela poética ambiental, a partir de uma liberdade epistemológica, rompi cercas, delimitações históricas, reduções que convergiam para um não lugar. Estou me tornando uma mulher, negra, da roça, agricultora, expoente das palavras.

²²⁰ SILVA; SOUZA, 2020a, p. 252.

Encontro o inesperado, narro conduzida pelas memórias afetivas, sonhos, existências que se (i)materializaram, entrelaçaram a vida-formação, me *debulho* em forma de verso, prosa, poema, toada, cantos, cantigas na preciosidade da compreensão de si, presença viva, situada, implicada, engajada, crítica, histórica, antropológica, política, poética, no estar sendo na roça-mundo.

Na parte II deste memorial, continuo o *debulhamento* das existências negras, entrelaçadas por novos fios, da diversidade e diferença, fiz *continuanças*, busquei sonhos em meio a outras adversidades que se apresentaram, mas ocorre uma renovação, me desperto para desocultar, (re)interpretar o movimento que traduz a incompletude, escrevo, estou viva, “Mas escrever o que se tornará depois um livro exige às vezes mais força do que aparentemente se tem. Sobretudo quando se teve que inventar o próprio método de trabalho, [...] tomei posse da vontade de escrever, [...] tinha eu mesma que me erguer, [...]”²²¹.

²²¹ LISPECTOR, 2004, p. 180.

3 VIDA E FORMAÇÃO EM DIÁLOGOS: CAMINHOS DO TORNA-SE PROFESSORA NEGRA DA/NA ROÇA E NO MUNDO

3.1 COMO ESTAGIÁRIA NO MAGISTÉRIO

Sigo nas andanças, no desfecho dos acontecimentos, incerta, diante dos obstáculos da caminhada. Ainda no segundo grau, no curso técnico de magistério, se dá a minha imersão numa sala de aula durante o estágio, o qual realizei na comunidade em que moro. De repente, uma nova convocação a mim mesma, frente a um papel profissional que um dia me parecera impossível.

Estar na escola da roça, onde estudei, na condição de estagiária, a partir de uma relação mais próxima, com as(os) estudantes, era reviver o tempo de criança, ali eu era “[...] uma pessoa completa com seu corpo, suas emoções, sua linguagem, seu relacionamento com os outros e consigo mesmo. [...] uma pessoa comprometida com e por sua própria história – pessoal, familiar, escolar, social [...].”²²².

Embora eu fosse a estagiária da escola da cidade, estava no meu torrão, junto com meu povo. Dessa forma, precisava pensar o sistema educativo a partir de uma abertura, ligação, revivência. Era a estudante egressa, agora assumindo a posição de professora-estagiária, ou seja, estava em um espaço de poder e contradição. Confesso não ter sido tarefa fácil “[...] criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, [...] oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. [...] formular uma teoria a partir da experiência vivida. [...] Sou grata por poder ser uma testemunha.”²²³.

Foi um tempo de reflexão em torno do que ensinar e de como articular os saberes próprios da comunidade com o currículo (imposto), eu estava “[...] entre um corpo de saberes e de um sistema normativo.”²²⁴. Um misto de sentimentos desenrolava-se dentro de mim, desafiada a lecionar, sob o olhar de supervisão da professora regente da sala e da professora coordenadora de estágio do colégio.

À vista disso, me era exigido um conjunto de práticas, tomar decisões, ter domínio de técnicas e instrumentos pedagógicos, estava em um exame decisivo da prática no emaranhado de saberes “[...] plurais compósitos, heterogêneos[...], no próprio exercício do trabalho,

²²² TARDIF, 2014, p. 104.

²²³ hooks, 2017, p. 103.

²²⁴ NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 2014. p. 16.

conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas[...].”²²⁵. Estar na escola onde estudei na infância e parte da adolescência representava uma importante conquista, em especial, pela proximidade com meu grupo social. Tive humildade, busquei correlacionar as atividades pedagógicas com os conhecimentos práticos e vivências do espaço da roça; sempre que possível, durante a realização das atividades, utilizava sementes, folhas, frutos, flores, barro, água, cola produzida com a fécula da mandioca, elementos do entorno cultural.

Embora eu não tenha dito, tal atitude partia do reconhecimento de que aqueles símbolos agregavam sentidos ao ensino e aprendizagem, além disso eram materiais acessíveis à maioria das(os) estudantes que estavam diante de mim, crianças como a que fui. No entanto, reitero: nem sempre eu tinha o poder da decisão. Em não raras ocasiões, precisei obedecer a alguns códigos, mas soube dialogar, escutar as opiniões divergentes, pois entendo que “[...] Por mais que me desagrade uma pessoa não posso menosprezá-la com um discurso [...] cheio de mim, [...] com desdém, do alto de minha falsa superioridade. [...] não me dá raiva mas pena quando pessoas assim raivosas, [...] me minimizam e destratam.”²²⁶. Atuei com respeito aos pensamentos divergentes, primei pela contextualização como ato de amorosidade.

Recordo-me da elaboração do planejamento, dos esforços para adquirir os materiais básicos, papel ofício, estêncil, álcool, cartolinas, cola, papéis coloridos; a esse respeito, mãe não permitiu que nada me faltasse. Preparava as aulas e gostava de escrever, no cantinho da matriz que seria mimeografada, frases motivacionais: tente novamente, confio em você, seu capricho me encanta, você vai conseguir, estou orgulhosa de seu avanço. Como professora, entendo a educação “Como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica, a educação é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta.”²²⁷.

A estrutura da escola tinha melhorado pouco, apenas a construção de um banheiro, no entanto, continuava um espaço relegado ao desprezo da administração pública, estrutura precária, mobiliários desgastados contendo partes de madeira pontiagudas, sobra das escolas da cidade, faltavam livros de literatura e autoria afro e indígena. Por essa razão, demandava para mim, não apenas a instrumentalidade técnica da docência, mas uma criticidade perfilada, afinal, eu era a professora estagiária com os olhos da estudante de outrora.

²²⁵ TARDIF, 2014, p. 61.

²²⁶ FREIRE, 1996, p. 49.

²²⁷ FREIRE, 2021a, p. 18.

Sabia que estava ali, na escola, lecionando momentaneamente e, que após a conclusão do estágio uma questão se colocava como desafio, a difícil decisão de migrar. Contudo, apesar de me sentir “Com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade posta em dúvida, a autoestima esfarrapada, [...], por falta de coragem, vontade, rebeldia [...]”²²⁸, envidei esforços para colocar em prática os saberes pedagógicos necessários, afinal, “[...] a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, [...] diferentes relações.”²²⁹. Atuei a partir de uma construção educativa que incluía a experiência vivida pelas(os) estudantes e minha existência pessoal.

Embora, o programa de conteúdos estivesse baseado nas exigências do componente curricular de estágio, ou seja, a Educação do Campo enquanto Política Pública não fosse tangenciada na minha formação, por conseguinte, me atentei ao artigo 28º da Lei de Diretrizes e Base Nacional (LDB), que dispõe sobre a necessidade de adaptações necessárias às especificidades da zona rural, reiterei o disposto I, “Conteúdos e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural.”²³⁰. Dessa forma, no ofício, busquei articular os saberes das disciplinas com o saber social das(os) estudantes, por conseguinte meu contexto de vivência.

Apesar da estrutura do planejamento ser pré-definida, tendo por base o ler, escrever contar, refleti o passado, no tocante ao silenciamento da minha voz naquele espaço, e tal atitude não fora por mim reproduzida, afinal, “Um profissional do ensino é alguém que deve habitar e construir seu próprio espaço pedagógico de trabalho, [...] apoiado necessariamente em uma visão de mundo, de homem e de sociedade.”²³¹.

Chegou o momento de me despedir das(os) estudantes, de todas(os) da escola, conclui o curso tomada, sofrida pela (des)*continuação* dos estudos e com medo. O fantasma da empregada doméstica na cidade atormentava os meus dias, assim como a “[...] falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, [...], é ser objeto de tripla discriminação, [...] os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. [...] Enquanto empregada doméstica, ela sofre [...] a

²²⁸ FREIRE, 2015a, p. 53.

²²⁹ TARDIF, 2014, p. 36.

²³⁰ BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 jan. 2022. Art. 28.

²³¹ TARDIF, 2014, p. 149.

internalização da diferença, da subordinação e da ‘inferioridade’.”²³². Embora não tenha experienciado esse trabalho, sei da histórica superexploração em termos econômicos e sexuais a que nós mulheres negras somos submetidas, “[...] o estereótipo estabelece a relação: mulher negra = trabalhadora doméstica. O ditado ‘Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar’ é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira [...]”²³³.

Devido a essa realidade, as noites tornaram-se novamente longas, voltou a insônia, fui arrebatada por uma tristeza profunda, daquelas que quando se respira dói, tive o que hoje nomeia-se ‘mal do século’, além disso, “[...] o contexto da época que não favorecia o hasteamento de qualquer bandeira identitária; era regra [...] seguir na mesma entoada do silêncio sem reflexão, por conseguinte, eram ressecções experienciadas no social com reverberações na vida privada.”²³⁴.

A alternativa para permanecer residindo nesse espaço foi voltar novamente a vender o dia nas terras alheias de maneira mais recorrente, já que não frequentava mais a escola. Depositei as forças físicas na capina de lavouras, arrancas de feijão, me dei conta de que a venda do dia era algo que não estava atrelado à escolaridade, descobri que se tratava do ser mulher, negra, da roça e, por isso, sofria uma intensa exploração “O preço que pagavam envolvia longas jornadas, condições de trabalho precárias [...]. Nem é preciso dizer que o sexismo emergiu como uma fonte de sobrelucro e exorbitante para os capitalistas.”²³⁵.

No ano seguinte, surgiu na cidade um cursinho pré-vestibular, me dispus a frequentá-lo, fiz sacrifícios, voltei a percorrer o trajeto longo a pé. As aulas aconteciam aos sábados e terminavam por volta das dezessete horas e quarenta minutos, ficava até o final para não perder a correção dos simulados e arremates, no entanto, voltava para casa no escuro, correndo, temia ser vítima de um abuso sexual e sabia “Como a mulher negra não era protegida nem por lei nem pela opinião pública [...]”²³⁶. Chegava esbaforida, ofegante, cansada e preocupada, pois se aproximara o final do mês, deveria fazer o pagamento mensal de R\$ 70,00 (setenta reais), infelizmente, tive que vender a última saca de feijão, paguei, agradei e desisti.

²³² GONZALEZ, 2020, p. 58.

²³³ GONZALEZ, 2020, p. 170.

²³⁴ SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se negrogay: a história de vida de um homem-professor situado e “situado”**. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2022. p. 75.

²³⁵ DAVIS, 2016, p. 231.

²³⁶ hooks, 2020, p. 79.

No ano seguinte, chega outro curso de pré-vestibular na cidade, esse era gratuito, pelo Programa Universidade para Todos, uma parceria da Secretaria de Educação do Estado da Bahia com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Então, continuei as andanças formativas, consegui estudar o ano inteiro, mas, para realizar o exame vestibular, precisava ter dinheiro para pagar a passagem e a taxa de inscrição. Queria seguir e, para realizar a prova, aceitei o convite para uma empreita que consistia em quebrar, juntar e carregar uma lavoura de milho seco, éramos quatro moças-mulheres negras. Quer dizer, estando no corpo de mulher negra, carregávamos os resquícios da opressão sexista e racial perpetrada pela colonização, “Em qualquer plantação [...] mulheres negras realizavam as mesmas tarefas que os homens negros; elas aravam, plantavam e faziam a colheita.”²³⁷.

Foram três dias de labor e calor intenso, sol escaldante na cuca, pernas entremeadas nas ervas espinhosas, corpo envolto à coceira da palha. Eu subia e descia os caminhos do milharal retirando as espigas das plantas, organizava-as em um amontoado, depois enchia o balaio, punha a rodilha na cabeça e carregava-os, peso na cabeça, espinhos nos pés e mordidas de marimbondos. De vez em quando, o proprietário aparecia para observar nossa produtividade.

Ficava a pensar sobre as minhas existências, na roça e como ser-no-mundo, isso me exigiu “[...] uma maturidade política renovada e uma consciência mais profunda em relação ao racismo.”²³⁸. Estava a viver uma tripla opressão de gênero, raça e classe, dizendo melhor, vivia uma exploração interseccionada na saúde física e mental, afinal, “[...] O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão.”²³⁹.

Conclui a tarefa, o pagamento recebido foi equivalente ao valor da inscrição, realizei o vestibular, fui aprovada, mas não fiquei nas vagas, não desisti, continuei as *andanças*, estudando novamente no ano seguinte. Passa o tempo de dois anos, me engajo na luta coletiva, na Pedagogia do Movimento, que “[...] afirma os movimentos sociais como um lugar, [...] de formação de sujeitos sociais coletivos [...] um processo intensivo e historicamente determinado de formação humana”.²⁴⁰. Daí estabeleceu-se um período de grande transformação na minha vida.

²³⁷ hooks, 2020, p. 48-49.

²³⁸ DAVIS, 2016, p. 169.

²³⁹ DAVIS, 2016, p. 17.

²⁴⁰ CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São

3.2 A IMERSÃO NO MOVIMENTO DE MULHERES E AGROECOLOGIA

No ano de dois mil e quatro, fui convidada por uma professora aposentada do município para trabalhar em uma Associação Comunitária, que tinha uma relevante atuação na alfabetização de pessoas idosas e com deficiências; foi o meu primeiro emprego, uma experiência inexplicável e que se ressignifica até hoje. Desenvolvia ações articuladas junto a outras mulheres agricultoras, elaborava projetos, realizava rodas de diálogos sobre questões de gênero, raça, classe e autonomia financeira; foi uma experiência que deu certo; diariamente, estava envolvida com outras comunidades rurais.

As mulheres integravam grupos produtivos, eram, em sua maioria, negras, de baixa escolaridade, com pouco ou nenhum pedaço de terra para desenvolver as atividades agrícolas e agropecuárias. No primeiro contato, numa conversa, elas narraram suas histórias de vidas, instigadas pela ferramenta linha do tempo, assim, entendi que suas vivências deveriam ser compreendidas à luz das matrizes formadoras da Educação do Campo: trabalho, terra, cultura e educação, pelo viés histórico, dado que, “[...] para cada uma de nós, a empreitada de uma vida inteira extrair essas distorções da nossa existência, ao mesmo tempo em que reconhecemos, reivindicamos e definimos as diferenças. [...] usar a diferença humana [...] para a mudança criativa em nossa vida.”²⁴¹.

Engajada na luta social coletiva, foi possível diagnosticar que o machismo estava fortemente presente nas organizações, quer dizer, apesar do movimento agroecológico confrontar as mazelas capitalistas, existia o pensamento sexista “[...] Mesmo dentro do movimento social das mulheres, nós tivemos que lutar, e ainda lutamos por visibilidade [...]”²⁴². Essa pauta política se constituiu necessária, não fiz embates, mas reivindicações.

No movimento de mulheres e agroecologia, participei de encontros, fóruns, seminários, conferências e intercâmbios. Estive no estado da Paraíba, em João Pessoa, com o objetivo de conhecer tecnologias sociais que podiam ser potencialmente adaptadas à região semiárida, como a horta verão, uma tecnologia que possibilita produzir durante todo o ano, utilizando pouca quantidade de água.

Ao visitar um assentamento da Reforma Agrária, um filme passou em minha cabeça. Lembrei-me das vivências de meu pai biológico na luta pela terra e me recordei do

Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012a. p. 548-555. p. 548.

²⁴¹ LORDE, 2019, p. 143.

²⁴² LORDE, 2019, p. 53.

movimento feito pelas(os) agricultoras(es) no I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), no ano de 1997, em Brasília, Distrito Federal, momento do nascedouro da Educação do Campo, reivindicação desta como modalidade de ensino.

Particpei de II Encontro de Mulheres e Agroecologia, realizado em Recife, Pernambuco, organizado pela Articulação Nacional em Agroecologia (ANA). Apresentei a experiência dos grupos produtivos compostos por mulheres, foram dias de aprendizados, construções críticas, éticas e políticas, trocas de experiências, reflexões sobre o acesso das mulheres às Políticas Públicas, discussões enfáticas e necessárias e calorosos debates sobre feminismo, gênero, classe, trabalho e educação. Nesse encontro, entendi que “[...] precisamos reconhecer o que nos distingue das mulheres que são nossas iguais, nem superiores nem inferiores, e elaborar maneiras de utilizar nossas diferenças para enriquecer nossos ideais e nossas lutas comuns”²⁴³. Na oportunidade, mulheres de todo Brasil – marisqueiras, tecelãs, quebradeiras de coco babaçu, agricultoras como eu – narraram suas experiências no tocante à busca por um bem-viver e melhor convivência com as especificidades dos biomas das diferentes regiões do país.

Estive também, em Vitória, Espírito Santo, onde conheci sistemas produtivos de agricultura orgânica, realidade totalmente dissociada de cá da roça e dos cultivos que fazia junto ao meu grupo familiar, na verdade, tratava-se de pessoas de outros países que se estabeleceram numa determinada região, tentavam falar nosso português, o acolhimento soou frio, estava numa região “[...] do Sul racista.”²⁴⁴.

Nas interpretações que fiz, não percebi o protagonismo das mulheres na arena agroecológica, não participavam dos momentos de diálogos, estavam confinadas nas cozinhas. Diante disso, compreendi que se tratava de uma desvalorização do feminino, da histórica invisibilização do trabalho das mulheres e das mazelas do sexismo perpetrado nas relações de trabalho. “Tentando juntar tudo isso, me senti como se estivesse nadando sozinha em águas inexploradas. Eu não [...] conseguia saber se [...] águas rasas ou profundas, [...] não tinha uma pessoa que compreendesse [...] as potências e desvantagens de uma jovem negra [...]”²⁴⁵.

Em um breve período de tempo, viajei para Mossoró, Rio Grande do Norte, onde fiz descobertas de empoderamento feminino, conheci experiências geridas por mulheres, Bancos

²⁴³ LORDE, 2019, p. 152.

²⁴⁴ DAVIS, 2019, p. 117.

²⁴⁵ DAVIS, 2019, p. 117.

de Sementes Comunitário, Gestão de Fundos Rotativos Solidários e de Cooperativas. Elas partilhavam com entusiasmo como conseguiram guardar recurso para manter as atividades produtivas ininterruptas, nos deram informações de como adquirir a matéria-prima da produção, nos convidou a esperar “Da mesma forma que suas contribuições lançaram luz sobre seu próprio período histórico, elas podem nos ajudar a compreender melhor [...] as lutas contra o racismo, pela igualdade da mulher e pela paz.”²⁴⁶.

Compreendi que as iniciativas resultavam na valorização do trabalho das mulheres, na geração de renda, tendo como base os princípios econômicos solidários e autogestionários, quais sejam: tomada de decisões conjuntas, relações fraternas, solidariedade, integração, transparência administrativa, gestão coletiva, autonomia, centralidade na dimensão humana, respeito às diferenças, sustentabilidade, valorização da dimensão humana.

Destaco que a oportunidade de intercambiar e conhecer experiências em outros estados deu-se no período em que o Brasil era presidido por governos populares, por meio de políticas e programas de acesso e valorização das dimensões agroecológica, cultural, racial e de gênero. Quando os Movimentos Sociais tencionaram, hastearam bandeiras de luta, a Educação do Campo foi oficializada, tendo como primazia a contextualização, a inclusão dos saberes construídos por diferentes pessoas e nos aspectos constitutivos da identidade familiar e local, arte, memória, trabalho, características geo-históricas e diversidade sociocultural do/no território de vida. Quer dizer, “NO: o povo tem direito de ser educado no lugar em que vivem, DO: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura, e às suas necessidades humanas e sociais.”²⁴⁷.

Aqui, no meu município, essa convocação foi conduzida pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC); me juntei em parceria, além de militante, participei como secretária, redigindo as atas de todas as reuniões de sensibilização nas comunidades, por meio de uma comissão formada por representantes das Associações Comunitárias. Convidamos as famílias para apresentar a proposta e refletirem acerca da necessidade de suas(seus) filhas(os) e elas/eles próprias/próprios terem direito à uma educação que incluísse no currículo escolar suas trajetórias, vivências, história e pertença. O debate que fora feito na ocasião primou por uma escuta sensível das(os) agricultoras(es), que sensibilizadas(os) abraçaram a iniciativa.

O passo seguinte foi um encontro com o Poder Público, via Secretaria Municipal de Educação, para que formalizasse a parceria com o MOC, através de assinatura de um Termo. Posto isso, aconteceu o aceite pelas(os) educadoras(es), assim, participaram de capacitações

²⁴⁶ DAVIS, 2016, p. 133.

²⁴⁷ CALDART, 2004, p. 10.

para a construção da Ficha Pedagógica do Projeto Conhecer, Analisar e Transformar (CAT), proposta metodológica que delineou mudanças significativas na minha formação docente. Hoje, como professora, estou conduzindo a construção do referido itinerário pedagógico.

Diante das minhas constatações e das análises sobre o contexto vivenciado por mulheres, famílias da roça, despertei a vontade de entender teoricamente a situação de extrema pobreza, a partir das intersecções entre raça, gênero e classe. Reitero que o conjunto de fatores observados nos intercâmbios no que concerne às experiências desenvolvidas por mulheres se constituiu em relevante instrumento para que eu buscasse aprofundar conhecimentos, analisando-os por um viés geopolítico, pois me parece que “O processo de encontro cultural será sempre ambivalente, contaminado, já que constantemente marcado pelo outro.”²⁴⁸.

3.3 ROMPENDO ALGUMAS BARREIRAS E OUTRAS NEM TANTO

Na busca pelas *continuações* formativas, resolvo cursar um Curso Superior, me lancei ao imprevisível, a um novo contexto de dificuldades; para estudar em uma universidade, tudo era difícil: o traslado, conciliar o tempo com o trabalho, dinheiro para custear as despesas e novamente o temor de sofrer comparações sobre capacitismo. Sabia que, “Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo à ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais.”²⁴⁹.

Iniciei o curso de Serviço Social movida pelo desejo de entender melhor a sociedade, principalmente no tocante às expressões das questões sociais. Senti-me instigada a tal procura, na esperança de atuar em defesa dos direitos humanos, inclusive das mulheres, queria ter instrumentalidade teórico-metodológica para pensar, elaborar estratégias de superação, principalmente, para as que constatei durante as andanças e vivências da roça, já que “[...] desde pequena, nas redações escolares, eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus

²⁴⁸ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 312.

²⁴⁹ DAVIS, 2016, p. 109.

limites de compreensão [...], eu já havia entendido a precariedade da vida, [...] aos poucos fui ganhando consciência.”²⁵⁰.

No primeiro dia de aula, logo no caminho, uma colega branca, racista, logo disparou: “Neguinho está pensando que marido vai ficar dando dinheiro para ninguém estudar!”. Ao pisar na sala, olhei o coletivo, éramos apenas três mulheres negras, eu, *Negra da Roça*, fiz a constatação de que estar ali requeria de mim, além de esforço físico e financeiro, o intelectual. Percebia nas minúcias do racismo incrustado, na linguagem e nos olhares. Apesar do curso se voltar para o combate às desigualdades com ênfase nas questões sociais, não era essa a pauta que prevalecia nas narrativas que escutava, mais uma vez, me senti desterritorializada no espaço de educação. Todavia, soube novamente ser uma estudante comprometida, aplicada, organizada, fidedigna ao um tempo diário de estudo, jamais deixei de ler o conteúdo e tentar compreendê-lo. Academicamente falando, não tive dificuldades com as construções teóricas.

Resisti, pois vi no curso uma oportunidade de unir as ações que desenvolvia na Associação, no Movimento Social, ao conhecimento acadêmico específico, pois entendo que “A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só de a ele se adaptar.”²⁵¹. Me apaixonei pelo curso, mesmo sem saber como custear as despesas; novamente o contexto de incertezas e (des)*continuança* me atormentavam. Resisti, tive o apoio da família.

Após cinco meses de estudos, fui convocada pela Secretaria Municipal de Educação de Ichu, após aprovação no concurso público, para ser professora; um dia de felicidade. Recebi a ligação de uma tia que me parabenizou orgulhosa, reiterando meu amor pela educação. Quando cheguei em casa, a família me esperava no terreiro, festejando, sorrindo, parabenizando a conquista almejada. Precisei conciliar a vivência no Movimento Social com a formação e a docência, até hoje vivo nos entrelaces entre ensino-pesquisa-extensão, “Em outras palavras, devemos subir de modo a garantir que todas as nossas irmãs [...] subam conosco.”²⁵².

Em uma noite, fui à casa dessa tia, confessei para ela os desafios encontrados no desenrolar das pesquisas, as barreiras nas estruturas de poder e autoritarismo. Ela me pediu

²⁵⁰ EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita.

In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 48-54. p. 54.

²⁵¹ FREIRE, 2015a, p. 44.

²⁵² DAVIS, 2017, p. 17.

que continuasse lutando com ânimo e respeito, mas sem permitir ser coagida a ponto de deixar a minha autenticidade, enfatizou que “Não vale um discurso bem articulado, em que se defendem o direito de ser diferente e uma prática negadora desse direito.”²⁵³. Parecia ela presumir as contradições com que me defrontei em momentos posteriores da vida.

Hoje ela não está mais aqui para celebrar comigo as conquistas de ter me tornado especialista em Educação do Campo e mestranda em Educação e Diversidade. Tia desencarnou segurando minhas mãos, dando o último suspiro em meus braços, logo eu que chegara em casa após a nascença pelos seus braços. Deverás, o ser-no-mundo defronta-se com situações imprevisíveis, não há como se negar a profundidade da dimensão hermenêutica na vida do *ser-aí* que está numa abertura e a única verdade a tomar para si é que, definitivamente, nas existências, há coisas que deverás jamais se consegue explicar.

A ênfase contundente nas derradeiras palavras de minha tia reverbera de maneira latente, sendo professora, “[...] reconheço que os alunos [...] têm aula dentro de instituições onde suas vozes não têm sido nem ouvidas nem acolhidas, [...] quer eles discutam fatos [...] quer discutam experiências pessoais. Minha pedagogia foi moldada como resposta a essa realidade.”²⁵⁴. Como estudante, também fiz essa constatação.

O início da docência foi um período de inúmeras dificuldades, a tal ponto que cogitei desistir de ocupar o lugar que sonhei, projetei e tanto lutei para estar. Ainda no estágio probatório, vivi dias, noites e madrugadas viajando para acompanhar mãe em tratamento de um câncer na tireóide, uma tia em tratamento de câncer de mama e uma irmã com suspeita do mesmo diagnóstico. O tempo se revelava ingrato, insólito, de grandes desafios, embora eu não verbalizasse nas aulas como estudante. As viagens para o Tratamento Fora do Domicílio (TFD) eram exaustivas, além disso, mesmo cumprindo o compromisso docente, quando precisava me ausentar, não recebi a compreensão de algumas pessoas. Chegava em casa arrasada, desnorteada, parecia o céu desabar em minha cabeça.

Era época de elaboração do projeto do Trabalho de Conclusão de Curso, então, resolvi escolher a vivência como objeto de estudo, consegui escrever. Viajava com a bolsa cheia de livros, caderno e canetas para anotações, chegava na madrugada e sentava para escrever, embora eu tivesse que narrar o vivido em terceira pessoa, uma experiência de dor. Os moldes acadêmicos não me deram o direito de autorizar a própria voz, narrar sobre o que me ocorria, diante disso, tive a ideia de *hakear*, investiguei sobre as vivências e afetamentos na saúde

²⁵³ FREIRE, 2021a, p. 45.

²⁵⁴ hooks, 2017, p. 113-114.

psicológica das pessoas em tratamento de câncer e de seus familiares. Embora eu participara da pesquisa rasurando a impossibilidade apresentada.

Tive a expertise de desenvolver a intervenção através da escuta sensível. Ao final, percebi que o vivido das(os) entrevistados eram situações semelhantes ao que eu vivenciava na família naquele tempo, quais sejam: acordar na madrugada, esperar horas e horas nas longas filas, dormir no chão dos hospitais, falta de atendimento psicológico à saúde mental das(os) acometidas(os), sofrimento pelo preconceito e desprezo da sociedade, como se as pessoas fossem responsáveis pela doença ou houvesse contágio, negligência do Sistema Único de Saúde na marcação de consultas, atraso no tratamento, realização da cirurgia e comunicação ineficiente, dentre outras tantas. Após a sistematização dos dados, apresentei um relatório à Secretaria Municipal de Saúde para socialização dos achados da pesquisa. Como intervenção, indiquei a necessidade de atendimento e acompanhamento psicológico para os pacientes e seus familiares; visto que o diagnóstico afeta toda a família, sugeri uma formação das(os) profissionais de saúde acerca da Política de Humanização do SUS.

No dia da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), fiz as lâminas, contudo, confesso, o quão desafiador foi contar dos outros, sem falar de mim, sendo algo que me atravessava de forma dilacerante; mas consegui apresentar. Passada a arguição da Banca Examinadora e da publicização da nota, não contive as lágrimas, uma colega-amiga pediu a palavra e ressaltou a coragem que tive, enalteceu a perspicácia criativa de contar sobre um eu coletivo a partir do que me atravessava. Pareço de fato ter desenvolvido essa habilidade.

3.4 COMO MULHER-NEGRA DA ROÇA, PROFESSORA NA ESCOLA DA CIDADE

Tornei-me professora numa escola da cidade, “Ali eu era a estranha por ser a professora negra da roça sem experiência docente.”²⁵⁵, percebi isso nos olhares, nos silêncios e na expressão da linguagem. Fui alocada numa classe de estudantes negras(os), residentes na periferia, imersas(os) em contextos de vulnerabilidade e situação de extrema pobreza. “Quando entrei pela primeira vez primeira vez na sala de aula multicultural e multiétnica, [...] Não sabia como lidar eficazmente com tanta ‘diferença’.”²⁵⁶. Eu conhecia o bairro, por isso, compreendia a cabeça baixa na mesa, os chutes na porta e a pergunta: que hora já é essa?

²⁵⁵ RABINOVICH; SILVA; SOUZA, 2020, p. 1361.

²⁵⁶ hooks, 2017, p. 58.

Me vi sob o olhar da desconfiança, sendo a professora principiante, negra, da roça, lecionando na cidade, numa escola em que os códigos racistas estavam impregnados, preconceitos de raça, classe e lugar de origem. “A partir dessa constatação, resta-nos ressaltar os malefícios e prejuízos respingados imprudentemente nas relações raciais no Brasil, em grande parte decorrentes da popularização da teoria da democracia racial [...]”²⁵⁷. Passei por uma tensão, pairava sobre mim a conquista da profissão frente ao desafio de alfabetizar uma classe de estudantes em situação de risco pessoal e fragilidade socioeconômica. Elas(es) eram carente dos serviços de saneamento, assistência social, saúde, crianças vitimadas pelo racismo, que perversamente já se interiorizava em sua linguagem, quando, na primeira aula, em roda de conversa, pergunto: onde você mora? Responderam em coro no “Troca-bofetada”.

De pronto, percebi o quanto os racismos ambientais, pessoais, estruturais e institucionais estavam incrustados nas vivências, ademais, volta e meia escutava de alguns adultos da escola uma responsabilização pela situação de pobreza extrema de suas famílias, como se aquelas crianças estivessem predestinadas a conviver nas carências e com a impossibilidade de aprendizado. Preocupei-me com o que ouvia e via no chão da escola, passei a observar que as(os) estudantes oriundas(os) do bairro mencionado recebiam outro tipo de tratamento. Refleti que a escola não estava sendo direito de todas(os).

Foi desafiador, sofri, afinal eu também fazia parte daquele público esquecido pelo Estado Brasileiro. Os desafios relacionados às expressões das questões sociais desembocaram na sala de aula de forma preocupante e intensificada, quais sejam: falta de escolarização dos pais que ressoava no acompanhamento familiar e baixo rendimento devido à situação de extrema pobreza, fome. Foram tardes de xingamentos e agressividade uns com os outros, comunicação violenta, falta de autoestima, desinteresse e descrença na educação como ferramenta de liberdade. Procurei “[...] dá outra visibilidade à questão étnico-racial, interpretando-a como trunfo e não como empecilho para a construção de uma sociedade mais democrática, onde todos, reconhecidos na sua diferença, sejam tratados igualmente como sujeitos de direitos.”²⁵⁸.

Eu já era comprometida com as pautas raciais e, por conseguinte, estava a sofrer, naquele espaço, o racismo velado, volta e meia apareciam na porta, olhos curiosos para

²⁵⁷ SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira**: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 67.

²⁵⁸ GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022. p. 731.

averiguar como estava lecionando. Além disso, não raro eram os dias em que pessoas brancas apareciam para fazer a constante reivindicação: que suas(seus) filhas(os) mudassem para o matutino, turno de estudo em que lecionavam as professoras brancas e estudavam a maioria dos estudantes também brancos, justificavam que trabalhavam e não tinham um(a) responsável para deixar aos cuidados. Na verdade, era o racismo que operava sem dó nem piedade sobre nossos corpos negros. Ao perceber que a escola estava segregando, me dispus a fazer o questionamento: as mães-mulheres-negras também não trabalham?

Recebi o silêncio, uns fingiram não escutar, teve ainda quem justificasse como que fazia parte da cultura escolar, que ninguém tinha antes reclamado com a justificativa que eu apresentara. Eu estava (re)vivendo a experiência do racismo de outra forma, e presenciando outras mulheres negras e crianças viver; para mim, ficou nítido, tratava-se da intrínseca intersecção entre raça e gênero, pois “A experiência envolve ambos, porque constituições racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de ‘raça’ e na experiência do racismo.”²⁵⁹.

A constatação dolorosa me fez pôr em pauta a histórica exclusão da mulher negra e a dolorosa experiência do racismo. “Tratava-se de ter liberdade de se expressar como se é, e sempre se foi; de defender o direito ao emprego, ao amor, à igualdade, ao respeito; de assumir a cultura, o passado de sofrimento, a origem africana.”²⁶⁰. Eu me mobilizei, pois entendo que a docência não podia acontecer alheia à tessitura da vida e como professora não posso fazer a separabilidade das(os) educandas(os) com as vivências, experiências, atitudes, eventos racistas por elas(es) vivenciados e por mim. Não podia presenciar calada e assim não o fiz.

Tomei duas ações como primordiais, a primeira conhecer as famílias das(os) estudantes e estabelecer um diálogo, por meio do Projeto Escola na Família. Aproveitei para conhecer suas realidades de perto, me deparei com casas insalubres, de poucos cômodos, com o animal que ajudava prover o sustento convivendo junto, o jegue, existia fogão improvisado no chão, formado por três pedras, paredes esfumaçadas e a presença da caixa de papelão como guarda-roupa, como foi para mim um dia, as mães se desculpavam por não saberem ensinar as tarefas de casa das(os) filhas(os), me disseram não ter frequentado a escola, que precisaram trabalhar cedo e que não aprendiam de jeito nenhum, ou seja, a ferida do colonialismo, latejava nos seus corpos e mentes. Tiveram relatos ainda mais dolorosos, que não me cabem aqui dizer. “Não fazia sentido, para mim, que todas aquelas que não tinham ‘dado certo’

²⁵⁹ KILOMBA, 2019, p. 94.

²⁶⁰ MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p. 45.

estivessem sofrendo por causa de sua falta de ambição e de força de vontade para construir uma vida melhor para si mesmas.”²⁶¹.

Precisei ser forte, tive que ser, lá eu não estava para reclamar, depor contra suas(seus) filhas(os), denunciá-las(os), inclusive, foi ali que percebi o quanto elas(es) eram vítimas de uma sociedade que, à medida que nos exclui, concomitantemente, espera de nós uma passividade. Foi dolorido, refleti sobre a entrada na academia, a profissão docente, e dei-me conta de que “Os lugares novos, as experiências novas, que eu esperava descobrir [...] acabaram se mostrando os mesmos lugares antigos, as mesmas experiências antigas, com uma mensagem comum de luta.”²⁶².

Nesse viés, minha vida e formação se constituíram como capulhos que se abriram para a desconstrução do racismo, assim, teci um pavio estratégico e inseri na trama dos conteúdos: reflexões sobre práticas escolares e as percepções das (re)existências negras; sempre que encontrava espaço, conversava com as colegas professoras sobre as desigualdades reproduzidas na escola, “Advirtamo-nos de que, anulando a importância da consciência ou da subjetividade na História, reduzida [...] então a puro reflexo da materialidade, as concepções mecanicistas [...] se concretizam em funções inviabilizadoras da educação”.²⁶³. Elas se filiaram ao debate e reconheceram que, de fato, precisávamos pôr em pauta o observado, liderei o enfrentamento, fui mal vista, paguei um preço por isso.

À vista disso, depois de uma eleição municipal, recebi como castigo a transferência da escola da cidade para uma escola no campo/roça, sem nenhuma comunicação prévia. Findava a Jornada Pedagógica, no ano de dois mil e treze, eu já tinha comprado papéis coloridos e confeccionado lembrancinhas e cartazes de boas-vindas, voltados à diversidade e às diferenças presentes na sala, fui pega de surpresa quando um rapaz me entregou a designação. Naquele instante, me senti humilhada, constrangida publicamente, veio um nó na garganta, mas engoli o choro em meio ao coletivo presente, a me sentir desrespeitada como ser humano e profissional, afinal, eu conhecia o Estatuto do Magistério do Município e sabia que tal atitude não podia se dar daquela maneira, sem diálogo prévio e concordância de minha parte.

Levei o caso à justiça, aleguei desrespeito, contudo não relutei a lecionar na Escola do Campo, inclusive, não era a mudança que doía, mas a maneira como ela se estabeleceu. Para completar a perseguição, não me forneceram transporte e, mais uma vez, volto às andanças

²⁶¹ DAVIS, 2019, p. 103.

²⁶² DAVIS, 2019, p. 129.

²⁶³ FREIRE, 2015a, p. 141.

por caminhos desertos na companhia do sol ardente sob a cuca e pele negra. Houve dias em que chegava em casa à noite, desviando dos perigos, “Com frequência, as pessoas me perguntam como eu gostaria de ser lembrada. Minha resposta é que “[...]. O que eu quero que as pessoas recordem é o fato de que o movimento que exigiu minha liberdade triunfou. [...] vitória contra obstáculos insuperáveis [...]”²⁶⁴.

3.5 O TECER DA EXPERIÊNCIA DOCENTE NA ESCOLA DO CAMPO

No meu primeiro dia de aula na Escola do Campo, recebi uma ligação de um dos administradores públicos da época, reiterando se eu estava ciente de que as aulas iniciavam naquele dia. Respondi que estava, que tinha acabado de chegar do momento inaugural e que, inclusive, precisávamos conversar sobre o transporte, dado que todas(os) professoras(es) tinham acesso a transporte e um recurso à disposição, não imaginei ouvir a frase “Vá a pé!” Disse-me isso e recebi o telefone desligado de imediato, assim, “[...] no momento em que escrevo, [...] não posso deixar de pensar, com emoção, [...] na mágoa, na tristeza, na amargura, no percurso silencioso [...]”²⁶⁵.

Foi um novo período de resistência, esforços físicos e cansaços, em meio aos desafios. Acordava cedo, para fazer o trajeto deserto, o caminho era de caatinga fechada em ambos lados, não haviam residências próximas, eu ia sozinha, com o telefone celular sem sinal. Chegava à escola cheia de poeira ou lama, “As coisas não se resolveram de maneira fácil, mas o tempo cuidou para que as emoções esmorecessem.”²⁶⁶. Quando chegava à escola, a servidora da limpeza, uma mulher negra, me recepcionava com bom dia, sorriso e um balde de água para que eu lavasse meus pés, higienizava-os, dava um abraço nela, agradecia, sorria, me dirigia à sala de aula com meu plano de aula organizado, não abri mão de planejar as aulas metodologicamente na perspectiva do fortalecimento das culturas afro-brasileiras, ruralidades, e dos itinerários de vida das(os) estudantes, familiares e Comunidade.

Fui compreendo o vivido, a experiência de ser pessoa, docente, “[...] não como um processo fundado na repetição de situações, [...] mas sobre a intensidade e a significação de

²⁶⁴ DAVIS, 2018, p. 120.

²⁶⁵ FREIRE, 2015b, p. 80.

²⁶⁶ VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 61.

uma situação vivida [...] que não tem necessidade de repetir-se, mas que influenciam [...] toda a existência profundamente.”²⁶⁷.

No retorno para casa, já cansada, com o peso da sacola cheia de livros na cabeça, por vezes, tinha ainda que correr, “Corria em meio à caatinga antiga de árvores altas, buscando a vereda para casa, quando pedaços da pele de meus braços ficaram enganchados nos espinhos [...] a terra assava meus pés com a quentura que emanava. [...]. Eu tentava escapar por outros rumos [...].”²⁶⁸. Sabia dos perigos, mas tinha que enfrentar, mesmo com medo, o que aparecesse, “Que se pense, a partir daí, nos obstáculos a serem superados [...] ser mulher e negra [...] implica ser objeto de um duplo efeito de desigualdade muito bem articulado e manipulado pelo sistema que aí está.”²⁶⁹.

Por isso, como professora da Educação do Campo, no cerne de meu trabalho docente, desenvolvo ações baseadas em interações, entendo que “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos.”²⁷⁰. Olho para as(os) estudantes enxergando-as(os) como pessoas, “[...] seres socializados que trazem consigo, [...] a carga de suas múltiplas pertencas sociais: origem socioeconômica, capital cultural, sexo, identidade linguística e étnica [...].”²⁷¹.

Concentrei minhas forças no compromisso docente, não me deixei contaminar pelo que me ocorrera, transformei a raiva em amor, eu era a minha única companhia, tive consciência de que dela não poderia me afastar, me abracei, tive paciência comigo, não permiti que a motivação e o compromisso docente fossem afetados pelo que fizeram comigo. Elaborava as aulas com entusiasmo, experimentando agora ser mulher *Negra da Roça*, professora da Educação do Campo, experimentara um intenso momento na vida e invenção de mim, tive o apoio da Comunidade, fortaleci os laços afetivos.

Entrava na sala e rememorava meu corpo de menina negra, as situações vividas, os controles que foram impostos na escola, “Longe de ser uma instituição fechada, uma organização onipotente, a escola aparece, então, como um feixe de palha sacudido pelas forças sociais do ambiente.”²⁷².

²⁶⁷ TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 51.

²⁶⁸ VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 91.

²⁶⁹ GONZALEZ, 2020, p. 192.

²⁷⁰ TARDIF; LESSARD, 2014, p. 31.

²⁷¹ TARDIF; LESSARD, 2014, p. 44.

²⁷² TARDIF; LESSARD, 2014, p. 67.

A sala de aula, palco das significativas interações, me permitiu elaborar interpretações, saberes necessários à prática pedagógica, no próprio ato de ensinar, assim como a refutar o entendimento que o ser-fazer docente possa acontecer a partir de uma neutralidade, embora eu constate que a escola, não rara vezes, se estabeleça em “[...] um ambiente cultural e socialmente separado do universo ambiental, um ambiente formal regido por exigências que têm muito pouco a ver, geralmente, com a realidade familiar e social.”²⁷³. Como estudante, menina negra da roça e professora negra da Educação do Campo, fiz essa constatação, me dou conta de que venho perfurando essa bolha, ao oportunizar a educandas(os) estarem na sala da maneira como concebem seus corpos, com direito à palavra enquanto pessoa ser-no-mundo, em comunhão com os saberes dos seus contextos de vivências, sentidos e significações.

O tempo passou e, visto que sempre gostei de estudar, resolvi retomar a trajetória formativa, decidi cursar a Licenciatura em Pedagogia, precisava cuidar da formação, por um compromisso com o ser-fazer profissional, educação que acredito, própria História de Vida e docência em contexto. Foi uma formação dentro dos limites a mim possibilitados na época, recebia baixo salário, além disso, estava investigando o diagnóstico das constantes e fortes dores que me levaram a uma imobilidade física temporária. Eu “[...] estava com as pernas tão prejudicadas que não conseguia mais andar, precisando ser carregad[a] quando desejava. A evolução acelerada da doença impressionava os próprios médicos, que afirmavam, a raridade do [...] caso.”²⁷⁴.

Disseram que eu era nova demais para o diagnóstico, que até então, não conheciam um diagnóstico semelhante na minha idade, tentaram entender a origem, esmiuçaram sobre meu trabalho, sobre a vida. Naquele instante, desisti de dizer qualquer coisa, silencieei, senti vontade de contar um pouquinho sobre a situação de uma mulher, negra, numa sociedade racista, sexista e opressora, mas nada disse, meu semblante falou por si só, tantas coisas se passaram pela minha cabeça, os pensamentos pareciam redemoinhos, suspirei fundo e me atentei aos encaminhamentos, recomendações que não teria como obedecer.

Precisei me afastar temporariamente do trabalho, sofri com o distanciamento das(os) estudantes, exercício profissional, senti falta da ambiência escolar, atividades do roçado e até domésticas, coisa de que não gosto, no entanto, aquela era a alternativa possível para retomar as andanças aos caminhos de lonjura, dado que, naquele momento, me faltava forças para dar o passo mais simples que fosse. Vi a vida revirada de pé por cabeça, à noite, da janela do

²⁷³ TARDIF; LESSARD, 2014, p. 73.

²⁷⁴ MAHEIRIE, 1994, p. 95.

quarto, olhei o céu, a estrela apareceu para mim, piscando as cores que me alegravam os olhos, fiquei com a alma reconfortada, como ela tinha o dom de me tranquilizar.

Cuidei-me, tive o apoio incondicional da minha família, para me virar em cima da cama, tomar banho, vestir a roupa, nas rezas, sabsenças e acompanhamento fisioterápico, com o tempo, recuperei a saúde, voltei a lecionar cheia de entusiasmo e amor, desenvolvi outra compreensão sobre meu ser-no-mundo, passei a valorizar de maneira mais interpretativa o simples da vida. Concluí o curso, desenvolvi o TCC com a temática: “As Escolas do Campo e os desafios encontrados para o trabalho com a diversidade”*, no qual abordei, com profundidade, os desafios relacionados à diversidade na Escola do Campo. Ou seja, a minha consciência me projetava para um futuro, agora presente.

3.6 AS PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Quando menina, na escola, as minhas existências foram desterritorializadas do currículo uma vez que não tive a intersubjetividade considerada, e isso se deve “Historicamente, à expansão da escolarização [...] ligada à edificação de uma cultura e de saberes [...] que apresentam um alto grau de abstração em relação aos saberes locais das comunidades e à cultura diária[...]”²⁷⁵. A pertença à *semiótica negra* da roça e experiências no seio dessa comunidade de sabsenças singulares, inspiraram as práticas antirracistas na Educação do Campo.

Busquei conhecer a formação e o contexto cultural da Comunidade, preparava as aulas atenta, pois “O caminho é a informação formadora, é o conhecimento crítico que implica tanto o domínio da técnica quanto a reflexão política em torno de/a favor de quem, de que, contra quem, contra que se acham estes ou aqueles procedimentos técnicos.”²⁷⁶. Fascinava-me observar os rostos das(os) estudantes encantados durante a descoberta da novidade, sentirem-se pertencentes por terem adquirido um conhecimento novo para a vida e sobre o próprio viver naquele local.

Movida pela inquietação, curiosidade epistemológica de que percebia sendo professora-pesquisadora, gradativamente, ia me apoderando dos saberes localmente construídos, registrava, isso me permitiu construir teoricamente um singular saber, “Devo

* Texto não publicado.

²⁷⁵ TARDIF; LESSARD, 2014, p. 73.

²⁷⁶ FREIRE, 2015b, p. 161.

dizer que a minha prática intensa e extensa, [...] me possibilitou um certo conhecimento que viria a ser de fundamental importância para o desenvolvimento de minhas realizações [...] a compreensão e a prática [...] de indiscutível dimensão.”²⁷⁷.

Dediquei-me com afinco ao um esforço transformador, valorizei o território de produção de vida, ao inserir nos debates pedagógicos, tematizações da realidade dos povos que ali habitam, reafirmo, tenho “Respeito à diversidade do Campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos de gênero, geracional e de raça e etnia.”²⁷⁸. Meu compromisso humano, docente e militante me solicita uma prática pedagógica transgressora, assim, fiz e tenho feito, afinal, disponho de um capital epistêmico da vida, da cultura, do trabalho na terra, da luta social e do trabalho coletivo, mobilizei essas Matrizes Formadoras da Educação do Campo, entrelacei os saberes práticos com teóricos, rasurei o currículo engessado.

Priorizei elaborar as atividades pedagógicas com respeito à organização coletiva da Comunidade, dimensão identitária, diferença e diversidade, por reconhecer que “Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. [...] também construídas pelos sujeitos sociais [...] no contexto das relações de poder.”²⁷⁹. Assim, encarei os saberes da experiência e experiências formativas como estratégias de um Bem-Viver da docência, fiz alinhavados, costuras, teci uma esteira “[...] que nasce a partir da tomada de consciência das diferenças, [...]”²⁸⁰. As minhas diferenças me impuseram esse dar-se-conta.

Desenvolvi uma aula: *Na Casa de Farinha de Dona Resistência*; a atividade foi previamente planejada e permitiu colocar a subjetividade na ciranda da investigação, indagar o conhecimento, admitindo que o empírico, (i)material, era desvalorizado na cultura escolar, tive essa atitude por acreditar na “[...] prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença no mundo [...]”²⁸¹.

Foi um momento de empolgação, afinal, as(os) estudantes ficaram saltitantes para conhecer a fábrica de farinha, antes entendida como um alimento que estava apenas nas

²⁷⁷ FREIRE, 2015b, p. 174 -175.

²⁷⁸ BRASIL, 2010, art. 6º, § 1º.

²⁷⁹ GOMES, 2007, p. 17.

²⁸⁰ MUNANGA, 2020, p. 11.

²⁸¹ FREIRE, 2015a, p. 54.

prateleiras dos supermercados. No percurso até a propriedade, durante a caminhada, elas(es) queriam saber de tudo, sobre a vegetação, o rio e suas margens, seguiam de olhos e ouvidos atentos, me perguntavam os nomes das flores, dos pássaros que entoava algum canto, corriam atrás das borboletas. Revivi as cenas da minha infância, perguntava a mim mesma: por que a escola não me oportunizou essa vivência que se tornou experiência?

Quando as(os) educandas(os) adentraram à Casa de Farinha, ficaram maravilhados, elas(es) queriam conhecer os nomes, as funções, socializavam entre si. Dona Resistência explicou, pacientemente, do plantio ao processo de domesticação da raiz, detalhando cada uma das etapas com riqueza de detalhes, respondeu a todas as interrogações. Embora eu soubesse, respeitei o espaço dela, me pronunciando quando consultada e para os encaminhamentos do plano da aula-investigação.

No retorno, fizemos uma roda de conversa, momento de socializar as percepções, realizei atividades escritas, combinamos como encaminhamentos posteriores: socializar a vivência no núcleo familiar, pedi aos pais e responsáveis que narrassem suas memórias sobre as Casas de Farinha, cultivo e domesticação e a escrita de receitas a partir dos derivados da mandioca. Noutro dia, quando cheguei à escola, algumas mães me esperavam, emocionadas me disseram da alegria que suas(seus) filhas(os) chegaram em casa e que pediram para elas levassem para aquele espaço novamente. Elas também estavam felizes por participarem do processo formativo.

Dialoguei sobre a possibilidade de trazerem no dia da culminância uma receita, que fosse economicamente possível às suas realidades, para a celebração. Levaram bolos, tapiocas, beijus, cuscuz, broas, mingaus; partilhamos sabores, saberes e fazeres, incluindo a participação das mulheres negras da comunidade. Como professora-pesquisadora, sistematizei essa experiência em artigo: “Entrelaçando vivências, memórias e práticas de uma professora negra da roça”²⁸², escrevi-o em parceria com o orientador, da época, apresentamos e fomos premiados com uma segunda menção honrosa.

Como docente em uma Comunidade de moradoras(es) em sua maioria negras(os), não deixei de desenvolver aulas através de Práticas Antirracistas, valorização das etnicidades presentes no contexto de vida das(os) estudantes, famílias e comunidade na qual a Escola do Campo se situa, organizando palestra para debater a preservação da caatinga, lecionei aula na Unidade Produtiva – horta familiar que tem a gestão de uma mulher negra –, na oportunidade, ela fez demonstrações das sementes crioulas que semeia, além disso, possibilitou às(aos)

²⁸² SILVA; SOUZA, 2020a.

estudantes o conhecimento de instrumentos antigos, apresentados pelas palavras, voz das(os) suas(seus) ancestrais.

Planejei e executei uma aula, trazendo o cabelo crespo como elemento identitário “Nesse dia, propositalmente, fui com meus cabelos naturalmente soltos [...] contei a história dos meus cabelos e de como aprendi a amá-los. Enfatizei que nossos cabelos guardam uma história. [...] as técnicas aprendidas com as nossas avós [...]”²⁸³. Apresentei a África como um continente de belezas, reforçando as belezas do lugar, a fim de desmistificar o propagado pela mídia, que semelhante ao que faz com a Região Nordeste, focaliza apenas as adversidades e carências, inclusive atrelando isso a nosso desenvolvimento cognitivo.

No fio sutil do enredo, a aula possibilitou uma conexão entre corpo-natureza-ancestralidade, risos, olhares, valorização dos meus/nossos fios em liberdade, como as ramagens da caatinga livres e emaranhadas. Coloco a docência a favor dos propósitos de liberdade, por meio de práticas significativas, bordada por fios firmes das diferenças, do respeito e da construção de uma autoestima; na verdade, chego à conclusão de que encabecei um movimento político de aceitação do cabelo natural, visto que colegas, mães e mulheres da comunidade frisam terem assumido suas madeixas naturais após acompanharem meu movimento de empoderamento e libertação.

3.7 A RESSIGNIFICAÇÃO DO VIVIDO NA ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NO IF BAIANO - *CAMPUS* SERRINHA-BAHIA

Resolvi tentar a seleção para ingresso na Especialização em Educação do Campo, no Instituto Federal Baiano, *Campus* Serrinha - Bahia, embora eu tivesse o receio de que novamente não fosse autorizada a falar sobre mim, meu povo e lugar, todavia, a intuição me arremessava corajosamente à nova etapa formativa. Lancei-me na caminhada por novos conhecimentos. Essa formação me permitiu (re)leituras qualificadas sobre as especificidades das minhas existências e realidade “[...] associada a um saber fazer especializado, de natureza técnica, a que se junta um maior domínio da linguagem, um conhecimento [...] da organização econômica e social da história, da geografia, da matemática [...]”²⁸⁴.

Organizei a documentação de acordo ao edital, escrevi uma proposta de projeto que tinha por objeto o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola na qual lecionava, o objetivo

²⁸³ SOUZA; SILVA, 2021, p. 107-108.

²⁸⁴ FREIRE, 2011, p. 166-167.

era (re)formular o documento, através da participação, saberes e fazeres da Comunidade Escolar e Local, como produto final, a inserção da legislação da Educação do Campo, vigente, posto que o documento tivera sido construído há mais de dez anos. Na verdade, estava pleiteando a possibilidade de realizar uma pesquisa, na robustez da implicação, ensino-extensão, desejava galgar a conquista, levando comigo o ser-fazer docente.

Na noite, véspera da entrevista, não consegui dormir, estava tensa, afligia-me pensar de como a entrevista aconteceria, afinal, nunca tinha passado por uma antes. No dia seguinte, fui a primeira candidata a chegar, me sentei quieta, com os pensamentos turbulentos, fui bem recepcionada, após a chegada das(os) outras(os) inscritas(os), a entrevista foi se desenvolvendo leve, fraterna e calcada nos princípios éticos, por todos as(os) professoras(es) da Banca; no chão da sala, estava uma instalação mística, vivência que aflora “[...] os militantes para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais. [...] contextos sociopolíticos e desvendam, na penumbra dos processos, possibilidades de agregar elementos diferenciadores que impulsionam as mudanças sociais.”²⁸⁵.

Ao olhar, me vi implicada, os elementos ali dispostos fez saltitar, do meu aió de lembranças, um vivido no Movimento Social, roça e escola. Fui arguida, um professor, em especial, esmiuçou, reiterou pontos específicos da proposta, quis entender melhor, solicitou alguns detalhes no que eu propunha, respondi com nervoso, mas seu olhar me acalmava em muitos instantes sem nada ele dizer. A Banca estava de posse da proposta escrita e de um breve memorial.

Estava ali por uma possibilidade de *continuança* formativa, busca de novos conhecimentos para prática docente, muito embora, caso fosse selecionada, precisaria fazer esforços, acordar na madrugada, organizar o planejamento da semana, procurar uma colega para me substituir, ter recurso para as despesas de transporte, alimentação, material de pesquisa, livros, notebook, impressora e afins. Despedi-me daquele lugar sem expectativas.

Sai o resultado, sou selecionada. No início, o temor pelo fracasso volta a rondar os labirintos mentais. Recordo-me do primeiro dia de aula, despertei antes da cinco da manhã, exatamente no dia sete de abril de dois mil e dezoito, quando o país vivia um momento de golpe, perseguição e prisão de um representante político, as coisas pareciam controversas e afetavam negativamente meu ânimo. Eu tinha razão, presumia que um malfeitor se elegeria, formaria uma corja imbuída no desmonte das Políticas Sociais, educacionais e culturais no Brasil. Voltar a estudar no referido contexto materializava-se em ato de resistência.

²⁸⁵ BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 475.

No fim do dia, já à noite, cheguei em casa, desolada, mãe veio ao meu encontro e perguntou: como foi o primeiro dia de aula? Respondi que o professor foi excelente e que, inclusive, só permaneci na sala por conta do acolhimento fraterno, sensatez e empatia por ele dispensada, além da postura elegante, terna e ética como se dirigia ao coletivo, numa exímia desenvoltura na disciplina de Metodologia do Trabalho Acadêmico. Não consegui esconder a tristeza que me tomava em decorrência do contexto político e histórico brasileiro. Caí em prantos, ela como me consolou, me disse palavras de ânimo, força, me encorajou a voltar no dia seguinte.

Encantei-me pelo curso, deixei meu lar e, para a minha surpresa, no IF-Baiano, construí sentidos de estar em casa, em família, devido ao respeito às individualidades e de como se dá a fiar dos conhecimentos por lá. Nessas andanças, encontrei muita gente, fiz colegas e fiz amigas(os). Estudando na Pós-Graduação em Educação do Campo tive, pela primeira vez, a minha História de Vida escutada, valorizada, escrita e publicizada, através de um professor que, nas minhas existências, vive a passarinhar, como o beija-flor da infância; suas bênçãos diurnas fazem o meu caminho reluzente como a estrela que emitia os feixes de luzes amalgamadas. Não por acaso, eu sinto sua presença nos momentos da vida de forma telepática, como aquele arco-íris que surgia quando em vez.

Na Pós-graduação, construí novos objetivos, interação, outras perspectivas, destaco o comprometimento político, intelectual e humano do Coordenador, pessoa que, responsabilmente, esforçou-se durante todo tempo para o bom andamento do curso, exercitando a escuta sensível, sem deixar de primar pelo cumprimento do calendário, organizando os componentes ofertados a nível de um programa de mestrado. Adquiri ricos conhecimentos no tocante à legislação da Educação do Campo, agroecologia, protagonismo do Movimento dos Trabalhadores-Sem-Terra, pedagogia do Movimento Popular, Educação Ambiental, agriculturas, Educação para as relações étnico-raciais, diversidades e diferenças, formação das(o)s educadoras(es) do campo, Projeto Político Pedagógico e Gestão da Escola do Campo, Ciências humanas, Etnomatemática, Questão Agrária, democracia, justiça social, defesa dos direitos humanos e aportes teóricos, metodológicos e epistemológicos para o desenvolvimento de pesquisas na educação.

As(os) professoras(es) organizavam o trabalho pedagógico a partir de cirandas, permitindo o compartilhamento das vivências, em razão disso, me senti à vontade para indagar, sugeri, me apropriei dessa abertura, imergir nos elementos sócio-históricos vinculados à Política Nacional de Educação do Campo. Soube aproveitar cada intercâmbio possibilitado pelos componentes, os trabalhos de campo, desenvolvi com presteza as

pesquisas individuais, coletivas, participei ativamente de todos os seminários. Dizendo melhor, não faltei um dia de aula sequer.

No ano de dois mil e dezenove, fiz parte da Comissão Organizadora do I Encontro de Educação do Campo do Território do Sisal, organizado pelo Curso da pós-graduação, intitulado “Tecendo os fios da Educação do Campo no Território do Sisal”. Na atividade, estavam presentes representantes das universidades do Território, Escolas Famílias Agrícolas, agricultoras(es), Movimentos Sociais, estudantes e pesquisadoras(es), os objetivos eram conhecer de que maneira estavam acontecendo as parcerias e ações para a garantia da Educação do Campo, na região.

O curso me oportunizou *tecer* articulações entre os meus saberes enquanto ser da roça e conhecimentos teóricos avançados, esse entrecruzamento me permitiu uma tomada de consciência necessária e culminou para uma atuação profissional mais qualificada da docência do Campo, maior ênfase na “[...] riqueza social e humana da diversidade [...], formas de trabalho, raízes e produções culturais, formas de luta, de resistência, de organização, de compreensão política, de modos de vida.”²⁸⁶.

Rememoro, com contentamento e gratidão, cada aula que tive, com o qualificado corpo docente o IF Baiano *Campus-Serrinha*, é deveras um espaço educativo no qual vivi uma prática verdadeira de emancipação humana. Vivo até hoje, pois juntei-me a esse coletivo; mesmo sendo egressa, para fazer extensão, me somo a representações de diferentes coletivos sociais, agricultoras(es), artesãs(ãos), jovens, mulheres, sambistas, aboiadores e outros; atuo como extensionista, integrei o Núcleo em Estudos Afro-Indígenas, NEABI, e atualmente sou membra do Núcleo de Estudos em Agroecologia - NEA-Abelmanto.

3.8 O ‘TORNA-SE’ NEGRA DA ROÇA A PARTIR DE UM ENCONTRO ANCESTRAL E ORIENTAÇÃO BENFAZEJA

No decorrer do curso, um professor tornou-se meu Ori-entador*; sua intencionalidade pedagógica, seu compromisso e sua intelectualidade permitiram que eu percebesse “[...] o carácter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes

²⁸⁶ CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012b. p. 259-266. p. 263.

* Grafo dessa maneira, para conferir importância em guiar-me pelos caminhos, articulando passado-presente-futuro, por me cuidar e direcionar a consciência da descoberta das existências ser mulher, negra, da roça.

dimensões de nós mesmos em busca de uma sabedoria de vida [...].”²⁸⁷. Ele escreve comigo sobre a vida; foi a partir de seu chamamento que despertei para me entender como mulher-agricultora-professora negra da roça, no exercício crítico-político da docência, sua sensibilidade lírica, perspicácia criativa e companhia incondicional me fizeram, e fazem, refletir sobre as (re)existências, nesse chão, na relação com o mundo, com os outros e comigo mesma; entrelaçamos a vida e experiência pedagógica.

Para além de um despertar dos *territórios existenciais*, a partir desse encontro, passei a refletir melhor o enraizamento nesse lugar, as possibilidades que brotam ressoantes, como eu percebera as flores em meio às fissuras do lajedo. Tornamo-nos parceiros de escrita, temos produzido ciência no nosso torrão, sertão-caatinga, *semiótica negra* da roça, com atenção às diferenças humanas, representações identitárias, culturais, afetivas, sócio-históricas e geográficas de um bioma que nos abraça; em sua companhia, entreteço os retalhos coloridos da vida, numa arte sensata. Portanto, “Nosso encontro teve aquela qualidade de doçura que continua [...].”²⁸⁸.

Continua, pois, nesse encontro ancestral, me descubro poeta, na tessitura e partilha de sua experiência literária, ele fez da orientação benfeitor espaço de canto, resistência e luta. Assim, as perspectivas, que por vezes eu acreditava inimagináveis, se tornaram possíveis, por essa razão, nunca poderei narrar, escrever sobre a vida sem dele me lembrar e sem testemunhar a importância desse ser-no-mundo e honrosamente na minha vida.

Tudo era estritamente profissional, orientanda, orientador, combinação e cumprimento de prazos, iniciamos a pesquisa-ação (PA), que também buscava investigar a ausência ou a presença da Educação do Campo no Projeto Político Pedagógico a partir das diversas vozes dos sujeitos sociais. Quando acontece uma roda viva, a pesquisa ganha novos ares e novas curvas; instigada por mística organizada despretensiosamente, no momento de diagnose, fase inicial da (PA), as(os) professoras(es) começaram a rememorar suas errâncias, memórias afetivas e histórias de vida a partir de elementos dispostos na esteira: pilão, candeeiro, feijão de corda, tamarindo, ouricuri, pote, balaio, palhas, fibras, folhas e sementes. O que eu pensava ser revés deu início às aberturas de capulhos, a partir desse momento, passo a fiar outras perspectivas, entrelaçando e debulhando-me. Ele me acalmou e me disse que sua função como orientador era justamente “[...] discutir com o orientando quantas vezes sejam necessárias, [...] o andamento da pesquisa, o desenvolvimento de suas ideias, a agudeza de sua análise, [...]”

²⁸⁷ JOSSO, 2010a, p. 17.

²⁸⁸ hooks, 2017, p. 82.

Não, obviamente, para impor ao orientando sua forma pessoal de estudar, [...] consultar e citar documentos [...].”²⁸⁹.

Tranquilei-me, segui confiante, encorajada por seu apoio incondicional, presteza e disponibilidade, me sentia segura, e devido a isso, produzi uma pesquisa relevante e que fora premiada com menção honrosa, em dois mil e vinte, com o artigo: “Negra da Roça: Andanças em Primeira Pessoa”²⁹⁰, capítulo introdutório do TCC intitulado “Narrativas de Vida-Formação-Profissão das Docentes do Campo/Roça: Identidades e Culturas”²⁹¹.

O dia da apresentação foi um momento mais lindo da minha vida, a pesquisa me atravessava de várias maneiras, estava a apresentar os achados do referido estudo, me enxergando nas linhas e entrelinhas das narrativas de vida das docentes. Sucessivamente, recebemos mais dois prêmios de menção honrosa, com a apresentação dos capítulos posteriores. A partir desse encontro, me tornei uma mulher que pesquisa: escreve, é lida e referenciada.

Hoje escrevo como cura, celebro, me sinto e tenho grande gratidão, me recordo de ele dizer, “Você se torna responsável para sempre por aquilo que cativou.”²⁹². E me lembro de ter lhe respondido que “Foi o tempo que você perdeu com a sua rosa que fez sua rosa tão importante.”²⁹³. Ele me oferece um balaio de atenção, me oferecendo um amor que nem sempre me dei, através de um sentimento que se renova, rebrota, ramifica pelos arredores de cá! Nas profundezas de meu coração. Ele chega como ventania, brisa leve e me convida a experimentar a beleza que é voar, saborear o néctar da beleza da vida; trouxeste calma, paz, alegria, suavidade a meus dias, me deu chão, direção, firmeza, ampliou meu espaço no mundo, me fez descobrir o sentido que é viver! Passei até a achar as minhas existências necessárias. Nem sempre achei.

Essa semente de carinho continua brotando como se respira. Por isso, quando choro ou reclamo da vida, dele me lembro, reflito que não devo, pois sou cultivada nos seus

²⁸⁹ FREIRE, 2015b, p. 262.

²⁹⁰ SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Negra da Roça: Andanças em Primeira Pessoa. CONGRESSO NACIONAL UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE, 2020. *Anais eletrônicos* [S. l.; s. n.], v. 1, n. 11, 2020b. p. 1-7. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueads/article/view/17013>. Acesso em: 10 nov. 2021.

²⁹¹ SILVA, Ana Maria Anunciação da. **Narrativas de vida-formação-profissão das docentes do campo/roça: identidades e culturas**. 2020. Monografia (Especialização em Educação do Campo) – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano, Serrinha, Bahia, 2020.

²⁹² SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 87.

²⁹³ SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 87.

territórios existenciais de professor-homem, negro gay²⁹⁴. Ele me ensina sobre amor, sendo o amor, vivendo o amor, pela liberdade, coragem de ser quem é, de amar quem também tanto lhe ama, sua essência sensível, inteligente, especial, empática, intelectual e seu ser-no-mundo imperfeito o que o torna mais bonito.

Nossa amizade é um doar livre, sem cobrança. Ele chega como Orixá, essa é uma das partes da minha História de Vida que mais me emocionou ao narrar no memorial, seu coração me reservou um espaço especial, fraterno, reverberando na paternidade existencial. Todo agradecimento do mundo é pouco a lhe fazer. Obrigada, por tornar a minha vida tão especial. Obrigada, por existir. Eu te amo para sempre!

Nesse encontro, deveras ancestral, ocorre a ampliação dos meus sentidos formativos, ocupação de espaços políticos como mulher *Negra da Roça* e novas *andanças*. Agora mesmo, me recordo o professor dizer: “Até agora, pouca coisa nos ensinou a sermos gentis [...]. Com o restante do mundo, sim, mas não conosco. Tivemos poucos exemplos de como tratar com gentileza, respeito, ternura ou com um sorriso de apreço, outra mulher negra que passa por nós, [...]”²⁹⁵.

Ele continuou me questionando: “Quando foi a última vez que você elogiou outra irmã, reconhecendo o quanto ela é especial? Temos que pensar conscientemente como podemos ser amáveis [...] até que isso se torne um hábito [...]”²⁹⁶. Ele foi um orientador amável, sem deixar de me exigir o rigor científico que qualquer pesquisa e fazer científico requerem, fui orientada através da boniteza. Instruiu-me sobre a pesquisa (auto)biográfica, vivemos espalhando textos pelo mundo.

A partir daí, enveredo por um caminho de ressignificação do vivido, passo a elaborar uma (re)interpretação do meu corpo vibrando no mundo. Sou alumiada por seus olhos cuidadosos, regada com amorosidade, como uma planta que emerge entre as rachaduras de um solo semiárido, que cresce pela afetividade e olhar do cuidado. Foram muitos os desdobramentos de sua orientação benfazeja.

A seu convite comecei a participar de simpósios, congressos, eventos científicos nos consolidados e fecundos espaços de diálogos no país e fora dele. Juntos, mediamos na 4ª Conferência Municipal de Educação de Ichu-Bahia, com o tema: “Em defesa da Democracia, da Diversidade e da Educação Pública com a participação popular”, o Eixo III - Educação,

²⁹⁴ Termo cunhado por Souza, desenvolvido em sua Tese de Doutorado (SOUZA, 2022).

²⁹⁵ LORDE, 2019, p. 217-218.

²⁹⁶ LORDE, 2019, p. 217-218.

direitos humanos e diversidade: Justiça Social e Inclusão. Um dia especial e significativo, por estar no meu município, conduzindo uma conversa necessária à luz da teoria, com a parceria de professores queridos. Um registro eterno na memória e no coração.

E não paramos por aí, de professor-orientador-colega-amigo ele tornou-se meu pai existencial, guardião, orixá protetor, é porto, ponte, asas, pista de ovo, beija-flor, celebro suas existências, presença doce, terna e ressoante, intensa, engraçada e sagrada. Meu patuá, Gratidão por me ajudar a refletir que, “[...] as estrelas brilham para que cada um possa encontrar a sua algum dia.”²⁹⁷! Você se eternizou, eu que corri tanto atrás do arco-íris, hoje posso tocá-lo, senti-lo, testemunhar que é de verdade, te anuncio para o mundo, porque és a materialização do evocado, esperançado e sonhado. Você é pássaro encantado, reluzente, que espalha doçura, alegria e paz no bater das asas.

Não saí biologicamente de você e isso não importa, nunca importará. Porque não há distinção do respeito e amor que tenho pelos meus pais biológicos ao que sinto por ti. Quero que te sinta amado, por toda eternidade e depois dela. Celebro por você fazer de sua homossexualidade um posicionamento político, a luz da consciência ‘de si’, necessidade de escutar “[...] a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimento válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizado.”²⁹⁸.

Por meio da beleza desse convívio, dar-se início um período marcante e de grande felicidade, ressignifiquei as vivências pessoais e profissionais, passei a viver grandes vitórias, com responsabilidade, sabedoria, persistência, garra, ousadia e discernimento. Ele tornou meu caminho iluminado, com honestidade.

Meu orixá vivo se fez, e se faz, presente mesmo à distância, acredito que nossa conexão não ocorreu apenas por palavras, mas por um encontro sagrado de almas. Já lhe disse: “Você será para mim único no mundo. E eu serei única para você no mundo...”²⁹⁹. Ele respondeu: “Se você vier, por exemplo, às quatro da tarde, começarei a ser feliz desde às três. Quanto mais avançar a hora, mais feliz me sentirei.”³⁰⁰.

A adoção existencial, por um professor-homem-negrogay, tanto me ensina, eu, que nunca tivera uma tarefa de casa acompanhada pelos meus pais biológicos, devido à pouca escolarização, tenho hoje a oportunidade, honra e privilégio em ter a discência sob seu

²⁹⁷ SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 72

²⁹⁸ hooks, 2017, p. 120.

²⁹⁹ SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 81.

³⁰⁰ SAINT-EXUPÉRY, 2017, p. 84.

acompanhamento, sua presença para dialogar sobre a vida e formação docente, tenho um amigo para celebrar por toda vida.

3.9 CORAGEM E ATIVISMO NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO

Em uma das etapas da pesquisa, convidei toda comunidade escolar e local à reflexão partir do tema: “A escola que temos e a escola que queremos”. Nesse dia, choveu providencialmente, e as mulheres-mães perceberam o alagamento que ficavam as salas de aula e o pátio, sem oferecer condições de suas filhas e seus filhos e irem ao banheiro sem se molhar. A percepção foi mola propulsora para hastear uma bandeira de luta em prol da imediata cobertura da escola, verbalizaram e registraram a situação. Eu fui acusada de liderar o movimento, não me importei, estive com elas na Câmara de Vereadores, entoando refrãos, segurando cartazes, estive do início ao fim, pois não me refutei da luta, afinal, “Nada no mundo me deixava mais irritada do que a inação, do que o silêncio. A recusa ou a incapacidade de fazer alguma coisa, de dizer alguma coisa, [...] era insuportável. As pessoas que observavam, [...] e as que viravam as costas faziam minha pele formigar.”³⁰¹.

Minha docência passa assim a se expandir, começo a ocupar outros espaços a partir de um entrelace político, crítico e propositivo, meu orientador poderia ter se atentado apenas para o andamento da pesquisa, cumprimento das fases, mas assim não o fez, me instigou a uma atitude instigadora, ensino-pesquisa-extensão. Ainda reiterou: “[...], podemos praticar a gentileza [...] sermos gentis com aquela parte de nós [...] darmos mais para a menina corajosa e ferida que existe [...] ao esperarmos menos de seu esforço gigantesco para se destacar.”³⁰².

E para além da reflexividade, no tocante à docência, desenvolvemos juntos o Projeto de Extensão intitulado “Ateliê-Escrevendo Histórias de vida de Professores do Campo/Roça”, em parceria com o Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LAPPRUDES) - IF/Baiano *Campus Serrinha/Bahia*, no qual as memórias e as vivências de professoras da Educação do Campo/roça foram revisitadas, partilhadas, narradas e costuradas pelos retalhos das memórias. Em suma, ele me zela e me inspira diuturnamente à conquista de novos sonhos.

³⁰¹ DAVIS, 2019, p. 104.

³⁰² LORDE, 2019, p. 217-218.

3.10 NO MESTRADO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

Destaco a orientação no Mestrado em Educação e Diversidade, realizada pela Professora Doutora Rosane Vieira, que também me possibilitou ser quem sou e narrar sobre isso, como agricultora, mulher negra, da roça, professora da Escola do Campo. Foi ela que me apresentou a singularidade da epistemologia das hermenêuticas filosóficas, potencializando meu trilhar investigativo. Fez ainda mais, no primeiro encontro de orientação, me solicitou que apresentasse o anteprojeto para ela; sua escuta sensível e exímia intelectualidade me instigaram a uma análise crítica, político-cultural e biosocioantropológica do meu ser-no-mundo e na roça. Diante disso, ressaltou a potencialidade do trazido e minha narrativa e me surpreendeu com a proposta: Topa escrever e teorizar sua própria História de Vida e formação?

Deponho que esse momento foi emocionante, me senti especial, por realmente ter o que contar, um sentimento de felicidade tomou conta de mim, sorria e chorava ao mesmo tempo, fui arrebatada por um sentimento de resgate da minha singularidade, me senti especial. Aceitei, vibrava trêmula, afinal, agradecia, antecipei para ela que logo após aquele momento ligaria para meu pai existencial, que fora meu orientador, pois ele sempre enfatizava que minha História de Vida daria uma bonita construção teórica.

A Professora-Orientadora viveu aquela alegria comigo, senti seu contentamento por me proporcionar, para além de uma felicidade, algo que a tanto tempo me foi negado. Ressaltou que o percurso investigativo adotado “[...] pela ‘Metodologia das Histórias de Vida em Formação’ é a narrativa, pois ela permite explicitar a singularidade, e com ela vislumbrar o universal [...] articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma sabedoria de vida [...]”.³⁰³ Pareci estar em um sonho, corri pela casa, pulava, liguei para meu pai existencial, nos emocionamos poeticamente, ele reiterou a beleza disso tudo, disse do orgulho que sente por mim e pelo que tenho feito do que fizeram comigo.

Reitero que, com a mencionada orientadora, evolui no *tecer* da narrativa, aprendi a fazer descrição densa, me dando pistas de como teorizar, indagar a própria compreensão e a articular os conceitos com a elasticidade necessária, a demorar nos detalhes, como consigo fazer hoje. Além de me tratar de maneira respeitosa, se mostrou disponível sempre que precisei e por mais que a escrita necessitasse de ajustes, nunca deixou de elogiar cada avanço que eu demonstrara, nunca me impôs essa ou aquela condição. Com ela, avancei na

³⁰³ JOSSO, 2010a, p. 17.

organização metodológica e epistemológica, pude escolher, combinar os caminhos da pesquisa com respeito; todo o processo de orientação se estabeleceu humanizado.

Digo isso, pois urge que se exponha que não cabe ao papel de um(a) orientador(a), a imposição de suas escolhas particulares na “[...] vida intelectual do orientando, estabelecendo regras sobre o que ele pode e não pode escrever. O papel do orientador [é]. [...] Aquietar com resposta segura, com sugestão oportuna, com bibliografia necessária, que levarão contudo a nova inquietação.”³⁰⁴. Reitero que desenvolvi esse memorial sentindo prazer, e em liberdade na grafia de cada palavra, “Uma dissertação pode valer mais pelo que demonstra de curiosidade, de risco, de aventura do espírito, por parte do seu autor, do que outra que, ‘bem comportada’, revela medo do risco e da ousadia.”³⁰⁵. Agradeço à Orientadora deste trabalho por me permitir ousar.

A partir desse sacolejo e da reflexão benfazeja, desloquei-me, busquei entender o meu ser mulher, agricultora, professora negra, em meio às adversidades climáticas, acadêmicas, profissionais e pessoais, vivendo em quatro espaços educativos, roça-universidade-escola-família, lugares que compõem a esteira do itinerário das lembranças formativas, que me proporcionam lentes para ler a vida, uma vida ressignificada, no movimento com a terra, as folhas, a água, as raízes e as pessoas, e nessa tessitura poética formativa, adquiro energias; lutar por sonhos possíveis. Passei a ter inspiração para as *continuações* do trajeto existencial; trilhar, conquistar, alargar horizontes e continuo “pretamorfoseando”; nessa *semiótica negra*, me considerando uma mulher-terra.

Às vezes, encontro outras companheiras-pesquisadoras negras, elas se emocionam por estar diante da autora dos artigos que leu em Programas de Mestrado, tem sido fantástico saber que cada conquista que alcanço tem sentido singular-plural e se insere no bojo das conquistas coletivas; todos os dias à noite, continuo a olhar para o céu para agradecer e não mais suplicar. A vida é como uma colcha de retalhos, mas quero lembrar, fazer uma ponderação: retalhos não possuem a mesma forma, tamanho, cor, textura, estampa e tessitura, no entanto, eles podem ser entrelaçados, tramados, costurados com a sabedoria da vida e linhas da diferença. Sou grata à professora por vibrar pelo meu sucesso.

³⁰⁴ FREIRE, 2015b, p. 261-262.

³⁰⁵ FREIRE, 2015b, p. 264.

3.11 OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA PANDEMIA E A VIA DE ESCAPE PELA FORMAÇÃO

A pandemia se instaurou de forma inesperada, fui afetada pelo choque, pela insegurança e pelo temor, mas nunca pela procrastinação. Meu cotidiano cravou-se numa exaustão por ter que limpar e (re)limpar as coisas, corpo e residência, me dei conta de ser um corpo negro de mulher, numa relação *ente*, o toque oferecia perigo, a letalidade do vírus uniu-se à negligência, deboche, ironia e descaso e desumanidade do Governo Federal. “De repente, o que vamos perceber? Uma profunda indiferença por parte dessa Nova República, que, na minha perspectiva, não tem nada de novo [...] assim como é em relação à questão indígena é com relação à questão do negro. É a mesma coisa.”³⁰⁶.

O silêncio gritava no obscuro da realidade do momento tempestuoso, caótico, imprevisível e angustiante que se reverberou na ambiência escolar; até os dias em que lecionei presencialmente, tematizei a pandemia no Projeto Água, discorri sobre a lavagem das mãos, orientando a forma correta de higienização, destaquei o acesso à água como direito e a importância do Programa Um milhão de Cisternas (P1MC), para a Região Nordeste do País, inclusive há na unidade escolar uma delas. Orientei as(os) estudantes sobre a importância dos alimentos do quintal de casa.

Logo após esse trabalho, saiu o decreto com determinação de suspensão das aulas, indicando o isolamento e total afastamento social, a circunstância me impôs uma rotina ingrata, solitária. Meu trabalho laboral docente se estabeleceu custoso e cansativo, visto que “O conjunto de circunstâncias vigorantes trouxe à baila um quadro educacional incomum que expõe a desigualdade estrutural brasileira em sua diversidade ‘socioespacial’ (econômica, política, cultural, ambiental, territorial).”³⁰⁷. Eu me vi desorientada em meio a desafiante realidade que se impunha: como orientar alguém desorientada? Sendo professora, me senti no compromisso de buscar saída.

Senti-me impotente no desafio de “Encontrar a palavra correta para aquilo que se quer dizer [...] sendo sempre uma meta a ser alcançada e tem-se sorte no caso em que se tem

³⁰⁶ GONZALEZ, 2020, p. 237-238.

³⁰⁷ SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira; MOREIRA Antônio Domingos; SILVA, Ana Maria Anunciação da. A covid-19 e os desafios da educação do campo no município de Riachão de Santana/BA. **Revista Macambira**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1-21, jul.-dez. 2020. Disponível em: <http://revista.lapruedes.net/index.php/RM/article/view/506/439>. Acesso em: 10 nov. 2022. p. 4.

sucesso.”³⁰⁸. Dediquei-me com afinco para aprender outras maneiras de garantir às(aos) estudantes o direito à educação sem deixar de primar pela contextualização enquanto princípio primordial da Educação do Campo: a compreensão da realidade.

Senti-me encurralada perante as limitações impostas pela crise sanitária global, por isso, partilhava o contexto vivenciado com meu pai existencial. Ele me fez o convite para uma imersão investigativa em um município específico, com intuito de averiguar como professoras(es), familiares e gestoras(es) escolares estavam lidando com a falta de suporte tecnológico na Educação do Campo/roça, desenvolvemos o estudo e publicamos os resultados em artigo científico, descobrimos que esse espaço sempre se viu destituído de qualquer Política Pública para tal finalidade.

Recaiam sobre nós, povos da roça, agravantes que nos impunham a outras resistências. A seu convite, também me inseri em um grupo de WhatsApp para debater e elaborar propostas de políticas voltadas à democratização do acesso à tecnologia no Território do Sisal, estado da Bahia. Fui descobrindo, em meio ao contexto pandêmico, um jeito novo de lutar, reivindicar e ocupar outros espaços formativos.

Quanto à turma em que lecionava, verifiquei que nem todas(os) estudantes tinham celular, computadores, internet disponível, ademais, os pais e responsáveis não dispunham do letramento digital; enquanto professora, eu sabia o básico, de acordo com os investimentos financeiros pessoais, até então nunca tinha recebido qualquer capacitação oferecida pelo Estado Brasileiro. O momento foi um revelador da crescente desigualdade de classe, gênero e raça, como um tecido rasgado, mostrou a excludente acessibilidade aos aparatos digitais para os povos do campo. Assim sendo, vi que tecnológico e sociológico engendravam um grito pela garantia ao direito à educação.

A pandemia desnudou a face cruel das condições econômicas do povo pobre e negro que se viram no fronte, a um grande “[...] número de mulheres negras teve de cumprir as tarefas de sua própria casa e também os afazeres domésticos de outras mulheres. [...] as exigências do emprego na casa de uma mulher branca forçavam a [...] negligenciar sua própria casa [...] suas próprias crianças.”³⁰⁹.

Tive momentos de desesperança, o vírus de alta letalidade ceifou várias existências, me imaginei menina, sendo estudante num tempo desse pandêmico, certamente estaria nas estatísticas dos destituídos de acesso à tecnologia, alimentação, água em condições suficientes

³⁰⁸ GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. 2. ed. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 127.

³⁰⁹ DAVIS, 2016, p. 239.

e sem ter quem acompanhasse as tarefas do ensino remoto. Eu me dei conta disso e procurei entender melhor como o racismo estava operando nas vivências das mulheres negras, me juntei a duas pesquisadoras de cor para investigar como a pandemia estava operando em suas vivências cotidianas, numa análise de gênero, raça, classe e educação. Tive atenção para que, na prática pedagógica, eu não viesse a reforçar as desigualdades que já não eram poucas.

Estava fazendo o curso de extensão Educação e Agroecologia, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e, em uma aula, a discussão girou em torno do Caderno da Realidade, instrumento que eu também conhecera na Especialização em Educação do Campo, uma proposta didática desenvolvida nas Escolas Famílias Agrícolas, no período em que as(os) estudantes estão no Tempo Comunidade, período que colocam em prática na família e Comunidade os conhecimentos teóricos adquiridos.

Tive um “estalo” e elaborei uma proposta de Caderno da Realidade, como via de ação para manter uma prática contextualizada, e contextualizar não é se ater apenas às questões de aridez da região, requer a inclusão da diferença e da diversidade que têm “[...] processos históricos de discriminações, reproduções excludentes e racistas de raízes sócio-históricas, culturais e políticas, vividas pelo povo negro, que marcam as relações estabelecidas desde o escravismo até a contemporaneidade.”³¹⁰.

Nesse sentido, o Caderno da Realidade se estabeleceu como uma luz à atitude educativa insurgente, pois, “Ao tecer conhecimentos junto a seus familiares e no local de vivência, os estudantes foram conhecendo a história e, por conseguinte, produzindo novos conhecimentos, permitindo observar, compreender e interpretar a realidade a partir da articulação entre teoria e prática.”³¹¹.

Minha atuação profissional estava fortalecida pela trajetória de vida e formação, engajamento no social, assentada nos itinerários comunitários e territórios das subjetividades, quero dizer que eu tinha outras pistas políticas e pedagógicas fundamentadas no acúmulo de conhecimentos teóricos e práticos ramificados nos sentidos que atribuo à docência, posto que, “[...] a natureza social e a evolução do trabalho docente, [...] não se reduzem a formas exteriores ou a simples hábitos, mas estruturam o significado que os atores atribuem às suas

³¹⁰ SILVA, Ana Maria Anunciação da; ARAÚJO, Sandra Santos de; SILVA, Zuleide Paiva da. A (Re)Invenção da docência em tempos de pandemia: contribuições para o estudo interseccional de gênero, raça e classe na educação. In: MELLO, Roger Goulart (Org.). **Covid 19: Impactos da pandemia no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021. p. 234-254. v. 3. [e-book]. Disponível em: <https://www.editorapublicar.com.br/impactos-da-pandemia-no-brasil-e-no-mundo-volume-3->. Acesso em: 13 nov. 2021. p. 240.

³¹¹ SILVA; PAIVA; ARAÚJO, 2021, p. 249.

atividades e às relações sociais que elas desencadeiam”.³¹². Busquei outras veredas didáticas frente às condições impostas pela Covid-19 e isso me permitiu uma intervenção qualificada nas dimensões educativa e social.

Assim, o tempo caótico fundiu-se num escape, por meio da formação e produção escrita, sou reconhecida profissionalmente como mulher negra da roça, passei a ocupar outros espaços na academia, “E, por consequência, vou sendo formada na própria experiência de ser e sentir docente numa região semiárida com especificidades tão particulares.”³¹³. Em meio ao tempo de incerteza, um relevante desdobramento da politicidade do meu ser, sentir e fazer docente destaca-se criativamente, passei a ser convidada a socializar as memórias e práticas como Professora *Negra da Roça* nos espaços acadêmicos públicos e privados.

Conheci pessoas, lugares, compartilhei a experiência pessoal na docência, as pesquisas que venho desenvolvendo com a(o) orientadora(o), a partir de uma vivência no bonito entrelace entre ensino-pesquisa e extensão, tríade que marca a minha formação enquanto pessoa, fiz novas ocupações políticas e por meio das minhas narrativas e existências negras, levo “[...] para os cursos formais a riqueza de práticas, de concepções de formação aprendidas na tensa e pedagógica dinâmica política do campo [...]”.³¹⁴

O enfoque formativo alargou-se, na difusão das práticas didático-pedagógicas que foram fortalecidas, nas reflexões, nas problematizações e na socialização durante as aulas do Mestrado Profissional, *lives* do Projeto de Extensão: “Conexões Camponesas”, ofertadas pelo Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAECDT) e Grupo de Pesquisa em Educação do Campo, Trabalho e Contra Hegemonia, (GEPEC), lastreadas na Pedagogia Freireana. Entendo que “Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade [...]”.³¹⁵. Eu tenho um compromisso com a educação na dimensão singular-plural.

³¹² TARDIF, 2014, p. 102.

³¹³ SILVA; SOUZA, 2020a, p. 257.

³¹⁴ ARROYO, Miguel. Formação de educadores do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 361-367. p. 362-363.

³¹⁵ FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b. p. 25.

Nesse período, também me inscrevi no Curso de Extensão: “Narrativas e Memórias de Mulheres Negras”, pela UNEB - *Campus I*, Salvador-Bahia. As aulas aconteciam à noite, o conteúdo programático foi ofertado a partir da produção de mulheres intelectuais negras, o debate era destrinchado através das nossas vivências, a esse despeito, tive meus escritos inseridos no debate, na malha da prosa, a ênfase no entendimento de que “Nossa compreensão e nossa resistência em relação a formas contemporâneas de violência racista devem, [...] ser suficientemente amplas para reconhecermos o enraizamento da violência histórica [...] incompletude das lutas [...] por igualdade, justiça e liberdade”.³¹⁶.

3.12 A EXTENSÃO NO TERRITÓRIO DO SISAL, ESTADO DA BAHIA

De forma remota, ocorreram os encontros dos grupos de pesquisa de que faço parte, no Núcleo de Estudos em Agroecologia-NEA Abelmanto. Participei do projeto de extensão Agroecologia: arte, cultura e vida, que se voltava à divulgação de poemas, cordéis e poesias, além de atuar no desenvolvimento do projeto; um eu poético desponta em mim, para além do que pensava ser, pois, “De todas as formas de arte, a poesia é a mais econômica [...]. É a mais secreta [...] que pode ser feita [...] em sobra de papel. Ao reivindicar a nossa literatura, a poesia tem sido a principal voz [...] da classe trabalhadora e das mulheres de cor.”³¹⁷.

Através desse coletivo, participei como debatedora na *live I*, “Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia: a politicidade de pensar o bem comum”³¹⁸, e da *live II*, “Educação do Campo no Território do Sisal: pesquisas, práticas e vivências”³¹⁹. As atividades foram realizadas no início da pandemia, quando olhares, pensamentos e ouvidos estavam seduzidos e voltados ao tecnológico, nesse contexto, as *lives* se constituíram em ricos espaços de debate e formação, reunião de pessoas de localidades diversas e aprofundamento de temáticas que contribuíam para o desenvolvimento do trabalho na modalidade remota, que gradativamente tornou-se híbrida.

³¹⁶ DAVIS, 2018, p. 81.

³¹⁷ LORDE, 2019, p. 144.

³¹⁸ NEA ABELMANTO IFBAIANO. Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia: a politicidade de pensar o bem comum. YouTube, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OgFQ2JOKScg>. Acesso em: 10 jan. 2023.

³¹⁹ NEA ABELMANTO IFBAIANO. Educação do Campo no Território do Sisal: pesquisas, práticas e vivências. YouTube, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gz7IKXqQIU>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Na pandemia, publiquei artigos, fiz muitos cursos, participei de discussões propositivas, por encontros virtuais; como professora, participei de dois grupos de trabalho- (GTs) para a elaboração do currículo do município, escolhi compor o GT da Educação do Campo e da Diversidade; enquanto exercia a docência remotamente, não deixei de realizar pesquisas e extensão. Compus a Comissão de Organização do II Encontro de Educação do Campo, participei do planejamento, mediação e palestrei na Roda de Conversa: “Vivências e desafios da Educação do Campo no contexto da pandemia”, na oportunidade, apresentei a experiência do Caderno da Realidade por mim desenvolvida. O Encontro se deu no formato online, durante três dias, e reuniu pesquisadoras(es), docentes e militantes do Movimento Social de distintas regiões do Brasil.

Em período próximo, atuei como extensionista no coletivo do NEABI, na temática do protagonismo afro-descente; à convite da Professora Coordenadora, participei como debatedora de uma *live* no Julho das Pretas, “Conversa de Pretas: Ocupar novos lugares sociais é preciso”³²⁰, em alusão à memória de Teresa de Benguela, na ocasião, refleti sobre seu compromisso militante e contribuí com a discussão referente à implantação da Comissão de Heteroindentificação no IF Baiano, *Campus-Serrinha/Bahia*. Devido a meu ativismo, me tornei participante de pesquisa de Mestrado, “[...] partilho com a [...] convicção de que meu conhecimento é limitado; e se alguém mais oferece uma [...] experiência pessoal, eu me submeto e aprendo respeitosamente com aqueles que nos dão essa grande dádiva.”³²¹.

Falando ainda sobre extensão e compromisso social, me juntei a outras(os) estudantes e compus a Comissão Organizadora da Campanha de 16 Dias de Ativismo contra a violência sofrida por Mulheres, na Uneb/*Campus XIV, Conceição do Coité/Bahia*, mobilizando gestoras(es), professoras(es), estudantes, para engajarem-se no movimento de combate às violências.

Potencializava os estudos no Grupo Formação, Experiência e Linguagem (FEL), lugar que onde amadureci como pesquisadora, no *tecer* do debate epistêmico, metodológico e teórico e fazer da pesquisa, principalmente o entendimento no tocante à arrogância epistemológica, ela que não tem permitido o direito de autorizar-se; a partir dessa formação política-intelectual e crítica, passei a confrontar qualquer investida da Pedagogia do Insulto. Nesse período, participei como palestrante da I Jornada de Combate ao Racismo no Ensino

³²⁰ BIBLIOTECA IF BAIANO SERRINHA. Conversa de Pretas: Ocupar novos lugares sociais é preciso! YouTube, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gz7IKXqQIU>. Acesso em: 10 jan. 2023.

³²¹ hooks, 2017, p. 121.

Superior para Estudantes Indígenas e Afrodescendentes, contei sobre a experiência de ocupar a academia, os desafios do ingresso e a permanência nas Instituições de Ensino Superior, reiterei que, por onde tenho passado, assumo um compromisso em defesa da diversidade.

Enfatizo que, em meio a tudo isso, ser professora, estudante, pesquisadora e extensionista, não deixei de cultivar a terra, ajudar minha família nas atividades agrícolas, práticas agroecológicas, não deixei de *catar* lenha, umbu, língua de vaca e ouricuri, tampouco de acordar na madrugada para raspar a mandioca, ajudar fazer o almoço daquele dia, encher o pote, peneirar a massa, coar a goma, varrer o terreiro. Eram dias corridos, principalmente quando eu tinha aula no período da tarde, tomar banho rápido, pegar a bolsa e ir para o ponto do ônibus, no caminho até ia (re)atualizando as leituras. Estou colhendo os frutos dos esforços, do compromisso e da dedicação, hoje tenho as vivências escutadas, respeitadas e como objeto de pesquisa.

3.13 PROFESSORA-COORDENADORA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

No ano de dois mil e vinte, recebi o convite para ser a Secretária de Educação do Município, agradei, mas lhes disse que estudar é a minha prioridade, aceite assumir a função de professora em coordenação da Educação do Campo, no contexto da Covid-19, um desafio. Trabalhei com afinco, tirei licença um período para me dedicar de forma integral aos estudos, a nova realidade me exigia coragem, forças ancestrais e físicas, mesmo tendo sido Aluna Especial da instituição, o contexto é outro, diferente.

Enquanto eu e todo o povo sofríamos, sem se quer poder se despedir das(os) amigas(os) e familiares, o presidente da república fazia piada, imitando as pessoas contaminadas com falta de ar, fez desdém, se pronunciou contrário à ciência, atrasou a compra da vacina, a coisa foi crescendo, a doença se alastrando e as pessoas morrendo. Hoje, é trinta e um de outubro de dois mil e vinte e dois, acordei de madrugada para escrever poesia, escrevi aliviada, após uma luta árdua pelo reestabelecimento da democracia. Olho por outro lado, “[...] refletindo sobre o que está acontecendo em todo o mundo e sobre a história de luta, a história dos movimentos de solidariedade, fica mais nítido, [...], graças à vontade, [...] ações do povo, forças aparentemente indestrutíveis podem ser facilmente destroçadas.”³²².

Estive nas estradas, nas ruas, na luta, no terreiro de casa, em combate ao racismo, sexismo, facismo e homofobia, pelo direito de ser, existir e escolher, elegemos um governo

³²² DAVIS, 2018, p. 17.

popular, em um momento histórico, todavia, “[...] continuam as lutas contra a violência estatal homofóbica. [...] E, mais importante, se a interseccionalidade das lutas contra o racismo, a homofobia e a transfobia for minimizada, jamais obteremos vitórias significativas em nosso combate por justiça.”³²³. Nas estradas e ruas, me juntei a homens, mulheres e negros da classe pobre, proletária e lgbt, nos abraçamos, comemoramos o bom combate que nos propusemos a fazer. Agora depois de vinte e vinte e oito dias sem sono, dormi bem, acordei e me sentei para escrever, “Eu diria que, à medida que amadurecem, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade. [...] devemos ter disposição para abraçar uma longa jornada rumo à liberdade.”³²⁴. Então lutemos!

Tenho confrontado a proposta curricular homogeneizante, (im)posta e destinada à formação docente, que desconsidera identidades, corpos, subjetividades e histórias de vidas. Essa invisibilização me convoca a uma “[...] sensibilidade, [...] para as diversidades e suas múltiplas dimensões na vida dos sujeitos. Sensibilidade que vem se traduzindo em ações pedagógicas [...]”³²⁵. Visto que é necessário um currículo da formação docente que se desloque, rasure, fabule, ofereça, oportunize novas proposições formativas coerentes com o mundo cultural, no âmbito do vivido, este deve renovar-se para admitir as histórias de vida, a diversidade e as diferenças que circunscrevem no espaço escolar. Diante do exposto, reitero a pertinência deste estudo para compreender os sentidos que construo nos entrelaçamentos entre vida e formação, refletindo sobre o ser-no-mundo, mulher, negra, da roça e as implicações na trajetória formativa e profissional à luz dos saberes, das experiências, culturas, histórias, memórias, da vida.

Dessa forma, acredito que se estabelece urgente “[...] pensar, de um modo renovado, não só a educação, mas a cultura, as instituições, o poder, as formas de aprender e de estar no mundo.”³²⁶. Como professora-coordenadora da Educação do Campo, tenho pautado debates e análises intensas sobre preconceito, racismo, cerceamento das liberdades individuais. Isso é muito honroso e advém de um empoderamento, ancestralidade negra, das raízes de um povo que persiste, não se curva e nem se cala.

Vida e Formação ramificam-se desde sempre nos meus *territórios existenciais*. A esse despeito, coordenei a construção do itinerário da Ficha Pedagógica, Plano de Trabalho da

³²³ DAVIS, 2018, p. 87.

³²⁴ DAVIS, 2018, p. 27.

³²⁵ GOMES, 2007, p. 27.

³²⁶ LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: gênero, diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Formação Docente**, v. 3, n. 4, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em <http://formacaodocente.autentica.com.br>. Acesso em: 19 dez. 2021. p. 69.

Educação do Campo, mobilizando as(os) professoras(es), Movimento Social, Comunidade Local e Escolar para a construção coletiva da proposta de ensino. Inserir no itinerário as Práticas Antirracistas, inclusive me colocando à disposição para a realização de Rodas de Conversas, Oficinas e Encontros. Sem dúvidas, “[...] a presença de militantes-estudantes do campo, [...] tem instigado a repolitização do perfil, das pesquisas e dos currículos de formação, [...] e sua produção teórico-didática.”³²⁷. Tenho rasurado.

Recebi recentemente o convite para desenvolver a oficina: Práticas Antirracistas na Educação do Campo; nesses espaços, mobilizo os saberes da vivência, coadunados com a teoria com que hoje sou agraciada, devido à luta persistente para participar da comunidade científica. Constantemente, participo de aulas em Cursos de Graduação, Pós-Graduação e Programas de Mestrado para partilhar a História de Vida, fazer docente, sabenças da roça, e o tornar-se pesquisadora.

Dito dessa forma, o currículo da formação docente precisa incluir o rico universo da diversidade, das diferenças, da pluralidade de corpos, das linguagens e dos símbolos que permeiam as singularidades identitárias do território da roça-mundo. Isso implica direcionar a atenção para “[...] os processos que tecem as subordinações e hierarquias entre sujeitos e práticas [...], que admitem e excluem indivíduos e grupos sociais.”³²⁸. Assim como Davis, coloquei a vida a favor da luta que acredito, busco a libertação de meu povo, combate ao racismo, à opressão. Por meio da educação, vejo que minha vida foi ressignificada.

Nesse ano de dois mil e vinte dois, participei como palestrante do III Encontro de Educação do Campo do Território do Sisal, pelo IFBaiano; como palestrante numa Roda de Diálogo, apresentei o trabalho com as hortas escolares na perspectiva pedagógica, os desafios ao currículo, conquista, construção, resgate dos saberes agroecológicos e sabenças das avós; nesse encontro, fui homenageada juntamente com uma professora por termos coordenado os trabalhos iniciais desse evento. Recebi o reconhecimento público do legislativo do município, pelo relevante trabalho prestado como professora, atuando para que as(os) educandas(os) tenham “[...] uma liberdade para serem quem desejam ser, para terem suas escolhas respeitadas e, para tal, exige-se que o ensino rompa, quebre a normatização da opressão escolar; deixando de ser o lugar austero, severo, [...] para uma escola-palco-da-vivência [...]”³²⁹.

³²⁷ ARROYO, 2012, p. 364.

³²⁸ LOURO, 2011, p. 67.

³²⁹ SOUZA, Antonio José de; SILVA, Ana Maria Anunciação da; ARAÚJO, Sandra Santos de; SOUZA, Heron Ferreira. Escola e docência no contexto da diversidade: notas crítico-reflexivas e propositivas. **RevNUPE**, v.

Tornei-me uma mulher, negra, da roça, que leciona, pesquisa, faz extensão e participa da Comunidade Científica. Sou uma “Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha; que constata, que compara, avalia, valora, que decide, que rompe.”³³⁰. Rompi fronteiras, construí sentidos emancipatórios, num devir ancestral e povir existencial. Nos veios da *semiótica negra* da roça, sou um corpo insurgente que confronta diariamente a opressão.

Atualmente, participo ativamente do Grupo de Pesquisa Formação, Experiência e Linguagem (FEL), pela UNEB, Campus XIV, e pretendo continuar nesse coletivo que potencializa vida, pesquisa e formação. Em setembro de dois mil e vinte e dois, participei do Simpósio *Gis le sujet dans la cité - Sorbonne Paris NORD - Campus Condorcet*, uma rede nacional e internacional de pesquisa biográfica em educação, realizado em Salvador-Bahia. Nesse congresso, aprendi bastante, conheci pessoas e autoras(es) consagradas(os) da Pesquisa (auto)biográfica do Brasil e do exterior. Um sonho realizado pelo incentivo peculiar da orientadora do MPED, que se fez presente no evento em parceria, me motivando, me incentivando na busca de *ser-mais* com apreço ao que sou.

Tenho participado de importantes encontros de Educação do Campo, no território do Sisal; participei do Encontro Estadual realizado em Salvador, na ocasião, apresentei trabalho científico na companhia da Co-orientadora Maria Jucilene Ferreira, uma referência na Educação do Campo; durante o curso pude atuar a seu lado no Projeto de Extensão: Caminhos da Leitura, no GEPEC, e de distintas atividades formativas, principalmente na luta contra o fechamento de Escolas do Campo.

Atualmente, estou juntamente com meu pai existencial, na organização do dossiê: “Memórias, Família e ancestralidade no Campo/Roça. As idas e vindas por caminhos (auto)biográficos e suas reverberações no Presente”. Sigo com a produção de artigos científicos, poesias, apresentação de trabalhos em eventos científicos. À convite do meu pai existencial, tenho participado de Bancas de Qualificação, tornei-me parecerista da Revista Macambira, que é vinculada ao LaPPRuDes e agora sou Co-orientadora da Especialização em Educação do Campo, no curso a que tanto me dediquei e que ressignificou a minha vida. Enraizei, virei semente crioula, sou cultivada, celebrada; a “[...] felicidade para cada um está, portanto, bem guardado no centro da interioridade, nas sensibilidades e nos sonhos. [...] a

1, n. 1, p. 1-18, dez. 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/revnupe/article/view/12752/9182>. Acesso em: 10 nov. 2022. p. 6.

³³⁰ FREIRE, 2015a, p. 130.

felicidade reúne a busca de si e de nós e a busca de sentido.”³³¹. Estou vivendo um tempo extraordinariamente feliz.

³³¹ JOSSO, 2010a, p. 120.

4 ATANDO ALGUNS FIOS: TÉRMINO QUE NÃO É UM FIM

“[...] a palavra, felizmente, é mais do que um signo: é uma força viva [...]. A palavra se encarna, seu destino é encarnar-se.”³³².

Cada pessoa vive a construção de um estudo de maneira particular. Eu experienciei intensamente a escrita deste memorial como uma escalada, uma procura pessoal, movida por uma (re)orientação, tomada de consciência, pela História de Vida, nos “[...] movimentos, deslocamentos mentais, dinâmicas da construção de si e de sentido, [...] acolhimento dos processos de mudança e de aprendizagem. [...] com os saberes, o conhecimento, [...] explicação, a ética, a pesquisa, a formação, [...]”³³³. Fiz articulações entre o passado, o presente e as perspectivas futuras. Por meio de um ‘si’ revisitado, nasceu um desejo por um vir-a-ser, antes não vislumbrado. A partir desta colheita intersubjetiva, tomo alguns posicionamentos, novos sentidos brotam ressoantes nas margens da liberdade.

Eu me aventurei, como fiz em outras possibilidades da vida. Confrontei meu ser-no-mundo no ato de me revelar intimamente, uma atitude de coragem e loucura sensata. Ao me dispor a (re)fazer caminhos, fiz escavações, como faço no roçado para as lavouras; percorrer as trilhas de mim mesma foi desafiante, como um adentrar ao bioma caatinga para *catar cipós*, voltei com feixes de memórias, no (re)fazer das andanças, entrelacei experiências, alinhavei costuras, compreensões existenciais. É importante destacar: “A compreensão é sempre a continuação de uma conversa já iniciada antes de nós. Projetados para dentro de uma determinada interpretação, nós continuamos essa conversa.”³³⁴.

Desenvolvi uma consciência como pessoa, ser-no-mundo numa dimensão evolutiva, atualizei os sentidos na formação, vivi um processo formativo na escrita da História de Vida ao visitar as lembranças, as expectativas, os sonhos, os desejos. Nesse término que não é um fim, ao atar alguns fios, identifico o retorno aos caminhos, inauguro uma consciência em ‘si’, “[...] reconhecimento por si da capacidade de aprender consigo a aprender [...]”³³⁵. Tenho hoje um outro olhar, possibilitado pelos registros psicosociológicos, políticos e culturais.

Pareceu-me prudente pautar e problematizar a discussão em torno das minhas narrativas de vida e formação, como mulher-professora-negra da roça, e assim questionar a

³³² LARROSA, 2021, p. 113.

³³³ JOSSO, 2010a, p. 238.

³³⁴ GRONDIN, 1999, p. 194.

³³⁵ JOSSO, 2010a, p. 108.

realidade embaraçosa, sombria, dissociada e negligente estabelecida e ofertada por alguns currículos de formação, e que, não por acaso, se dissocia da diversidade e das diferenças. Diante dessa análise é que tenho a coragem de escrever, revelar, pôr em debate a minha História de Vida, como professora *Negra da Roça*, para dizer que, o projeto de formação docente deve se estabelecer coerente com a vida, deve ser “[...] um constructo que se faz no interior da linguagem e da cultura.”³³⁶.

Ressalto: construí a experiência, aqui, “A experiência constitui um referencial que [...] ajuda a avaliar uma situação, uma atividade, um acontecimento novo.”³³⁷. Por conseguinte, elas se transformaram em conhecimento, aprendizado e luta. Um percorrido lastreado na fenomenologia das experiências.

Ao narrar, na perspectiva da escuta sensível, o conjunto de vivências, brotadas nas vivências do contexto cultural da roça, reflito que amadureci e me empoderei na produção objetiva e subjetiva dos *territórios existenciais*. Enquanto mulher negra, da roça, agricultora que lia o próprio ser, engajada nas vivências peculiares, implicada na produção de conhecimento, participei das pautas reivindicadas pela organização popular comunitária, quando nos fins de tarde as(os) mais velhas(os) se reuniam para debater as necessidades do contexto geográfico, a significação possibilitada pela história de vida, e que hoje é cerne para a compreensão do processo formativo.

Quando escrevia, tinha profundos diálogos comigo mesma, escrever era ato “[...] criador e recriador, o da re-invenção que o ato de conhecer demanda [...]. O da curiosidade diante do objeto, [...] que se busca conhecer, o conhecimento existente, ou o em que se procura criar o novo conhecimento.”³³⁸. Escrevia guiada pela potência das palavras, como se desenhando estivesse os fatos, eventos que me ocorriam na convivialidade comunitária.

A esse despeito, relia o mundo numa dimensão singular-plural, e apesar de algumas coisas me escaparem, de reconhecer que mergulhar no profundo do interior é como atijar uma coivara, caminhar nas rotas da subjetividade, me permite ir (re)compreendendo os sentidos da existencialidade, no refazer do “[...] percurso da vida, vivenciada numa tensão permanente entre as transformações impostas pelo coletivo e a evolução dos sonhos, dos desejos e das aspirações individuais.”³³⁹. O revelado, ilustra como venho vivendo e sobrevivendo

³³⁶ LOURO, 2004, p. 67.

³³⁷ JOSSO, 2010a, p. 49.

³³⁸ FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 22.

³³⁹ JOSSO, 2010a, p. 72.

embrenhada no mato, cultivos no roçado familiar, trabalhos coletivos, cura pelas rezas, ervas e demais símbolos pertencentes à cultura-afro-brasileira e indígena, enraizando a pertença, resistindo nessa territorialidade específica, roça, cenário singular de aprendizagens.

Desaprendi, fiz elucubrações, descobri outras formas de pôr o pensamento a serviço da formação e experiência existencial, nutri conhecimentos, percebi conexões entre acontecimentos, referências e formação, meus saberes se apresentaram “Como um inventário enciclopédico dos nossos conhecimentos e abecedário da compreensão dos fenômenos interrogados pela curiosidade humana; a propósito da vida, [...] esses saberes apresentam-se como uma fonte inesgotável de informações.”³⁴⁰.

Eis, aqui, um constructo teórico lastreado na simbólica poética do humano, na descoberta, coragem, vontade, energia, atenção consciente, reverberação dos elos constitutivos de mim, enquanto pessoa resgatada em sua humanidade. Eu que escrevia os sonhos e desejos na terra, hoje escrevo o projeto materializado. “Quando olho para trás, me lembro da [...] ambivalência com que me defrontava [...] uma inclinação para inculcar em nós a explicação oficial e racista para nossa miséria.”³⁴¹.

Ao narrar meu ser-no-mundo, nas sabenças e artesanias dos tempos e espaço da roça, descobri que rompi as heranças sucessivas da falta de escolarização dos meus familiares e me movi em direção a outra perspectiva de futuro, alarguei os territórios compreensivos para compreender meu *ser* à luz da abordagem experiencial da formação ao longo da vida.

Ao debulhar-me, no solo do vivido, acontece um movimento formativo. Aqui, detalho os resultados da pesquisa por ora alcançados, primeiro, nos percursos dos caminhos, a saber: ao narrar a vida, dou-me conta de que cultivei um projeto de um vir-a-ser, pela educação em entrelace com o trabalho na terra. Assim, “[...] valorizações nos processos de conhecimento e de aprendizagem estão enraizadas em minha formação sociológica e nas circunstâncias que a acompanharam.”³⁴². A formação como alavanca para a defesa do legado da ancestralidade.

A minha formação não aconteceu despercebida, uma vez que atribui aos processos de conhecimentos valorizações. A partir de um processo evolutivo de (des)integrações, detalho os sentidos atribuídos às aprendizagens (in)formais, refleti sobre o trançar formativo por meio da intencionalidade de um projeto de vida que se estabelece hoje como transformação.

³⁴⁰ JOSSO, 2010a, p. 125.

³⁴¹ DAVIS, 2019, p. 102.

³⁴² JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Coordenação de Maria Helena Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCS, 2010b. p. 29.

Em constante exercício reflexivo, escrevo a vida e a formação pelo ângulo da escuta sensível. Não foi sem dor narrar as vivências de sofrimento, adversidades; requereu um esforço que não measurei quando me propus a enfrentar, no entanto, sabia que escrever a minha História de Vida exigiria de mim “[...] uma disponibilidade constante para [...] uma atenção consciente ou uma escuta sensível àquilo que se manifesta de nossa existencialidade num tempo presente encarnado.”³⁴³.

A conquista dessa criticidade é atravessada pelos encontros, em ser mulher-terra que vive em coletivo, imbricada. Convencida de estar em refazimento permanente. Em rememoração memorialística, sigo receptiva para a feitura de novos movimentos, novas costuras, novos rasgos e novos remendos. Afasto-me, por conseguinte, de uma linearidade e das proposições generalistas e verdadeiras, e disto eu bem sei dizer pela não raras vezes em que fui surpreendida pelas imprevisibilidades em meio aos catangais, no perigo! Similaridade que encontrei no ato de pesquisar.

Percebi que a opressão classista, sexista e racial me motivou na busca pela formação através de um situar-me fenomenologicamente, percebendo-me mulher, negra, da roça, que potencializada pelos saberes culturais, forjou um fazer docente na própria capacidade criadora, melhor dizendo, frutificada pela tomada da consciência crítica, pedagógica, política, do ser, viver, na *semiótica negra* da roça.

A feitura deste memorial permitiu desdobras de mim; desta imersão, trago “[...] as palavras e as coisas, a linguagem e o mundo, o inteligível e o sensível, o sentido e a experiência.”³⁴⁴, dado que, além da escrita da História de Vida, o memorial se apresentou com objetivo maior: enquanto narrava, me formava na escuta sensível de mim mesma, negociando, tendo paciência, rasgando, cerzindo, atando e desatando, negociando comigo mesma. Assim, essa narrativa “[...] aparece como particularmente adequada num período histórico no qual as mutações políticas, econômicas, culturais e ecológicas engendram uma ruptura com referenciais, valorizações e pertenças [...]”³⁴⁵.

Enquanto escrevia, refazendo as andanças, passeava pelas linhas, me descobria um corpo em pausas, reflexões, ressignificações, possibilitadas pela busca incessante da formação em cruzamento com episódios da minha vida, na família, na comunidade. Assim, a escrita deste memorial foi um despertar para si, no aprofundar dos estudos teóricos-metodológicos

³⁴³ JOSSO, 2010a, p. 73.

³⁴⁴ LARROSA, 2021, p. 112.

³⁴⁵ JOSSO, 2010a, p. 81.

tendo a minha História de Vida como foco de análise; nele presenteí, através do horizonte da linguagem, uma conversação íntima, porém questionável, e estabeleci ligações, estas que “[...] resultam da pertença a uma tradição em continuada formação, [...] da pertença a uma conversação, a partir da qual, [...] o que foi expresso adquire para nós consistência e significado [...].”³⁴⁶.

Este memorial será publicado como proposta interventiva no Mestrado em Educação e Diversidade - MPED do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, pois este robusto material pode vir a ser usado na formação de professoras(es), ao propor a utilização dos sentidos para entender o conhecimento que emerge da experiência. Este memorial é “[...] uma pista [...], tanto para compreender melhor os processos de formação – particularmente em relação ao tempo – como o processo de conhecimento, em particular as origens dos registros na sua forma de contar ou de interpretar.”³⁴⁷, ele pode ser utilizado como material teórico-científico em atividade complementar, jornadas pedagógicas, momentos de formação continuada e leitura livre.

Nesse desabrochar, “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.”³⁴⁸. Entendi a experiência docente, no *continuum* das andanças, em rastros epistemológicos que deram firmeza à caminhada investigativa, sentimento de pertença, reforço dos laços e entrelaces docentes e comunitários, concebendo a roça como um espaço de possibilidades. Ao escrever minha História de Vida, vivi uma experiência formadora³⁴⁹, tenho hoje “[...] uma nova fonte de conhecimento de mim, [...], consciência da possibilidade de viver as diferenças, [...], reflexão crítica sobre meu percurso educativo [...], sobre o que tenho feito da minha vida no plano da formação e projeto de vida [...].”³⁵⁰.

Nessa territorialidade, vi que, sendo mulher-agricultora-negra-docente, tenho atuado em contexto de adversidades, para e com as diversidades e diferenças, por meio de proposições políticas, críticas e pedagógicas, na construção de novos saberes. Entretanto, sublinho, “O fato de podermos compartilhar esse espaço, [...] não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que

³⁴⁶ GRONDIN, 1999, p. 197.

³⁴⁷ JOSSO, 2010a, p. 171.

³⁴⁸ BOSI, 2022, p. 31.

³⁴⁹ Conceito desenvolvido por Josso (2010a).

³⁵⁰ JOSSO, 2010a, p. 171.

deveriam guiar o nosso roteiro de vida.”³⁵¹. Esse chamamento me instigou a pensar minha História de Vida, tessiturada pela tríade sentido-existência-formação.

No *catar* das lembranças, confirmei para mim mesma a roça como uma *semiótica negra* sagrada, por isto, neste texto, há sentidos não mensurados, parto dessa premissa para reiterar: “Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra, eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida [...] como exercício [...] de buscar no sonho as orientações para [...] escolhas do dia a dia.”³⁵².

Nas sementeiras, nos cultivos e nas colheitas no solo (auto)biográfico, conectei meu corpo às dimensões, material e imaterial, e no rememorar dessas vivências, entretecer de fios, reconheci ensino-pesquisa-extensão numa teia singular que se expandiu, frutificou-se no terreno da educação. Como professora, concebi a vida na roça e a formação como protagonistas no anfiteatro das experiências. “O projeto de conhecimento assume então toda sua amplitude, [...] porque define um interesse de conhecimento e uma perspectiva de formação, [...] contribui para [...] a consciência de si e de seu meio, bem como para a qualidade de sua presença no mundo.”³⁵³.

Considero importante assumir que a conquista da docência e a formação profissional me permitiram oferecer às(aos) estudantes o conhecimento teórico, “Ajudar a criar uma consciência comunitária da diversidade [...] noção daquelas experiências que podem informar o modo como pensamos e o que dizemos. [...] esse exercício transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada [...]”³⁵⁴.

Por isso, defendo a escola como instituição formadora e a educação como ferramenta de emancipação humana. E razão disso, eu tanto lutei e hoje posso testemunhar a linda transformação da minha vida pela educação. “Foi como professora no contexto da sala de aula que testemunhei o poder de uma pedagogia transformadora [...]. Trabalhando com uma pedagogia crítica baseada em minha compreensão [...] partindo do princípio de [...] uma ‘comunidade’ [...]”³⁵⁵.

Tramar os fios do vivido, para *tecer* minha História de Vida, me despertou uma inquietude, que avolumou as teias da memória e, no redemoinho das lembranças, testemunhei uma professora *Negra da Roça* que abraça a experiência formativa para ressignificar a si

³⁵¹ KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 33.

³⁵² KRENAK, 2019, p. 52.

³⁵³ JOSSO, 2010b, p. 27.

³⁵⁴ hooks, 2017, p. 114.

³⁵⁵ hooks, 2017, p. 57.

mesma e a prática profissional na Educação do Campo; ao passear pelos *territórios existenciais*, me dou conta ‘metamorfoseada’, inconclusa. E é justamente por esse reconhecimento que neste trabalho alguns fios não são atados, há coisas irrefletidas, de que não consegui lembrar, “As coisas aparecem com menos nitidez dada a rapidez e descontinuidade das relações vividas; [...] da cognição, da simples observação do mundo, do conhecimento do outro.”³⁵⁶.

Por fim, sem fim ser, o feixe antropológico das vivências, pelas labaredas da intersubjetividade me permitiu “[...] ‘pensar o sensível na formação’, os elos entre herança cultural e singularidade criadora na pluralidade de interpretações oferecidas por todas as vias do conhecimento.”³⁵⁷. Estar comigo mesma foi uma abertura poética para continuar a viver em mim mesma, nas(os) outras(os) pois, ao colocar a interioridade à deriva, aquiesci um porvir, eis que surge “[...] um recurso novo, então ele é abertura.”³⁵⁸. Faço o compromisso comigo mesma em fazer esse investimento.

³⁵⁶ BOSI, 2022, p. 24.

³⁵⁷ JOSSO, 2010a, p. 297.

³⁵⁸ JOSSO, 2010a, p. 292.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. Tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ARROYO, Miguel. Formação de educadores do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 361-367.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **Segundo sexo**: a experiência vivida. 2. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BIBLIOTECA IF BAIANO SERRINHA. Conversa de Pretas: Ocupar novos lugares sociais é preciso! YouTube, 29 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gz7IKXqQIU>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- BOSI, Éclea. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social. 4. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília: MEC; MDA, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 jan. 2022.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: MEC; CNE; CEB, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 jan. 2022.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012b. p. 259-266.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012a. p. 548-555.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para a construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo. *In*: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo (Orgs.). **Por uma educação do campo**: contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo. Brasília, DF: Incra; MDA, 2004. p. 10-29.

CARVALHO, Luzeni Ferraz de Oliveira; FERREIRA, Maria Jucilene Lima. **Práticas educativas nas escolas do campo e em outros espaços educativos dos territórios rurais**. Salvador: JM Gráfica e Editora Ltda., 2020.

CLAVAL, Paul Charles Cristophe. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

CLIFFORD, Geertz. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Organização de Frank Barat. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2016.

DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020a.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 48-54.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território**: caminhos da revolução dos povos no Brasil. Aracatata, BA: Teia dos Povos, 2021.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Organização e notas de Ana Maria Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. Organização de Ana Maria de Araújo Freire. Paz e Terra, 2015a.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. Organização de Ana Maria de Araújo Freire. 8. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. 2. ed. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de mais uma hermenêutica filosófica. Traduzido por Flávio Paulo Meurer. Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco; Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: MOREIRA, Antônio F. Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre o currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: MEC, SEB, 2007. p. 17-47. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJKp5cfZ4M/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRONDIN, Jean. **Introdução à hermenêutica filosófica**. Tradução de Breno Dischinger. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** mulheres negras e feminismos. Tradução de Bhuvi Libanio. 7. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Francisco Alves, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio-ago., 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200012>. Acesso em: 10 nov. 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **A experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Revisão científica de Maria da Conceição Passeggi. 2. ed. rev. e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paullus, 2010a.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre/RS, ano 30, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741/2088>. Acesso em: 20 nov. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Coordenação de Maria Helena Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCS, 2010b.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KINCAID, Jamaica. **A autobiografia da minha mãe**. Tradução de Débora Landsberg. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **Sujeitos da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 35-86.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: gênero, diversidade, gênero e sexualidade. **Revista Formação Docente**, v. 3, n. 4, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em <http://formacaodocente.autentica.com.br>. Acesso em: 19 dez. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAHEIRIE, Kátia. **Agenor no mundo**: um estudo psicossocial da identidade. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1994.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

NEA ABELMANTO IFBAIANO. Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia: a politicidade de pensar o bem comum. YouTube, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OgFQ2J0KScg>. Acesso em: 10 jan. 2023.

NEA ABELMANTO IFBAIANO. Educação do Campo no Território do Sisal: pesquisas, práticas e vivências. YouTube, 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4gz7lKXqQIU>. Acesso em: 10 jan. 2023.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 2014.

ORAÇÃO ao tempo. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In*: CINEMA transcendental. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Philips Records, 1979. 1 disco vinil, lado A, faixa 5 (3 min.).

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>. Acesso em: 10 dez. 2022.

PASSEGGI, Maria da conceição; CÂMARA, Sandra Cristinne Xavier. Memorial autobiográfico no Brasil. *In*: PASSEGGI, Maria da conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Eliseu Clementino de. **Pesquisa (auto)biográfica**: narrativa de si e formação. Curitiba, PR: CRV, 2013. p. 29-48.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2006.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200009>. Acesso em: 24 nov. 2021.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Negragayjudia: três pessoas em uma autobiografia. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica**, Salvador, v. 5, n. 15, p. 1364-1369, set/dez. 2020. Disponível em:

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7796/6852>. Acesso em: 24 nov. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser ou não ser da roça, eis a questão: identidades e discursos na escola**. Salvador: EDUFBA, 2011.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica; atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, v. 24, n. 1, 2017, p. 214-241. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972/133158>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SILVA, Ana Maria Anunciação da. **Narrativas de vida-formação-profissão das docentes do campo/roça: identidades e culturas**. 2020. Monografia (Especialização em Educação do Campo) – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano, Serrinha, Bahia, 2020.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Entrelaçando vivências: memórias e práticas de uma professora negra da roça. CONGRESSO INTERNACIONAL ONLINE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, TERRITÓRIOS E RESISTÊNCIAS, 1., [S. l.], 2020. **Cadernos Macambira** [S. l.; s. n.], v. 5, n. 2, 2020a, p. 251-258. Disponível em: <http://revista.lapprudes.net/index.php/CM/article/view/532>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; ARAÚJO, Sandra Santos de; SILVA, Zuleide Paiva da. A (Re)Invenção da docência em tempos de pandemia: contribuições para o estudo interseccional de gênero, raça e classe na educação. In: MELLO, Roger Goulart (Org.). **Covid 19: Impactos da pandemia no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021. p. 234-254. v. 3. [e-book]. Disponível em: <https://www.editorapublicar.com.br/impactos-da-pandemia-no-brasil-e-no-mundo-volume-3->. Acesso em: 13 nov. 2021.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Negra da Roça: Andanças em Primeira Pessoa. In: CONGRESSO NACIONAL UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE, 2020. **Anais eletrônicos** [S. l.; s. n.], v. 1, n. 11, 2020b. p. 1-7. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17013>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de. Relato da aula: no quintal de Dona Rami tem saberes, segredos e história. In: GAYO, Clarice E.; SATLER, Carla F. da Silva (Orgs.). **Ensinar História: Etnicidades**. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022. p. 40-45.

SILVA, Ana Maria Anunciação da; SOUZA, Antonio José de; JESUS, Rosane Meire Vieira de. Sentidos e Costuras de uma Mulher negra da Roça. **Revista Macambira** [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/723>. Acesso em: 05 jan. 2023.

SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira**: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: Editora CRV, 2018.

SOUZA, Antonio José de. **Tornar-se *negrogay*: a história de vida de um homem-professor situado e “sitiado”**. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2022.

SOUZA, Antonio José de; SILVA, Ana Maria Anunciação da. Aula de história, lendo estória: negritude nos cachos de Lelê. *In*: SATLER, Carla Fernanda da Silva; MARQUARDT, Jaqueline (Orgs.). **Caminhos da Aprendizagem Histórica**: africanidades e cultura afro-brasileira. 1. ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2021. p. 104-111.

SOUZA, Antonio José de; SILVA, Ana Maria Anunciação da; ARAÚJO, Sandra Santos de; SOUZA, Heron Ferreira. Escola e docência no contexto da diversidade: notas crítico-reflexivas e propositivas. **RevNUPE**, v. 1, n. 1, p. 1-18, dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/revnupe/article/view/12752/9182>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira; MOREIRA Antônio Domingos; SILVA, Ana Maria Anunciação da. A covid-19 e os desafios da educação do campo no município de Riachão de Santana/BA. **Revista Macambira**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1-21, jul.-dez. 2020. Disponível em: <http://revista.lapprudes.net/index.php/RM/article/view/506/439>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOUZA, Eliseu Clementino. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIN, José Maria. Agricultura. *In*: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (Orgs.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. p. 29-36.

TROVÃO, Dilma M. de B. M.; FERNANDES, Pedro D.; ANDRADE, Leonaldo A. de; DANTAS NETO, José. Variações sazonais de aspectos fisiológicos de espécies da Caatinga. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, v. 11, n. 3, p. 307-311, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-43662007000300010>. Acesso em: 10 nov. 2021.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação e sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/GshnGtmcY9NPBfsPR5HbfjG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2021